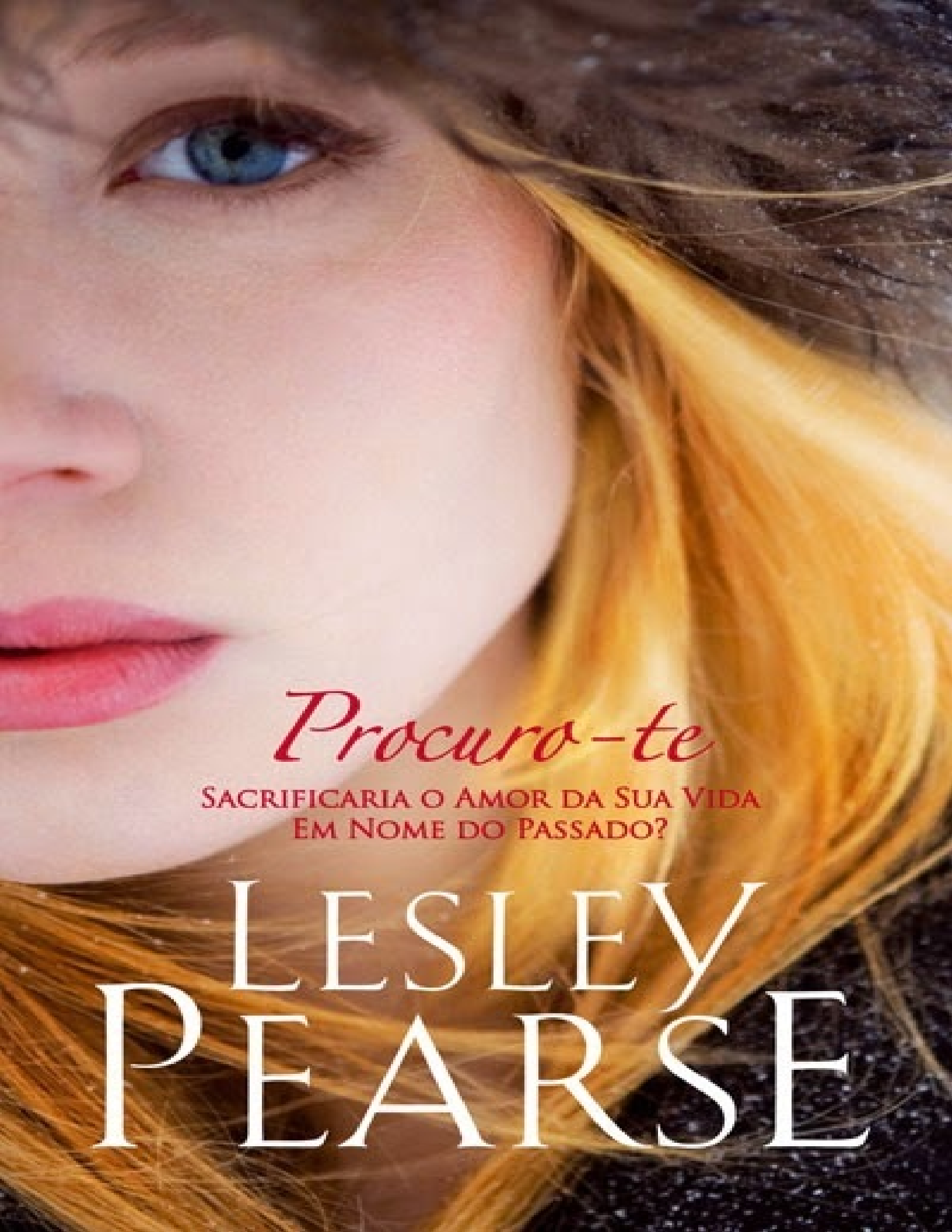


A close-up, artistic photograph of a woman's face. She has light skin, blue eyes, and blonde hair that is blowing in the wind. The focus is on her eyes and the texture of her hair.

Procura-te

SACRIFICARIA O AMOR DA SUA VIDA
EM NOME DO PASSADO?

LESLEY
PEARSE



Procu-ro-te

SACRIFICARIA O AMOR DA SUA VIDA EM NOME DO PASSADO?

LESLEY PEARSE

Uma historia surpreendente, da autora de NUNCA ME ESQUEÇAS

Daisy tem apenas vinte e cinco anos quando a mãe morre nos seus braços. Embora saiba há muito que foi adotada, sempre se sentiu amada pelos pais e pelos irmãos. Para Daisy, aquela é a sua família. Todavia, o luto vai abalar o equilíbrio doméstico e revelar rivalidades encobertas. A serenidade dá lugar à devastação, e a jovem sente que é a altura certa para partir em busca das suas raízes e confrontar-se com o passado.

Ma ansia por saber mais sobre Ellen, a sua mãe biológica, e à medida que vai desvendando a historia da família, Daisy descobre as duras verdades por detrás do seu nascimento. Dotada de uma inabalável determinação. Ellen sobrevivera a uma infância traumática: a morte da sua própria mãe estava envolta numa aura de mistério e os maus-tratos de que fora vítima às mãos da madrastra haviam-na marcado irremediavelmente. O destino quis que a sua coragem fosse constantemente posta à prova. O tempo encarregou-se de apagar o rumo dos seus passos. Mas Daisy não desistirá de a encontrar nem que para tenha de renunciar ao a sua vida.

“Uma das escritoras preferidas das leitoras inglesas.”

The Times

BADANA DA CONTRA CAPA

Querida Daisy. Aqui sentada a escrever isto, preparando-me para o guardar na caixa com todas as recordações que juntei para ti ao longo dos anos, espero sinceramente que os médicos possam estar enganados no seu diagnóstico e que daqui a alguns anos possamos remexer as duas na caixa e rir-nos do que contém. Não há criança que tenha sido mais amada do que tu. A pura felicidade que eu e o teu pai sentimos quando nos foste entregue, ainda hoje, depois destes anos todos, me causa um nó na garganta. Agora, tudo o que posso dizer é que te amo e que estarei a velar por ti.

Com todo o meu amor,

Mamã

LESLEY PEARSE

PROCURO-TE

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ISABEL ALVES

Título original:

FATHER UNKNOWN

© 2002, Lesley Pearse '

Capa: José Manuel Reis

Imagem da capa: Rhea Anna / Getty Images

Fotografia da autora: Roderick Field

Paginação: GSamagaio

Impressão e acabamentos: Mirandela, Artes Gráficas, S.A.

L' edição: Novembro de 2009

Depósito legal n.º 299662/09

ISBN 978-989-23-0646-9

Reservados todos os direitos

Edições ASA II, S.A.

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Telef.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

edicoes@asa.pt

www.asa.pt

www.leya.com

Para a minha irmã Selina, com o meu amor e mais profundo respeito. Podemos não ter escolhido ser irmãs e tivemos de nos resignar a essa sorte. Mas tu tornaste-te numa verdadeira irmã do coração e é isso que conta.

Desejo-te toda a felicidade que mereces.

CAPÍTULO 1

Chiswick, Londres; 1990

Chega aqui e dá-me a mão, minha querida. Detesto parecer melodramática, mas acho que já não vou durar muito.

Daisy estava a sair do quarto, pois julgara a mãe adormecida. Ao ouvir estas palavras, rodou nos calcanhares, em estado de choque e consternação.

Lorna Buchan sofria de cancro. Há mais de dois anos que o combatia corajosamente com radioterapia, uma mastectomia e numerosos tratamentos alternativos, sempre confiante de que iria melhorar. Mas, dois meses antes, o seu médico anunciara-lhe que o cancro se alastrara a todo o corpo. Resignara-se a esta realidade e recusara continuar a tratar-se no hospital porque queria passar as últimas semanas em casa com o marido e os filhos.

Daisy correu para a cabeceira da mãe. – Vou chamar o médico – disse ela, o coração batendo-lhe intensamente devido ao medo.

Lorna sorriu debilmente à filha. - Não, querida, não vale a pena. Não sinto dores e estou muito calma. Senta-te ao meu lado.

Daisy estava apavorada; não podia simplesmente sentar-se ali a ver a mãe morrer sem fazer alguma coisa. Mas discutir com ela agora parecia igualmente horrível. Assim, com a mão livre, afagou ternamente a cabeça da mãe enquanto refletia sobre o que havia de fazer.

Lorna perdera o seu bonito cabelo louro, cor de mel, depois da radioterapia, e o novo cabelo era branco e tão macio como o de um bebé. O seu rosto apresentava-se descarnado porque emagrecera terrivelmente e até os seus olhos azuis se haviam esbatido num pálido tom azul-celeste.

Não era justo, pensou Daisy, que a mãe tivesse sido escolhida para isto. Só tinha cinquenta anos e fora uma mulher atraente e robusta, sempre elegantemente vestida, conhecida de todos pela sua personalidade viva e calorosa. Era o género de mulher indomável, capaz de supervisionar infatigavelmente uma festa escolar e, depois, no fim de um dia que teria esgotado qualquer outra pessoa, convidar os seus ajudantes para um convívio improvisado em casa. Ainda estaria a dançar e a rir quando os convidados finalmente partissem. E, no entanto milagrosamente, ao pequeno-almoço no dia seguinte, a casa estaria completamente arrumada e limpa como se nada se tivesse ali passado.

- Tenho de ligar ao papá - disse Daisy ao fim de alguns momentos de reflexão.

- Nem pensar - disse Lorna com surpreendente firmeza. Ele tem uma reunião importante hoje à tarde e não quero que venha a correr em pânico para casa, com este trânsito infernal.

- Mas não posso ficar de braços cruzados. Deixa-me ligar para a escola e dizer aos gémeos que venham para casa.

- Não, também não, além disso, daqui a nada estão em casa.

Daisy deixara o emprego um mês antes, quando a doença da mãe se agravara ao ponto de não poder ficar em casa sozinha. Não fora nenhum sacrifício: Daisy detestava o emprego, como detestara praticamente todos os empregos que tivera, e tinham sido dezenas. Olhar pela casa e tratar da mãe eram tarefas de que gostava e que fazia bem e costumava pensar que era capaz de enfrentar qualquer situação ou emergência. Mas sabia que não era capaz de enfrentar esta sozinha.

- Tenho de ligar ao médico, pelo menos - disse ela resolutamente.

Lorna desviou a cabeça, numa tentativa obstinada de a dissuadir. Mesmo assim, Daisy pegou no telefone ao lado da cama e rapidamente ligou para a clínica a dizer que precisava de um médico com urgência.

- Não era necessário, só preciso de ti - disse Lorna debilmente quando Daisy pousou o auscultador. - Além disso, quero falar contigo sobre uma coisa.

- Vou seguir uma carreira a sério - apressou-se Daisy a dizer, presumindo que era o que a mãe tinha em mente. Tinha vinte e cinco anos e sabia que desesperava os pais porque era irresponsável e pouco ambiciosa. - Pensei em alistar-me na polícia.

Lorna sorriu. - Seria um desastre, não gostas de receber ordens e és tão boazinha que ias trazer os malfeitores todos para casa para tomar chá.

- Então é o Joel? - perguntou Daisy.

Joel era o namorado, um agente da polícia com quem andava há um ano, mais tempo do que com qualquer outro homem. Os pais aprovavam a relação e pensou que talvez a mãe quisesse insistir com ela para que se casasse.

- Não, também não é o Joel, és perfeitamente capaz de tomar as tuas próprias decisões a respeito dele. Quero falar contigo sobre a tua mãe verdadeira.

Daisy olhou para a mãe, horrorizada. - Não quero falar dela agora - disse ela.

- Mas eu quero - disse Lorna. - Mais ainda, quero que a procures depois de eu morrer. Acho que te pode ajudar.

As suas palavras trouxeram lágrimas aos olhos de Daisy. Nada nem ninguém alguma vez tomará o teu lugar - disse ela fervorosamente. - Tu és a minha mãe verdadeira. Não quero mais ninguém.

Desde pequena que sabia que era adotada. Lorna e John tinham-lhe dito que era super especial porque a escolheram, ao passo que os pais normais não tinham hipótese de escolha. Mesmo quando tinha cinco anos e os gémeos nasceram (um milagre porque Lorna fora declarada estéril) nada se alterou. Daisy nunca sentiu que os pais os amassem mais, aliás imaginara que tiveram Tom e Lucy só para lhe dar prazer. Nos seus vinte e cinco anos de vida,

nunca Daisy tinha mostrado interesse pela mãe biológica. Sabia que era uma Buchan, fosse

quem fosse a mãe que a dera à luz.

- Podes pensar assim agora, Dizzie. - Lorna usou ternamente o diminutivo familiar. - Mas eu sei por experiência própria que uma morte na família pode suscitar um caudal de emoções e dúvidas inesperadas. Acho que, se a encontrares, ela te pode ajudar a ultrapassar tudo isso.

Daisy ficou sem saber o que dizer. Lorna não era pessoa para fazer uma sugestão destas sem ter refletido profundamente sobre o assunto. Desde que sabia que estava a morrer, tinha organizado tudo, desde o funeral até encher o congelador com refeições pré-preparadas. Não havia nada de mórbido nestes preparativos, toda a vida fora assim, sempre providente, tornando a vida mais fácil e confortável para a família. Contudo, Daisy não era capaz de imaginar por que razão a mãe pensava que encontrar uma mulher que entregara a filha para adoção, há tantos anos, a ajudaria a suportar a dor.

Olhou pela janela para o Jardim das traseiras onde, como por toda a casa, a capacidade de planeamento e a paciência de Lorna estavam patentes. Era lindo, com o canteiro a começar a florir em toda a sua glória, uma ala de flores azuis, rosa e malva. A velha casa em miniatura, onde Daisy e os gémeos tinham passado muitas horas felizes em crianças, estava praticamente coberta de madressilva. No entanto, Lorna não a deixara entrar em decadência nem a retirara dali, mesmo já não havendo crianças para usá-la. Todos os anos na Primavera, plantava flores nas floreiras das janelas e limpava-a. Daisy sabia que, se lá entrasse agora, encontraria os tachos e as painéis de brincar, as pequenas cadeiras e mesas ainda cuidadosamente arranjados.

Naturalmente, Lorna tinha mantido a esperança que houvesse um dia netos para brincar dentro dela e os olhos de Daisy encheram-se de lágrimas ao recordar que a mãe não estaria presente para desempenhar o seu papel em casamentos e no nascimento e na criação de bebés.

- Eu procuro-a, se é realmente isso que queres que eu faça disse Daisy, mantendo a cabeça voltada para a janela para que a mãe não lhe visse as lágrimas. - Mas, seja ela quem for, nunca ocupará o teu lugar.

- Anda deitar-te aqui ao meu lado - disse Lorna.

Daisy lembrou-se que a mãe sempre fora capaz de pressentir lágrimas ou infelicidade mesmo à distância e, assim, obedeceu e aninhou-se ao lado dela.

A cama dos pais sempre fora um lugar especial. Ela e os gémeos tinham-na usado como um trampolim, feito de conta que era um barco, uma ilha deserta e um hospital. Tinham aberto aqui as suas meias no Natal, tinham sido aqui aconchegados quando estavam doentes, tinham subido para ela a meio da noite, quando havia pesadelos, e muitas vezes, em adolescente, Daisy deitara-se ao lado da mãe e confidenciara os seus receios e os seus sonhos. Mas foi nas mais recentes recordações que Daisy pensou agora, ao passar o braço em volta da mãe: as manhãs de domingo quando o pai saía com Fred, o terrier escocês da família, ou as noites em que ele estava a trabalhar no escritório. Nessas ocasiões, vinha até aqui e acabava por pôr a alma a nu, abrindo-se sobre Joel, sobre o receio de nunca vir a arranjar um emprego de que gostasse realmente e sobre as amigas.

A maioria das amigas de Daisy dizia que não era capaz de contar nada de importante às respetivas mães. Mas a ela bastava-lhe deitar-se ali, com a mãe metida dentro dos cobertores ao seu

lado, para falar de coisas que eram inimagináveis fora daquele quarto.

- Quando eras bebé, costumava trazer-te para esta cama comigo - disse Lorna, virando a cabeça na almofada para encarar Daisy. - Aqui deitada, deixava-me maravilhar pela tua perfeição e pela sorte que tinha por me teres sido dada. Podes ser agora uma mulher adulta de vinte e cinco anos, mas ainda penso assim.

Agarrou num dos canudos do cabelo de Daisy e enrolou-o no dedo. - A princípio eras careca e eu sempre esperei que o teu cabelo fosse louro e liso quando finalmente crescesse. Nunca esperei uma ruiva encaracolada. - Soltou uma risadinha débil e moveu a mão para afagar a face de Daisy. - És tão bonita, Dizzie, bem-humorada, generosa e, além disso, tens um coração de ouro. Tenho tanto orgulho em ti. É por isso que quero que encontres a tua verdadeira mãe para que ela possa sentir a mesma felicidade que eu e ver por si própria como cuidei bem de ti.

Como sempre, Lama tinha posto o dedo na ferida, dando a Daisy uma razão em que ela nunca teria pensado. Mas continuava incapaz de prometer, sabia que nenhuma outra mulher se poderia alguma vez comparar a Lorna enquanto mãe.

- Lembras-te quando eu tive varicela? - perguntou, mudando de assunto porque era demasiado deprimente para ela.

- Hum ... - respondeu Lorna como se estivesse ensonada.

- Pinte algumas das pintas com canetas de feltro - admitiu

Daisy. - Sabias?

- Claro que sabia - respondeu Lorna, numa voz pouco mais forte que um sussurro. - Eu e o papá rimo-nos à custa disso. Pensámos que eras capaz de ir para atriz quando crescesses. Sempre gostaste de tornar as coisas mais dramáticas do que eram.

- Amo-te, mamã - sussurrou Daisy.

Lorna murmurou que ela devia ter a certeza absoluta dos seus sentimentos para com Joel antes de assumir o compromisso de se casar com ele e depois pareceu sucumbir ao sono.

Daisy permaneceu ao seu lado durante alguns minutos mas, quando se chegou cautelosamente à ponta da cama para se levantar e ir ligar ao pai, Lorna voltou a abrir os olhos. – Diz adeus por

mim ao papá e aos gémeos, diz-lhes que os amo - disse ela numa voz débil e rouca.

Daisy ficou imediatamente assustada com a debilidade da voz da mãe. - Eles devem estar a chegar - disse ela. - Podes dizer-lhes tu mesma.

As suas palavras ficaram sem resposta; Lorna nem mesmo com um fremir das pálpebras ou um movimento dos lábios reagiu.

- Oh, não - suspirou Daisy. Horrorizada, ajoelhou-se na cama, encostando a orelha ao coração da mãe, mas não ouviu nada. Pegou-lhe no pulso mas também não o sentiu pulsar. - Mamã, não -

exclamou, fitando os olhos azul-claros de Lorna que estavam abertos e pareciam focados na distância.

A razão dizia-lhe que a mãe estava morta mas custava-lhe a acreditar que pudesse ter acontecido tão subitamente, sem qualquer aviso, sem um grito de dor.

O silêncio era tal que ela ouvia as abelhas zumbir e as aves cantar no jardim. Estava o género de dia quente e soalheiro que Lorna teria, noutro tempo, passado a jardinar ou a lavar roupa de cama para que ela secasse. Sempre fora prática e previsível, os seus dias governados por uma rígida rotina que só as condições climatéricas perturbavam. Antigamente, Daisy escarnecia disto; achava estupidamente monótono. Mas, nas últimas semanas, ela própria começara a apreciar a rotina, experimentara uma sensação de dever cumprido ao executar tarefas mundanas mas importantes. Acabara por se convencer de que era finalmente adulta.

Mas agora não se sentia adulta. Sentia-se tão indefesa como uma criança de cinco anos, ali ajoelhada sobre a cama, as lágrimas correndo-lhe pelas faces, sem saber o que devia fazer.

O toque estridente da campainha reverberou através da casa e Fred começou a ladrar. Daisy precipitou-se para fora do quarto e desceu as escadas a correr, desejando que fosse o médico. E era; ele olhou uma vez para a sua expressão angustiada e dirigiu-se imediatamente ao quarto.

Às oito horas, nessa mesma noite, Daisy foi para o quarto dela, levando Fred consigo. Fechou a porta e deitou-se na cama a soluçar. Fred aninhou-se ao seu lado, lambendo-lhe docemente a cara como se compreendesse o que ela sentia.

As últimas horas tinham sido tão estranhas e desconcertantes que Daisy sentia como se todo o seu mundo se tivesse desmoronado. Não havia o mais pequeno resquício de normalidade a que se agarrar e o silêncio era arrepiante. Mas o pior de tudo era o comportamento da família.

O médico ainda lá estava quando o pai chegou a casa inesperadamente cedo. Disse que ia a caminho da reunião quando teve o pressentimento de que acontecera algo e assim dirigira-se diretamente para casa. Contudo, embora tivesse reagido a um impulso aparentemente irracional, não teve nenhuma reação quando o médico lhe comunicou que a mulher falecera minutos antes. Limitou-se a permanecer no vestíbulo a olhar inexpressivamente para ele.

Continuou a comportar-se de um modo estranho, rígido e distante. Não fez nenhuma tentativa para subir e ver Lorna mas perguntou educadamente ao médico se ele queria chá ou café. Daisy precisava desesperadamente de conforto, de um abraço, de ser questionada sobre os últimos momentos de vida da mãe e de ouvir palavras de conforto de que tinha procedido bem, mas não recebeu nada disto. Contudo, os gémeos pareciam merecer a consideração do pai porque, assim que acompanhou o médico à saída, telefonou para a escola a pedir ao diretor que os mandasse imediatamente para casa.

A certidão de óbito estava na mesa da cozinha. John pegou nela, leu-a e finalmente subiu ao andar de cima para ver Lorna, Daisy ouviu a porta do quarto fechar-se com um estalido perentório e, de súbito, sentiu-se completamente isolada.

John ainda estava no quarto quando Lucy e Tom chegaram a casa. Possuíam em comum com a

mãe o cabelo louro e os olhos azuis mas a parecença terminava aí. Lucy tinha a constituição forte da mãe mas o seu rosto estava quase permanentemente fixo numa expressão carrancuda. Tom era alto e esbelto como o pai e trazia normalmente um sorriso radioso nos lábios.

Estavam vermelhos e ofegantes de correr. - A mamã piorou? - perguntaram em uníssono.

Nesse momento, Daisy rompeu em lágrimas. – Morreu há pouco – balbuciou. – O papá está lá em Cima com ela.

Tom aproximou-se imediatamente de Daisy para abraçá-la. Inclinou-se até a sua cara pousar no ombro dela e Daisy ouviu-o chorar de mansinho. Mas, para seu espanto, Lucy falou-lhe com maus modos.

- O papá estava em casa quando ela morreu? - perguntou ela acusadoramente.

- Não - disse Daisy, entre soluços. - Estava só eu. O papá chegou enquanto o médico cá estava.

- Porque é que não nos avisaste? - perguntou Lucy, com uma expressão fria e desconfiada nos olhos azuis.

Daisy não estava com disposição para dar explicações pormenorizadas. - Aconteceu tudo muito depressa. Ela disse-me que achava que tinha chegado a hora e eu perguntei se queria que eu ligasse para a escola e para o papá, mas respondeu que não. Também não quis que eu contactasse o médico, mas eu contactei na mesma. Ele chegou dois minutos depois de ela morrer.

- Devias ter-nos ligado, não tinhas o direito de nos impedir de estar aqui - lançou Lucy e depois, rompendo em ruidosos e convulsos soluços, subiu as escadas a correr. Tom separou-se de Daisy, fez uma espécie de esgar e apressou-se a seguir a irmã gémea.

Os três permaneceram no andar de cima mais de uma hora e Daisy ficou com a distinta impressão de que não a queriam com eles. Não fazia sentido nenhum, até então nunca a tinham tratado de maneira diferente, nunca se sentira em nada diferente e doía pensar que não sabiam que a sua dor era tão intensa quanto a deles.

Sentou-se na cozinha apenas com Fred por companhia e ainda ali estava sozinha a chorar quando o pai desceu muito mais tarde. Falou-lhe rispidamente, dizendo que havia coisas para fazer e uma delas era contactar uma agência funerária para levar o corpo. Daisy sabia perfeitamente mas pensou que ele podia ter arranjado tempo antes para lhe perguntar como se sentia e falar sobre o que acontecera.

Sem saber que mais fazer, Daisy começou a preparar o jantar mas o pai disse que não compreendia como é que ela podia pensar no estômago num momento daqueles. No entanto, ele e os gémeos comeram a refeição mais tarde e ela foi a única incapaz de comer algo. Depois de os agentes funerários chegarem e levarem Lorna, ela ficou a arrumar a cozinha enquanto eles foram para a sala de estar, sem a convidar para lhes fazer companhia.

Joel tinha-se mostrado muito compassivo quando ela lhe telefonou mas estava de serviço e não podia aparecer. Disse-lhe que não devia levar nada a peito porque a maioria das pessoas tinha um

comportamento um pouco estranho quando estava em estado de choque.

Agora, Daisy estava sozinha no quarto onde recordações da mãe a assaltavam dolorosamente: os muitos ursos de peluche, um por cada concurso de ginástica em que tinha participado durante a adolescência; o roupão azul de folhos que Lorna lhe fizera no ano anterior, pendurado na porta; a montagem de fotografias, atrativamente arranjada e emoldurada, que ela tinha criado com tanto carinho porque Daisy tinha dito que já não suportava os autocolantes a estragar o papel de parede.

A mãe sabia que seria assim quando morresse? Teria sido apenas ela que tinha preservado a unidade da família, sabendo que ia desfazer-se sem ela? Parecia impossível mas, por outro lado, porque é que ela se mostrou tão ansiosa para que Daisy encontrasse a sua verdadeira mãe?

Daisy apertou Fred com mais força nos braços, encostou a cabeça ao seu pelo e soluçou. Pelo menos ele não a tinha abandonado.

Uma leve pancada na porta sobressaltou-a. Sentou-se e rapidamente limpou a cara. - Entra - disse ela, contando que fosse Tom, que aparecia muitas vezes tarde, à noite, para falar com ela. Mas, para sua surpresa, era o pai.

Ele parou à entrada por um segundo, a olhar simplesmente para ela, notando talvez os seus olhos vermelhos. Era consultor numa empresa de peritagem, especializada em edifícios antigos classificados, e muitas vezes dizia a brincar que ele próprio se estava a transformar num porque o seu cabelo castanho estava semeado de brancas e o seu corpo, outrora magro, começava a tornar-se flácido. Mas a verdade era que ainda possuía um ar extraordinariamente jovem e atraente para um homem de cinquenta e muitos anos; estava em forma porque ainda jogava badminton e fazia vela quando podia. Mas os seus olhos castanhos tinham agora uma expressão carregada e Daisy pensou que nunca o vira com um aspeto tao infeliz ou inseguro.

- Temos de falar - disse ele em voz baixa. - Sinto muito, Dizzie, tenho estado tão concentrado em mim próprio que não pensei no que podias estar a passar.

O diminutivo tinha começado com os gémeos quando eram bebés e não conseguiam pronunciar Daisy corretamente, mas tinha pegado graças à sua natureza. Comparada com o pai e os gémeos, que tinham propensões académicas, Daisy era inconstante, saltava de interesse em interesse, nunca se fixando em nenhum. Quando lia um livro, era sempre sobre temas ligeiros e ousados, e apreciava a comédia, a dança, a patinagem e a ginástica, tudo o que fosse mexido e visual. Contudo, um dos seus grandes atributos era a sua capacidade de perdoar e de esquecer e, assim que viu a mágoa do pai, esqueceu-se da sua própria amargura.

- Não faz mal, papá - disse ela. - Entra.

Ele sentou-se na ponta da cama e deu palmadas a Fred enquanto a interrogava sobre o que tinha acontecido. Daisy explicou que Lorna insistira para que ela não ligasse ao pai nem aos gémeos.

- É mesmo dela - disse ele tristemente, acariciando as orelhas de Fred. - Suponho que, de qualquer forma, nunca teria conseguido chegar mais cedo. Mas não estava preparado para que fosse tão súbito, Daisy. Ontem à noite, ela parecia tão bem.

E estava bem esta manhã, quando a ajudei a entrar para o banho - disse Daisy, encostando-se ao pai. - Falou em plantar novos crisântemos para o Outono. Mais tarde fui vê-la e pensei que ela estava a dormir, foi quando ela disse que achava que o fim estava a chegar e quis que eu lhe pegasse na mão.

Nesse momento, Daisy foi-se abaixo e o pai tomou-a nos braços. - Vai deixar um buraco imenso nas nossas vidas - disse ele pesarosamente. - Fazíamos trinta anos de casados no próximo mês e sempre imaginei que íamos envelhecer juntos.

Agora que ele a estava a abraçar e a comportar-se como lhe era habitual, começou a sentir-se melhor e, durante algum tempo, discutiram quem devia ser informado já e quem podia esperar até ao dia seguinte.

- Aterroriza-me a ideia de repetir não sei quantas vezes a mesma coisa - disse ele, num tom cansado, passando os dedos pelo cabelo. - Mas, como não há necessidade de uma autópsia, podemos marcar o funeral para breve.

- Posso telefonar a algumas pessoas em teu lugar - propôs Daisy.

- Não - disse ele com um suspiro. - Tenho de ser eu. Os amigos dela ficariam ofendidos se soubessem por outra pessoa. Mas, diz-me, Daisy, de que é que falaram antes de ela morrer?

Não tencionava contar-lhe nada, pelo menos para já, mas agora não tinha alternativa.

O pai fez um esgar. - Há algum tempo que ela me andava a dizer a mesma coisa - disse ele. - Sabes como ela era, Daisy, queria fazer toda a gente feliz, resolver tudo o que não estivesse resolvido. Gomo sabes a mãe dela morreu quando ela só tinha nove anos e o pai voltou a casar dois anos mais tarde. Não se entendia com a madrasta e julgo que adotava a atitude dela. E, por causa disso, viveu sempre sem resposta a muitas perguntas. Imagino que pensava que tu sentias o mesmo.

- Mas não sinto - disse Daisy com firmeza. - Não estou minimamente interessada na minha mãe biológica. Tenho tudo o que quero nesta família, mesmo que a Lucy às vezes seja maldosa.

- É só um bocadinho ciumenta de ti - disse ele, num tom apaziguador. - Acho que pensa que eras a filha predileta da Lorna. Há-de passar.

- Espero que sim, papá - disse Daisy num fio de voz. - Afinal de contas, ela tem o Tom, fazem tudo juntos. Eu é que estou aqui à deriva.

- Nenhum deles vai voltar para a escola antes do funeral e isso dá-nos tempo para conversar e desabafar - disse ele, levantando-se da cama. - Mas é melhor começar a fazer esses telefonemas e acho que te deves deitar. Foi um dia muito desgastante.

Daisy adormeceu bastante depressa mas acordou mais tarde e acendeu a luz, reparando que eram que eram apenas duas da manhã. Incapaz de voltar a adormecer, desceu para aquecer um pouco de leite.

Daisy saíra de casa muitas vezes no passado, para dividir um apartamento com amigas, viver num quarto alugado e, uma vez, com um rapaz com quem pretendia casar-se mas, por mais que desejasse uma total liberdade, esta casa e a mãe sempre a tinham chamado de volta. Era uma espaçosa

casa familiar vitoriana, com grandes janelas em relevo, bonitas vidraças de pinázios e todas as melhores características desse período. Lorna e John não a tinham alterado muito. O soalho da sala de jantar tinha sido lixado e envernizado alguns anos antes, a cozinha ampliada e modernizada, mas como Lorna e John sempre tinham apreciado tudo o que fosse vitoriano, confortáveis sofás de veludo, estampas sumptuosas de William Morris e madeira bem polida, a sua aparência não diferia provavelmente muito da que o seu arquiteto inicialmente projetara.

- A maioria dos vizinhos era agora gente abastada mas não fora assim quando Daisy era criança. Nesse tempo, Bedford Park era uma zona residencial da classe média e quase todas as pessoas tinham três ou quatro filhos. Andavam sempre dentro e fora das casas uns dos outros, passando aí a noite, brincando juntos e frequentando a mesma escola. Os pais, por seu lado, também tinham sido amigos e era Lorna quem perpetuava essas tradições, organizando reuniões matinais para café, jantadas e eventos ao ar livre no Verão.

Mas, um a um, os velhos amigos foram partindo, cedendo às pressões de ofertas absurdamente elevadas pelas suas propriedades. Os novos residentes tinham vigilantes para os filhos e inscreviam-nos em escolas privadas. As mulheres não tinham tempo para reuniões matinais.

Daisy foi para a sala de estar e sentou-se à escrivaninha da mãe. Sobre ela estava a lista de pessoas a quem o pai tinha de telefonar. A julgar pelos nomes assinalados, já contactara metade.

Virou-se na cadeira, olhando à sua volta, e sentiu uma ponta de insuportável tristeza ao pensar que nunca mais voltaria a ver a mãe ali sentada a escrever cartas, a costurar ou a ler. Era uma sala atafalhada, com muitos livros, quadros, fotografias e bibelôs: Lorna nunca fora capaz de se separar de nada que tivesse valor sentimental. E tudo ali ficara, desde pequenos animais de vidro comprados por Daisy, Tom e Lucy, em diferentes aniversários ou dias da Mãe, a uma horrível pata de elefante que servia de banco, que Lorna recebera de presente do avô. Era uma tarefa hercúlea arrumar e limpar o pó a esta sala e Daisy não sabia como iam desenrascar-se quando chegasse a altura de ela regressar ao trabalho.

U ma parte do problema de Daisy com o emprego era que preferia francamente as lides domésticas a qualquer outro trabalho.

Sentia-se sublimemente feliz a cozinhar, a limpar e a jardinar; não apreciava o trabalho de escritório ou numa loja, com todas as suas regras e regulamentos tacanhos. Este aspeto tornava-a numa espécie de raridade entre os amigos, que eram verdadeiros yuppies dos anos noventa, apostados em ganhar dinheiro e comprar casa própria. Ela não possuía ambições nem qualificações: nunca tivera grande aproveitamento na escola. A única coisa que realmente queria era o que os pais tinham; um casamento sólido e feliz e um par de filhos. Mas admiti-lo aos outros, nos dias atuais, era o mesmo que admitir um pendor para o canibalismo.

Também isso era parte do problema com Lucy. A hostilidade desse dia não era nada de novo, estava sempre a picar Daisy a dizer que ela não tinha objetivos, que estava embrutecida e não acompanhava a realidade do mundo atual. E, de certo modo, Lucy tinha razão. Quando era mandada à rua para comprar qualquer coisa, muitas vezes Daisy esquecia-se do que era. A sua vida amorosa sempre fora complicada e dramática, era emotiva, generosa, esbanjadora e extremamente impulsiva.

Lucy, por outro lado, era muito inteligente. Sempre tivera boas notas e estava a estudar

economia. Escolhia meticulosamente os namorados, conseguia viver dentro dos limites da sua mesada e nunca se esquecia de nada. No entanto, estranham ente, não fora nenhuma destas coisas que causara a clivagem entre elas. Esta começara com o talento de Daisy para a ginástica e possivelmente uma falta de sentido de oportunidade da sua parte a exibi-lo. Fora, na escola preparatória, uma espécie de estrela em ginástica e ganhara muitas competições mas, quando tinha catorze anos, já estava cansada de competir e só o fazia pelo prazer.

Lucy tocava muito bem piano e clarinete, talentos que Daisy admirava profundamente porque sabia que nunca teria paciência para aprender. Um dia à tarde, no Verão, cerca de seis anos antes, toda a família estava sentada no jardim e Lucy estava a tocar piano na sala de jantar com a porta aberta para ouvirem.

Daisy não sabia por que razão o fez: talvez, como Lucy disse, porque detestava que a irmã recebesse atenção. Quando Lucy se lançou numa peça de música particularmente vibrante, Daisy foi até à porta da cozinha e desatou a dar uma série de saltos mortais para trás pelo jardim fora e regressou a fazer o pino.

Tom e os pais aplaudiram, interrompendo o recital de piano. Soou um estrondo brutal quando Lucy, enfurecida, bateu com a tampa do piano e gritou qualquer coisa do género: - Acho bem que arranjes um emprego no circo, não prestas para mais nada. Em seguida, correu para o quarto, amuada.

Mais tarde, Daisy pediu-lhe desculpa mas Lucy não lhe perdoou e foi como se esse dia tivesse estabelecido uma espécie de rotina que não podia ser alterada. A guerra aberta tornou-se a norma e Lucy servia-se de todos os meios que conseguia arranjar para desacreditar ou depreciar Daisy.

O facto de Lucy ter subitamente crescido, ultrapassando um metro e setenta de altura, lhe ter rebentado uma boa dose de borbulhas na cara e ter de usar roupa de tamanho quarenta não ajudou. Daisy não podia fazer nada contra a sua figura esbelta, com pouco mais de um metro e sessenta e raramente desfeada por borbulhas, mas Lucy comportava-se como se uma fada má lhe tivesse lançado um feitiço que se destinava a Daisy.

Acusava constantemente Daisy de ser anorética. Escondia as roupas favoritas dela e não se cansava de lhe dizer que era estúpida. Daisy tinha consciência de ter muitas vezes agravado a situação, gritando insultos a Lucy, chamando-lhe marrona gorda e oferecendo-lhe produtos de limpeza facial para tratamento das borbulhas, e agora sentia vergonha desta conduta. Mas Lucy levava-a à exaustão, espiando-a, remexendo o seu quarto, quando ela não estava em casa, e fazendo-lhe, no geral, chegar a mostarda ao nariz.

Quando Daisy foi viver para o seu primeiro quarto alugado, davam-se melhor quando ela ia a casa de visita. Mas, assim que voltou, tudo recomeçou. Como, por esta altura, tinha vinte e um anos e era mais compreensiva, procurou conquistar Lucy convidando-a para ir ao cinema ou fazer compras com ela. Mas Lucy parecia determinada em ser desagradável e estas saídas acabavam quase sempre numa troca de insultos.

Quando Daisy entrou na cozinha, Fred levantou os olhos do cesto e abanou a cauda, claramente esperançado que ela o levasse a passear. - Hoje não há passeios - disse Daisy, baixando-se para lhe dar uma palmadinha. - Estamos a meio da noite. - Serviu-se de uma caneca de leite, desejando agora

ter falado à mãe sobre Lucy ... talvez ela a tivesse aconselhado sobre a melhor maneira de lidar com ela. Mas tinha sido sempre uma disputa privada entre as duas raparigas; diante dos pais nunca deixavam transparecer nada.

- A partir de agora, vou simplesmente ignorá-la - disse ela a si mesma, pondo a caneca de leite no microndas e sentindo-se culpada pelas muitas brigas que tinham tido quando os pais não estavam presentes. - Agora temos de ser adultas.

Estava uma noite muito amena e Daisy tirou os cigarros da carteira e saiu para o jardim para fumar, com Fred a saltitar levemente atrás dela.

Nunca tinha fumado à frente dos pais, não lhe parecia bem já que eram ambos não fumadores. Praticamente só fumava quando saía com os amigos, mas o jardim era um sítio onde lhe dava prazer fumar um cigarro, tinha um sabor deliciosamente proibido. Joel era contra o tabaco e Lucy, claro, achava que era execrável. Mas Tom não, e muitas vezes fumavam um cigarro juntos ali fora, à noite.

Daisy sentou -se no baloiço e Fred saltou para o seu lado. Ela acendeu um cigarro e baloiçou-se suavemente na escuridão, pensando em Joel e interrogando-se se ele conseguiria licença para ir ao funeral.

Subitamente, Fred soltou uma rosnadela surda e Daisy olhou para trás, vendo Tom avançar no jardim de pijama.

- Olá - sussurrou ela, não querendo acordar ninguém. - Também não conseguias dormir?

Ele sacudiu negativamente a cabeça. - Não consigo conformar-me, Dizzie. Ela parecia tão bem quando me despedi dela de manhã.

Daisy deu-lhe um cigarro e ele sentou-se ao lado dela no baloiço. Apesar de ser fisicamente igual a Lucy, Tom tinha um temperamento muito diferente. Era igualmente inteligente mas gostava de se fazer passar por estúpido. Era muito mais atencioso e delicado do que a irmã gémea e mais generoso com o seu tempo afetos, e dinheiro. Era popular tanto junto dos professores como dos outros alunos, era bom no desporto, um apaixonado pela musica rock e tinha um excelente sentido de humor.

Conversaram durante algum tempo sobre o que sentiam pela mãe e Tom começou a chorar. - Não sabia que ia doer tanto sussurrou ele. - Pensei que ia ficar quase contente quando acontecesse porque ela deixaria de sofrer. Mas estou revoltado, Dizzie, não me sai da cabeça, porquê ela? Olha só para a quantidade de pessoas inúteis e patéticas que existem! Porque é que não foram elas?

Daisy percebeu instintivamente que ele não esperava nenhuma resposta dela, estava simplesmente a desabafar. Assim, abraçou-o e deixou-o chorar, subitamente consciente de que teria doravante de tomar o lugar na mãe na família porque ele e Lucy, sem Lorna, iam andar à deriva durante algum tempo.

Nenhum deles alguma vez saíra de casa, desde o infantário que frequentavam a mesma escola, tinham escolhido uma faculdade na zona oeste de Londres, em lugar de partirem para uma universidade distante, e a sua proximidade protegera-os da solidão, da intimidação dos colegas e de

muitas outras pequenas coisas que afetam as outras crianças. Daisy recordava-se de sentir ciúmes deles quando eram pequeninos. Antes de saberem falar corretamente, usavam uma espécie de linguagem secreta que ela não compreendia. Dormiam muitas vezes na mesma cama e partilhavam tudo.

Contudo, a mãe sempre tivera a mesma importância para eles. Seguiam-na para todo o lado em casa. Mesmo com vinte anos, este laço nunca fora quebrado; sair à noite nunca os interessara assim como a Daisy com a idade deles, sentiam-se igualmente felizes em casa.

- Vai correr tudo bem - garantiu ela a Tom. - Continuamos a ser uma família, vamos tratar da casa e do jardim juntos. Eu vou continuar por cá.

- Então não te vais embora? - perguntou ele, limpando os olhos às costas da mão. - A Lucy disse que achava que ias desandar como um foguete.

- Essa agora, porque é que ela havia de pensar uma coisa dessas? - perguntou Daisy.

Ele encolheu os ombros. - Se queres que te diga, não sei. Mas ouviu a mamã e o papá conversar há algum tempo, como o papá se ia desenvencilhar quando a mamã morresse. O papá disse que provavelmente ia vender esta casa e arranjar uma mais pequena e mais prática porque não podia esperar que tu ficasses a olhar por ela para sempre.

Daisy refletiu sobre isto por alguns momentos. - Suponho que não quero cá ficar para sempre. Posso casar-me e tu e a Lucy também. Faria mais sentido o papá ter uma casa mais pequena. Mas não percebo por que razão a Lucy há-de pensar que eu me vou embora a correr.

- Porque a mamã nos deixou algum dinheiro a cada um disse ele. - Eu e a Lucy só recebemos o nosso quando fizermos vinte e um anos, mas tu recebes já o teu.

Daisy sentiu uma ponta de raiva contra a irmã. Não sabia que ia receber dinheiro nenhum e devia ter sido uma surpresa agradável, mas era mesmo típico de Lucy usar isso como uma arma.

Daisy sentiu uma ponta de raiva contra a irmã. Não sabia que ia receber dinheiro nenhum e devia ter sido uma surpresa agradável, mas era mesmo típico de Lucy usar isso como uma arma.

- Bem, desta vez a Lucy está enganada. Não, vou. desandar como um foguete, podes dizer-lhe isso da minha parte – disse Daisy- resolutamente. – A mama havia de querer que eu ficasse a até as coisas voltarem à normalidade e eu vou ficar. Agora é melhor irmos deitar-nos, vai ser um dia em cheio.

Choveu no dia do funeral, o gênero de chuva miudinha de que Lorna sempre gostara porque fazia bem ao jardim. Estiveram presentes muitas pessoas: familiares, muitos deles afastados, velhos amigos e vizinhos, e as flores encheram o pátio à porta do crematório.

Daisy achou o serviço fúnebre muito breve e, embora o vigário tivesse proferido palavras encantadoras acerca de Lorna, por qualquer razão teve a sensação de que a verdadeira natureza da mãe lhe passara despercebida. Talvez Daisy não devesse ter ventilado esta opinião mais tarde em casa mas muitos dos vizinhos do tempo em que ela e os gémeos eram crianças tinham lá ido para tomar

uma bebida e estavam todos a discutir o que mais apreciavam em Lorna.

- Gostava que ele tivesse dito que o maior dom dela era ter tempo para as pessoas - disse Daisy.
- Sabem o que quero dizer? Não se limitava a dar conselhos às pessoas quando elas tinham um problema, sentava-se com elas, oferecia-lhes um chá e discutia o problema demoradamente.

Quase todas as amigas de longa data mais chegadas de Lorna concordaram. Uma delas falou de como Lorna a tinha apoiado e reconfortado diariamente quando o marido a deixara. Disse que Lorna era muito melhor do que uma terapeuta qualificada porque tinha a capacidade de fazer as pessoas rir quando estavam no desespero mais profundo.

Outra velha amiga, que Daisy e os gémeos sempre tinham tratado por tia Madge, uma mulher vigorosa de cerca de sessenta anos que os visitava pelo menos uma vez por semana desde que tinham memória, falou então.

- Tu herdaste esse dom, Daisy - disse ela, num tom aprovador. - E não o percas, é um talento muito especial.

Lucy, que estava sentada num dos sofás com Alice, a sua melhor amiga, não parecia estar a ouvir esta conversa. Mas, apesar de Daisy estar de costas para ela, sentiu a irmã entrar em tensão e uma espécie de gelo invadir a sala.

Mais tarde, depois de as visitas partirem, estava Daisy a esvaziar a máquina de lavar louça para voltar a enchê-la de louça e copos sujos, quando Lucy entrou na cozinha, se deteve à porta e cruzou os braços. Estava com um vestido preto comprido muito amarrotado e um par de botas Doe Marten. Era o seu estilo habitual; Lucy professava ser uma feminista e acreditava que as mulheres que se vestiam com roupas sofisticadas e se maquilhavam eram cabeças de vento. No entanto, Lorna odiara aquelas botas mais do que qualquer outra coisa e até Tom insistira com ela para que se pusesse bonita e se vestisse de um modo mais tradicional para este dia especial porque teria dado gosto à mãe. Lucy não tinha ligado e John, que estava extremamente abalado nessa manhã, não lhe chamara a atenção quando provavelmente devia tê-lo feito.

- Algum problema? - perguntou Daisy, Tom tinha ido para cima com o pai para tratar de alguns papéis e a casa estava muito sossegada.

- Tu não herdaste nada da mamã, como é que podias ter herdado quando não és do sangue dela? - disse Lucy, numa voz tensa de fúria.

Daisy teve vontade de responder torto mas sabia que não era o dia indicado para uma discussão.
- A tia Madge falou de modo figurado - disse ela, encolhendo os ombros. - Todas as pessoas presentes sabiam muito bem que eu fui adotada mas também se herdam traços das pessoas ao fim de muitos anos de convívio.

- Então porque é que não herdaste os miolos?

- Ora, Lucy, por favor - disse Daisy com impaciência. - Não sejas desagradável e muito menos hoje. Posso sentir-me tentada a perguntar porque é que não herdaste o sentido de oportunidade e diplomacia da nossa mãe.

Pensou que seria o suficiente para a irmã desandar para o quarto mas Lucy, pelo contrário, atirou-se a Daisy, agarrou-lhe num tufo de cabelo e espetou-lhe um murro em cheio na cara.

- Que tal este sentido de oportunidade? - guinchou ela como uma doida. - Andei a observar-te o dia todo, a lamber as botas aos chatos desses velhos vizinhos. A dizer-lhes que olhaste pela mamã, como se fosses a única na família que se preocupava. A única razão por que estavas em casa foi por teres sido despedida do teu último emprego.

O nariz de Daisy ardia-lhe como se estivesse em chamas e o sangue corria-lhe pela cara e pingava-lhe para o vestido. Estava demasiado aturdida para tentar responder a Lucy na mesma moeda e, além disso, sabia que não levaria a melhor sobre a irmã quando ela estava neste estado de fúria.

- Não lambi as botas a ninguém - disse ela, esforçando-se por não chorar. - Só quis ser bem-educada porque eram amigas da mamã e muitas delas vieram de muito longe. E, para tua informação, fui despedida desse último emprego porque estava sempre a tirar horas quando a doença da mamã se agravou. Não me lembro de alguma vez te teres oferecido para a levar ao hospital para fazer exames nem para a ajudar a tomar banho nem, aliás, pensando bem, para nada.

Como Lucy deu outro passo ameaçador na direção dela, Daisy pegou numa faca de cozinha que estava pousada no balcão. - Se voltas a tocar-me, espeto-te esta faca - sibilou-lhe.

- Porque é que não cavas daqui e juntas os trapos com o porco do teu namorado? - rosnou-lhe Lucy, embora mantendo a distância. - Não és desejada aqui. A mamã pode ter-te aturado mas foi só porque achava que tinha essa obrigação. Eu, o papá e Tom desprezamos-te. Não passas de uma parasita.

- É melhor ser uma parasita do que uma maltrapilha - retorquiu Daisy. - Olha por ti abaixo, pareces um anúncio à Guerra à Pobreza! Estás sempre a gabar-te de seres muito inteligente mas só uma idiota completa se vestia assim para o enterro da mãe. Que é que achas que o papá sentiu ao ver-te nesses preparos? Se desprezou alguém hoje, foi a ti.

Fez menção de passar pela irmã, ainda com a faca na mão, mas ao roçar por ela na porta, Lucy agarrou-a novamente pelo cabelo e inclinou-lhe a cabeça para trás. A faca estava na mão direita de Daisy e, quando Lucy se moveu para se defender, apanhou-a no braço.

Berrando como um porco preso, Lucy largou Daisy e precipitou-se para o vestíbulo e pelas escadas acima. - Ela esfaqueou-me, ela esfaqueou-me - gritou a plenos pulmões. - Papá, anda depressa, a Daisy perdeu a cabeça.

Daisy pegou numa série de folhas de papel de cozinha para tentar estancar o sangue que lhe corria do nariz para a roupa e para o chão. Depois ouviu o pai e Tom descerem ruidosamente as escadas, querendo saber o que se estava a passar. O fundo das escadas não era visível da cozinha, porque o vestíbulo tinha forma de «L», e com o papel de cozinha contra o nariz, Daisy não conseguia ver o pai e Tom com Lucy, que tinha entrado em histeria, guinchando como se fosse a vítima de um ataque inteiramente não provocado. Daisy estava precisamente a encaminhar-se para lá para dizer o que tinha a dizer quando de súbito se sentiu fraca e caiu numa cadeira da cozinha.

- Para de gritar e senta-te - disse o pai a Lucy, mas a sua voz foi enfraquecendo enquanto a

levava para a sala de estar para lhe examinar o braço.

Tom entrou na cozinha. Estacou quando viu Daisy coberta de sangue. - Que é que se passou? - perguntou ele.

- Ela deu-me um murro sem qualquer razão - disse Daisy num fio de voz. - Magoei-a com a faca? Foi sem querer, só peguei na faca porque ela se preparava para me cair outra vez em cima. Agarrou-me pelo cabelo quando eu ia a passar por ela.

- O papá está agora a examiná-la - disse ele. - Que diabo é que vos deu às duas? Não chega a mamã ter morrido, é preciso isto agora?

Não era normal Tom fazer censuras, normalmente tudo lhe passava ao lado. Era uma pessoa calma que gostava de se manter em segundo plano.

- Foi ela que começou - insistiu Daisy. - Se se atirou para cima da faca, é bem feito, disse-me que cavasse daqui e juntasse os trapos com o Joel, disse que vocês todos me desprezam.

- Vou ter de levar a Lucy ao hospital para tratarem desta ferida - gritou-lhes o pai do vestíbulo. - Quando voltar, falo contigo, Daisy - acrescentou num tom de ameaça, batendo com a porta ao sair.

- Não foi minha intenção magoá-la. - Daisy levantou os olhos para Tom, implorando-lhe que acreditasse nela. - Ela é uma víbora, Tom. Aposto que está a dizer ao papá um chorrilho de mentiras.

Não foi claro se Tom acreditou nela ou não mas foi buscar gelo ao frigorífico e pressionou-o contra o nariz de Daisy até estancar o sangue.

Daisy, ali sentada, contou-lhe exatamente o que se tinha passado e porquê, mas Tom parecia continuar convencido de que a principal culpada era ela. - Porque é que não evitaste simplesmente entrar na discussão? - perguntou ele, o seu rosto normalmente luminoso deformado pela ansiedade. - Já sabes como ela é.

- Não posso receber insultos desses como se nada fosse respondeu Daisy, cansada. - Ninguém pode. Não percebes a que ponto magoa ouvir dizer que sou uma parasita aqui? Sou, Tom? É verdade o que ela disse, que tu e o papá me desprezam?

- Claro que não - disse ele, abanando a cabeça. - A Lucy estava só roída de ciúmes porque tu hoje foste o foco das atenções, toda a gente admirou os teus bolos e pudins, elogiou a maneira como tinhas tratado da casa e como devia ter sido um consolo para a mamã teres olhado por ela. Ficou ferida por não ter recebido cumprimentos.

- Ora, não fez nada para os receber - retorquiu Daisy. - Eu nunca quis fazer tudo sozinha. Ela recusou-se a ajudar-me, se bem te lembrás. Estou tao desgostosa como toda a gente com a morte da mamã mas não podia ficar a cismar no quarto, alguém tinha de preparar as coisas.

Tom lançou-lhe o mesmo olhar desesperado que ela vira tantas vezes no rosto do pai. O pai era uma pessoa que detestava entrar em confronto ou tomar partido. - Tens o nariz muito inchado disse ele, o que pareceu um pretexto para deixar de falar da irmã. Vou buscar-te brandy e talvez seja melhor ires-te deitar.

Não havia nada que Daisy mais desejasse do que dormir. Estava a pé desde as seis da manhã, a preparar a comida, e agora sentia-se absolutamente esgotada. - Está bem, mas explicas a minha versão dos acontecimentos ao papá quando voltarem? - pediu ela.

Ele assentiu.

- Talvez o melhor seja eu mudar de casa - disse ela.

Ele olhou para ela por um momento sem responder.

- Achas que é a solução, não achas? - disse ela, os olhos começando de novo a vidrar-se de lágrimas.

- Não sei, Daisy - disse ele, num tom fatigado, passando distraidamente os dedos pelo cabelo. - Mas sei que estou farto de ser apanhado no meio.

CAPÍTULO 2

Daisy acordou quando Fred saltou para a cama dela para lhe lambe a cara.

- Está quieto - disse ela, ensonada, puxando o edredão para cima para se tapar. Mas Fred enfiou o nariz por baixo à procura dela e, de repente, ela despertou por completo, recordando os acontecimentos do dia anterior.

Tinha ouvido o pai e Lucy regressarem do hospital, por volta das dez e meia, mas foram para a sala de estar com Tom e fecharam a porta. Alguém devia ter subido mais tarde para ver se ela estava a dormir, caso contrário Fred não teria conseguido entrar no quarto hoje de manhã, mas não tinha dado conta. Pensou se teria sido o pai que queria esclarecer o episódio da faca.

Tocou-no-nariz-a-medo. Estava extremamente dorido e ela pegou num espelho na mesinha de cabeceira, reparando ao mesmo tempo que eram apenas sete horas.

Tinha o nariz muito inchado e pisaduras debaixo dos olhos mas, embora lhe desse um aspeto repugnante, pelo menos era uma prova de que Lucy não estava inocente. Joel tinha dito que ia buscá-la à noite para levá-la a jantar num sítio calmo mas agora, com ar de quem tinha sofrido um acidente de automóvel, achava que não iam a lado nenhum.

Voltou a deitar-se e tentou adormecer de novo mas os acontecimentos do dia anterior não paravam de se revolver no seu espírito. Sentia vergonha que um dia tão importante tivesse sido banalizado pela briga entre ela e Lucy, desejando ter virado costas e ignorado a irmã quando ela começou a discussão. Se Joel não tivesse tido de se ir embora logo a seguir ao funeral, duvidava que tivesse acontecido alguma coisa. Lucy nunca era maldosa diante dele.

Contudo, tinha-lhe chamado porco. Era só para enfurecer Daisy ou também o odiava secretamente?

Daisy soltou um profundo suspiro. Uma das coisas que mais lhe agradavam em Joel era o facto de ele se dar bem com toda a gente. Depois de tantos anos com namorados que ninguém aprovava, sabia bem ter alguém que era admirado e respeitado. Só Lucy era capaz de minar a única coisa de que Daisy estava segura.

Fechou os olhos e recordou o seu primeiro encontro com Joel - num bar em Hammersmith, mais de um ano antes. Tinha reparado no homem alto e forte, com uma T-shirt preta justa e jeans, sentado na mesa ao lado dela e das amigas. Aliás, tinha-lhes segredado que ele era um borracho. Depois de umas bebidas, tinha atirado a carteira para o chão, cujo conteúdo, na maioria embaraçoso, se tinha espalhado por todo o lado. Ele tinha-se precipitado para a ajudar a apanhar tudo e metera-se com ela por andar com uma chave-inglesa e uma chave de parafusos, perguntando-lhe se eram ferramentas de assalto.

Na altura, Daisy estava a viver num apartamento com algumas amigas, do outro lado da rua defronte do bar, e tinha expressado muitas vezes a opinião de que era impossível arranjar um homem sem dúvidas e que fosse generoso, de confiança e sexy. No entanto, Joel revelou ser tudo isso e mais.

Fazia-a rir, era forte e saudável e era também encantadoramente conservador.

Joel era adepto de namoros tradicionais. Ofereceu-lhe flores da primeira vez que saiu com ela e só tentou levá-la para a cama ao terceiro encontro. Mas, desde essa primeira vez, nunca mais saíram da cama. Em todas as suas relações com homens, nunca conhecera felicidade tão absoluta.

Talvez tivesse sido bom terem vivido na altura toda essa paixão desenfreada porque tinha chegado abruptamente ao fim. Primeiro, Joel tinha sido aceite na Academia da Polícia de Hendon e depois ela mudara-se novamente para casa porque a mãe estava doente e, ultimamente, tinham muito poucas oportunidades para mais do que uns mimos apressados.

«Queres casar-te com ele?» perguntou a si mesma, recordando as palavras da mãe quando lhe disse que devia estar absolutamente segura. Um ano antes, não teria hesitado em responder que sim a esta pergunta mas a nova carreira de Joel e a doença da mãe tinham modificado a relação. Continuava a amá-lo do mesmo modo mas já não tinham tempo para se divertir. Eram quase como um velho casal, encontrando-se para um dedo de conversa e uma chávena de chá, com a exceção de que até as pessoas há muito casadas viviam juntas e tinham oportunidades para fazer amor.

Seja como for, estava claramente a pôr o carro à frente dos bois. Joel falava vagamente de casamento, como qualquer coisa que aconteceria no futuro, mas na realidade nunca abordara formalmente o assunto. Supunha que, se lhe pedisse para ir viver com ele para o seu apartamento, ele diria que sim, mas seria realmente o que desejava?

Não sabia. Ele trabalhava muito e fora de horas, ela não tinha sequer emprego, e sair desta casa só por causa de Lucy podia ser um entrave. Mas se havia perita em erros graves era ela, e parecia tê-los cometido todos. Em retrospectiva, compreendia que tinha vivido a sua vida como se fosse um pedaço de madeira flutuante, empurrada para aqui e para ali pelos namorados, no fundo nunca tomando decisões próprias.

Devia ter seguido restauração ou hotelaria aos dezasseis anos quando saiu da escola, porque tinha talento para a culinária e para se relacionar com pessoas. Mas o namorado da altura não queria que ela trabalhasse num horário anti social. Olhando ara trás tinha sido um disparate porque ele não trabalhava e a única coisa que faziam era ficar no esquálido quarto alugado dele a ver televisão e a fazer amor. Para cúmulo dos cúmulos, ele trocou-a por uma enfermeira e não podia haver horário mais anti social do que o de uma enfermeira.

O seguinte romance sério de Daisy foi com um vendedor de peças para automóveis. Ele vivia em Leicester e ela ficava com ele, no seu quarto de hotel, sempre que ele passava a noite em Londres. Como tinha de estar sempre à disposição dele, foi-lhe impossível começar então um curso pós-laboral. Mais tarde, descobriu que ele era casado, com três filhos, e levou-lhe muito tempo a refazer-se dessa traição.

E assim foi continuando. Trabalhar era simplesmente uma coisa que fazia para ganhar dinheiro, a sua principal preocupação era satisfazer o homem com quem andasse no momento. Tinha havido períodos bastante prolongados sem um homem, claro, mas nessas alturas só pensava em arranjar o próximo e nunca que devia parar para descobrir o que realmente queria fazer da sua vida.

Por momentos, Daisy comparou-se com algumas das amigas. Cathy dedicava-se à informática,

Sarah era consultora financeira e Trudy trabalhava numa agência de viagens. Que é que cada uma das três tinha que as tornavam tão ambiciosas e trabalhadoras?

Era verdade que todas tiveram melhor aproveitamento na escola do que ela e tinham prosseguido os seus estudos com vários cursos de formação, mas a única coisa que tinham em comum, e que ela se apercebeu que nunca considerara, era o facto de não pertencerem ao mesmo meio que ela.

De súbito, compreendeu por que razão se metiam tantas vezes com ela. Trudy vivia num andar camarário em Hammersmith, as outras duas estavam afastadas dos pais e viviam sozinhas desde os dezoito anos. Nunca nenhuma delas tinha tido os confortos materiais de Daisy nem as vantagens de pais inteligentes e carinhosos que as apoiassem. Não era, pois, surpreendente que estivessem sedentas das boas coisas da vida e que, ao contrário de Daisy, soubessem que a única maneira de as conseguirem era trabalhando arduamente.

Envergonhada de si própria, levantou-se e vestiu um par de jeans e uma T-shirt para levar Fred à rua. Caminhando em direção a Turnham Green, com Fred a puxar pela trela para chegar à relva, começou a pensar em Lucy. Pensou se o golpe no braço da irmã seria profundo e se seria possível fazerem as pazes hoje.

O céu estava de um cinzento tristonho e dava ideia de que ia chover mais tarde. Mas passear com Fred levantou-lhe ligeiramente o ânimo pois a forma como ele corria de um lado para o outro com entusiasmo, farejando todas as árvores, postes ou bancos, era divertida. Também ele tinha andado muito confuso nos últimos dias. Estava sempre a subir ao quarto dos pais, espreitando pela porta, como se esperasse ver a mãe lá dentro. Com Lorna de cama durante o dia, tinha-se habituado a fazer-lhe companhia apesar de os quartos, antes da doença dela, serem território proibido. Agora, o pai passava a vida a enxotá-lo outra vez para o andar de baixo e Daisy achava que o pobre Fred devia andar intrigado com o que tinham feito à mãe pois tinha sido, sobretudo, o cão dela.

Esse era outro problema: que é que ia acontecer a Fred quando Daisy voltasse a trabalhar? Não era justo que passasse o dia sozinho, fechado em casa, quando não estava habituado a isso.

Daisy demorou-se na rua mais do que habitualmente porque Fred teimava em fugir quando ela tentava prendê-lo à trela. Quando abriu a porta de casa, o pai estava a descer as escadas, já vestido com um par de calças informais e uma sweatshirt.

Franziu a testa quando a viu. - Acho que precisamos de conversar - disse ele rispidamente.

Daisy ligou a chaleira e começou a pôr a mesa da cozinha para o pequeno-almoço. - Não te maces com isso - disse ele, impaciente. - Quero saber o que é que te passou pela cabeça para espetares uma faca na Lucy.

- Não lhe espetei faca nenhuma - disse ela, indignada, e passou a explicar que a única culpada era Lucy porque a tinha agarrado pelo cabelo.

- Já sei disso tudo - disse ele, com impaciência. - O Tom explicou-me. Mas como é que pudeste sequer pensar em ameaçar a tua irmã com uma faca?

- Porque ela me fez isto sem a mais pequena razão - disse Daisy, indicando o nariz. - Parecia doida. Peguei na faca para ela não se aproximar de mim. Devias ter ouvido as coisas que ela não se aproximar de mim. – Parecia doida. Peguei na faca para ela não se aproximar de mim. Devias ter ouvido as coisas que ela disse.

- Isso não é desculpa - insistiu ele. – A Lucy tinha acabado de assistir ao funeral da mãe, por amor de Deus! Estava transtornada. É impossível que não tenhas compreendido que não podia comportar-se racionalmente.

- O funeral também foi da minha mãe e eu também estava transtornada. - Daisy elevou a voz, magoada. - Quer-me parecer que partilhas a opinião da Lucy de que eu sou uma parasita e não tenho direitos nem sentimentos - disse ela, os olhos enchendo-se-lhe de lágrimas.

- Claro que não, mas tu és cinco anos mais velha do que ela e conto que te saibas controlar melhor - disse ele, com as faces coradas de irritação. - Não aguento mais brigas entre as duas.

Daisy não era pessoa que soubesse controlar-se, normalmente era obstinada, investindo quando devia parar para pensar. Sentia-se tão ferida por o pai parecer estar a culpá-la apenas a ela que atacou: - Pois é, obrigada, papá, por te teres lembrado que fui eu que tratei da mamã durante estas semanas todas. A Lucy não se ralou o suficiente com ela enquanto esteve viva para pelo menos lhe lavar o cabelo. Nos últimos dias, fui eu que olhei por tudo sem ajuda nenhuma da Lucy. - Fez uma pausa para recobrar o fôlego e não viu qualquer sinal de compreensão no rosto do pai, apenas irritação.

- Vou desamparar a loja e arranjar um sítio onde viver – acrescentou. – Talvez então a egoistazinha que a Lucy realmente é.

Deu meia-volta e saiu da cozinha a correr, subindo ao quarto com as lágrimas a correr-lhe copiosamente pelas faces. Enfiou à pressa meia dúzia de coisas num saco de viagem e, minutos depois, estava a bater com a porta da rua e a correr para o carro. Surpreendentemente, pois demorava em regra algum tempo a pegar, o seu velho «carocha» pegou à primeira e ela arrancou na direção de Acton e do apartamento de Joel.

Joel esteve na Marinha antes de ela o conhecer e tinha comprado este andar quando regressara a Londres. Quando se conheceram, não queria que Daisy o visse e, quando acabou por levá-la lá, ela compreendeu a razão. Era um apartamento acanhado com dois quartos, no segundo andar de um pequeno prédio camarário decrépito, O seu único atributo era ter sido barato. Joel não possuía mobília, além de uma cama, um frigorífico e um fogão, nem sequer tinha cortinas nas janelas.

Tinha feito bastantes melhorias no apartamento enquanto esperava para começar a sua formação na polícia. Tinha-o decorado e alcatifado e agora estava bastante acolhedor, mas a obscura escadaria e os patamares coletivos de betão tornavam-no num lugar deprimente para viver.

Daisy entrou com a sua chave pois não esperava que Joel estivesse em casa. Para seu espanto, ele apareceu no vestíbulo, unicamente de boxers, quando ela estava a fechar a porta.

- Mas que diabo ... - exclamou ele, surpreendido, e nesse momento ela rompeu em lágrimas.

Joel era alto, um metro e oitenta e cinco de músculos compactos, com cabelo castanho cortado

rente como o de um recruta e um pescoço grosso. No entanto, possuía um rosto surpreendentemente agarotado, uma pele rosada, pestanas escuras e longas e uma boca macia e carnuda. Mas era um homem de muitas qualidades contraditórias. Parecia duro mas era capaz de extrema doçura; jogava rãguebi mas apreciava a poesia. Conduzia o carro com rock da pesada a tocar no máximo mas em casa ouvia música clássica.

Daisy contou-lhe o sucedido e ele levou-a para o quarto, sentou-a na cama desfeita e foi fazer um chá.

Como sempre, o apartamento dele parecia uma pocilga. Sempre que Daisy lá ia, limpava-o e arrumava-lhe a roupa mas, na visita seguinte, a desordem era total. Usava a tábua de passar a ferro para tudo. Neste momento, tinha as botas lá pousadas porque estivera a limpá-las. Daisy tinha visto com frequência caixas vazias de comida em cima, mas raramente um ferro. Contudo, estranhamente, Joel era extremamente meticoloso. Andava com as unhas sempre limpas, cheirava a lavado e nem sequer cheirava mal dos pés como a maioria dos homens que ela conhecia.

- Acho que não devias ter fugido assim - disse ele com severidade quando voltou com o chá. - O teu pai está a enfrentar a maior crise da vida dele e não é capaz de aguentar com as discussões entre ti e a Lucy.

- A culpa foi toda dela - disse Daisy, indignada. - Eu quero ser amiga dela mas ela não quer. Odeia-me.

Joel mostrou um ar ansioso. - Gostava de poder ficar contigo algum tempo e falar sobre assunto mas agora tenho de ir trabalhar - disse ele, dirigindo-se à cadeira onde tinha o uniforme pendurado. - E não volto antes das seis. Podes ficar aqui à vontade mas não acho que seja o procedimento correto.

- Bem, obrigada por seres tão compreensivo. Pensei que estavas do meu lado - lançou-lhe Daisy.

- Claro que estou do teu lado - assegurou-lhe ele. - A Lucy é um estafermozinho ciumento, tive ocasião de constatar isso dezenas de vezes. Suponho que veio tudo ao de cima por causa do que aconteceu.

- A que propósito é que ela tem ciúmes de mim?

Joel riu-se, com um brilhozinho nos olhos castanhos. - Olha para o espelho, Daisy. Tu és linda e ela é simplesmente banal, tu brilhas e ela é como uma cerveja choca. A única coisa que tem é o intelecto superior dela, mas não me parece que lhe sirva de grande consolação.

Beijou-a demoradamente antes de sair, sussurrando que nessa noite recuperariam o tempo perdido. - Descansa e descomprime - disse ele. - Em parte, o problema é porque andas há muito tempo numa pilha de nervos. Mas eu tenho poderes mágicos para resolver isso.

Daisy não descomprimiu, era impossível com a casa naquele estado. Fez a cama de lavado, lavou uma montanha de louça suja e limpou o apartamento de uma ponta à outra.

Estava precisamente a sentar-se para tomar um chá, planeando ver depois o filme de sexta à tarde, quando tocaram à campainha. Como Joel dizia que as únicas visitas que recebia eram pessoas a vender artigos de catálogo, imaginou que fosse uma delas.

Foi um choque quando abriu a porta e se deparou com o pai.

- Posso entrar? - perguntou ele.

- Como é que sabias onde eu estava? - perguntou Daisy.

Ele esboçou um sorriso irónico. - Não é preciso ser o Cérebro da Grã-Bretanha para chegar a essa conclusão. Não te aflijas, não te vou arrastar à força para casa, se é aqui que queres ficar. Mas não podia deixar-te ir sem te dizer que te amo e que espero que reconsideres.

Estas palavras tiraram-lhe a fala. Tinha passado a manhã a imaginar que ele estava feliz por ela se ter ido embora.

Ele entrou e sentou-se na sala de estar enquanto Daisy lhe fazia café. - Isto está muito limpo e arrumado - disse ele, olhando em volta com um ar aprovador. - O Joel é uma joia de pessoa.

- Acabei de o limpar eu - admitiu ela. - Ainda bem que não chegaste mais cedo porque não tinhas ficado tão bem impressionado ...

- Por acaso, agrada-me que as pessoas tenham defeitos - sorriu levemente -, torna-as humanas. O meu é que quero que corra tudo sobre rodas mas não sei como contribuir para que isso aconteça. O da Lucy é que vive roída de ciúmes e o do Tom é que se esforça terrivelmente por não tomar partido. O teu, Daisy, é seres demasiado impetuosa. Vamos ver se arranjamos maneira de vivermos todos juntos sem mais brigas? Sinto-me tão infeliz sem a Lorna e sei que tu sentes o mesmo e só podemos sentir-nos melhor se continuarmos Juntos.

Daisy baixou os olhos para as mãos e não disse nada. Não havia nada que pudesse dizer. Lucy tinha prevaricado, ambos o sabiam.

- Não nos desenvencilhamos sem ti - continuou o pai. - Nenhum de nós sabe cozinhar ou tratar da casa. Precisamos de tempo e de algum treino antes de conseguirmos arranjar-nos sozinhos. Eu sei que parece que só te quero para olhares pela casa, mas tenho a certeza que sabes que não é assim.

Daisy nunca se tinha imaginado como uma Cinderela. Muito antes de a mãe adoecer, sempre ajudara em casa e cozinhara refeições porque lhe dava prazer. Compreendia a lógica das palavras do pai e, lá no fundo, queria voltar para casa. Também sabia que não era decente exercer mais pressão sobre o pai enquanto ele estivesse a chorar a morte da mãe.

- Mas não posso voltar se a Lucy não mudar de atitude - disse ela. - Não posso viver com ela sempre a pegar comigo.

- Não é só ciúmes que ela sente, também está consumida de culpa - respondeu ele. - Sabe que devia ter feito mais pela mãe nos últimos meses, admitiu-o ontem à noite. Quanto menos ela fazia mais tu tinhas de fazer, e o círculo vicioso continuou e ela foi ficando cada vez mais desesperada.

- Então, não podemos esquecer isso tudo e começar outra vez? - disse Daisy.

- Essas palavras, minha querida Dizzie, são precisamente a diferença fundamental entre vocês as duas. Tu és capaz de fazer tabua rasa e recomeçar. A Lucy não. O carácter dela é o contrário do teu. Ela vê tudo a preto e branco, sem sombras cinzentas. Compartimenta a vida dela ... numa caixa, os estudos, a vida de casa noutra, a vida social noutra ainda, e por aí adiante. Tu confunde-la porque és fluida, adaptas-te às circunstâncias e não vês simplesmente nuances cinzentas, vês as cores todas do arco-íris.

- Vejo? - perguntou Daisy, surpreendida.

Ele riu-se. - Não foi a melhor comparação do mundo mas não me ocorre agora outra melhor. Têm as duas grandes virtudes. A Lucy é determinada e ambiciosa e tem um agudo sentido analítico. Tu és calorosa, compassiva e tens um excelente sentido de humor.

- Por vezes, desejo ter as virtudes da Lucy - disse Daisy com tristeza.

- E ela deseja ter as tuas - respondeu ele, inclinando-se para ela e pegando-lhe na mão. - Mas a única coisa que ela desejava acima de tudo era ter a relação natural que tu tinhas com a tua mãe. Ontem à noite, disse-me que vos ouvia rir e conversar e odiava não ser capaz de fazer o mesmo. Também não era capaz de dizer à mãe que a amava. Acho que pensa que, se tivesse chegado a casa antes de ela morrer, lho podia ter dito.

- Estou a ver – disse Daisy reflexivamente, compreendendo de súbito a razão por que Lucy se atirou a ela naquele dia. – Mas é idiota, a mamã conhecia-nos profundamente. Aceitava-nos como éramos.

- Com o tempo, a Lucy também há-de compreender isso disse ele, num tom reconfortante. - A minha sugestão, por isso, é que passes o fim-de-semana aqui com o Joel e voltes para casa na segunda-feira. O Tom e a Lucy estarão de volta às aulas e tu podes procurar novamente emprego. Em breve tenho de tentar arranjar uma empregada de limpeza. Não é justo esperar que sejas tu a fazer tudo eternamente.

- Que é que a Lucy diz acerca desse plano?

- Bem, esta manhã estava outra vez numa disposição de compartimentação. - Esboçou um sorriso irónico. - Estava aterrada com a perspetiva de ter de cozinhar, limpar e dedicar-se aos estudos, por isso há-de sentir-se aliviada. Quanto a mim e ao Tom, só queremos que voltes para onde deves estar.

Era o suficiente para Daisy. Foi sentar-se ao lado do pai e abraçou-o. - Pronto, eu volto na segunda de manhã. Faço tudo para não te sentires triste.

- A tristeza vem em ondas - disse ele. - Ora estou contente porque o sofrimento dela acabou, ora vendia a alma ao diabo para a ter de volta. Estou sempre a vê-la a andar pela casa, as imagens são por vezes tão nítidas que penso mesmo que são reais. Talvez me sinta melhor quando regressar ao trabalho.

- Que é isso? - perguntou Daisy, reparando de repente que ele levava um saco com ele.

Ele sorriu. - Por acaso é para ti. Achei que era uma boa altura para examinares o que aí está. É uma caixa cheia' de coisas relacionadas contigo, de quando eras bebé. A tua mãe preparou uma para cada um de vocês e acrescentava coisas sempre que considerava que se tinha passado um acontecimento importante. Calculo que também aí esteja uma carta para ti, já sabes como ela era organizada.

- Toma a chave - disse o pai, levantando-se e tirando-a do bolso. - Vou andando. Tenho de comprar pão e comida para o Fred.

Depois de acompanhar o pai à porta, Daisy pôs a caixa sobre os joelhos e estudou-a. Achava que conhecia tudo o que estava em casa dos pais, não eram pessoas para esconder nada, mas nunca vira esta caixa, o que tornava a situação ainda mais excitante.

Todas as fotografias no exterior da caixa eram suas, imagens de família recortadas e coladas aleatoriamente. Interrogou-se sobre quando a mãe a teria terminado. Algumas fotografias não tinham mais de um ano, devia ter sido portanto recentemente, e como não havia espaço para mais, provavelmente tê-la-á acabado sabendo que o fim estava próximo. Daisy abriu a caixa cautelosamente, sem saber o que esperar. Os seus olhos encheram-se de lágrimas com o que viu.

Havia recortes de jornal sobre as suas vitórias em ginástica, boletins escolares, uma composição que ela tinha escrito sobre a família, trabalhos artísticos que não se recordava de ter feito, um estojo para agulhas que tinha feito para a mãe em determinado Natal. Estavam ali os seus dentes de leite, fechados numa saquinha de plástico, uma fotografia sua sem os dentes da frente e uma fotografia da sua turma no ano em que acabou a escola primária. Muitas coisas importantes apenas para ela, e sentiu-se comovida com a certeza de que tinham sido colecionadas com profundo amor e carinho.

Entre as fotografias, recortes e objetos vários, havia muitas notas escritas pela mãe. Algumas eram relatos bem-humorados de incidentes, como a ocasião em que ela caiu num lago, durante uma excursão escolar, e teve de regressar com as luvas de uma professora nos pés, ou em que interpretou o papel de Dorothy na produção escolar de O Feiticeiro de Oz.

Daisy riu-se com muitas delas pois eram uma perspetiva adulta de incidentes de que praticamente se esquecera e uma perceção da forma como Lorna via o carácter da filha. Mas algumas eram sérias, revelando a extrema preocupação da mãe em inúmeras ocasiões.

Uma destas notas fora escrita quando Daisy andava com Kevin, o rapaz que a dissuadira de seguir restauração ou hotelaria quando ela tinha dezasseis anos.

Sinto-me impotente e assustada por ela, tinha escrito a mãe. Estou sempre a interrogar-me se serei uma snobe que não suporta pensar na sua menina na companhia de um indivíduo tão grosseiro. Vivo atormentada com o medo que ela engravide e que isso a leve para uma vida de infelicidade. Quem me dera ter coragem para trancá-la no quarto e impedi-la de estar com ele, mas, claro, sei que uma atitude dessas apenas exacerbaria a vontade dela de estar com ele. Assim, finjo, se não que aprovo, pelo menos que estou resignada. Procuro até fazer de conta que gosto do Kevin nas raras ocasiões em que ele cá vem. Tenho a certeza que todas as mães acreditam que as filhas são as

crianças mais belas e talentosas do mundo e não querem para elas nada menos que um príncipe. Mas eu já me contentaria com um homem bom para a minha Daisy, um homem que cuidasse dela e a tratasse com amor e respeito. Não me importaria nada se fosse simplesmente um trabalhador normal.

Daisy sentiu um nó na garganta ao ler estas palavras pois nunca se apercebera dos fortes sentimentos da mãe a este respeito. Recordava que ela fora extremamente compreensiva quando Kevin finalmente rompera com ela, ouvira Daisy insurgir-se contra ele, mas nunca, nem uma vez, tinha dito que era melhor assim.

Daisy, ela própria, estremecia agora quando pensava em Kevin, mas achava que a mãe fora: prudente em não se manifestar. Daisy podia bem ter ido à procura de um substituto idêntico, se tivesse sabido a que ponto a mãe o tinha desprezado. As raparigas, aos dezasseis anos, são assim.

Havia também rios sobre Harry, o homem casado. A mãe tinha desconfiado desde o princípio que ele era casado e confidenciava o seu receio de que Daisy ficasse destroçada. Mais uma vez, quando acabou, a única coisa que a mãe dissera sobre o assunto, de que Daisy se lembrasse, fora que nenhuma mulher devia ser feliz à custa de outra mulher.

Não havia uma verdadeira ordem na caixa, dava a impressão de que a mãe a examinara muitas vezes, lendo coisas e voltando a guardá-las. Havia, por exemplo, uma nota sobre um acontecimento, quando Daisy tinha cinco ou seis anos, e imediatamente a seguir, outra nota de quando tinha vinte anos. Havia muita informação sobre a sua primeira infância, problemas de alimentação, visitas à clínica para ser pesada e vacinada, e até um relato engraçado sobre as dificuldades de aprender a usar o pote. Mas, quando chegou ao fundo da caixa, Daisy encontrou dois envelopes fechados.

Daisy abriu primeiro o mais gordo, descobrindo que continha os seus documentos de adoção, a certidão de nascimento original, duas fotografias a preto e branco descoloridas e uma nota de Lorna. Recordou que a mãe tentara mostrar-lhe estes papéis quando tinha mais ou menos treze anos. Daisy recusara categoricamente olhar para o que diziam. Nos anos seguintes, tornou-se uma espécie de brincadeira: Lorna perguntava se ela estava preparada para os ver e

Daisy continuava a recusar. No fundo, tinha desejado vê-los, pelo menos quando atingiu os dezasseis anos, mas sempre receara que a mãe ficasse magoada com essa mudança de ideias.

Agora olhou para a certidão e nascimento e viu que o seu verdadeiro nome era Catherine Pengelly, o nome da mãe era Ellen Dorothy e o local do seu nascimento estava registado em Bristol. Contudo, o mais triste foi ver, no espaço destinado ao nome do pai, a palavra INCÓGNITO, numa letra fina e longa.

Daisy fixou a palavra durante algum tempo. Incógnito era um termo sinistro e arrepiante. Queria dizer que a mãe não sabia quem era o pai? Ou ter-se-ia recusado a indicá-lo por qualquer razão que só ela conhecia?

Daisy sabia que, hoje em dia, quando duas pessoas não eram casadas, a criança podia ser registada no nome do pai ou da mãe e, em qualquer dos casos, o pai era obrigado a estar presente no registo. Mas talvez fosse diferente nos anos sessenta.

Daisy sempre soubera que era filha ilegítima, mas isso não a incomodava. Muitas das raparigas

com quem crescera também o eram e, além disso, a mãe não a teria dado para adoção se tivesse uma relação estável. No entanto, «Pai incógnito» tinha uma conotação desoladora, quase evocava uma imagem «dickensiana» de hospício.

Concentrou-se nas fotografias e encontrou uma de duas raparigas novas. Eram muito parecidas, ambas com cabelo encaracolado como o cabelo encaracolado como o dela, e provavelmente com uma diferença de idade de dois anos, no máximo. No verso, estava escrito: «Ellen e Josie, 1955. Na quinta, em Mawnan Smith».

A outra fotografia era de si própria em bebé de muito tenra idade. Deu-lhe a impressão de ter sido tirada ainda no hospital pois não podia ter mais de dois dias. Careca, como a mãe tinha dito, as mãos a mexer como duas pequenas estrelas-do-mar.

Leu então a nota de Lorna. Era uma sucessão de factos, como se ela tivesse anotado tudo à pressa, na altura da adoção, com medo de vir a esquecer-se, com um post scriptum acrescentado numa data muito posterior.

Ellen Dorothy Pengelly, nascida em 1947. Abandonou a quinta dos pais na Cornualha durante a gravidez. Incapaz de contar aos pais a situação em que se encontrava. Recusou prestar informações sobre o pai da criança, a não ser que era branco, com cabelo louro, olhos azuis, constituição magra, atlético e inteligência acima da média.

A agência de adoção perfilhava a opinião de que era um homem casado.

Durante a gravidez, trabalhou como babysitter em Bristol. Tinham sido feitos preparativos para ela ingressar mais tarde num lar de acolhimento de jovens mães mas não chegou a ir. A adoção foi organizada particularmente, através de uma médica. Daisy ficou com uma mãe de acolhimento ao sair do hospital enquanto eram feitos exames clínicos. Ellen retomou o seu emprego em Bristol.

História familiar

Ellen Pengelly revelou grandes potencialidades na escola. Frequentou o décimo segundo ano, com a intenção de concluir o ensino secundário, tendo passado a oito disciplinas do décimo ano no Verão de 1963.

Pai, Albert Pengelly, agricultor. Clare, mãe de Ellen, morreu em 1948, quando Ellen tinha catorze meses de idade. Pouco depois, Albert casou em segundas núpcias. Outra filha, Josie May, nascida em 1949.

Há informação de que Ellen e Josie eram muito chegadas mas que Ellen tinha problemas com a madrastra.

Post scriptum, 1971

Hoje desconfio que Ellen foi pressionada para dar Daisy para adoção, talvez pela família em casa de quem trabalhava na altura, em conjunto com a médica que tratou do processo.

Penso assim por causa de uma carta de Ellen que me foi enviada pela médica de Bristol, juntamente com duas fotografias, uma de Daisy tirada no hospital e outra dela e de Josie na quinta.

Infelizmente, a carta original extraviou-se acidentalmente mas Ellen dizia nela que não conseguia esquecer a filha e pediu-me que te dissesse, quando tivesses idade suficiente para compreender, que não teve qualquer liberdade de ação na matéria. Acrescentava que tinha esperança de vir a conhecer-te um dia para te poder explicar tudo.

O tom da carta de Ellen era o de uma pessoa perseguida pelo passado, profundamente arrependida, mas grata por a filha ter sido adotada por uma família que a amava. Estava lindamente escrita, numa letra legível e perfeita, e a ortografia e a gramática revelam que era inteligente e ponderada. Embora seja desaconselhável trocar correspondência depois de uma adoção estar legalizada, fiquei tão profundamente comovida que lhe respondi, através da mesma médica, juntando uma fotografia tua recente e informações sobre o teu aproveitamento escolar e a tua felicidade com os gémeos. Disse-lhe que te tinha contado uma breve história sobre adoção e que, mais tarde, quando tivesses idade suficiente para compreender plenamente, te daria mais pormenores. Disse-lhe também que, ao ter-nos permitido adotar-te, nos tinha dado mais felicidade do que alguma vez poderia imaginar.

Achei extraordinário ver as semelhanças entre a fotografia tua que lhe mandei e a que ela me mandou dela própria. Tirando a roupa do princípio dos anos cinquenta, podia ser a mesma criança.

A médica chamava-se Dra. Julia Fordham, 7 Pembroke Road, Clifton, Bristol. Em 1964, teria cerca de quarenta e cinco anos. Encontramo-nos e falamos pelo telefone em várias ocasiões. Fiquei com a impressão de que era uma mulher muito autoritária mas com bom coração.

Por favor, Daisy, considera que não podes julgar nenhuma das decisões tomadas a teu respeito, no início dos anos sessenta, pelos critérios do nosso tempo. Até 1967/68, as mães solteiras eram praticamente proscritas. Havia muito pouca ajuda financeira para elas e era difícil encontrarem alojamento. As associações que as ajudavam eram quase todas administradas pela Igreja e, na maioria dos casos, a não ser que o pai se dispusesse a casar com a rapariga ou a família a ajudasse, as mães solteiras tinham poucas alternativas senão dar os filhos para adoção. O advento da pílula e o movimento hippie, com a sua ética do amor livre, mudaram tudo radicalmente poucos anos mais tarde. Os assistentes sociais moviam mundos e fundos para ajudar jovens mães solteiras e, naturalmente, os bebés dados para adoção eram poucos e só surgiam de tempos a tempos. Por isso, não julgues severamente a Ellen; tudo o que me disseram sobre ela e o que eu própria deparei da sua carta indicam que era uma rapariga muito decente e meiga que não passou de uma vítima das circunstâncias.

Daisy pegou na fotografia das duas raparigas e estudou-a mais atentamente. A mãe tinha razão, eram muito parecidas. Pensou que a família de Ellen devia ser bastante pobre porque os vestidos das raparigas tinham um ar muito gasto.

Depois, pegou no envelope mais fino e abriu-o. Caminha uma carta da mãe, com data de Abril do presente ano, e um cheque de seis mil libras.

Querida Daisy, leu. Sempre gostei de ter a última palavra, não gostei? Aqui sentada a escrever isto, preparando-me para o guardar na caixa com todas as recordações que juntei para ti ao longo dos

anos, espero sinceramente que os médicos possam estar enganados no seu diagnóstico e que daqui a alguns anos possamos remexer as duas na caixa e rir-nos do que contém.

Mas, se não puder partilhar esse momento contigo, espero que ela te conforte pois foi criada com muito amor e as minhas pequenas notas, ainda que embaraçosas para mim agora, provam o que eu sentia nesse tempo.

Não há criança que tenha sido mais amada do que tu. A pura felicidade que eu e o teu pai sentimos quando nos foste entregue ainda hoje, depois destes anos todos, me causa um nó na garganta. Essa felicidade foi quase certamente a razão por que, cinco anos mais tarde, consegui conceber os gémeos quando nos tinham dito que seria impossível.

Encheste as nossas vidas de felicidade, depois de muitos anos de decepção, e sempre tivemos um grande orgulho em ti. Não te afastes dos gémeos porque os laços de uma infância comum são tão fortes como os laços de sangue. Desejo-te tanta alegria e felicidade na tua vida como eu tive na minha e a única tristeza que experimento é não estar viva para conhecer os meus netos. O cheque que junto é uma parte do dinheiro que me foi deixado pelo meu pai. Também ele morreu sem conhecer os netos que esperava vir a ter e o facto de ter guardado algum para dividir contigo, com a Lucy e com o Tom foi uma forma de lhe prestar tributo. Por isso, minha querida, gasta-o com prudência. Uma despedida final não é momento para sermões e já tos dei em abundância no passado. Agora, tudo o que posso dizer é que te amo e que estarei a velar por ti.

Com todo o meu amor,

Mamã

Daisy leu a carta três vezes, soluçando descontroladamente. Era típico da mãe ter tido a visão de deixar qualquer coisa escrita que Daisy podia guardar, apesar de, na altura em que a escreveu e fechou o envelope, estar decerto cheia de medo do que lhe ia acontecer.

Fora uma mulher incrivelmente corajosa e honrada, plena de compaixão pelos outros e com um espírito indomável. Perante tanta coragem e bondade, Daisy sabia que tinha agora de pôr ordem na sua vida e justificar a fé que a mãe depositara nela. Mais tarde, voltou a pegar na fotografia das duas raparigas. Ellen devia ter cerca de oito anos e a irmã seis. Estavam debaixo de uma árvore, com os braços pelos ombros uma da outra, ambas a sorrir. A fotografia estava estalada da idade e, tocando-a, tinha-se a sensação de que Ellen a trouxera junto do peito durante muito tempo antes de a enviar à mãe. Porquê mandar uma fotografia tão antiga? Teria algum significado especial?

Daisy refletiu profundamente sobre isto durante algum tempo. A maioria das pessoas mandaria uma fotografia recente que as favorecesse, sobretudo se estivessem numa posição como a de Ellen, esperando causar boa impressão. Era portanto lógico que esta fotografia era muito importante para ela. Mas porquê?

CAPÍTULO 3

Cornualha, 1955

És doida, Ellen Pengelly, exatamente como a tua mãe - gritou Sally Trevoise sobre o tumulto de sessenta crianças barulhentas à solta no pequeno recreio da escola primária de Mawnan Smith. - Vai atirar-te de um rochedo como ela.

A discórdia entre as duas raparigas de oito anos tinha começado, alguns minutos antes, na sala de aula. Estavam lado a lado a pintar diante de cavaletes quando Sally arruinara a pintura de Ellen, pintando uma grande cruz preta sobre ela. Ellen retaliara, escondendo um pouco de tinta azul nas mãos quando a campainha tocou para o intervalo e, assim que se viu no exterior, tinha agarrado nas tranças de Sally, borrando-as de tinta.

Um súbito silencio caiu sobre o recreio, todas crianças apanhadas de surpresa, como Ellen, pelas palavras de Sally. Silenciosamente, agruparam-se em volta das duas raparigas, contando que estalasse uma briga a sério.

Mas Ellen limitou-se a ficar ali de olhos fixos em Sally, absolutamente confusa com o que acabara de ouvir. A mãe dela estava em casa, na quinta, como sempre.

Os pais de Sally eram proprietários da mercearia na aldeia e a sua aparência confirmava que eram ricos, pelos padrões da terra. Trazia uma saia pregueada e, ao contrário das muitas saias baratas que se viam no recreio, com pregas pouco fundas que se perdiam ao fim de algumas lavagens, a dela caía com estilo. O seu casaco de malha vermelho, feito à mão, condizia na perfeição com a saia e a blusa por baixo tinha uma gola debruada a renda. As meias até ao joelho eram imaculadamente brancas e os sapatos eram de verniz com tira. Possuía um ar de suprema confiança, cabelo louro e olhos azuis, e poucas pessoas reparavam nos seus lábios mesquinhos e estreitos e no nariz muito franzido.

Ellen, em contraste, era uma farroupilha. O seu cabelo ruivo encaracolado raramente via uma boa escovadela, a jardineira cinzenta exibia um remendo mal cosido junto da bainha e a camisola por baixo, que já fora amarela clara, estava agora coçada e era de um branco. Usava sapatos de lona e meias pelo joelho que lhe pendiam em dobras à volta dos tornozelos.

No entanto, Ellen era popular, tanto junto dos adultos como das outras crianças, pois tinha um carácter meigo e uma aura que emanava do seu interior. A professora, Mrs. Palstow, dizia que ela era uma aluna gratificante, sempre entusiástica e ávida de aprender. Poucas pessoas notavam a sua roupa mal-amanhada; afinal era filha de um lavrador e não havia muitos pais na região com posses para vestir os filhos como os Trevoise.

- Tu é que és doida, Sally - gritou uma das raparigas mais velhas. - Ainda hoje de manhã vi a mãe da Ellen ou achas que vi um fantasma?

Sally esvaziou o peito e cruzou provocantemente os braços. - Nenhuma de vocês sabe? - perguntou ela, varrendo a assistência com os olhos. - Essa não é a verdadeira mãe dela; só se juntou a

Mr. Pengelly depois de a mãe da Ellen se matar. E também matou o bebé dela.

As crianças sustiveram a respiração. Até os rapazes, que tinham continuado a brincar à apanhada e ao eixo, se aproximaram, percebendo que estavam a perder uma notícia bombástica. - Ouvi a minha mãe e o meu pai a falar disso - disse Sally, orgulhosa. - Disseram que ela era louca e, se não se tivesse atirado do penhasco, tinha sido levada para o manicómio.

Ao ouvir isto, Josie Pengelly, a irmã mais nova de Ellen, furou através do grupo. As raparigas eram a cara chapada uma da outra, com uma diferença entre elas de apenas dois anos e meio de idade e de cinco centímetros de altura.

- És uma mentirosa! - exclamou ela. - Vou contar ao meu pai o que disseste e ele há-de dar uma sova ao teu pai. Ora toma.

- Cala-te, Josie abelhuda - disse Sally. - Não sabes nada disto, ainda nem sequer eras nascida. A Ellen não é tua irmã verdadeira.

- É, sim senhor - guinchou Josie à rapariga mais velha, avançando para a agredir com os punhos. - És uma malvada horrorosa, mentirosa e peneirenta.

Nesse momento, Mrs. Palstow apareceu no recreio. Tinha-se apercebido da zaragata da janela da sala dos professores e, lembrando-se que Sally arruinara a pintura de Ellen, deduziu que ela estivesse a vingar-se. Quando viu as tranças pintadas de azul de Sally, decidiu que já fora feita justiça e, como tal, soprou o apito para as crianças voltarem para as aulas.

Todas avançaram em fila à exceção de Ellen, que ficou sozinha, com um ar aturdido. O resto das crianças entrou na escola mas Ellen não saiu do sítio.

- Ellen, vai lavar as mãos, por favor - disse Mrs. Palstow, presumindo que a criança julgasse ter-se metido num sarilho. - Não foi muito bonito teres posto tinta no cabelo da Sally, a mãe dela vai certamente ficar zangada. Mas eu vi o que ela fez à tua pintura e vou-lhe dizer isso mesmo.

Ellen não respondeu, correndo para o edifício da escola e desaparecendo nos balneários. Mrs. Palstow regressou à sala de aula, já concentrada na história que tencionava ler à turma.

- No balneário, Ellen pôs as mãos debaixo da torneira aberta mas nunca deixando de pensar no que Sally tinha dito. Desejava ardentemente ignorá-lo por completo, rir-se na cara de Sally, mas

tinha a sensação de que a outra rapariga ouvira a história da boca de alguém na mercearia dos pais. Poderia ser verdade?

As suas mãos ficaram entorpecidas com a água fria mas ela não as sentia pois estava a imaginar uma mulher, com um bebé ao colo, a lançar-se do cimo de uma escarpa. Não podia ser; as mães protegiam os filhos. Embora não se recordasse do tempo em que Josie nascera, lembrava-se de quando ela tinha começado a andar. A mãe estava sempre a berrar com ela para tomar conta da irmã mais nova e, por vezes, quando Josie caía na lama, Ellen apanhava com a culpa. Toda esta confusão fê-la chorar e, tirando a gabardina do cabide, saiu da escola a correr, atravessou o recreio para a rua, deixando a torneira aberta.

Tomou o atalho para casa através dos campos mas ainda era longe e já sentia uma pontada por causa da corrida muito antes de chegar aos degraus que a levaram de novo à estrada. O primeiro trimestre só ia na sua terceira semana mas já tinha começado a arrefecer e as chuvas recentes haviam enlameado o caminho. No seu subconsciente, sabia que ia ter problemas por ter deixado a escola, por não ter calçado as galochas e, sobretudo, por ter abandonado Josie, que teria de ir para casa sozinha. Mas tudo isso parecia muito menos importante do que falar com o pai para descobrir se aquilo que Sally tinha dito era verdade.

A quinta de Beacon, a propriedade dos Pengelly, estendia-se por cerca de quilómetro e meio, ao longo da estrada entre Mawnan Smith e Maunporth. Mas, embora pudesse parecer solo fértil a quem passasse, não era uma boa terra de lavoura porque era uma faixa estreita que descia até aos rochedos e ao mar, sem campos planos para culturas e com secções de floresta densa e pantanais. Só um agricultor muito empenhado teria tentado cultivá-la.

Mas os Pengelly eram pessoas empenhadas ou, pelo menos, obstinadas, para virarem as costas à tarefa. Fora transmitida ao longo de três gerações e cada uma delas acreditara que era melhor ganhar a vida na sua própria terra do que andar a pedinchar um emprego a outros.

Albert, o pai de Ellen, tinha herdado a terra quando o pai morrera no princípio da Segunda Guerra Mundial e continuava a cultivá-la segundo os mesmos métodos. Criava vacas, galinhas e algumas ovelhas e cultivava hortaliças. Mesmo que tivesse dinheiro para comprar nova maquinaria moderna, seria duvidoso que o fizesse. Para ele, o seu velho trator e a força física eram suficientes. Em tempo de crise, emigrava para Falmouth, onde integrava a tripulação de um barco de pesca durante algumas semanas. Fora assim que o pai e o avô tinham subsistido e Albert não conhecia outra forma de o fazer.

A casa refletia a existência espartana dos seus proprietários. Situada numa depressão e escondida da estrada por floresta, estava num estado decrépito. O telhado estava a ceder, as janelas encaixavam mal e tinham sido arbitrariamente acrescentados anexos de madeira e divisões adicionais à casa de pedra original de duas assoalhadas. O interior não era muito melhor; não havia equipamentos modernos e a mobília era uma coleção díspar de peças herdadas.

Mas, por mais dilapidada que a casa de lavoura estivesse, a sua localização era idílica. A fachada da casa estava virada para o mar, de cada lado estendiam-se colinas arborizadas e, à frente, o terreno declivava gradualmente até uma pequena enseada rochosa. A vista era magnífica em qualquer estação do ano. Mesmo no pino do Inverno, quando o mar era escuro e ameaçador e as árvores estavam desfolhadas, possuía majestade pois as ondas rebentavam nas rochas na enseada e a geada demorava-se cintilante nos ramos nus. Urze púrpura e branca brotava das fissuras, bagas de roseira brava e outras bagas brilhavam nos arbustos. Na Primavera, o riacho à direita da casa, túmido da neve mais para o interior, jorrava copiosamente pelo seu trajeto rochoso até ao mar; íris silvestres, campainhas, prímulas e violetas cresciam em profusão nas suas margens. Havia igualmente rododendros, vastas massas de púrpura e rosa, e com os -cordeirinhos a saltitar de roda das mãos transformava-se num paraíso terreno. No Verão, as árvores formavam um toldo espesso de folhagem e aprazível sombra, os campos cintilavam com ranúnculos e a enseada era um éden para as crianças.

Agora, no final de Setembro, havia sinais da chegada do Outono. Teias de aranha salpicadas de orvalho adornavam todos os arbustos, barbas-de-velho engalanavam as sebes e os sabugueiros vergavam sob o peso das suas bagas roxas.

Normalmente, quando descia o trilho estreito através da mata em direção à casa, Ellen demorava-se, à coca de esquilos, esmagando bagas de sabugueiro entre os dedos para os manchar de púrpura e inspecionando o castanheiro para avaliar o progresso dos ouriços, mas hoje não registou absolutamente nada da paisagem envolvente. Ia revolvendo no espírito o que Sally lhe dissera, bloqueando tudo o mais. Quando finalmente alcançou a clareira sobranceira à casa e viu o pai a cortar couves em baixo, correu para ele a toda a velocidade, o rosto lavado em lágrimas.

- Que é que foi, minha linda? - perguntou ele, alarmado, pegando nela ao colo para a confortar.

Albert tinha figura de cigano, e não apenas por causa da camisa de quadrados rasgada, do lenço atado com um nó ao pescoço e das calças de fustão. Possuía uma pele curtida, de um tom castanho intenso, e o seu cabelo comprido e encaracolado voava atrás dele como uma bandeira quando caminhava nos campos. A sua cabeleira já fora brilhante como a da filha, pois o cabelo ruivo e encaracolado era a marca dos Pengelly, mas agora, com trinta e sete anos, estava semeado de brancas e começava a rarear. Não se sabia ao certo por que razão nunca o cortava mas havia homens de idade na aldeia que alegavam que era um insulto ao pai que o maltratara em criança e lhe rapava a cabeça para o humilhar.

No entanto, ninguém ousava zombar do cabelo comprido de Albert nem da sua tenacidade em lavrar solo tão ingrato. Descreviam-no mesmo como um homem alto embora, na verdade, não tivesse mais de um metro e setenta e fosse bastante esguio. Mas talvez fosse porque os seus ombros eram poderosos, os punhos como malhos e tivesse a reputação de ser um homem perigoso de arrelhar.

Ellen, claro, não o via deste modo pois ele era afetuoso com ela e meigo com os animais. Mas, por outro lado, o seu conhecimento sobre outros homens era extremamente limitado já que os

únicos que conhecia eram outros lavradores, tão fortes e reservados como o pai.

- A Sally Trevoise disse que a minha mãe era louca e se atirou de um penhasco - balbuciou ela.
- Disse que também tinha matado o bebé dela e que a Josie não é minha irmã.

Sentiu um alívio enorme assim que desabafou e enterrou a cabeça no ombro do pai, esperando que ele se risse e lhe dissesse que era uma parvoíce. Mas ele não disse nada, abraçando-a simplesmente.

- Não é verdade, pois não? - perguntou ela, não se atrevendo a levantar a cara e a encará-lo.

Albert Pengelly ficou consternado. Um homem sossegado por natureza, com pouca instrução e ganhando a vida com dificuldade a cultivar a terra, considerava que não tinha muito para oferecer a ninguém. Ao longo dos anos, a vida árdua e a amargura que dela resultava haviam-no levado a refugiar-se cada vez mais dentro de si. Sempre soubera que chegaria um dia em que teria de falar a Ellen da sua verdadeira mãe mas não esperava que fosse tão cedo. Fez um voto silencioso de vingança contra Meg Trevoise por ser uma língua de trapos. Como podia explicar uma coisa tão complexa, como a morte da mulher, a uma criança de oito anos?

- Não é verdade, pois não, papá? - Ellen repetiu a pergunta, desta vez olhando-o frontalmente, o seu corpo franzino tenso de ansiedade. - É a minha mãe que está lá dentro, não é? - acrescentou,

apontando para casa.

Albert refletiu por um momento. Podia mentir-lhe e talvez ela acreditasse nele durante mais algum tempo mas tinha a convicção profunda de que não seria mais do que um adiamento. Era melhor que ela ouvisse desde já a verdade, por pior que fosse, da sua boca, pois, pelo menos, ele não tinha intenções maldosas.

- A Violet é a tua madrastra - disse ele, e depois, pousando a criança no chão, pegou-lhe na mão e levou-a pelo caminho até à enseada, para bem longe de casa. - Casei com ela depois de a tua mãe morrer.

- Então a minha mãe verdadeira matou-se? - perguntou Ellen num fio de voz. - Porquê? Não gostava de mim?

Albert nunca fora capaz de concordar com a opinião do juiz de instrução de que Clare se matara, assim como o bebé, por estar mentalmente desequilibrada.

- Acho que caiu simplesmente do penhasco - disse ele.

- Porque é que levou o bebé para lá? - perguntou Ellen, levantando para ele os olhos castanhos muito abertos, extraordinariamente parecidos com os seus. - Foi num carrinho? Eu também ia?

Albert suspirou. Percebeu que Ellen não ia ficar satisfeita sem uma explicação mais completa. Mas não tinha o dom de palavra e temia deixar escapar coisas que uma criança nunca deveria saber.

- Não, tu estavas comigo. A tua mãe foi dar um passeio com o bebé ao colo. Quando não voltou, fui à procura dela. Mas ouve bem, Ellen - disse ele asperamente -, tens de acreditar no que eu te digo e não nas patetices dessa gente que não sabe nada.

- Mas tu não me disseste que a Violet não é a minha mãe verdadeira - disse ela, recomeçando a chorar. - Então também é verdade que a Josie não é minha irmã?

- A Josie é tua meia-irmã - disse ele secamente, pois era um homem que se sentia embaraçado com cenas emocionais. - Ela nasceu depois de eu me casar com a Violet. Não te podia ter contado antes. Eras muito pequenina.

Ellen sentiu que ele não ia dizer mais nada. Não a satisfazia; tinha um milhão de perguntas a ferver-lhe na cabeça. Mas sabia que, se continuasse a interrogá-lo, só conseguiria irritá-lo.

- Onde é que está a Josie? - perguntou ele, confirmando que considerava o assunto encerrado.

- Ainda está na escola - admitiu ela, levantando os olhos para ele, temerosa. Competia-lhe levar e trazer Josie da escola em segurança e a mãe ia zangar-se com ela.

Tinham chegado agora à pequena enseada e a maré estava cheia, as ondas rebentando contra os rochedos e cobrindo o pequeno areal em que ela e Josie brincavam na maré vaza. Sempre tinham considerado que esta era a sua praia privada e não gostavam que mais ninguém a frequentasse mas havia, no entanto, um caminho ao longo dos penhascos, quase desde Falmouth a Mawnan Smith, que continuava até ao estuário de Helford. No Verão, era por vezes usado por veraneantes que tinham

mesmo o desprazo de subir à casa para pedir um copo de água.

Algumas das outras quintas da região recebiam estas pessoas como hóspedes que pagavam. Os Trevoise tinham uma caravana, no campo atrás da loja, que alugavam e tinham sugerido muitas

vezes a Mr. Pengelly que deixasse as pessoas montar tendas na sua propriedade junto à enseada, mas ele recusava. Odiava os veraneantes: não fechavam as cancelas e deixavam sair os animais, deixavam o lixo dos piqueniques espalhado por todo o lado e por vezes até acendiam fogueiras. Dizia que a Cornualha pertencia aos cómicos e que, se mandasse, não os deixaria sequer entrar no condado para o visitar, quanto mais para passar férias.

- Acho melhor ires buscar a Josie - disse Albert, pousando a mão no ombro de Ellen. - Eu vou para casa resolver as coisas com a tua mãe.

Ellen relanceou para os penhascos alcantilados, de cada lado da enseada, e interrogou-se em qual deles a sua verdadeira mãe teria encontrado a morte, como ela se chamaria, mas não se atrevia a perguntar. O pai tinha os lábios contraídos naquela expressão que sempre fazia quando alguma coisa corria mal. Se alguém o importunasse quando estava assim podia arranjar sarilhos.

Josie estava precisamente a subir os degraus, do outro lado da estrada, quando Ellen surgiu à vista.

- Porque é que fugiste da escola? - perguntou ela, indignada. - Mrs. Palstow ficou consumida.

- Mete-te na tua vida - retorquiu Ellen. Sabia que, se contasse a Josie a razão, no dia seguinte ela diria a toda a gente na escola.

- A mamã vai zangar-se contigo – ripostou Josie.

Foi só nesse momento, ao percorrerem o resto do caminho para casa juntas, que subitamente ocorreu uma ideia a Ellen. A mãe parecia sempre zangar-se com ela, esperava constantemente que ela olhasse por Josie, que se ocupasse das lides domésticas e fizesse recados. Nunca até então atravessara o espírito de Ellen que pudesse haver um motivo especial para tal mas, à luz da sua descoberta de hoje, devia ser porque não gostava dela tanto como de Josie.

A Sally estava a dizer disparates, não estava? - perguntou Josie de repente, interrompendo as reflexões de Ellen. - Sou tua irmã, não sou?

Mais uma vez, Ellen ficou confusa. Não podia repetir o que o pai lhe contara, ele não ia achar bem. - Pergunta à mamã, se queres ficar a saber - disse ela rispidamente. - Ela sabe tudo e eu não.

Violet Pengelly observou as duas raparigas no caminho, através da mata, da pequena janela da cozinha nas traseiras da casa. Mas, em lugar de sentir ansiedade a respeito de Ellen, estava furiosa com ela.

A raiva fervia em Violet constantemente resultado de ser ignorada e usada com excessiva frequência, mas raramente tinha oportunidade para descarregar esta fúria. Agora surgia-lhe uma; estava convencida de que a enteada tinha deliberadamente desenterrado os acontecimentos passados sete anos antes e, com isso, desonraria o seu carácter e o da filha.

Violet não era por natureza uma mulher racional. Era uma pessoa rude e pouco imaginativa que nunca refletia logicamente sobre nada. Não lhe ocorreu que seria traumatizante para uma criança de oito anos ouvir dizer num recreio que a mulher que tratava por mamã não era a sua verdadeira mãe e que a sua mãe biológica se matara, juntamente com um filho bebé. Violet considerava que a única reação de Ellen ao saber que tinha uma madrasta devia ser gratidão.

Não era frequente ter a ousadia de expressar a Albert aquilo que pensava mas a raiva, há muito reprimida, transbordara quando ele lhe contou o que tinha acontecido na escola nesse dia. Foi em choque e indignada que recebeu a bofetada que ele lhe deu na cara, acusando-a de desumana. Era desumano esperar que uma criança se sentisse grata para com a mulher que acudira a dar-lhe de comer e a cuidar dela quando não tinha mais ninguém? E o que é que ela,

Violet, lucrara com isso? Era tratada como uma criada, constantemente desfeiteada e, pior que o resto, via diariamente que Albert gostava muito mais de Ellen do que de Josie.

Josie era a única luz na vida de Violet. Através da bonita filha mantinha uma leve réstia de esperança de que, um dia, pudesse escapar a uma existência a cavar batatas, a dar de comer a galinhas e a ordenhar vacas. Se não fosse esta esperança, Violet talvez se tivesse sentido tentada a seguir o exemplo de Clare Pengelly e a atirar-se também de uma escarpa, e com mais razões ainda. Clare tinha tido tudo o que fora negado a Violet. Era bela, oriunda de uma família rica, possuía instrução e, como se não bastasse, era amada e adorada por Albert. Violet odiava a mulher, apesar de nunca a ter conhecido, porque, se lhe tivesse sido dado um décimo do que Clare tinha, nunca viveria numa casa decrépita, a trabalhar como uma moura para um homem tão insensível como Albert.

Violet tinha nascido em Helston, sendo a mais velha de seis irmãos. O pai fora mineiro de estanho mas a mina fechou pouco depois de Violet nascer e, desde então, ele nunca mais encontrou trabalho regular. A vida na Cornualha era deprimente para o operariado, nos anos vinte e trinta, mas para os mineiros de estanho era especialmente dura, com muitas famílias forçadas a recorrer aos albergues. O pai de Violet conseguiu poupar a família a essa desgraça mas a mãe era uma mulher fraca e mal-humorada que passava a vida a lamentar-se e, sempre que nascia um novo bebé, encontrava mais razões para protestar. Violet era uma criança desengraçada, com cabelo pardo e escorrido e dentes tortos, ligeiramente vesga de um olho, e foi ela quem arcou com o grosso da infelicidade da mãe, não pôde inclusivamente frequentar a escola pois tinha de ficar em casa para dar apoio aos irmãos mais novos. O facto valeu-lhe o epíteto de «atrasada» porque não sabia ler nem escrever.

Aos catorze anos, foi despachada para Plymouth para trabalhar como ajudante de cozinha interna num hotel. O trabalho era duro mas, pela primeira vez na vida, alimentava-se bem, não tinha de partilhar uma cama com ninguém nem de ouvir as queixas da mãe. Plymouth, com o seu estaleiro naval, grandes lojas e cinemas, era muito mais empolgante do que Helston e, assim, apesar de sentir que fora banida da família, considerava no geral que tinha saído a ganhar.

No entanto, durante três anos, só pôde ver as atrações da cidade à distância, como uma criança que cobiça a montra de uma loja de brinquedos, pois não tinha amigos com quem a explorar. As outras raparigas com quem trabalhava eram todas mais velhas, mais espertas e mais bonitas e com uma personalidade mais forte que a sua, e a sua própria timidez impedia-a de fazer amizade com qualquer uma delas.

Mas tudo mudou quando fez dezassete anos e a guerra deflagrou. As raparigas mais velhas e sofisticadas trocaram o hotel por atividades de guerra mais promissoras e foram substituídas por raparigas do campo mais parecidas com Violet. Encorajada por se ver subitamente um ou dois furos acima delas em termos de experiência, conseguiu vencer a timidez e não tardou a frequentar bailes com elas nas suas noites de folga.

Violet sentia-se como se tivesse saído de um casulo, dando por si a pôr um vestido bonito, a maquilhar-se e a rodopiar nos braços de um homem sob luzes cintilantes. Se bem que não se tivesse metamorfoseado em nada que se parecesse com uma beldade, dava ideia de que possuía algo de especial, pois era muito requisitada pelos marinheiros. Nunca lhe ocorreu que esta popularidade se devia puramente à escassez de raparigas disponíveis nem que os homens podiam dizer-lhe que a amavam unicamente para a levar para a cama. Acreditava quando prometiam escrever-lhe e voltar para ela e, quando as cartas não chegavam, consolava-se com um novo homem, sempre convencida de que desta vez acabaria em casamento.

Quando a guerra chegou ao fim em 1945, já ela tinha vinte e três anos e sentia-se desiludida. Dezenas de raparigas com quem trabalhara ao longo dos anos haviam partido para se casar ou estavam noivas. As poucas que continuavam livres tinham conseguido empregos melhores, mas Violet continuava a trabalhar na cozinha e agora, além de feia, estava a engordar. Todavia, o verdadeiro horror era compreender finalmente que passara a guerra a ser usada pelos homens. Tinha uma reputação de mulher fácil e eles riam-se dela nas suas costas.

O tempo de guerra fora penoso, com os bombardeamentos, o racionamento alimentar e a falta de tudo, embora o hotel sempre tivesse fervilhado de atividade com as mulheres dos soldados e com os oficiais e homens de negócios que aí se hospedavam. Mas, no Ano Novo de 1946, já começava a tornar-se alarmante mente calmo: era evidente que eram poucas as pessoas com vontade de ficar num hotel no centro da cidade, especialmente um hotel que perdera a frescura.

Violet foi uma das primeiras a ser despedida apesar de ser uma das raparigas mais antigas e leais. Magoada e incapaz de voltar para casa, em Helston, aceitou uma série de empregos mal pagos em cafés e restaurantes. Ao fim de seis meses de total infelicidade, trabalhando como uma escrava de dia e voltando para um quarto solitário à noite, decidiu que Plymouth não tinha nada para lhe oferecer e apanhou o comboio para Falmouth para tentar aí a sua sorte.

Sentia-se melhor estando de novo na Cornualha. Não havia os grupos de raparigas solteiras, atraentes e vivazes iguais aos de Plymouth para lhe recordar as suas deficiências, e também deixara para trás a sua reputação de mulher fácil. Depois da loucura da guerra, as famílias queriam fazer férias em lugares bonitos e pitorescos e, assim, os hotéis e os pubs prosperavam. Violet arranjou emprego num pub portuário que alugava quartos no primeiro andar. Tinha a seu cargo o trabalho pesado, desde a limpeza à lavagem da roupa, passando pela cozinha e pelo serviço de bar, e, ainda que não lhe enchesse as medidas, sentia-se resignada.

Em 1948, estando em Falmouth há mais de dois anos, recebeu a chocante notícia do suicídio de Clare Pengelly. Violet interessara-se por Albert Pengelly desde a primeira vez em que o conhecera no pub. Ele sobressaía, com o seu cabelo ruivo e encaracolado e o seu corpo magro e musculoso e, como muitas outras mulheres, achava-o muito atraente e sexy. Embora não tivessem ido mais longe do que algumas trocas de palavras, sentia-se curiosa a respeito dele e ansiosa por conhecer a história do escândalo que abalara Falmouth em 1944.

O pai de Clare era um advogado proeminente de Londres, chamado Rupert Soames. Tinha cinco filhos, sendo Clare a única rapariga. Embora a sua residência principal fosse em Londres, possuíam uma segunda casa de férias, um palacete, em Swanpool, nos arredores de Falmouth. No início da guerra, fecharam a casa de Londres e Mrs. Soames, com os filhos e a preceptora, mudaram-se para a Cornualha, onde a vida era mais segura.

As gentes da terra diziam que a mãe e a preceptora não conseguiam controlar os três filhos mais velhos, entre eles Clare, então com catorze anos. As crianças andavam pelo campo e pelo porto de Falmouth, fazendo diabruras, até que finalmente o pai lhes pôs travão e mandou os dois rapazes para um colégio interno. Mas Clare nunca se deixou disciplinar e, depois de ser uma maria-rapaz, tornou-se numa jovem igualmente estouvada, a quem faziam todas as vontades e que alimentava ideias tolas e românticas a respeito da Cornualha e, em particular, dos pescadores e dos agricultores. Violet tinha ouvido dizer que ela escrevia poesia e pintava aquarelas e que era frequentemente vista sentada num banco no porto a pintar cenas pitorescas.

Foi o jardineiro dos Soames que propalou a notícia de que Clare tinha anunciado aos pais a sua relação romântica com Albert. Seguiu-se uma violenta discussão. Mr. Soames disse que renegaria Clare se ela insistisse em tal loucura, a Mrs. Soames entrou em histeria. Mas Clare não cedeu e disse-lhes que se não concordavam com o casamento, ia na mesma viver com Albert, numa união pecaminosa.

Foi uma excitação geral em Falmouth. Albert era dez anos mais velho que Clare, a sua casa de lavoura estava num estado de absoluta decadência e parecia inacreditável que uma rapariga de boas famílias, destinada a um casamento com alguém da alta sociedade, pudesse apaixonar-se por um trabalhador abrutalhado.

Quando o casamento se realizou na igreja de Mawnan Smith, presumiu-se que Clare estaria grávida; a família, pelo menos, mostrou a sua condenação com a sua ausência. Mas, se estava grávida, devia ter perdido a criança mais tarde porque Ellen só nasceu no princípio de 1947, cerca de dois anos e meio após o muito badalado casamento. Violet lembrava-se perfeitamente do nascimento dela pois foi a primeira vez em que Albert lhe dirigiu a palavra. Discorreu entusiasticamente sobre a filha pequena e disse que era o homem mais feliz da Cornualha.

Foi apenas um ano depois que o segundo filho, um rapaz, nasceu mas, dessa vez, Albert não foi ao bar celebrar. Correram contudo rumores; outros lavradores vizinhos diziam que Clare tinha um comportamento estranho, que achavam que ela estava arrependida de ter renunciado à família e aos luxos a que estava acostumada em favor de Albert. Chegou então a notícia arrepiante de que ela saltara de um penhasco com o filho ao colo, abandonando Ellen, que só tinha catorze meses de idade.

Violet apanhou a camioneta para Mawnan Smith para falar com Albert. Disse a outras pessoas que receava que ele não conseguisse aguentar, com uma criança e uma quinta que exigiam os seus cuidados, mas a verdade é que não se tratou de um impulso ditado pela compaixão. Albert intrigava-a, era proprietário de uma quinta, o que para ela significava dinheiro, e sabia que não era provável que ele a mandasse embora, estando tomado de dor.

E, realmente, ele estava tomado de dor, confuso, assustado e com terríveis dificuldades para enfrentar a sua perda, a quinta e a pequena Ellen. Violet ofereceu-se, assim, para ficar a ajudá-lo e, uma semana depois, estava a partilhar a cama dele.

Olhando para trás, Violet perguntava-se muitas vezes como não tinha visto logo no que tudo ia dar. Albert sempre a ignorara, a casa era ainda mais básica do que aquela em que passara a infância, não havia dinheiro e a agricultura não era a vida fácil que imaginara.

Mas afeiçoou-se a Ellen, que era uma bebé alegre e não dava trabalho nenhum. Depois, quando descobriu que também ela estava de esperanças, a sua primeira sensação foi de puro espanto porque, depois de todos os homens com quem tinha andado em Plymouth, sem que o período lhe tivesse faltado uma vez, tinha começado a acreditar que era estéril.

Albert aceitou casar com ela mas tornou perfeitamente claro que considerava tratar-se apenas de um casamento de conveniência e ela sabia que, na comparação que ele fazia dela com Clare, saía sempre a perder. Violet só podia esperar que esta situação se alterasse quando o filho de ambos nascesse e que o amor dele por ela se fortalecesse com esse laço.

Mas o fantasma de Clare não desaparecia. Violet sentia constantemente a sua presença. Albert tirou as pinturas dela da parede da saleta e queimou-as, rasgou os seus poemas e deu a sua roupa, mas ela continuava presente, pelo menos no coração dele. Foi mesmo como se ela também tivesse entrado no quarto, no momento em que Josie nasceu, e impedido que a bebé de Violet herdasse qualquer dos traços da mãe pois, ainda com poucos dias de idade, já era claro que ia parecer-se exatamente com Ellen.

Violet não se importava que a filha fosse tão visivelmente uma Pengelly, com a imagem de marca de um cabelo ruivo encaracolado. Simplificava a vida; os recém-chegados à região não tinham razões para crer que ela não fosse a primeira e única Mrs. Pengelly. Gradualmente os rumores sobre eles esmoreceram e extinguiram-se. Talvez se devesse apenas ao facto de as pessoas saberem que Albert não era homem que conviesse irritar, mas Violet gostava de pensar ~e era porque lhe tinham consideração. No entanto, à medida que as duas raparigas cresciam e os seus caracteres começavam a formar-se, Violet sentia com frequência uma aguda ponta de

ciúme em relação a Ellen porque ela era inteligente. Josie podia não ter herdado o cabelo escorrido da mãe nem o olho vesgo mas parecia muito mais lenta do que a meia-irmã. Era também com Ellen e não com Josie que as pessoas engraçavam.

Violet era capaz de se conformar com uma posição secundária em relação a uma mulher morta mas não tencionava permitir que Ellen fizesse sombra à filha.

Quando as duas raparigas entraram em casa, Violet atirou-se a Ellen e esbofeteou-a violentamente na cara. - Como te atreves a deixar a Josie para vires para casa sozinha? - gritou-lhe. - Podia ter-lhe acontecido alguma coisa.

Ellen rompeu em lágrimas. O pai não estava presente mas ela sabia que ele devia ter contado à mãe o que se passara nesse dia, caso contrário ela não saberia que Josie tinha sido obrigada a percorrer sozinha quase todo o caminho. Porque é que não mostrava então bondade?

- Foi mais forte que eu - disse Ellen entre soluços. - Tive de sair da escola para vir perguntar ao papá se era verdade. Não me lembrei da Josie.

- Não me importei de vir para casa sozinha - interveio Josie. Não estava a compreender nada do

que se estava a passar e não gostou de ver a irmã ser esbofeteada. - Não te zangues com ela, mamã!

Mas, em lugar de acalmar a mãe, as palavras de Josie pareceram enfurecê-la ainda mais. - Já lá para cima - gritou ela a Josie, batendo-lhe com uma toalha como se ela fosse uma galinha que tinha, entrado na cozinha.

Enquanto Josie corria para o andar de cima, Violet atirou-se novamente a Ellen. - Agora, ouve bem, minha menina - disse ela, o seu rosto pálido e gordo deformado com o rancor -, olhei por ti

quando não tinhas ninguém. Passei por muito sofrimento por ti e pela maldita da tua mãe. Mas mais uma palavra sobre esta história seja a quem for, e especialmente ao teu pai, e esfolo-te viva. Entendeste?

Ellen entendeu. Com essas poucas palavras, compreendeu sem sombra de dúvida que esta mulher, que acreditara ser sua mãe, não nutria o mais pequeno afeto por ela.

CAPÍTULO 4

1963

Que é que vais fazer, Ellen? - perguntou Josie.

Era uma tarde de domingo de Junho e estava bastante quente. As duas raparigas estavam sentadas numa rocha na praia, na pequena enseada, e o assunto em discussão era a futura educação de Ellen.

- Não sei - disse Ellen, dobrando os dedos dos pés numa poça de água à sua frente. - Por um lado, apetece-me voltar para a escola em Setembro, se tiver boas notas nos exames do décimo ano, e fazer alguns exames do décimo segundo, mas por outro lado quero ganhar dinheiro.

- Não queres então trabalhar na quinta? - perguntou Josie.

Ellen pensou se a mãe teria instruído Josie a fazer-lhe esta pergunta.

Com dezasseis e catorze anos, as raparigas continuavam a exibir uma parecença extraordinária. Um dos vizinhos tinha-as descrito como «duas beldades de uma caixa de bombons». O cabelo emaranhado era uma coisa do passado; ambas dispensavam grandes atenções aos seus caracóis ruivos e protegiam-se com creme, receosas de virem a ter a pele curtida do pai. Com os seus idênticos olhos ardentes castanho-escuros, as bocas grandes e perfeitas, os dentes regulares e as figuras esguias mas bem torneadas, eram muitas vezes confundidas quando não estavam juntas. Mas, na companhia uma da outra, as diferenças eram imediatamente óbvias. Josie era uma brincalhona e falava pelos cotovelos e não tinha capacidade de concentração. Uma rapariga temperamental, oscilava entre o mau humor e uma excitabilidade descontrolada, rápida a levar a mal qualquer crítica e sempre convencida de que sabia mais sobre tudo.

Ellen era muito mais inteligente, uma rapariga estudiosa e ponderada, que preferia ouvir a falar. As pessoas gostavam dela porque demonstrava um genuíno interesse por elas, assim como pelo seu carácter calmo mas orgulhoso. Era uma rapariga que conquistava confiança e admiração e as pessoas da terra comentavam muitas vezes que se tornara uma bela adolescente.

A reserva de Ellen desenvolvera-se depois de ter sabido a verdade sobre a sua mãe biológica. Não foi tanto o choque da descoberta que a perturbou mas a reação da madrasta à sua angústia.

Apesar de muito jovem, Ellen reconhecera que a mulher não nutria verdadeiro afeto por ela e assim evitava problemas, sendo calada e obediente.

Quando Ellen atingiu a adolescência, já compreendera que o problema da madrasta com ela se baseava no ciúme. Queria que Josie fosse mais brilhante, que fosse o alvo do amor e da admiração de todos. Ellen fazia-lhe essa vontade, impelindo sempre a irmã para primeiro plano, não fazendo nem dizendo nada para antagonizar a mãe, não se lhe atravessando no caminho, se pudesse, e calando as suas opiniões.

Teria sido muito mais penoso se não tivesse um aliado no pai: ele parecia pressentir quando ela queria falar e pedia-lhe que o ajudasse em alguma tarefa. Embora pouco falador, gostava de ouvir as opiniões dela e saber como estava a dar-se na escola. Quando ela obteve um lugar na grammar school de Falmouth, tinha sorrido de orelha a orelha e dito que era «magnífico», o que chegou para matar o sarcasmo da madrastra. Os momentos mais felizes para Ellen era quando o ajudava na quinta e, se não tivesse sido a madrastra, teria de bom grado passado o resto da vida a trabalhar ao lado dele.

Mas, claro, não podia admitir isto a Josie, com medo que ela fosse contar a Violet.

- Trabalhar na quinta! - exclamou ela, levantando as sobrancelhas, como se a ideia fosse demasiado bizarra para contemplar. - Nem pensar!

Doía negar a sua verdadeira paixão. No seu âmago, era uma autêntica rapariga do campo, cuja maior alegria era estar ao ar livre, sentir o vento, a chuva ou o sol na cara e ver as coisas crescer. Adorava os animais, cultivar hortalças e até conduzir o trator e ordenhar as vacas. Herdara não só os traços físicos dos Pengelly mas também o seu amor à terra. Ellen possuía a educação que lhes faltara a todos e sabia que podia aprender a tornar a quinta mais produtiva.

Pensou em matricular-se num instituto de agronomia e regressar para trabalhar com o pai mas sabia que era uma quimera. A hostilidade de Violet para com ela aumentara ainda mais quando Josie não foi admitida na grammar school. Consideraria a decisão de Ellen de trabalhar com o pai como uma conspiração para excluir Josie da sua parte da herança quando Albert morresse. Nos seus piores momentos, Violet fazia muitas vezes observações cáusticas nesse sentido.

Não fazia qualquer sentido a Ellen. Josie não tinha o mais leve interesse na agricultura, os seus sonhos resumiam-se a fugir para Londres e tornar-se modelo. Detestava a vida ao ar livre, a não ser que estivesse calor como naquele dia para poder bronzear-se. Além disso, Ellen era tão chegada à irmã que, mesmo que o pai lhe deixasse um dia a quinta, nunca deixaria de dar a Josie a parte dela.

O amor e profunda amizade que as duas raparigas nutriam uma pela outra eram o tampão que as protegia do ódio muitas vezes azedo que minava a relação dos pais. Josie sentia que o pai não a amava, Ellen quase não era tolerada pela madrastra. Mas, quando estavam as duas sozinhas, tudo isso desaparecia. Eram iguais, compraziavam-se na companhia uma da outra e esforçavam-se por ignorar as deficiências dos pais.

- Não sei como és sequer capaz de pensar em passar mais dois anos na escola - disse Josie, descendo para a poça nos rochedos e chapinhando Ellen com água. - Assim que fizer quinze anos, vou abandonar os estudos.

Ellen chapinhou também a irmã. - E o que é que vais fazer para ganhar a vida, trabalhar no Woolworths? - Disse isto num tom ligeiro, sem intenção de magoar a irmã mesmo aludindo à sua falta de habilitações académicas. Josie era, afinal, capitã de netball e campeã de natação na escola. - Porque é que não pedes para seguir um curso de secretariado? Ias gostar e, com algumas - qualificações, podias arranjar um bom emprego num escritório.

Josie fez um esgar. - Estou farta das aulas, quero divertir-me e ganhar dinheiro. Ainda bem que vivemos tão longe das minhas amigas. Morria se elas vissem como ando vestida em casa.

Neste capítulo, estavam as duas de pleno acordo. Não tinham roupa bonita. De segunda a sexta, iam para as suas respetivas escolas de uniforme e não se diferenciavam muito das outras. Mas, aos fins-de-semana e nas férias, sentiam-se demasiado embaraçadas para visitar amigas ou passar o dia em Falmouth. Pareciam um par de refugiadas, com os vestidos caseiros e os sapatos robustos e práticos.

A quinta estava a prosperar mais agora do que quando eram pequenas pois o pai recebia bastante mais dinheiro pelas hortalças e pelos animais quando os vendia no mercado. Mas o dinheiro extra era gasto em benefícios à casa e à quinta. Tinham instalado eletricidade cinco anos antes. Fora preciso colocar um telhado novo no celeiro e, quando o velho trator deu finalmente o berro, teve de ser substituído. As raparigas ficaram deliciadas quando, apenas um ano antes, uma casa de banho a sério, com sanita, foi instalada, mas isso anulou quaisquer esperanças de roupa nova e outros luxos. Ellen aceitava esta realidade melhor do que Josie pois era raro querer ir a sítios públicos. Mas para Josie era um problema enorme: pensava que era porque o pai era sovina.

- És tão bonita que ninguém repara na tua roupa - disse Ellen, tentando confortá-la. - Com esses calções ficas muito mais espetacular do que a Sally Trevoise com a melhor roupa dela.

Sally continuava a ser um espinho na garganta de Ellen. Durante toda a escola primária, tinha-a humilhado e depois, para horror de Ellen, também conseguiu entrar para a grammar school. Como andavam na mesma turma e iam para casa no mesmo autocarro escolar, não podia evitá-la. Sally pavoneava-se pela aldeia como uma senhoreca com as últimas modas de Londres. No domingo, na igreja, tinha aparecido com um vestido cor-de-rosa muito justo e um casaco a condizer que Ellen e Josie teriam morrido por ter. A única consolação era que Sally tinha engordado e sofria terrivelmente de acne, provavelmente em resultado de se empanturrar com doçaria na loja dos pais, pelo que não ficava tão bem quanto isso com o vestido e o casaco.

Josie olhou para as pernas, que eram altas, esguias e morenas, e embora os calções caqui fossem de rapaz, herdados de um vizinho alguns anos antes, serviam-lhe na perfeição. - Viste as pernas da Sally? Parecem tocos - disse ela a rir.

Passaram alguns minutos a desfiar uma litania dos defeitos de Sally até começarem a rir descontroladamente.

- Agora tem um namorado - acabou Ellen por dizer, lembrando-se de repente que ainda não tinha dado esta novidade a Josie. Trabalha numa sapataria em Falmouth e tem tanta acne como ela.

- Devem passá-la um ao outro quando estão na marmelada disse Josie, entre novas risadas. - Imagina se se casarem e tiverem filhos! Que aspeto vão ter?

Josie calou-se subitamente e o seu rosto ensombrou-se. Ellen percebeu que ela estava embaraçada com o que tinham ouvido alguns dias antes.

- Estás a pensar no que a mamã disse? - perguntou Ellen. Já nada do que ela diz me magoa.

Estavam na cama com as janelas abertas porque estava uma noite quente e, quando os pais começaram a discutir, foi impossível não ouvirem tudo. Tinha começado tudo por causa do dinheiro; a mãe dizia que não via onde estava o problema em transformar o campo de baixo num parque de

campismo nesse Verão. Assim, poderia comprar uma máquina de lavar roupa e uma televisão.

O pai respondeu que não tencionava ter gente a passear-se pela sua propriedade, só para ela poder passar as noites, de eu alapado, a ver televisão. Depois descambou ainda mais quando a mãe começou aos berros a dizer que ele era um unha-de-fome e um egoísta e que, depois de tudo o que ela fazia durante o dia, merecia distrair-se à noite quando ele desandava para o pub.

O pai retorquiu, acusando-a de não o ajudar na quinta e de ser demasiado preguiçosa mesmo para limpar a casa em condições, e a mãe, claro, retaliou.

- Ser preguiçosa é melhor que ser doida - gritou-lhe ela. - Deus valha a essa fedelha lá em cima, tem uma dose dupla de doidice de ti e da mãe dela. Vai acabar no manicómio.

Deu ideia de que o pai agrediu Violet porque ela soltou um grito e ele saiu, batendo com a porta atrás dele. As raparigas permaneceram caladas na cama, nenhuma delas se atrevendo a falar, porque o mais certo, se o fizessem, seria tomarem partido e acabarem zangadas.

- Estão sempre pegados um com o outro - disse Josie com tristeza. - Ela diz coisas horríveis sobre ele e ele é igual. É por isso que quero sair da escola. Para ganhar dinheiro suficiente para me ir embora daqui. A única coisa má é que vou ter saudades tuas.

Ellen sentiu uma onda de compaixão pela irmã pois compreendia que, em muitos aspetos, a situação dela era bem pior que a sua. Ellen sabia que o pai nunca se oporia a nenhuma decisão que tomasse. Ficaria satisfeito se ela continuasse na escola e deliciado se ingressasse mais tarde na universidade. Mas, mesmo que ela lhe dissesse agora que queria abandonar os estudos e partir para Londres, não tentaria impedi-la.

Mas Violet agarrava-se a Josie como uma sanguessuga. Interrogava-a todos os dias sobre a escola e as amigas e esperava da filha muito mais do que ela alguma vez seria capaz de alcançar. Por vezes, Ellen quase via a irmã soçobrar sob o peso das ambições que a mãe alimentava em relação a ela. Mas o pior de tudo era que Josie conhecia as razões. Violet não queria que ela tivesse sucesso para construir uma vida melhor. A mulher apostava na filha para a libertar da quinta e de um casamento infeliz e para assim lhe proporcionar uma vida folgada.

- Vamos manter-nos unidas, aconteça o que acontecer - assegurou-lhe Ellen. - Não te precipites a sair da escola no próximo ano e a aceitar um emprego sem saída, Josie. Mais tarde ias arrepender-te.

Josie lançou-lhe um olhar demorado e pensativo. - Quem me dera ter a tua paciência - disse ela melancolicamente. - Quero comprar roupas bonitas, ter um namorado e a liberdade de fazer o que me apetece e de ir onde me apetece. E quero isso tudo agora.

Ellen sorriu. - Lembras-te quando querias desesperadamente um carrinho de boneca?

Josie sorriu. Tinha cinco anos, não falava de outra coisa, não se calava com aquilo. - Que é que isso tem a ver com o que eu quero agora? - perguntou.

- Acabaste por conseguir o carrinho de boneca - lembrou-lhe Ellen. - Mas só brincaste com ele

meia dúzia de vezes e depois perdeste o interesse. Às vezes sonhar com uma coisa é melhor do que tê-la. É o que deves fazer por agora, sonhar e esperar para ver o que acontece.

- Às vezes és esquisita - disse Josie a rir. - Com que é que sonhas?

- Mais ou menos com o mesmo que tu - respondeu Ellen. Não podia admitir que o seu único sonho era que a madrasta descobrisse um dia que estava farta do marido e da quinta e se fosse embora de vez para que Ellen tivesse a liberdade de tratar dela com o pai.

Um grito vindo da casa interrompeu as conjeturas sobre o futuro de ambas.

- É a mamã - disse Josie sombriamente. - É melhor irmos ver o que ela quer.

Ao subirem pelo caminho íngreme através do campo de baixo, viram a mãe, de mãos à cintura, junto da vedação do jardim. Mesmo à distância, perceberam que ela estava agitada com qualquer coisa.

Violet tinha agora quarenta e um anos mas parecia muito mais velha. Tinha engordado vários quilos, nos últimos dois ou três anos, e o seu azedume transparecia nas profundas rugas de mau humor em torno da sua boca. As raparigas estavam habituadas aos seus dentes podres e ao olho vesgo mas o que mais as envergonhava era a sua aparência desleixada. Violet usava o mesmo vestido miserável e informe dia após dia, indiferente ao seu estado de sujidade, raramente lavava o cabelo e cheirava sempre a suor. Há mais de um ano que dormia sozinha. O pai tinha-se mudado em tempos para o minúsculo quarto livre, quando ela adoecera uma vez, e nunca mais tinha saído de lá. Josie estava sempre a tentar encorajá-la a arranjar-se mas as suas sugestões entravam-lhe por um ouvido e saíam pelo outro.

Tanto quanto Ellen via, o único aspeto positivo que a mulher tinha era o facto de ser uma excelente cozinheira. Mas a comida, para além de Josie, era a única coisa que interessava a Violet, que comia constantemente. Josie muitas vezes defendia-a, recordando a Ellen que, em criança, a mãe tinha passado fome e que vivia desgostosa por não ter tido mais filhos.

Mas Ellen não era capaz de sentir verdadeira compaixão pela madrasta. Muitos dos vizinhos tinham sido criados numa extrema pobreza e não passavam a vida a empanturrar-se. Achava que, se Violet cuidasse mais da sua aparência para agradar ao marido, também teria tido mais filhos.

- Onde é que se meteram? - gritou Violet quando as raparigas se aproximaram.

- Demos um salto à praia, mamã - gritou Josie alegremente em resposta. - Passa-se alguma coisa?

- Recebi um telegrama - disse ela. - A minha mãe está muito doente e tenho de partir para Helston imediatamente. Tu, Ellen, vai à aldeia e pergunta ao Mr. Peters se me pode levar, diz-lhe que é uma emergência. Josie, anda para dentro e ajuda-me a preparar as malas.

As raparigas olharam uma para a outra, surpreendidas. Só tinham sido levadas a Helston, para visitar a avó, uma vez, mais ou menos seis anos antes. Ela era muito velha, desagradável com toda a gente, e a casa dela era sombria e cheirava mal. Tinham ficado as duas convencidas que ela era uma

bruxa. Que soubessem, a mãe não a tinha contactado desde esse dia.

- Não fiques para aí assim espedada - rugiu Violet a Ellen. - Despacha-te, depressa.

Ellen não perguntou porque é que ela não pedia ao pai que a levasse na velha carrinha, nem sequer onde ele estava, porque pensou que um par de dias sem a madrasta eram uma benesse demasiado grande para retardá-la. Apressou-se a partir pelo trilho até à estrada, correu os oitocentos metros sem. parar e depois subiu os degraus para o caminho que atravessava os campos até Mawnan Smith.

Mr. Peters vivia numa bonita casinha rural no centro da aldeia. Antigo professor primário, tinha-se mudado de Exeter para ali quando se reformou. Não era exatamente taxista mas complernentava a sua pensão transportando as pessoas da terra de um lado para o outro, por um preço muito inferior aos cobrados pelas empresas de táxis de Falmouth.

Estava a arrancar ervas daninhas no jardim da frente quando Ellen apareceu a correr na estrada. Ela gostava dele porque era um dos poucos adultos na aldeia verdadeiramente interessante. Era alto e magro e estava com a sua habitual indumentária de Verão, que consistia em calções largos pelo joelho, uma camisa estampada bastante berrante e um chapéu de palha amassado.

- Pode levar a minha mãe a Helston? A nossa avó está muito doente - disse Ellen, ofegante, porque sentia uma pontada na anca.

Ele largou o ancinho e sorriu: - Deixa cá ver, qual és tu? A Ellen ou a Josie? - perguntou ele.

- Sou a Ellen, claro - disse ela, sorrindo-lhe porque ele fazia sempre esta provocação. Josie nunca se dava ao trabalho de falar com Mr. Peters ao passo que Ellen se esforçava sempre por conversar com ele.

- Claro que és - disse ele, puxando o chapéu para trás e abrindo-se num sorriso. - És a que tem cabeça além de boa figura. Como é que correram os exames?

- Bastante bem - admitiu ela. - Mas os resultados não saem tão cedo. Pode levar a minha mãe?

- Posso, pois - disse ele, embora não parecesse ter ficado exatamente satisfeito com a ideia e Ellen esperava que Josie conseguisse persuadir Violet a lavar-se e a mudar de vestido antes de partir. - Anda cá dentro tomar um refresco, filha, enquanto eu lavo as mãos e falo com Mrs. Peters. Estás muito afogueada e moída.

Ellen seguiu-o para dentro de casa e olhou à sua volta ansiosamente. Gostava que Mr. Peters a convidasse a entrar porque era a casinha mais bonita que alguma vez tinha visto. Muitos livros e quadros, belos tapetes no chão e mobília antiga sempre polida. Quem lhe dera ter uma varinha mágica e transformar a casa de lavoura de Beacon num sítio assim.

Mr. Peters passou pela sacada para falar com a mulher que estava sentada no jardim, numa cadeira de lona, a bordar. Ela virou a cabeça quando ele falou com ela e chamou por Ellen para lhe fazer companhia.

Ellen admirava Mrs. Peters quase tanto quanto admirava o marido, embora não a conhecesse

tão bem. Ela era mais nova do que ele e possuía um estilo que Ellen considerava próprio de «modelos de padrões de tricô». Usava fatos impecáveis, com pérolas ao pescoço, e o seu cabelo grisalho estava arranjado num carrapito. Ellen tinha ficado muito bem impressionada quando a encontrara a passear nos campos. Ia com calças informais azul-claras e um casaco de xadrez que combinava muito bem com elas. Nesse dia, Ellen tinha decidido que, quando tivesse mais de cinquenta anos, nunca se desleixaria, vestindo roupas escuras, feias e velhas, e que andaria sempre bem-posta como Mrs. Peters.

- Então a tua avó está muito doente - disse Mrs. Peters, a sua voz suave plena de simpatia. - É muito idosa?

Mr. Peters trouxe um copo de limonada a Ellen e depois desapareceu novamente.

- Só estive com ela uma vez - disse Ellen, sorvendo um gole da bebida e passando os olhos pelo jardim que era ainda mais bonito que o da frente, com dezenas de roseiras em flor. - Nessa altura, já parecia muito idosa.

- Como é que tu e a tua irmã se vão arranjar se a vossa mãe se demorar por lá muito tempo? - perguntou Mrs. Peters.

- Havemos de nos arranjar - disse Ellen, tentando não se mostrar demasiado feliz com isso. - Sabemos as duas cozinhar e, de qualquer maneira, eu já ajudo o meu pai na quinta.

- Se precisares de ajuda, vem ter comigo - disse Mrs. Peters, estendendo a mão e dando uma palmadinha no joelho de Ellen, como que a querer dizer que compreendia como era a sua vida.

Ellen sentia com frequência esta compreensão muda das pessoas da aldeia. Imaginava que toda a gente tinha conhecimento da sua verdadeira mãe e que, se tivesse coragem de perguntar, talvez lhe contassem muito mais do que o pai. Mas parecia um ato de deslealdade para com ele fazer perguntas sobre ela e, além disso, ficaria furioso se descobrisse.

Mas os Peters eram pessoas a quem podia perguntar. Bastava ver o carinho com que se tratavam mutuamente e como ajudavam sempre qualquer pessoa na aldeia, se pudessem, para saber que eles nunca contariam a ninguém o que dissesse.

- É muito bondosa, Mrs. Peters - disse ela. - Adoro cá vir, a sua casa e o seu jardim são muito bonitos.

- Obrigada, minha querida - disse Mrs. Peters com um sorriso radioso. - Mas com essa carinha e essa inteligência, não tenho dúvidas que hás-de acabar num sítio ainda mais bonito. Quando se deseja muito uma coisa consegue-se, sabes?

Nessa noite, na cama, Ellen pensou novamente na observação de Mrs. Peters. Tinha desejado que a madrastra se fosse embora e ela tinha ido; talvez os seus outros desejos também se concretizassem.

Mr. Peters tinha-a levado de volta à quinta no carro e ela viu com agrado que Josie conseguira melhorar a aparência da mãe. Violet ainda estava a gritar-lhes instruções ao partir, uma delas para

que explicassem ao pai onde tinha ido e que podia estar alguns dias ausente.

O pai abriu-se num sorriso quando Ellen o informou. Não se deu sequer ao incómodo de perguntar por que razão a mulher não o tinha ido informar pessoalmente. Acabaram por passar o serão mais alegre de que se lembravam; jantaram ao ar livre, ao sol, e depois Josie lavou a louça enquanto Ellen ajudava o pai na ordenha e a recolher as galinhas. Depois, para surpresa delas, o pai sugeriu uma partida de cartas, coisa que nunca fazia. Quando chegou a hora de deitar, beijou as duas raparigas e disse que não deviam preocupar-se com nada porque se desenvencilhariam sem problemas. Josie estava tão feliz que Ellen achou que ela era capaz de explodir.

Três dias mais tarde, chegou uma mensagem da mãe quando as raparigas se preparavam para ir apanhar o autocarro da escola. O pai leu-a e pousou-a na mesa. - A mãe dela teve uma embolia e ela vai lá ficar algum tempo porque assenhora não pode fazer nada sozinha – disse ele. – Manda a Josie ir lá ter com ela.

Josie olhou para Ellen, absolutamente horrorizada.

Ellen raciocinou rapidamente. Uma coisa era livrar-se da madrasta por algumas semanas, mas outra muito diferente era perder Josie também. Lembrou-se do ambiente detestável na casa da idosa. Josie seria extremamente infeliz lá. - Ela não pode ir, papá, tem de fazer os exames finais e as professoras não vão gostar que ela falte - apressou-se a dizer.

Seguiu-se um silêncio total enquanto esperavam que o pai respondesse. Ele coçou a cabeça, releu a carta e depois enrolou um cigarro e olhou pensativamente para Josie.

- Não queres ir?

Ela abanou vigorosamente a cabeça. - Por favor, não me obrigues, papá - implorou. - Quero ficar aqui contigo e com a Ellen.

- Tudo bem - disse ele, mas a sua expressão nada deixou transparecer. - Vão lá para a escola que eu respondo a esta carta mais logo.

Josie levantou-se de um salto; teriam de correr para apanhar o autocarro. - Obrigada, papá - disse ela, hesitando à porta -, mas não digas que eu não quis ir, ela pode ficar magoada.

Não chegaram a descobrir se a mãe ficou magoada. Ela mandou outra carta, alguns dias mais tarde, mas o pai não revelou o seu conteúdo. Limitou-se a dizer que era melhor escreverem-lhe as duas e não se esquecerem de perguntar pela saúde da avó.

As duas raparigas andavam contentes de igual modo com a ausência por tempo indeterminado da mãe. Para Ellen, era um paraíso não ter de aturar o sarcasmo e as críticas dela enquanto Josie podia escapar às perguntas incessantes.

Parecia que todas as nuvens se tinham dispersado do céu. O tempo estava quente e soalheiro, o pai era muito mais simpático com Josie e ela correspondia, ajudando na quinta, o que era raro fazer. Ellen sabia que não receberia os resultados dos seus exames finais antes de Agosto mas a diretora chamou-a ao gabinete, no último dia de aulas, e fez-lhe um pequeno discurso de encorajamento em

que a aconselhou a não pensar em deixar de estudar porque estava certa de que ela ia passar nos exames e era suficientemente inteligente para ingressar na universidade. Com isto, Ellen tomou uma decisão definitiva. Mais dois anos de escola eram muito tempo mas acabariam por dar os seus frutos.

Nesse dia, todos os alunos foram dispensados da escola mais cedo e Ellen decidiu ir a pé para casa. Ao chegar à praia de Swanpool, reparou que o bar estava a anunciar vagas para pessoal a meio tempo. Precisavam de duas raparigas três dias por semana até ao final de Agosto. Assim, Ellen sugeriu que a irmã podia trabalhar com ela e, para sua satisfação, o dono concordou, sem perguntar sequer se Josie tinha mais de quinze anos.

Quando Ellen chegou a casa e deu a boa notícia a Josie, ficaram as duas loucamente excitadas. Até o pai se riu com elas, mandando-as imediatamente para a praia para ter algum sossego.

Como estava um calor tórrido, não se importaram nada de despir os uniformes e correr para a enseada de fato-de-banho, entre sonoras gargalhadas. Boiando de costas na água, Ellen não se recordava de alguma vez se sentir tão feliz. A ideia de seis semanas inteiras de férias, de um emprego e de dinheiro para gastar era fantástica. Nessa tarde, tudo lhe parecia mágico, o mar estava de um azul límpido e tranquilo e uma névoa trémula de calor cintilava sobre os rochedos. Ela e Josie recordaram a infância, enfiando-se debaixo de água, agarrando as pernas e trepando para as costas uma da outra e envolvendo-se em lutas desenfreadas com água. Mais tarde, deitaram-se na areia escaldante, com as pontas dos pés dentro de água, e pela primeira vez revelaram uma à outra o que sentiam pelos pais.

- É a mamã que estraga tudo - admitiu Josie. - Dantes pensava que era porque o papá era mau para ela mas, agora que ela não está cá, percebo quem é que provoca tudo.

- Suponho que é mais forte que ela - disse Ellen. Estava feliz por ver que já não existiam os antigos ressentimentos. - Acho que ela nunca foi talhada para ser mulher de um lavrador. Acho que se casou com ele convencida que era capaz de mudar a vida dele.

- Há algum tempo, disse-me que ainda sente o fantasma da tua mãe na casa - disse Josie, com uma risadinha. - Ele fala contigo sobre ela?

- Não, nunca - respondeu Ellen, contando a Josie as palavras que tinham trocado no dia em que descobriu que Violet era sua madrastra. - Nem sequer sei onde ela está enterrada.

- Não sabes? - disse Josie, surpreendida. - Está no cemitério ao lado da igreja. Não exatamente dentro do cemitério, mas logo do lado de fora. A mamã disse que não pôde ser enterrada em solo sagrado porque se tinha suicidado.

- Porque é que nunca me disseste? - perguntou Ellen. Doía pensar que alguém podia ser enterrado em solo não consagrado e ainda mais o facto de a irmã mais nova estar ao corrente e ninguém lhe ter dito nada a ela.

- A mamã disse que eu não te devia dizer e eu não me atrevi - disse Josie, um pouco envergonhada. - Desculpa, mas pensei que por esta altura já tinhas descoberto.

- Não deixes que a mamã se meta mais entre nós - sugeriu Ellen. - Tenho a certeza que é por

isso que o papá às vezes é mau para ti, porque sabe que a mamã é má para mim. Se nos mantivermos unidas, pode ser que acabe de vez.

Josie indicou a sua concordância. - Não gostarias que tivéssemos um pai e uma mãe normais e vivêssemos numa casa normal?

Ellen tinha desejado isso um sem-número de vezes no passado, especialmente no tempo em que não tinham eletricidade e só uma latrina exterior. Olhava para as casas modernas de Falmouth, com os seus bonitos jardins e cortinas de tule brancas nas janelas, e ansiava pelos confortos que para as outras crianças eram naturais. Mas, por outro lado, sabia que ela e Josie tinham algumas coisas por que muitas crianças dariam tudo: a praia, os animais, o bosque e os penhascos. Essas outras crianças podiam ter televisão, gira-discos e casas sempre limpas e arrumadas, mas isso por vezes podia ser muito monótono.

- Às vezes, mas nós não temos pais normais, por isso não adianta muito desejar tê-los. Josie, tu e eu havemos de incendiar o mundo ... tu vais ser uma modelo famosa e eu vou ser ... - Calou-se, subitamente consciente de que não sabia muito bem o que queria ser.

- Que é que tu vais ser? - perguntou Josie, sentindo que a irmã não tinha uma ideia concreta.

- Não sei, talvez professora ou qualquer coisa assim.

- Não chegas lá se não desejares com toda a força - disse Josie. - Eu adormeço todas as noites a imaginar-me a desfilar numa passarela.

Caíram então num silêncio amigável, deixando os raios de sol tostar-lhes a pele. Mas Ellen estava um pouco perturbada por descobrir que não sabia muito bem o que queria fazer da vida. Era como se não conseguisse ver mais longe do que o regresso à escola em Setembro para frequentar o décimo primeiro ano.

Mais tarde, caminharam juntas para casa, de braço dado, cantando a canção de Gerry and the Pacemakers «I Like It» a plenos pulmões.

De súbito, Josie parou de cantar e deu uma cotovelada a Ellen. - Olha um carro. Quem é?

- Não sei - disse Ellen, olhando para o sedan cinzento-claro estacionado no caminho da quinta que partia da estrada. - Nunca o tinha visto antes.

Curiosas, largaram a correr mas estacaram pouco antes da vedação do jardim da frente ao verem a mãe junto da porta dianteira aberta.

- Oh, não - sussurrou Ellen.

Josie não disse nada mas tinha perdido a cor.

- Então é isso que fazem o dia todo quando eu estou para fora? - gritou a mãe quando elas transpuseram o portão. - Nadar. As roupas todas espalhadas pelo chão. As camas por fazer. Já para dentro e lá para cima vestir roupa decente. Ainda bem que voltei para levar a Josie. Já sabia que não podia confiar em vocês os dois para olharem por ela.

Depois disto, as raparigas repararam que o pai estava na cozinha com um ar tenso. Estava com ele outro homem; era baixo e forte e trazia um fato escuro.

- Olá, mamã - disse Josie, nervosa. - Como está a avó?

- Muito doente - respondeu a mãe' secamente. - E este é o teu tio Brian. Tive de lhe pedir que me trouxesse aqui para te vir buscar porque percebi logo que precisavas que tomassem conta de ti.

- Violet, não lhes aconteceu nada - disse o pai, num tom de fúria mal contida. - Acabaram as aulas hoje e está quente. Porque é que não haviam de ir nadar?

Rara cima. - Violet apontou para as escadas e manteve a mão levantada como se tencionasse dar um safanão às duas quando elas passassem. - Junta tua roupa, Josie, vamos embora daqui uns minutos. Já fiz o Brian esperar de mais.

No andar de cima, as raparigas despiram os fatos-de-banho molhados e vestiram-se. - Não posso ir com ela, vou morrer lá murmurou Josie. - Que hei-de fazer?

Ellen também estava horrorizada. Começavam a trabalhar no novo emprego na segunda-feira e havia todos os outros planos que tinham traçado. Não suportava a ideia de se separarem mas, para Josie, seria muito pior.

- Vou ver se convenço o papá a impedi-la - apressou-se Ellen a dizer.

Mas quando desceram novamente, Ellen apercebeu-se de que a mãe e o irmão já ali estavam há algum tempo e de que o pai já falara do emprego à mãe porque ela começou a vociferar sobre o assunto.

- Nenhuma filha minha vai trabalhar num bar de praia - gritou ela. - Que é que te passou pela cabeça, Albert? O lugar dela é ao pé da mãe e da avó.

- Não a obrigues a ir. - Ellen estava tão ansiosa que se esqueceu que Violet odiava o som da sua voz. - Vai ser infeliz em Helston e não há mal nenhum em trabalhar na praia. Quase todas as pessoas que lá trabalham são estudantes.

- Infeliz com a mãe? - guinchou Violet. A sua normalmente pálida estava vermelha de fúria. - Estou a dar-lhe uma oportunidade de conhecer os verdadeiros parentes dela, as tias, os tios e os primos. Tu podes sentir-te feliz a limpar vacarias até ao fim da vida, como o teu pai, mas eu tenho planos mais ambiciosos para a minha filha.

- A Josie também é minha filha e eu digo que ela fica aqui, na casa dela - retorquiu Albert rispidamente. - Os teus malditos familiares de Helston nunca quiseram saber de ti, porque é que iam agora querer saber da Josie? - Agarrou nos braços das duas raparigas e empurrou-as para o exterior, dizendo-lhes que desaparecessem.

- Ouve cá, mulher - gritou ele quando voltou a entrar -, eu sei muito bem o que isto é. Queres exhibir a Josie como se fosse um troféu, imagino que seja a primeira beldade que alguma vez existiu na merda da tua família. Pois não vais fazer dela uma infeliz para teu prazer. Nem dar-lhe a volta à cabeça com essa ladainha. Vai-te embora para a maldita da tua mãe, diverte-te à vontade a fazer de

enfermeira dela, mas macacos me mordam se a Josie vai para lá assistir.

As duas raparigas agarraram-se uma à outra lá fora, agora assustadas, porque quando o pai se enfurecia o suficiente para articular mais de duas ou três palavras, era capaz de tudo.

- A Violet tem o direito de ter a filha com ela - interveio Brian, num tom comedido como se quisesse acalmar a irmã e o cunhado.

- Não te metas nisto - avisou-o Albert. - Já disse que a Josie fica aqui, por isso mete-te no carro e desanda!

- Não confio em ti para olhares pela Josie - berrou Violet subitamente. - Capaz de a molestar és tu.

- Que é que disseste? - vociferou Albert, e as raparigas agarraram-se ainda mais uma à outra, olhando para a porta de casa, à espera de ver um corpo sair a voar. - Sempre soube que eras uma grande porca mas isso é nojento. Sai imediatamente daqui!

As raparigas correram para a mata atrás da casa mas ouviram, atrás delas, o estalido violento de uma bofetada. Violet gritou e depois ouviram o que lhes pareceu os dois homens ao murro porque ressoaram ruídos de queda como se a mobília estivesse a ser derrubada.

- Que é que hei-de fazer? - perguntou Josie, o rosto sem pinga de sangue.

- Não sei - respondeu Ellen. O pai era tão forte que tinha medo que ele magoasse seriamente o irmão de Violet e que o resultado pudesse ser um processo em tribunal. Mas o que a tinha realmente confundido tinha sido a madrastra a dizer que o pai era capaz de molestar Josie. Sabia exatamente o que queria dizer, ainda meses antes um homem de Padstow tinha sido preso por violar a filha e toda a gente na vizinhança falara do caso durante semanas.

- O papá era mesmo capaz de me fazer isso? - perguntou Josie aflitivamente, começando a chorar.

- Claro que não - retorquiu Ellen. - Ela está só a tentar puxar o irmão para o lado dela. Merece uma boa tarefa por ser tão malvada.

Josie não respondeu mas começou a caminhar em direção a casa, deixando Ellen perfeitamente consciente de que perdera os avanços conseguiu os com a irmã nas últimas semanas. Mais uma vez, a pérfida madrastra triunfara, abrindo uma fissura entre as duas.

Ellen ficou na mata alguns minutos mais, desejando não ter aberto a boca. Depois, apercebendo-se de que o pai podia precisar de alguém do seu lado, também voltou.

O tio Brian estava espapaçado numa das cadeiras à porta de casa, apertando um lenço ensanguentado contra a boca. Não havia sinais do pai mas ela ouviu Josie e a mãe a abrir e a fechar gavetas em cima.

Horrorizada, Ellen correu para o celeiro e deu com o pai sentado num caixote, a massajar os nós dos dedos doridos. - Ela vai deixar-te de vez? - perguntou Ellen. Apesar de lhe dar imensa

satisfação nunca mais ver a madrasta, não sentia o mesmo a respeito de Josie.

- Quem me dera ter essa sorte - disse ele sombriamente. - Há-de voltar, mas entretanto vai destruir a Josie.

- Não a deixes levá-la - suplicou Ellen.

Ele levantou para ela os olhos escuros e perturbados. - Não posso impedi-la - disse ele, numa voz embargada. - Bem tentei, mas, ao trazer aqui o irmão e ao enfurecer-me ao ponto de lhes bater aos dois, tramei-me.

Ellen percebeu o que ele queria dizer que, se a madrasta fosse para tribunal, a lei estaria do lado dela. - Por favor, vai falar com a Josie antes que a mamã a leve - implorou. - Não a deixes ir embora a pensar que não queres saber.

Quando ele não se mexeu nem falou, Ellen interpretou a sua atitude como uma recusa e, dando meia-volta, saiu do celeiro. A madrasta estava a pôr uns sacos na mala do carro, o irmão já estava ao volante e Josie vinha a sair de casa com a cara lavada em lágrimas.

- Eu e o papá não queremos que te vás embora - disse Ellen, agarrando na irmã pelos dois braços. - Queremos que fiques aqui.

Josie desprende-se dela. - Não piores as coisas - disse ela, fungando e esfregando os olhos.

- Entra para o carro, Josie - chamou a mãe.

- Não me odeies nem ao papá por isto - disse Ellen num sussurro, não querendo que a madrasta ouvisse. - Lembra-te do que prometemos hoje uma à outra, que nunca mais deixávamos que ela se metesse entre nós.

Josie limitou-se a encolher os ombros. Ellen não percebeu se era um sinal de concordância ou a sua maneira de dizer que já não se importava. Entrou para o banco de trás do carro cinzento, que arrancou pelo caminho fora. Nem sequer se virou para acenar.

CAPÍTULO 5

Quando Albert entrou na cozinha para tomar o pequeno-almoço, Ellen pôs na mesa o bacon e os ovos que lhe tinha preparado.

- Onde está o teu? - perguntou ele.

- Não tenho fome - disse ela. - Vou só tomar um chá.

Estavam no princípio de Agosto. Josie partira há duas semanas e, como se anunciava outro dia quente e ensolarado, Ellen sabia que haveria muito movimento no bar da praia.

- Que é que se passa? - perguntou Albert. Pareceu-lhe que a filha tinha um ar adoentado e ela tomava normalmente um pequeno-almoço nutritivo. - Não gostas do emprego?

- Gosto - disse ela, mas a sua voz revelava a fadiga que sentia. - Tenho saudade da Josie, mais nada.

Esperava que ele lhe respondesse secamente, mas não foi assim. - Eu também, a casa não é a mesma sem ela - disse ele, relanceando para a cadeira vazia. - Sentia-me melhor se soubesse que ela estava a gostar de lá estar, mas Helston é uma tristeza dum sítio e a mãe não há-de deixá-la em paz.

Albert continuou a tomar o pequeno-almoço e Ellen serviu chá aos dois. Era à noite que mais saudades sentia de Josie, pareciam não ter fim essas noites solitárias. Ocupava-se com tarefas para preencher o tempo mas, quando via a cama vazia de Josie antes de dormir, tinha muitas vezes vontade de chorar.

- A mamã vai trazê-la quando as aulas começarem? - perguntou ela.

Albert absorveu a gema de ovo com um pedaço de pão. - Imagino que há-de depender do sítio que lhe der mais vantagens.

- Mais vantagens, como?

Albert fungou. - A Vi é uma dessas pessoas que não ligam à lealdade, ao dever ou mesmo ao amor. Trata da vida dela e sempre tratou.

- Mas devem ter-se amado quando se casaram - disse Ellen.

Ele não respondeu de imediato e Ellen percebeu que estava a refletir sobre a pergunta. Finalmente olhou para ela. - Acho que tens idade suficiente para conhecer a verdade. Quando a tua mãe morreu, ela simplesmente apareceu aqui à procura da oportunidade dela – disse ele amargamente. – Eu mal a conhecia, não passava de uma empregada de bar num pub de Falmouth. Disse que andava preocupada a pensar como é que eu ia desvincular-me contigo e com a quinta. - Fez uma breve pausa e sorveu um gole de chá. - Eu não estava a conseguir, andava completamente à deriva, e deixei-a dar-te de comer e mudar-te as fraldas, limpar a casa e essas coisas. Ela foi ficando,

despediu-se do emprego e veio viver comigo.

Esta revelação foi uma surpresa para Ellen. Apesar da frieza do pai para com Violet, a proximidade de idades entre ela e Josie tinha-a levado a supor que fora um casamento de amor, pelo menos no princípio. - Mas porque é que a deixaste ficar? - perguntou.

Ele fez um esgar. - Espero que nunca passes por uma situação idêntica - disse ele. - Eu andava a sofrer imenso; a tua mãe era tudo no mundo para mim, compreendes? Pouco me importava viver ou morrer ou que a quinta fosse ao charco. Mas tu existias, tinhas catorze meses, estavas a começar a andar. Por pior que me sentisse, sabia que precisavas de cuidados.

- Então ela ficou por minha causa?

Ele sorriu levemente face à pergunta. - Nesse tempo, agradava-me pensar que sim, Deus sabe que nunca lhe dei razões para pensar que a desejava. Mas o que ela queria era a quinta e a segurança. Da primeira vez que cá veio era Primavera, calculo que olhou em volta, viu como era bonita e pensou que tinha descalçado uma bota. Eu fui um parvo por deixá-la meter-se na minha cama, não sei agora o que me deu, mas quando dei por mim já ela estava grávida da Josie.

Ellen sentiu-se embaraçada ao pensar no pai a ter relações sexuais, e chocada também porque ele era normalmente um homem de fortes princípios morais. - Tiveste então de casar com ela?

- Tive, era a atitude decente - disse ele, sombriamente. - Não podia pô-la na rua com um filho meu na barriga e estava em dívida com ela por ter cuidado de ti.

- Oh, papá. - Ellen suspirou, sentindo-se um pouco responsável. - Mas que tipo de «vantagem» é que ela pode arranjar em Helston? Não percebo o que queres dizer.

- Calculo que ela acha que a família vai tratar dela - disse ele com um sorrisinho tenso. - Os irmãos e as irmãs safaram-se na vida. Esse Brian, por exemplo, tem um negócio, é dono de propriedades, uma das irmãs está casada com um médico. Mas nenhum deles quer olhar pela mãe e imagino que a Vi foi a resposta às preces deles. Podes crer que quando lá chegou se fartou de se queixar das saudades que sentia da Josie e foi por isso que o Brian a trouxe aqui para a levar. Apanhou-me no meu pior.

Tanto quanto Ellen sabia, Brian não conhecia o pai até esse dia e provavelmente terá ficado chocado com a cena violenta que se seguiu. - Achas então que ela é capaz de se aproveitar da piedade dos irmãos e das irmãs por causa disso?

- Já lhes deve ter dito que eu sou má peça. - Sorriu envergonhadamente. - E eles vão acreditar e às tantas pensam que a Josie corre perigo comigo e essas coisas. Por isso, é mais que certo que um deles a vai acolher.

Ellen compreendeu imediatamente onde ele queria chegar e sentiu uma raiva incontável. Era abominável que uma mãe insinuasse que o marido tinha molestado a filha ou que Josie não era amada, só para conseguir o que queria.

Ellen não ligava muito aos que os adultos diziam sobre o pai mas ligava ao efeito que teria

sobre Josie. Se esses familiares comesçassem a andar de roda dela, a comprar-lhe roupas bonitas, a proporcionar-lhe pequenos prazeres, talvez ela comesçasse mesmo a acreditar nas acusações da mãe.

- Não acredito que a deixes escapar impune - disse ela.

Albert fez um gesto de impotência com as mãos. - Não posso fazer nada. A Vi não vai entregar à Josie cartas minhas ou tuas. Se eu lá fosse, não me deixavam chegar perto dela. Se tentasse recuperá-la legalmente, perdia. Está tudo contra mim.

- Não acredito que a Josie nos esqueça assim tão facilmente - disse Ellen, com otimismo.

- Não contes com isso, minha linda - disse ele, levantando-se da mesa. - Em muitos sentidos, ela sai à mãe. Não tem o mesmo amor pela quinta que tu tens e foi ensinada desde bebé a achar que eu não sinto nada por ela. Mas agora é melhor despachares-te, senão chegas atrasada ao emprego. Eu arrumo as coisas aqui.

Ellen levantou-se da mesa e aproximou-se do pai, pondo os braços à volta dele e encostando-se ao seu peito. Sabia agora que ele amava Josie porque via que se sentia tão triste como ela e se culpava pelo rumo que o caso tomou. Queria dizer-lhe que o amava mas sabia que ele ficava sempre embaraçado com aquilo a que chamava «sentimentalismos» .

Ele abraçou-a com força e depois enxotou-a. - Vá, vai lá trabalhar, é dia de pagamento, não é?

Ellen assentiu.

- Bem, gasta-o todo contigo - sugeriu ele. - Já é tempo de te regales com alguma coisa. Nem venhas a correr para casa para me fazer o jantar. Sai com as tuas amigas, vão ao cinema ou assim.

Quando Ellen entrou no quarto para ir buscar um casaco de lã, parou por um momento e pegou na fotografia dela e de Josie que tinha ao lado da cama. Era uma foto antiga, quando tinha oito anos e Josie seis, mas era muito especial porque fora tirada por um fotógrafo profissional para o jornal da terra. O homem tinha aparecido com um jornalista, no Verão de 1955, porque estavam a preparar um artigo sobre os agricultores locais. O fotógrafo tinha dito que ela e Josie eram muito bonitas e tinha pedido para as fotografar. Mais tarde, mandou uma cópia a cada uma.

Era, para Ellen, uma recordação feliz de um tempo em que ainda não sabia nada sobre a sua verdadeira mãe, em que o seu mundo se limitava à quinta e à família. Mas agora, olhando para a foto, sozinha sem Josie, sentiu uma insuportável ponta de mágoa. Pressentiu que esta separação ia transformar as duas e que nada voltaria a ser igual.

Nesse dia, havia muito movimento no bar. A outra rapariga que normalmente trabalhava com Ellen não tinha aparecido e a praia de Swanpool estava mais apinhada do que ela alguma vez a vira. Enquanto servia gelados e bandejas de chá a um fluxo contínuo de clientes, Ellen sentia-se contente por estar ocupada e distraída dos seus pensamentos sobre Josie e a mãe.

Os veraneantes fascinavam Ellen. Os seus diferentes sotaques e a forma como se comportavam com os filhos permitiam-lhe um vislumbre de um outro mundo. Ela e Josie nunca tinham sido levadas a passar um dia na praia. Quando iam até à pequena enseada, faziam-no sempre

desacompanhadas; o mais que a mãe fazia era enchê-las de severos avisos sobre os perigos de se afastarem muito pelo mar adentro. Tinham aprendido a nadar sozinhas assim como a andar de bicicleta, a jogar ao eixo, a fazer o pino e a escalar rochedos, experimentando juntas, sem a ajuda de ninguém. Para elas, um piquenique não era mais do que uma maçã e Ellen era incapaz de imaginar a mãe e o pai sentados na areia a distribuir chávenas de chá de uma garrafa-termo ou a ir molhar os pés com elas e a construir castelos de areia como estes pais faziam.

Mas eram as terras de onde estas pessoas eram oriundas que mais a intrigavam. Como nunca tinha ido mais longe do que Truro, as grandes cidades, como Londres, Bristol e Birmingham, eram um mistério. Achava que deviam ser muito sujas, barulhentas e cheias de pessoas más, porque os turistas estavam sempre a elogiar o ar puro da Cornualha, as bonitas paisagens rurais e a hospitalidade das pessoas da região.

Ellen aproveitava todas as oportunidades para falar com os veraneantes. Informava-os sobre locais de interesse para visitarem e mostrava-se muitas vezes compreensiva quando eles se queixavam das casas de hóspedes e dos parques de campismo onde estavam alojados.

Gostaria de conversar com raparigas e rapazes da sua idade e conhecer as suas opiniões sobre a vida da cidade mas sentia receio deles. Quando estavam em grupos, imitavam com frequência o seu sotaque cómico; pareciam achá-la uma simplória porque não podia falar-lhes de salões de baile nem pubs.

Vivia demasiado longe de Falmouth para conhecer a vida noturna de lá, como a maioria das suas amigas da escola. Sabia, naturalmente, que havia bailes ao sábado à noite, nas casas do povo, por toda a Cornualha, mas desconfiava que não eram esses bailes que os adolescentes sofisticados queriam frequentar.

Talvez tivesse sido por se sentir só sem Josie que começou a desejar ter um namorado. A sua experiência nessa matéria não ia mais longe do que um par de beijos no autocarro da escola, no Natal anterior, e eram rapazes com quem tinha crescido. Pensou que seria bom se tivesse alguém especial que fosse exclusivamente dela.

«Este Verão podia ter sido muito diferente, se Josie cá estivesse», pensou. Juntas, podiam ter-se rido das raparigas que as imitavam e até podiam ter transmitido uma à outra confiança para cavaquear e namoriscar com os rapazes.

Nessa tarde, às quatro horas, o movimento tinha acalmado e Ellen estava a devanear enquanto lavava a louça e limpava o balcão, aprontando tudo para a chegada do dono do bar às quatro e meia para o fechar. Não reparou na aproximação de ninguém.

- Olá, boneca! - disse de súbito uma voz masculina, sobressaltando-a.

Ellen corou até à raiz dos cabelos porque o homem era extraordinariamente atraente. Tinha cerca de vinte e cinco anos, era alto com cabelo louro e olhos muito azuis, e só estava com um par de calções de banho pretos muito reduzidos.

- Que deseja? - perguntou ela, nervosa.

- Não dizia que não a um beijo - disse ele, o seu sorriso rasgado revelando dentes brancos e perfeitos. - Mas suponho que não constam do menu.

Ellen soltou uma risadinha mas rapidamente conseguiu afetar a pose de quem ouve constantemente piropos daqueles. - Há chá, sanduíches, gelado e chocolate, mas beijos não - respondeu com desenvoltura.

Ele pôs um ar triste. - É pena. Bem, e se me dissesse onde estava ainda há pouco?

Ela corou mais uma vez, confusa. - Ainda há pouco? Não saí daqui.

- Saiu, pois, estou a observá-la há algum tempo - disse ele, apoiando os braços musculosos no balcão e olhando-a diretamente nos olhos. - Estava absorta em pensamentos.

Ellen mal conseguiu acreditar que um homem pudesse sentir interesse suficiente para observá-la e muito menos alguém tão atraente como ele. - Oh, estava só a pensar na minha irmã - disse ela, rindo. - Está em Helston e eu tenho saudades dela.

- Também é assim bonita? - perguntou ele.

Ellen engoliu em seco. Ele estava intensamente bronzeado e ela nunca vira tantos músculos num homem, a não ser em filmes. Mais do que nunca, desejou que Josie ali estivesse pois teria ficado impressionada com ele.

- Somos muito parecidas - disse ela timidamente. - Há muita gente que não nos distingue.

- Gémeas?

Ellen sacudiu negativamente a cabeça. - Ela é dois anos mais nova que eu.

- Sabem as duas dançar, fazer ginástica ou montar? - perguntou ele.

Era uma pergunta tão estranha que Ellen se esqueceu do nervosismo. - A que propósito é que quer saber isso?

- Porque, se soubessem, podiam seguir uma carreira no circo. As duas muito parecidas, com fatos de lantejoulas, seriam uma excelente atração.

- Sei montar, vivo numa quinta - disse ela, com uma risadinha. - Sei fazer o pino, dar cambalhotas e dançar o twist. Também faço uma boa chávena de chá.

- Então quero uma disse ele. - Mais tarde faço-lhe uma audição às cambalhotas.

Enquanto lhe servia um chá, recordou-se de súbito que estava instalado um circo logo à saída de Falmouth. - Trabalha no circo? - perguntou.

Ele sorriu, mostrando os dentes perfeitos. - Por sinal, trabalho - disse ele. - Veja só!

Para surpresa dela, recuou uns passos em relação ao bar e então, aparentemente sem o menor

esforço, saltou no ar, executou um mortal para trás e aterrou de pé. Ellen, chocada, ficou de boca aberta e várias pessoas que estavam por perto olharam também espantadas.

Ele voltou para junto dela, sem estar sequer ofegante, e estendeu a mão. - Pierre, um dos Irmãos Voadores Adolphus - disse ele.

- É francês - disse Ellen, incrédula, apertando-lhe a mão. Tinha pensado que o sotaque dele era do Norte de Inglaterra.

Ele piscou-lhe o olho. - Sou tão francês como os meus parceiros são meus irmãos, mas fazemos passar essa imagem ao nosso público. - Levou a mão dela aos lábios. - Tu es très jolie, madame, posso saber o seu nome?

- Ellen - disse ela e, quando ele lhe beijou as pontas dos dedos, sentiu um formigueiro a percorrer-lhe a espinha. - Mas não me parece que possa fugir para o circo, estou só habituada a montar pilecas e a minha ginástica não se compara com a sua.

- Eu podia treiná-la - disse ele, ainda a segurar-lhe na mão e a fitar os olhos dela. - Estou mesmo a vê-la debaixo dos projetores a torcer a corda para eu trepar para o meu trapézio, com lantejoulas verde-esmeralda e estrelinhas prateadas no cabelo. Havia de fazer sensação.

Ellen sabia que ele estava a brincar mas uma parte dela queria acreditar na fantasia. Só tinha ido ao circo uma vez, numa excursão da catequese quando tinha dez anos, e foi a coisa mais maravilhosa a que alguma vez assistiu. Durante semanas, ela e Josie tinham brincado aos circos. Vestiam os fatos-de-banho e, com um pedaço de uma velha cortina de tule a imitar uma estola, pavoneavam-se pelo celeiro, fazendo de conta que eram trapezistas.

- Aí tem o chá - disse ela para disfarçar o turbilhão de pensamentos, empurrando a caneca na direção dele. - O circo não é para mim, tenho mais dois anos de escola e depois vou para um instituto ou para a faculdade. Este é apenas um emprego de férias.

- Então, além de uma grande beleza, é inteligente - disse ele, com um sorriso muito afetuoso. - Seja como for, vá ver o circo logo. Dou-lhe uma entrada gratuita e, depois do espetáculo, apresento-lhe os artistas todos e mostro-lhe os animais.

Ellen ficou atónita. Não percebeu se ele a estava a convidar para um encontro ou se era apenas uma entrada livre para o espetáculo.

Mas, fossem quais fossem os seus motivos, queria ir.

- Então? - disse ele, erguendo interrogativamente uma sobrancelha loura. - Quer ir?

Bastou um relance para o seu rosto atraente, as maçãs do rosto proeminentes e o sorriso rasgado para saber que iria de bom grado onde quer que fosse, desde que o visse. Mas sabia que o pai não ia achar nada bem.

- Não sei - disse ela, hesitante, pensando depressa. O pai não precisava de saber e, além disso, ele próprio lhe tinha dito que saísse nessa noite. - É que tenho de apanhar o último autocarro para casa que sai de Falmouth às dez e meia. - A que horas acaba o espetáculo?

- Tem muito tempo para apanhar o autocarro - disse ele, estendendo a mão e fazendo-lhe uma festa na cara. - Agora vou tomar um último banho, faz parte do meu treino. Mas deixo-lhe um bilhete na bilheteira. Diga simplesmente que o Pierre lhe deixou um bilhete.

Partiu, avançando em largas passadas pela praia, antes de ela poder lembrar-lhe que não tinha pago o chá.

Ofegante de excitação e nervosismo, Ellen correu para a pequena loja de roupa em Falmouth, minutos antes de fechar, com a intenção de comprar o vestido creme que tinha experimentado no princípio da semana. Por sorte, ainda lá estava e ela pegou nele e pagou e depois, correndo pela rua comercial através das multidões de turistas, dirigiu-se à Dolcis, que estava aberta até às cinco e meia, para comprar um par de sapatos.

Havia cartazes a publicitar o circo por toda a parte e ela sentiu-se empolgada ao ver neles a imagem dos Irmãos Adolphus, a voar nas alturas, enquanto tigres e leões rosnavam ao mestre-de-cerimónias numa jaula em baixo. Como o espetáculo da noite só começava às sete e meia, depois de comprar os sapatos ainda teria muito tempo livre.

A casa de banho das senhoras do Harbourside Café não estava muito bem iluminada mas era praticamente a única que conhecia com toalhas limpas e água quente e poucas pessoas pareciam usá-la. Tirou a roupa, ficando de soutien e cuecas, e antes que alguém aparecesse lavou-se rapidamente, incluindo os pés, e enfiou o vestido novo.

Se não tivesse sido Pierre, não teria gasto o salário em nada de tão pouco prático. Mas, depois de o vestir, deixou de ter importância se podia ou não correr ou andar de bicicleta com ele ou se precisava de ser lavado sempre que o vestisse, porque era encantador. A cor contrastava com a sua pele morena, o seu corte justo realçava a sua figura esbelta e sentiu-se igual a qualquer rapariga das grandes cidades.

Quando escovou o cabelo, aplicou bâton e rímel e enfiou os novos sapatos castanhos e bicudos, abertos atrás, era uma rapariga completamente diferente da que tinha saído da quinta, às nove horas dessa manhã, com uma saia preta informe, blusa branca e sapatilhas e o cabelo severamente atado num rabo-de-cavalo.

Ellen suspirou ao olhar para o cabelo; era demasiado revoltado e encaracolado, como que saído de um filme de Hollywood dos anos quarenta. Estavam na moda os estilos curtos e lisos mas, mesmo que o cortasse, continuaria a não assentar e, como tal, supôs que não podia livrar-se dele. Meteu a roupa velha e as sapatilhas no saco das compras e atravessou o café, ignorando os olhares curiosos dos clientes.

Foi só quando estava na fila da bilheteira que Ellen se sentiu assustada. Faria figura de parva se Pierre não lhe tivesse deixado um bilhete. Nesse caso, o que faria? Pagaria para ver o espetáculo? E se isso o levasse a pensar que ela andava atrás dele?

Mas o bilhete estava lá; aliás, ele tinha juntado uma nota. «Vou estar de olho em ti, sempre que sorrir é só para ti», tinha ele escrito.

O formigueiro na espinha fez-se novamente sentir e, combinado com as cotoveladas da multidão excitada à sua volta, o cheiro dos animais e a música tilintante de um órgão de feira, causou-lhe tonturas. Não conseguia acreditar que tivera coragem para chegar até ali.

O seu lugar era na primeira fila, uma cadeira estofada como deve ser e não as desconfortáveis tábuas de bancada em que a maioria das pessoas tinha de se sentar. Recebeu também um programa gratuito e, entre as muitas imagens dos números, estava uma de Pierre com os irmãos, com uma figura maravilhosa num fato justo azul-celeste de lantejoulas. Ellen passou nervosamente os olhos pela enorme tenda, esperando que ninguém soubesse que estava ali.

Tencionava sinceramente contar ao pai que tinha ido ao circo mas não podia confessar que o fizera sozinha. Mais uma vez disse mal do cabelo que não passava despercebido e lembrou-se das muitas ocasiões passadas em que ele a traíra quando tinha saído da linha. Mas não viu ninguém conhecido e os lugares estavam a encher-se rapidamente à sua volta. Depois, finalmente, a banda começou a tocar e uma trupe de acrobatas entrou alegremente no ringue.

Todas as emoções que Ellen sentira em criança, na sua primeira ida ao circo, foram desta vez triplicadas porque agora sabia que não era apenas por magia que as pessoas conseguiam caminhar na corda bamba ou que os grandes felinos saltavam para cima de bancos, mas sim o resultado de anos de treino. Esqueceu-se que estava sozinha, riu-se dos palhaços, entusiasmou-se perante a beleza dos bamboleantes cavalos brancos e aplaudiu, como toda a gente, as focas a equilibrar bolas no nariz.

Finalmente, os Irmãos Voadores Adolphus entraram a correr no ringue. Tinham todos um ar extremamente jovem, com os seus fatos azuis e as capas curtas de lantejoulas pelos ombros, mas Pierre era o mais belo. Para deleite de Ellen, ele dirigiu-se imediatamente a ela e fez uma vénia à sua frente antes de dar uma volta ao ringue a fazer cambalhotas.

Assombrada, ela observou-o, juntamente com os outros cinco homens, a desfazer-se da capa e a trepar por cordas até aos trapézios. Havia uma rede de segurança mas não parecia muito resistente e ela estava com o coração na boca. Eles foram subindo cada vez mais alto, até ao teto da tenda, e um atrás do outro começaram a baloiçar-se no trapézio. Tornou-se mais aterrador quando três deles, incluindo Pierre, ficaram suspensos pelos joelhos, apanhando os parceiros pelas mãos. Depois foi a vez dele de baloiçar e saltar e ser apanhado por um dos outros.

Ellen mal conseguia assistir. O seu coração batia violentamente de medo e, contudo, os seus olhos estavam marejados de lágrimas porque era demasiado belo, como um bailado aéreo. De cada vez que ficava sozinho no trapézio, Pierre soprava-lhe um beijo e o formigueiro voltava a percorrer-lhe a espinha.

Foi quase um alívio quando chegou o final; quatro dos homens construíram gradualmente uma cadeia humana, cada um deles agarrado aos pés de outro. Baloiçaram-se cada vez mais baixo até que, por fim, o primeiro homem se deixou cair na rede, deu um salto mortal e aterrou em segurança no ringue, rapidamente seguido por cada um dos outros. Mas Pierre e o parceiro ainda estavam lá em cima e, em lugar de descerem, voavam de novo nas alturas, desta vez executando duplos mortais antes de agarrarem o trapézio oposto. A multidão aplaudia, muitas pessoas levantando-se a bater os pés e a aplaudir de admiração.

Finalmente, os homens desceram e pegaram nas capas e os seis, impantes, deram a volta ao

ringue, soprando beijos à assistência. Mais uma vez, Pierre deteve-se diante de Ellen e fez uma grande vénia, atirando-lhe depois a capa.

- É o seu namorado? - sussurrou a mulher ao lado dela.

- É só um amigo - respondeu Ellen, agarrando a capa como se fosse uma tábua de salvação.

- Felizarda disse a mulher. - Ele parece um deus. Ocorreu a Ellen, quando arrancou o grande final e os cavalos e elefantes começaram a circular em redor do ringue com os diferentes artistas e palhaços, montados ou a marchar ao lado dos animais, que Pierre, ao atirar-lhe a capa, sabia que ela teria de esperar por ele para lha devolver. Mas, por esta altura, já ela fora arrebatada para um mundo de fantasia. Sally Trevoise que namorasse à vontade com um rapaz borbulhento de uma sapataria, ela ia sair com um deus louro que montava um elefante.

Enquanto toda a gente se dirigia para a saída da tenda, Pierre voltou pelo ringue vazio, com uma espécie de roupão por cima do fato azul.

- Anda comigo - disse ele, estendendo-lhe a mão para ela subir para o ringue. - Gostaste do espetáculo? - perguntou.

- Foi esplêndido, espantoso - disse ela. - Mas tu foste mesmo fantástico. Não tens medo lá em cima?

Ele levantou os olhos e encolheu os ombros. - Agora já faz parte de mim, já nem penso nisso. Então, o que é que queres ver primeiro?

- Os animais - disse ela, com entusiasmo. - Sobretudo o chimpanzé que estava com os palhaços.

Ele conduziu-a através da entrada dos artistas e Ellen deu por si no que parecia um labirinto caótico de caravanas, camiões, tendas e jaulas. Muitos dos artistas estavam sentados a fumar e a tomar chá, a sua maquilhagem brilhando vistosamente na luz poente que se desvanecia.

De um lado, os elefantes estavam amarrados a postes com uma corrente acima das patas e, do outro, os cavalos eram conduzidos a um pequeno picadeiro vedado, enquanto as focas estavam num tanque de água pouco fundo. Mas foram os leões e os tigres que mais a incomodaram pois estavam novamente nas jaulas com muito pouco espaço para se moverem.

- Não é um bocado cruel? - perguntou ela, nervosa. Estavam a rosnar, a arreganhar os dentes e a abanar as caudas. De perto, não tinham o ar esplêndido do ringue; as suas pelagens eram ralas e baças.

- Estão habituados - disse Pierre despreocupadamente.

O cheiro a excremento era opressivo. Ellen teve de tapar o nariz, o que fez Pierre rir. - O esplendor aqui perde-se, não perde?

Tinha razão. A magia evaporou-se definitivamente quando ela viu que o pequeno palhaço vestido de bebé era na realidade um anão muito feio e as raparigas que tinham um ar jovem e atraente, montadas nos cavalos, com os seus calções e coletes de cetim vermelhos, eram, afinal,

mulheres anafadas na casa dos trinta, passeando-se agora por ali de roupão, com cigarros dependurados nas bocas.

Contudo, a falta de esplendor tornava tudo ainda mais fascinante, especialmente porque Pierre estava de mão dada com ela e, de vez em quando, tocava-lhe na face ou no cabelo e segredava-lhe que ela era bela. Ellen viu a caravana que ele partilhava com um dos outros-irmãos Jack ou Jaques, como informava o programa. Era minúscula mas estava muito arrumada e limpa e Pierre disse-lhe que toda a gente do circo tinha de ser organizada porque funcionavam num mundo de disciplina e trabalho árduo.

- Nunca temos descanso - explicou ele. - Quando o espetáculo sair daqui, temos de arrumar tudo. Somos capazes de passar dois ou três dias a viajar até ao local do próximo espetáculo e toda a gente tem de participar na montagem da tenda, instalar as bancadas e preparar o equipamento. Quando não atuamos, temos de ensaiar, tratar da publicidade prévia, reparar coisas que se estragaram e os fatos têm de ser lavados e secos. Se houver um par de dias de chuva, andamos em lama até aos joelhos mas o espetáculo não pode parar, os animais têm de comer e beber, não há descanso, nunca.

De repente, eram dez e um quarto e Ellen sabia que tinha de ir. Ainda não tinha visto tudo, queria conversar com os outros artistas, conhecer todos os Irmãos Adolphus, saber de onde era Pierre e como se tornara trapezista, mas não havia tempo.

- Tenho de me ir embora - disse ela, com tristeza. - O autocarro sai daqui a pouco.

- Quem me dera que não tivesses de ir - disse ele, tomando-lhe o rosto nas mãos e olhando-a nos olhos. - Quanto te vi na praia, percebi que eras a rapariga dos meus sonhos. Tenho medo de te deixar ir agora porque podes não me vir ver amanhã.

Ellen ficou sem fala. - Queres estar outra vez comigo? – sussurrou, incapaz de acreditar que alguém tao atraente e talentoso pudesse mesmo querer namorar com ela.

- Amanhã, depois de amanhã, na próxima semana, sempre disse ele.

Estavam ao lado das caravanas; as luzes começavam a acender-se nas janelas, derramando pequenas poças de luz dourada na relva pelada. Ouviam-se risos, gritos e música provenientes de todas as direções, aromas de cozinhados misturados com o odor dos animais e o céu estava semeado de estrelas. Era extraordinariamente exótico, como um país estrangeiro, e muito difícil de imaginar que, logo atrás do círculo de caravanas e camiões, estava a pequena e sonolenta Falmouth.

- Tenho de correr - disse ela, sabendo que, se ele lhe pedisse para ficar, ficaria, sem querer saber do que o pai dissesse.

- Um beijo antes de ires - disse ele, tomando-a arrebatadamente nos braços.

Quando os seus lábios pousaram nos dela, ela perdeu a inibição. Nunca nada fora tão doce e, ao mesmo tempo, tão perigoso. O seu corpo pareceu dissolver-se no dele e as extremidades de todos os seus nervos formigaram.

- Corre, não percas o autocarro - disse ele, segurando-a pelos ombros, os seus dedos

acariciando-lhe a pele macia na parte superior dos braços. - Ia contigo mas assim vestido não posso, pois não?

Ellen riu-se. Haveria gente conhecida no autocarro e imaginava perfeitamente o falatório na loja da aldeia, no dia seguinte, se fosse vista com um homem de fato azul justo de lantejoulas. - Não, não podes ir comigo nessa figura. Mas onde me encontro contigo amanhã?

- Amanhã temos matinée. Aparece às duas e meia, depois vamos comer a qualquer lado. Mas corre agora, só tens cinco minutos para chegar ao autocarro.

Ellen teve de descalçar os sapatos e arrepanhar o vestido, mas sentia-se de tal maneira exultante que podia ter corrido os seis quilómetros até casa, se necessário. As pessoas na fila entravam para o autocarro quando lá chegou e, estando sem fôlego, teve a desculpa ideal para se limitar a acenar com a cabeça e a sorrir aos conhecidos.

Quando o autocarro arrancou, encostou a cabeça à janela e fechou os olhos para reviver o beijo de Pierre. Sentia uma contração no ventre, uma maravilhosa sensação de desejo que a submergia. Desta vez, pelo menos, sentia-se contente por Josie não estar em casa. Não queria partilhar isto com ninguém.

CAPÍTULO 6

Ellen trabalhou furiosamente no sábado de manhã. Levantou-se às seis e, às sete, já estava nos campos com o pai a apanhar batatas, tendo já dado de comer às galinhas, preparado o pequeno almoço e varrido e esfregado o chão da cozinha.

- Estás espevitada hoje - observou Albert quando desceu do trator para ajudá-la a apanhar as batatas que tinha acabado de cavar. Eram quase dez horas agora e ela já enchera uma dúzia de sacos grandes mas parecia tão plena de energia como quando tinha começado. - Alguma razão?

Ellen sorriu e limpou o suor da testa com o braço pois tinha as mãos cobertas de terra. - Adoro este trabalho, o solo está quente e granuloso e cheira bem. É como desenterrar um tesouro escondido.

- Nunca vi a coisa assim - disse Albert, mas sorriu porque a colheita daquele ano era espantosa. - Lembro-me de ter apanhado batatas muitas vezes com a terra alagada e de elas serem tão pequenas que mal conseguia encontrá-las.

Tirou do trator a garrafa-termo com chá e para o servir sentaram-se num par de caixotes virados ao contrário. - Era muito duro cultivar estes campos quando eras da minha idade? - perguntou Ellen.

- Olhando para trás, era, mas eu não sabia fazer mais nada respondeu ele, encolhendo os ombros. - Já me dava por muito feliz por comer uma refeição quente todos os dias. Nos anos 30 muita gente passava fome.

- Nunca quiseste fazer outra coisa, partir para outro lado? - perguntou ela, curiosa, subitamente consciente que sabia muito pouco sobre o passado do pai.

- Nesse tempo, a agricultura, as minas e a pesca eram tudo o que havia, a não ser para quem tinha nascido em berço de ouro. Suponho que, se os meus irmãos não se tivessem alistado antes de mim, quando a guerra rebentou, podia ter sido tudo diferente. Mas um de nós tinha de ficar e calhou-me a mim. O nosso Dick foi morto em 1940 em França, só tinha vinte e seis anos, um ano mais velho que eu, e o meu pai nunca mais foi o mesmo. Morreu um ano mais tarde e eu não tive alternativa a não ser ficar aqui.

- Não sabia que tinhas irmãos! – exclamou Ellen, surpreendida. - Onde é que estão os outros agora?

- É só o Eric, é dois anos mais novo que eu. Cortámos relações quando a minha mãe morreu; eu herdei a quinta e ele foi-se embora pouco depois. Não sei onde está, nunca mais tive notícias dele.

- Porque é que nunca me falaste do Dick e do Eric? - perguntou ela a medo. Parecia quase sinistro ele nunca ter falado dos irmãos antes.

Albert encolheu os ombros. - Não sei, pensei que, como não nos dávamos, não valia a pena falar deles. De qualquer maneira, nessa altura casei-me com a Clare, a tua mãe. Ela não estava talhada

para ser mulher de um lavrador, é uma vida dura de mais para mulheres que não nasceram nela. Talvez se eu fosse carpinteiro ou trabalhasse na construção civil, se tivesse arranjado uma casinha na cidade, as coisas tivessem corrido de outra maneira.

Nesse momento calou-se e Ellen percebeu que o pai não tencionava dizer mais nada sobre o assunto.

Pensou nas suas palavras enquanto tomava o chá. Uma semana antes, teria concordado mas, depois de conhecer Pierre, tinham-se-lhe aberto novas perspectivas. Estaria tão embeijada por ele se tivesse um trabalho normal, como conduzir um caminhão ou trabalhar num estaleiro de construção? Talvez parte da atração de Albert Pengelly para a mãe tivesse sido aquele lugar magnífico, a ideia romântica de o marido cultivar as hortaliças 'que comiam e ordenhar as vacas.

- Talvez - disse ela. - Mas eu acho que é uma questão de destino e as pessoas apaixonam-se porque é mais forte que elas.

Albert casquinou e torceu-lhe o cabelo. - Ora, que é que a minha pequenina sabe disso?

Ela corou. - Só o que tenho lido nos livros - disse ela. Mas agora é melhor começar a apanhar as batatas. Prometi à Janet encontrar-me com ela esta tarde na cidade.

Ao pequeno-almoço, revelara ao pai que tinha ido ao circo com Janet, a amiga da escola, na noite anterior; mostrara-lhe mesmo o vestido e os sapatos novos. Ele pareceu contente por ela ter finalmente saído, dizendo inclusivamente que devia fazê-lo mais vezes. Ellen esperava que ele não se importasse que ela passasse esta noite fora.

- É melhor parares de apanhá-las por volta do meio-dia, o sol está quente de mais para andares mais tempo cá fora - disse ele. - Além disso, mereces um descanso, fica na cidade se quiseres.

Logo à noite, de qualquer maneira, tenciono ir ao pub.

Ellen sorriu, radiante. Não contava que fosse tão fácil!

A matinée foi em tudo tão empolgante como o espetáculo da noite, em parte porque Ellen já conhecia um pouco os artistas e também porque havia um grande número de crianças entre o público. As suas exclamações e espanto perante tudo eram contagiosos.

Finalmente, Pierre e os irmãos entraram a correr no ringue e, como na noite anterior, Pierre aproximou-se dela e passou-lhe a capa com um sorriso rasgado. Quando lhe soprou um beijo antes de trepar pela corda, as suas entranhas contraíram-se com recordações do beijo. Os seus olhos nunca o largaram enquanto ele subia até aos trapézios nas alturas, notou as suas nádegas tensas, os músculos das coxas e dos braços salientes através do tecido fino do fato. Quando ele se ergueu sobre o trapézio e sorriu aos espectadores em baixo, mais uma vez ela observou as suas maçãs do rosto proeminentes e os lábios cheios. Pensou se ele se sentiria poderoso ali em cima, sabendo que todos os olhos estavam postos em si. Torná-lo-ia uma pessoa vaidosa ou não passaria para ele de uma espécie de representação?

O único homem que alguma vez vira nu fora o pai e já fazia alguns anos, antes de terem casa de

banho, quando ele tomava semanalmente banho numa tina na cozinha. Recordava-se de ter sentido curiosidade, quando era criança, a respeito daquele apêndice que ele tinha dependurado, rodeado de pelos, e só anos mais tarde, quando viu um garanhão a cobrir uma égua, é que compreendeu o que era.

Fazia uma boa ideia de como Pierre seria nu; afinal, quando o conheceu, ele estava com um fato-de-banho bastante reduzido. Achou o corpo dele lindo e isso fê-la interrogar-se sobre o que ele pensaria do seu. Sabia que devia sentir vergonha destes pensamentos mas era mais forte que ela. Uma vez, tinha observado a gata Fluff quando ela estava com o cio; dois gatos tinham aparecido a visitá-la e Fluff tinha-se espreguiçado no chão e contorcido sensualmente à frente deles, provocando-os e convidando-os ao mesmo tempo a copular. Era assim que Ellen se sentia agora: lavar o cabelo, pintar as unhas dos pés e pôr o vestido novo faziam parte dos preparativos. Queria que Pierre a desejasse.

Mas parecia indecente, colocando-a no mesmo pé das raparigas vulgares, demasiado maquilhadas, que rondavam as esquinas em Falmouth e faziam olhinhos aos rapazes que passavam.

Como na ocasião anterior, no final do espetáculo Pierre apareceu no ringue para se encontrar com ela. Mas agora tomou-a nos braços e beijou-a, indiferente ao facto de a tenda ainda estar cheia de pessoas a sair. Ellen experimentou uma fígada de medo de que alguém seu conhecido pudesse estar a ver mas o seu deleite com a ansiedade dele em estar com ela sobrepôs-se a tudo.

- Estás tão apetitosa que me apetece comer-te - disse ele, apesar de ela estar vestida exatamente com a mesma roupa do dia anterior. - Chegaste a tempo ao autocarro? Fiquei preocupado. Devia ter ido contigo.

- Apanhei-o por um triz - disse ela com um sorriso, tocada pela cortesia dele.

Ellen sentou-se no degrau da caravana de Pierre enquanto ele mudava de roupa e removia a maquilhagem. Ele tinha sugerido que apanhassem o ferry para St. Mawes, do outro lado do estuário, e jantassem lá. Ali sentada, a observar os artistas a passar, imaginou-se a falar às amigas de Pierre quando voltasse para a escola. «É trapezista, no nosso primeiro encontro levou-me a jantar em St. Mawes.» Haviam de ficar impressionadas; sugeria maturidade e sofisticação.

Pierre saiu da caravana com jeans e uma camisa branca de manga curta e a sua figura era mais atraente que a de um ator de cinema. - Nunca estive do outro lado do estuário - disse ele, dando-lhe a mão e conduzindo-a para fora através do labirinto de caravanas. - Mas já me disseram que é muito bonito.

- Toda a Cornualha é bonita - disse ela, com orgulho. - De onde és?

- Para ser franco, não sou de nenhum lado - disse ele. Nasci em Leeds mas os meus pais andavam sempre na estrada; o período mais longo que passei no mesmo sítio foi durante a guerra, quando me deixaram com uma tia, em Ilkley, enquanto entretinham as tropas.

- Também eram trapezistas? - perguntou ela.

- Não, o meu pai era ilusionista e a minha mãe a assistente dele. Ele reformou-se há alguns anos e agora voltaram para Leeds.

- Então como é que te tornaste trapezista?

- Quando a guerra acabou, o meu pai arranjou um emprego em Blackpool, na Torre. Era um espetáculo fantástico, com muitos números diferentes. Eu costumava observar os acrobatas e os trapezistas e não tardou muito que comessem a ensinar-me. Acho que tinha uma queda natural para aquilo porque, dois anos depois, uma família de trapezistas convidou-me a passar o Verão com eles. Só fazia as coisas mais fáceis mas eles começaram a treinar-me e, todos os anos nas férias, juntavam-me a eles. Foi assim que me meti nisto.

Por esta altura, já estavam no ferry e, como ia superlotado, Ellen não lhe fez mais perguntas pessoais até chegarem ao outro lado.

Ellen só tinha visitado St. Mawes duas vezes, a mais recente das quais no Verão anterior com Josie. Não tinham ficado muito impressionadas, era demasiado pequeno e tranquilo e as poucas lojas eram desinteressantes, mas quando Pierre começou a admirar as casas pitorescas ao longo do porto, fazendo comentários com genuíno prazer sobre a tranquilidade e o asseio da vila e dizendo que adorava viver num lugar assim, Ellen deu por si a encará-la de uma nova perspetiva.

- Gostavas mesmo de viver num sítio tão sonolento? - perguntou, surpreendida por ele ser capaz de parar para admirar um jardim durante imenso tempo sem se cansar.

- É a minha ideia de paraíso - disse ele languidamente. - Sem o mau cheiro dos animais, sem lama, sem gritaria. Arranjava um barquinho e passava o dia a pescar e, à noite, sentava-me diante de uma lareira a ler.

- E o teu trabalho? - perguntou ela, surpreendida.

Ele encolheu os ombros. - Não posso ser trapezista toda a vida. A minha ambição é ganhar o máximo dinheiro que puder, enquanto ainda sou bom, e depois sair. O circo não vai ser eternamente popular. A televisão já começou a afetá-lo; já não atuamos perante casas cheias como antigamente. Hoje só se ganha dinheiro a sério em números de cabaré em casinos e em sítios desses.

- Os casinos não são sítios onde as pessoas jogam? - Ellen franziu a testa.

Ele riu-se da sua ingenuidade. - São, mas alguns são sítios fabulosos que apresentam espetáculos fantásticos. Há um em Beirute que é espetacular. Conheci um casal que tinha acabado de chegar de lá, depois de um contrato de seis meses, e ganharam dinheiro suficiente para se casarem e comprarem uma casa.

O coração de Ellen começou a bater mais depressa. Se era este género de ambição que ele alimentava, toda ela era a favor. - Então queres casar-te? - perguntou, esperando não ter corado.

Ele pôs -os braços à volta dela e beijou-a ao de leve nos lábios. - Se arranjar a rapariga ideal.

Nessa tarde, houve momentos em que Ellen teve de se beliscar para ter a certeza de que não era um sonho porque a perfeição era absoluta: o sol cálido, o mar cintilante e a emoção de estar na companhia de um homem tão atraente. Notou que as pessoas mais velhas olhavam para eles, a caminhar de mãos dadas, e pela primeira vez na vida sentiu que era verdadeiramente bela e que tinha

o mundo aos seus pés. Pierre era extremamente interessante; tinha uma visão do mundo completamente diferente das pessoas que conhecia. Tinha visitado todas as grandes cidades, tanto em Inglaterra como no continente. Falava francês, espanhol e italiano e era culto.

Disse-lhe que muitas vezes passava os meses de Inverno a fazer outros trabalhos, a reparar automóveis, a assentar tijolos, a pintar e a decorar; os seus talentos pareciam inesgotáveis. Mas o que ela mais apreciou nele foi a sua franqueza. Estava habituada a pessoas que nunca exprimiam os seus sentimentos, que viviam num mundo tacanho onde não permitiam a entrada a estranhos.

Uma das suas professoras na escola tinha dito uma vez que o povo cómico era por natureza insular e desconfiado. Na altura, Ellen tinha considerado que era uma generalização exagerada e não a levava a sério mas agora, através de Pierre, compreendia que era verdade.

Contou-lhe a conversa com o pai nessa manhã e como até então não soubera que ele tinha dois irmãos. Por um momento, Pierre ficou pensativo e depois disse que imaginava que fosse uma lata de vermes que o pai tinha medo de abrir, não fosse ser incapaz de voltar a fechá-la.

Ela não compreendeu muito bem o que ele queria dizer e quis pedir-lhe que explicasse, mas Pierre perguntou-lhe então como era viver numa quinta no Inverno, se se sentia isolada e só e se guardava rancor à madrastra. Soube bem poder finalmente admitir que guardava rancor a Violet por ser a causadora de tanta infelicidade e que esperava que ela nunca mais voltasse. Falou-lhe também do que sentia por Josie.

- Sempre foi a minha melhor amiga e sinto imensas saudades dela. Dói-me imaginar como ela deve estar a sentir-se, presa em Helston com a mãe sempre em cima dela. Preferia aguentar a maldade da mãe comigo e com o meu pai a ver a Josie infeliz.

- Pode não se sentir infeliz - disse Pierre, apertando-a com força. - Se ela é como tu dizes, a estas horas já teria fugido se se sentisse infeliz. Estou sempre a assistir a situações dessas no circo, os miúdos que querem uma vida normal e os que adoram a estranheza desta vida. Acabam por tomar as suas opções; nada do que os pais façam ou digam faz muita diferença. Dizes que ela tem catorze anos, já tem idade para pensar por ela. Também disseste que ela não gosta muito da quinta e, se assim é, só há-de sentir saudades tuas, Ellen. Nenhuma de vocês vai esquecer os tempos felizes que passaram juntas; por isso, o melhor é viveres a tua vida e deixá-la viver a dela.

Caminharam até ao castelo e sentaram-se na relva a contemplar a vista de Falmouth, do outro lado do estuário. - Quem me dera que o dia de hoje nunca mais acabasse - disse Pierre com um suspiro. - Não me apetece voltar para o ringue outra vez logo à noite; apetece-me ficar aqui contigo e assistir ao pôr-do-sol.

Deitaram-se na relva e ele beijou-a longa e apaixonadamente e a certeza de que em breve teriam de se separar tornou o momento mais doce. Ellen sentiu que estava a arder por dentro, cada beijo inflamado apenas servindo para a incendiar ainda mais. Quando ele lhe tomou o seio numa mão, ela afastou-a, embora desejosa de que ele repetisse o gesto porque a sensação era divina.

Mas, às cinco horas, tiveram de partir e arranjar um sítio onde comer porque Pierre disse que, se se atrasassem mais, não poderia executar o seu número. Sugeriu que, em lugar de assistir mais uma vez ao espetáculo, ela ficasse na sua caravana para poder passar mais tempo com ela.

Ellen sorriu secretamente quando ouviu os primeiros acordes da música dos Irmãos Adolphus e imaginou-o a correr para o ringue e a remover a capa com um ademane.

Sentia-se confortável, deitada no beliche dele na caravana e, por um momento, fechou os olhos, recordando a tarde maravilhosa que tinham passado juntos: a viagem de ferry, a conversa, os beijos, as mãos dadas. Estava esfomeada quando chegaram ao pequeno café no porto, onde os ovos, as salsichas e as batatas fritas nunca tinham sabido tão bem. O ferry de volta vinha muito menos apinhado e ele tinha-a abraçado durante toda a viagem porque soprava um vento frio. Depois tinham ido para a caravana e ele fizera-lhe um chá.

Jack entrara por momentos mas tinha tirado o fato e a maquilhagem e dito que se ia vestir noutro lado. Havia uma intimidade natural, com Pierre a lavar-se e a mudar de roupa atrás de uma cortina fina, apenas a trinta centímetros da sua cabeça, deitada no beliche, continuando a conversar como se já tivessem feito isto um milhão de vezes. Era muito estranho ver um homem a aplicar maquilhagem. Riu-se do que o pai teria a dizer sobre isso. Mas Pierre tinha explicado que as luzes na tenda faziam os artistas parecer pálidos e doentes e que não era diferente dos atores no teatro que faziam o mesmo.

Ouviu as exclamações do público através da janela aberta da caravana, mesmo por sobre os rugidos dos leões que estavam de novo fechados nas jaulas. Pierre já afirmara que também sentia vontade de rugir e rosnar por vezes, quando voltava para a caravana, sabendo que tinha de fazer o mesmo espetáculo duas vezes por dia, durante semanas a fio.

Ellen adormeceu e foi subitamente acordada por um ruído ao seu lado. Assustada, abriu os olhos e deu com Pierre completamente nu.

- Sou só eu - disse ele, afagando-lhe a face. - Estava a tentar mudar de roupa em silêncio para não te acordar mas deitei uma colher abaixo da prateleira.

Ellen ficou perturbada com a nudez dele mas ele já lhe tinha dito que não podia usar nada por baixo do fato e estava a vestir-se para a levar mais tarde ao autocarro. Ellen desviou os olhos e ele enrolou uma toalha à cintura, sentando-se depois no beliche a remover a maquilhagem.

- O Frankie caiu esta noite - disse ele. - Anda outra vez a beber. O Rolf levou-o para a caravana dele.

Frankie era o homem mais velho da trupe; Pierre já lhe tinha dito que ele bebia de mais e que nenhum dos outros homens se sentia completamente seguro quando era ele a apanhá-los.

- Alguém se magoou? - perguntou ela.

- Só ele, felizmente aconteceu num numero a solo. Há-de estar com algumas pisaduras amanhã; quando se cai na rede daquela altura dói que se farta. O problema é que o Frankie é várias vezes

reincidente. Não podemos confiar nele, acho que vai ter de se pôr a andar.

- Como é que se arranjam sem ele? - quis ela saber.

Pierre virou-se para ela e baixou-se para a beijar. - Estou mais preocupado em saber como me

vou arranjar sem ti quando tivermos de partir - sussurrou ele.

Ellen quase se esqueceu que, tirando a toalha, ele estava nu e passou os braços à sua volta para o puxar para si. Um beijo levou a outro e, quando a mão dele deslizou para as costas dela para lhe abrir o fecho do vestido, ela não protestou.

- És tão bonita - murmurou ele, puxando-lhe o vestido para baixo e tirando-lhe o soutien. - Nunca senti por ninguém o que sinto por ti.

A sensação dos seus seios nus contra o peito despido dele foi tão excitante que, apesar de ter prometido a si mesma um milhar de vezes nesse dia que não o deixaria tomar liberdades com ela, no calor do momento essas promessas caíram no esquecimento. Não estava preparada para a felicidade insensata que os beijos e as carícias dele nos seus seios lhe transmitiam e qualquer ideia de protesto morreu à nascença. Pouco depois, ele despiu-lhe completamente o vestido, libertou-se da toalha e começou a puxar-lhe sofregamente as cuecas para baixo.

Não podemos - murmurou ela mas ele calou aquele ténue protesto com outro beijo demorado. Os seus dedos começaram a explorar as suas partes mais íntimas.

- Amo-te, Ellen - sussurrou ele contra o seu pescoço. - Deixa-me mostrar-te quanto.

Estas palavras mataram as suas últimas inibições. Se ele a amava, não podia ser errado, e, se ela o amava, tinha de confiar nele. Ele guiou a mão dela até ao seu pênis, enquanto continuava a brincar com ela, e ela ouviu a sua respiração tornar-se tão pesada como a dele. Chegavam sons do lado de fora da caravana, os rugidos contínuos dos felinos, gargalhadas e música, mas por qualquer razão tudo contribuía para que fosse perfeito e seguro. As emoções que experimentara nesse dia, quando ele a beijara, eram cem vezes mais intensas e sabia agora que a sensação ardente que sentira nas entranhas fora o despontar do verdadeiro desejo. Sentia-se maravilhada que os dedos e os beijos dele pudessem transmitir-lhe tal sensação de abandono e beleza e, quando ele deslizou entre as suas pernas abertas e a penetrou, a sua necessidade era tão forte como a dele.

Doeu um pouco e, nesse momento, quis pará-lo mas ele tinha as mãos nas suas nádegas e a boca colada à dela. - És tudo o que eu quero - sussurrou. - Minha bela, minha doce Ellen, abandona-te e entrega-te a mim.

Embora a sensação não fosse tão deliciosa como antes, o prazer que ele experimentava com ela parecia mais importante e continuou abraçada a ele, envolvendo as suas costas com as pernas e deixando-se arrebatada sem oferecer resistência.

De súbito, ele imobilizou-se e ela sentiu a sua transpiração começar a arrefecer nas suas costas macias. Ficou surpreendida que já tivesse acabado, por qualquer razão estava à espera que o momento contivesse mais dramatismo.

- É verdade que me amas? - murmurou ela, subitamente consciente de que não devia ter deixado as coisas ir tão longe.

- É verdade, sim - disse ele, ensonado, aninhando-se e enterrando a cabeça entre os seios dela. -

Quem me dera que pudesses ficar comigo para sempre.

Foi então que ela notou que tinha escurecido lá fora - a luz que entrava pela janela da caravana era de uma lanterna. - Que horas são? - perguntou. - O último autocarro!

Ele soergueu-se sobre um cotovelo e procurou às apalpadelas um despertador. - Quase dez e um quarto - disse ele. - Merda, perdi completamente a noção do tempo.

Em pânico, Ellen saltou da cama e começou a procurar a roupa. Sentia-se pegajosa em baixo mas demasiado embaraçada para pedir para se lavar. Não conseguindo apertar o soutien, Pierre apertou-lho e depois correu-lhe o fecho do vestido e encontrou-lhe os sapatos. - Eu vou contigo - disse ele. - Não te aflijas, havemos de apanhá-lo.

Vestiu-se em dois tempos e, pegando-lhe na mão, levou-a para fora da caravana e, através dos camiões estacionados, para o largo.

- Não venhas até lá - disse ela, sem fôlego, enquanto corriam juntos pela rua fora. - O autocarro está sempre apinhado ao sábado à noite e eu quero falar e ti ao meu pai antes que ele ouça por vias travessas.

Ele beijou-a apressadamente mais uma vez, antes de ela largar a correr para a paragem, e só quando se sentou no autocarro é que Ellen se apercebeu de que não tinham combinado um novo encontro.

Estava a chover torrencialmente quando ela acordou no domingo de manhã. O pai ainda não tinha chegado quando ela entrou em casa na noite anterior, o que foi uma sorte porque tinha o vestido completamente amarrotado e o cabelo em desalinho e ele podia tê-la interrogado. Ouviu-o entrar logo que se meteu na cama e fingiu estar a dormir quando ele espreitou para dentro do quarto. Mas não foi capaz de dormir. Ficou à escuta dos pios das corujas, da restolhada dos animais noturnos pela quinta, do pai a rressonar e do vento a levantar-se, acabando por trazer a primeira chuva em semanas.

Os domingos nunca variavam. O pai nunca fazia qualquer trabalho, exceto ordenhar as vacas; assim que terminava, vestia a melhor roupa, levava a família à igreja e depois voltavam para casa para um almoço melhorado. À tarde, geralmente dormitava numa cadeira de braços. A tradição não se alterara desde a partida de Violet e, mesmo que estivesse um dia bonito, Ellen sabia que o pai nunca a deixaria ir a Falmouth à tarde. Teria, portanto, de esperar até segunda. Mas faltava uma eternidade para segunda.

No serviço religioso da manhã na igreja, Ellen deixou-se arrastar por um devaneio com Pierre e o pai teve de dar-lhe cotoveladas várias vezes quando ela se esquecia dos resposos ou ficava sentada quando as outras pessoas genufletiam.

Tinha feito mal em deixar Pierre fazer amor com ela? Ele amá-la-ia de verdade? Casar-se-iam e viveriam felizes para sempre? Não se sentia como se tivesse feito nada de mal, só pensar nele dava-lhe vontade de sorrir. Mas via grandes problemas pela frente, um artista de circo não era o tipo de marido que o pai tinha em mente para ela. Albert teria preconceitos em relação a ele ainda antes de o conhecer e não ia decerto querer vê-la a seguir Pierre por todo o país como uma nómada.

Contudo, apesar de tudo isso, Ellen sentia-se otimista. O próprio Pierre tinha dito que aspirava a viver num lugar tranquilo, podia fazer uma série de trabalhos úteis na quinta. Talvez quando convencesse o pai de que amava este homem, ele estivesse preparado para lhe dar uma oportunidade.

- Parece que andas a sonhar hoje - disse Albert quando estavam a almoçar mais tarde. - Quase não disseste uma palavra.

Ellen olhou para ele e abriu a boca para deixar escapar que tinha conhecido uma pessoa mas a expressão desconfiada nos seus olhos calou-a. Era prematuro contar-lhe, ele podia ficar furioso e recusar-se a deixá-la sair outra vez. Devia esperar mais algumas semanas.

- Estava a pensar nas batatas - mentiu. - Amanhã tenho de trabalhar, achas que consegues apanhá-las sozinho?

- Já apanhei as que cavei - disse ele. - Não faz mal nenhum se o resto ficar no chão mais alguns dias. Seja como for, acho que a chuva vai passar esta noite.

Ellen nunca antes se importara com o silêncio na quinta mas, nesse domingo à tarde, parecia-lhe insuportável. Quando o pai começou a dormir na cadeira, subiu ao quarto e sentou-se no peitoril da janela a olhar para as báticas de chuva. Normalmente, era uma vista que a animava, fizesse que tempo fizesse e fosse qual fosse a estação. A mata de cada lado da casa apresentava infinitas tonalidades de verde, as terras de pasto estavam como de costume cobertas de um colorido tapete de flores silvestres e ela por norma adorava contemplar o progresso das culturas e agradecia a chuva que as fazia crescer com mais vigor. Mas naquele dia tudo lhe parecia simplesmente deprimente. O pastar das vacas e das ovelhas e a escassez de chuva tinham transformado as pastagens em restolho crestado e a secção de batatal revolvida pelo trator tinha um ar caótico. A enseada ao fundo da propriedade descrevia uma espécie de V mas os rochedos, o mar e o céu estavam cobertos de um soturno tom de cinzento-escuro.

Desviou os olhos da paisagem mas, olhando para o quarto, não viu nada que a alegrasse pois parecia tão desolado quanto ela se sentia. A janela era baixa e bastante pequena e, por isso, a não ser com sol brilhante, o quarto era sempre um pouco sombrio. A mobília era esparsa, apenas as duas camas, ambas cobertas com uma colcha azul-clara descolorida, uma velha cómoda estragada e alguns cabides na parede onde ela pendurava a roupa. As tábuas nuas do soalho tinham sido pintadas há muitos anos e a tinta estava a descamar, as paredes caiadas estavam sujas e os cartazes dos Beatles e de Elvis Presley que Josie tinha afixado há algum tempo perderam a cor.

Quando Josie estava em casa, Ellen nunca pensara na decrepitude e desconforto do quarto mas a verdade é que nunca se sentira só quando tinha a companhia da irmã. De súbito, a ideia de viver sozinha com o pai, durante mais dois anos de escola, encheu-a de um terror absoluto. Se tivesse um gira-discos ou se houvesse uma televisão em baixo, talvez não fosse tão mau, mas nem o rádio na cozinha funcionava bem. No seu âmago, sabia que o pai não ia aprovar nada a respeito de Pierre, nem o nome, nem a profissão, nem a idade. Que é que havia de fazer?

Na manhã seguinte, tinha parado de chover e Ellen partiu para o trabalho no bar sentindo-se otimista. Mas, embora estivesse novamente sol, estava bastante mais frio do que ultimamente e havia muito menos pessoas na praia. Como não havia muitos clientes, Ellen atarefou-se a limpar as prateleiras do bar, sempre com o pensamento em Pierre.

Reviveu todos os deliciosos momentos do seu encontro de sábado, evocando as palavras dele quando disse que nunca tinha sentido por ninguém o que sentia por ela. Ia dar tudo certo, sabia que sim. Talvez, entretanto, tivesse de guardar segredo da relação e visitá-lo quando ele estivesse noutra cidade próxima, mas não era nada do outro mundo.

Por outro lado, como Pierre tinha dito que passava muitas vezes o Inverno a trabalhar em Londres, talvez pudesse ir para lá e arranjar emprego. Duas raparigas da escola tinham arranjado lá trabalho num albergue de raparigas; podia pedir aos pais delas a sua morada em Londres. Não lhe parecia que o pai pusesse objeções a isto desde que tivesse um sítio seguro onde viver.

Às quatro e meia, os donos do bar apareceram para fazer contas e fechá-lo e Pierre continuava sem chegar. Preparava-se para partir, com a intenção de se dirigir para o local do circo e procurar Pierre, quando o pai apareceu na velha carrinha.

- Tive de encomendar semente - disse ele, caminhando ao encontro dela. - Calculei o tempo de maneira a poder dar-te boleia para casa. Queres um gelado?

Ellen percebeu pelo sorriso afetuoso do pai que, para ele, era um pequeno regalo que lhe fazia e não podia magoá-lo, parecendo pouco entusiasmada. Ele comprou dois gelados de cone e sugeriu que, em lugar de se meterem na carrinha, se sentassem ao sol no muro a comê-los.

Andavam agora mais pessoas por ali do que no resto do dia, muitos casais com crianças pequenas. Algumas estavam a preparar um piquenique na areia.

- Foi aqui que conheci a tua mãe - disse Albert inesperadamente. - A praia estava vedada com arame farpado, nessa época, mas ela estava sentada num banco a pintar. Parei para ver e começámos a conversar.

Era muito irónico que ele escolhesse logo este dia e lugar para começar a contar-lhe coisas que ela sempre tinha desejado saber. Contudo, em lugar de se sentir satisfeita, estava com medo que

Pierre aparecesse e os apanhasse juntos. Nunca até então se tinha sentido embaraçada ou envergonhada do pai mas agora esses sentimentos acometeram-na em força porque, com a sua roupa de trabalho grosseira, ele não tinha muito melhor aspeto que um vagabundo.

- Nunca te disse mas ela pertencia a uma família rica - continuou ele. - A casa dela ficava para aqueles lados. - Apontou para as casas no alto da colina, na margem do lago, do outro lado da estrada. - Posso levar-te lá agora e mostrar-te.

- Não. Agora não. Quero ir para casa - disse Ellen, levantando-se e encaminhando-se para a carrinha.

Mais tarde nesse dia, Ellen foi até à pequena enseada, assistir ao pôr-do-sol, lamentando amargamente o seu comportamento com o pai. Ele não disse uma palavra durante a viagem para casa e foi imediatamente apanhar batatas, mas ela sabia que ele tinha ficado magoado.

Porque é que a embaraçava ser vista com o próprio pai? Era horrível, nunca sentira vergonha dele antes.

As lágrimas rolaram-lhe pelas faces. No seu espírito, a ordem e a segurança tinham dado lugar a uma extrema confusão. Era este o efeito do amor sobre as pessoas? Fazia-as virar-se contra a sua própria família? Tinha sido isso que acontecera à mãe quando se casou com um homem que os pais dela não aprovavam?

O mais triste era a certeza de que agora nunca mais saberia a história toda. O pai tinha ido deliberadamente ter com ela. Era a sua maneira de mostrar afeto e apreço. Agora que o repelira, sabia que ele passaria semanas calado e cismático. Nem uma desculpa alteraria o que quer que fosse. Pois que razão podia apresentar para ter sido tão rude?

Na manhã seguinte, Ellen não tinha de ir para o bar mas levantou-se à mesma hora do pai e foi ajudá-lo a ordenhar as vacas. Ele limitou-se a acenar-lhe com a cabeça, nada mais, e sentada no banco da ordenha, a testa encostada ao flanco da vaca enquanto ordenhava, derramou mais algumas lágrimas. Após um pequeno-almoço silencioso, Ellen lavou a louça e foi imediatamente para o batatal. Albert estava a conduzir o trator, revolvendo os últimos carreiros de batatas, e ela pegou num saco e começou a enchê-lo. Duas horas mais tarde, doíam-lhe as costas de se dobrar e endireitou-se, observando o pai. Ele estava a avançar num sulco ao lado do seu, a partir da outra ponta, a apanhar tão rapidamente que parecia uma máquina. Mas, por qualquer razão, a piedade que antes sentira por ele transformou-se em ressentimento. Tinha-o visto muitas vezes excluir assim Violet, e Josie também, e se queria agora fazer-lhe o mesmo a ela, tencionava ignorá-lo.

- Acho-que-vou dar um salto à biblioteca na cidade - gritou ela. - Queres um chá antes de eu ir?

- Pode ser - respondeu ele. - Quantos sacos encheste?

- Cinco mas não consigo encher mais, doem-me as costas.

Ele não respondeu, não a elogiou por ter enchido tantos sacos, não manifestou preocupação com as costas dela. Que fizesse ele o chá, não ia sentir-se culpada por deixá-lo a acabar o trabalho enquanto ia de bicicleta visitar Pierre.

Ellen não tinha grande escolha em termos de vestuário para ir de bicicleta até ao circo. Era uma questão de calções ou de um velho par de calças largas: um vestido ou uma saia subir-lhe-iam pelas pernas a pedalar. Os calções ganharam; também eram velhos, mas assentavam-lhe bem e as suas pernas eram bonitas e estavam bronzeadas. Com uma blusa cavada, sapatilhas e o cabelo atado num rabo-de-cavalo, não tinha o ar sofisticado que o vestido creme lhe emprestava, mas por outro lado não queria dar a impressão de que andava atrás de Pierre.

Esqueceu-se do pai durante a viagem para a cidade. O seu único pensamento era o de voltar a ver Pierre. Levava o fato-de-banho e uma toalha no cesto da bicicleta, juntamente com um livro da biblioteca. Estava com esperança de que ele quisesse ir nadar com ela.

Mas, ao subir a colina à saída da cidade de Falmouth, mesmo à distância, viu que a tenda tinha sido desmontada. As árvores escondiam as caravanas e os camiões e, como a subida era demasiado íngreme para pedalar todo o caminho, teve de descer e levar a bicicleta pela mão, o pânico alvoroçando-lhe o coração. Era impossível que ele estivesse a pensar em partir sem estar primeiro com ela.

Finalmente chegou ao cimo do monte, o campo extenso espraiaando-se diante dela. Mas não estavam lá camiões nem caravanas nem barracas. Tudo desaparecera, o terreno onde a tenda tinha sido erguida estava vazio e crestado.

Horrorizada, atravessou a estrada e largou a bicicleta no chão. Não havia nada. As vedações do picadeiro onde eram guardados os cavalos já lá não estavam e o local reservado às caravanas e aos camiões não passava de uma secção de relva amarela e pisada. Havia sulcos profundos dos pneus dos camiões, zonas revolvidas de lama da forte chuva recente, um monte de excrementos de animais e lixo, latas e garrafas vazias, papéis de rebuçados, paus de algodão-doce, maços de cigarro e até alguns programas abandonados, pássaros a debicar avidamente migalhas e um cão solitário a farejar um contentor do lixo completamente cheio.

Ellen ficou ali, pregada ao chão, os olhos enchendo-se-lhe de lágrimas ao ver um balão vermelho voitar sobre a relva com a leve brisa. Parecia simbolizar o seu abandono e em breve embateria contra qualquer coisa afiada e rebentaria.

Porque é que ele não tinha dito que partiriam hoje? Fora tudo mentira quando dissera que a amava?

Do outro lado do campo, avistou uma pequena pickup e um homem a apanhar lixo. Correu na direção dele, pensando que pertencia ao circo, mas ao aproximar-se reparou que trazia o macacão da Corporação Municipal.

- Quando é que partiram? - perguntou ao homem. Ele era baixo e forte, com um rosto curtido.

- Ontem - respondeu ele. - Deixaram isto num esterco e só estou eu para limpar.

Tinha um sotaque cómico cerrado e um leve defeito de fala. Ellen deduziu que fosse um pouco simplório. - Sabe para onde foram? - perguntou.

- Não sei, são como os ciganos, não são?

- Mas alguém deve saber. - Já não conseguia conter as lágrimas. - De quem é este campo?

- Não sei - disse ele, abanando a cabeça. - Mandaram-me limpar, não sei mais nada.

Ellen voltou para a bicicleta, a soluçar. Estava completamente a tremer, o espírito confuso, mas mesmo no meio deste nevoeiro mental sabia que tinha dito a Pierre que ia estar todo o dia de se

gunda-feira no bar. A única razão possível para ele não lhe ir dizer que ia partir era porque não queria saber dela.

CAPÍTULO 7

No segundo domingo de Setembro, pouco depois da uma hora, Ellen andava no jardim a colher hortelã-pimenta para acompanhar o borrego ao jantar, quando ouviu um carro no trilho.

O coração pulou-lhe no peito, como durante o último mês sempre que ouvia esse som. Poderia ser Pierre que vinha à sua procura?

Infelizmente, sabia que era pouco provável. Se quisesse saber dela, não teria partido como partiu. Mesmo que tivesse acontecido qualquer coisa nesse dia que o tivesse impedido de ir à praia em Swanpool, podia ter-lhe mandado uma carta mais tarde. Contudo, continuava a alimentar uma esperança.

Desde o dia em que descobriu que ele partira da cidade, era como se uma nuvem negra a tivesse engolido. Não tinha vontade de comer, não conseguia dormir e não sentia interesse por nada. Não adiantava de nada dizer a si mesma que só conhecera Pierre num momento passageiro e que não levaria muito tempo a esquecê-lo. Os seus sentimentos estavam agora tão vivos como um mês antes. O que não conseguia compreender era a razão que o levava a fingir que ela era especial. Não fazia sentido nenhum.

Estava outro dia quente e ensolarado e Ellen usava um vestido novo que ela própria tinha feito. Era apenas um modelo sem feitiço nem mangas mas de um algodão bonito, num estampado verde e branco. Mrs. Peters tinha-lhe dado a ideia. Cerca de três semanas antes, abordara Ellen na aldeia para falar com ela e pareceu aperceber-se de que se passava algo porque a convidou para tomar um chá em sua casa. Ellen deu a entender que apenas se sentia desesperadamente só sem Josie e Mrs. Peters sugeriu que ela se dedicasse à costura para se distrair e ofereceu-se para a ajudar caso não se desvencilhasse.

Desde esse dia, Ellen tinha-se tornado visita regular da casa dos Peters. Servia-se do pretexto de que precisava de conselhos de costura mas, na realidade, sentia-se reconfortada com os modos maternos de Mavis Peters e isso ajudava-a a distrair-se de Pierre. Certa manhã, na igreja, Mrs. Peters revelara-lhe que tinha um tecido de lã azul-marinho de que não precisava e que daria um bonito vestido de inverno. Sugeriu que, se Ellen aparecesse no dia seguinte à noite, podiam cortá-lo juntas. Assim, depois da igreja, Ellen voltou para casa, sentindo-se um pouco mais animada do que nos últimos tempos e a pá de borrego que tinha deixado a assar lentamente no forno cheirava deliciosamente. Agora tinham uma visita e, quem sabe, talvez fosse outra agradável surpresa. Nesse momento, Albert saiu para o jardim; também ele tinha ouvido o carro. Quando este surgiu à vista, ambos sustiveram a respiração, chocados. Era um táxi. Violet estava sentada à frente ao lado do condutor e Josie vinha atrás.

- Esta- agora! - exclamou Albert, pois nunca mais recebera notícias de Violet desde o dia em que ela levava Josie.

Ellen correu para o carro com asas nos pés e abriu a porta de supetão. Josie não retribuiu as alegres saudações de Ellen, saindo do carro como um cão maltratado, e Violet estava com cara de

enterro. O taxista tirou as malas da bagageira, pousou-as no chão e sentou-se ao volante, fazendo inversão de marcha tão depressa que era claro que pressentia confusão.

- Como é que está a tua mãe? - perguntou Albert com frígida cortesia.

- Morreu há dez dias - respondeu Violet secamente. - Por isso estamos de volta.

- Sinto muito - disse Albert, pensando talvez que a mágoa fosse a única razão da expressão sinistra de Violet. - Devias ter-me informado.

Ellen passou os olhos pelos familiares. Não a surpreendia a formalidade de Violet, era típica dela. Mas não fazia ideia do que podia passar-se com Josie, que estava extremamente soturna. Trazia um bonito vestido azul-claro e sandálias brancas nos pés mas o seu olhar era frio e a boca estava contraída numa expressão de fúria. Quanto ao pai, estava simplesmente perplexo.

- Estávamos a preparar-nos para jantar. É melhor pôr a cozer mais legumes - disse Ellen, esperando soar acolhedora para melhorar a situação -, mas primeiro vou ajudar a Josie a desfazer a mala.

Ellen pegou nas duas malas e entrou em casa, seguida por Josie. Os pais ficaram no exterior. - Não imaginas como o teu regresso me enche de alegria - disse Ellen à irmã enquanto subiam as escadas. - Mas conta-me o que se passa. Estás contente por estares em casa?

- Não, não estou. - Josie entrou dramaticamente no quarto e atirou-se para cima da cama. - A mamã é terrível. Não imaginas como tem sido horrível comigo e com toda a gente. Odeio-a; e também não quero viver nesta casa a cair de podre. Olha para este quarto, Ellen! Não achas que merecemos melhor?

Ellen ficou chocada porque Josie nunca se tinha queixado antes. - Suponho que podíamos pintá-lo - sugeriu. - Mas que é que aconteceu para estares assim?

- Agora não posso dizer, ela cai em cima de mim se me ouvir contar-te alguma coisa - disse Josie, olhando receosa por cima do ombro para a porta. - Vai lá para baixo tratar dos legumes. Eu desfaço a mala. Não quero a minha roupa nova estragada.

Ellen não aguentava deixar as coisas assim. Sentou-se na cama ao lado da irmã e pegou-lhe na mão. - O que quer tenha acontecido entre ti e a mamã não tem nada a ver connosco - recordou-lhe. - Eu amo-te, Josie, morri de saudades tuas. Não sejas má comigo.

O lábio de Josie tremeu e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. - Também senti saudades tuas. Mais tarde conto-te tudo. Estou tão furiosa com a mamã que é mais forte que eu.

Enquanto Ellen preparava mais legumes e molho de carne e punha mais dois talheres na mesa, ia olhando para os pais pela janela. Como estavam sentados em duas cadeiras, de costas para a cozinha, não lhes via as caras, e estavam demasiado longe para ouvir o que diziam. Mas era claro, pela maneira rígida como estavam sentados, a gesticular com as mãos, que não era um reencontro feliz.

O novo trimestre na escola começava no dia seguinte e Ellen pensou que talvez tivesse sido por

isso que Violet tinha levado Josie para casa. Tinha reparado que a aparência da madrastra melhorara consideravelmente. Tinha cortado o cabelo e feito uma permanente e o vestido azul-marinho e branco que trazia era novo. Dava também ideia que tinha emagrecido. Mas, por mais exultante que Ellen estivesse com o regresso de Josie, não sentia o mesmo a respeito da madrastra. A sua reação instintiva era que os esperavam mais problemas e sabia que ia ser apanhada no calor das disputas.

Um silêncio constrangedor instalou-se à mesa. Violet estava com a boca franzida; Josie mantinha os olhos baixos. Ellen fez um esforço, comentando que Violet estava muito bonita e transmitindo mexericos sobre a aldeia, mas não suscitou reações.

- Meninas, vão dar uma volta - disse o pai depois de jantarem e de a louça estar lavada. - Nós temos coisas sobre que conversar.

Violet lançou a Josie um olhar malévolo que só podia ser uma advertência para que não dissesse nada que não devesse, mas não contrariou a sugestão do marido.

- A mamã é estúpida e egoísta - disse Josie num impulso assim que chegaram à enseada. - Estragou tudo.

Ellen estava perfeitamente consciente, pelo comportamento nervoso de Josie, que lhe tinha sido garantida uma boa tarefa se revelasse alguma coisa. - Eu não digo a ninguém que me contaste alguma coisa - tranquilizou-a. - Juro pelo que há de mais sagrado.

Josie sorriu debilmente, era uma jura que estavam sempre a usar em pequenas. - Oh, Ellen, não sei por onde começar - suspirou. - Não queria sair daqui, pensei que ia detestar estar em Helston, mas não foi o que aconteceu.

Pelos vistos, enquanto Violet ficou a olhar pela mãe, na pequena casa dela, Josie tinha ido para casa do tio Brian e da mulher Susan. Estes tinham dois filhos, disse-lhe Josie, John, de dezassete anos, e Mark, de quinze, e a casa deles era enorme, com seis quartos, um amplo jardim e um campo de ténis. Ao que parecia, Brian tinha ganho muito dinheiro na construção civil depois da guerra. Josie gostava de Mark e de John e, desde o primeiro momento, tudo correspondeu à sua ideia de paraíso porque a tia e o tio tratavam-na como a filha que nunca tiveram. Compraram-lhe novas roupas e tratavam-na com mil cuidados. Josie começou a ter aulas de dança e a tia estava ligada a um grupo de teatro amador, onde também levou Josie, e ela tinha adorado.

- Sentia-me mesmo feliz com eles - explodiu ela, furiosa. Não era só porque me tratavam bem, mas porque achei que era assim que se devia viver. Senti saudades tuas mas foi a única coisa daqui de que tive saudades. O meu quarto era fantástico; podia ouvir discos, jogar ténis e ir nadar com os meus primos, ver televisão e ir ao cinema. Sentia que era o meu lugar.

Embora Ellen sentisse tristeza com o que Josie estava a dizer, compreendia. - Que aconteceu então? - perguntou.

- A minha avó disse que a mamã podia ficar com a casa dela quando morresse. - Josie fez um esgar. - Não sei para que é que ela a queria, era horrorosa. Mas a mamã imaginou que podia arranjá-la e que ia conseguir emprego em Helston. Não se importava que eu ficasse com o tio Brian e frequentasse a escola secundária lá. Acho que pensou que, se me deixasse com eles, também

continuavam a ajudá-la a ela. Depois, a minha avó morreu e descobriu-se que afinal a casa não lhe pertencia. O tio Brian tinha-a comprado há muitos anos para a avó não ter de pagar renda. Disse que a mamã não podia ficar com ela porque fazia tenções de arranjá-la para a alugar a turistas.

Ellen quase se riu, recordando as palavras do pai a respeito das razões de Violet para ir para Helston. Podia ter dito: «É muito bem feito» se Josie não estivesse tão perturbada.

- A mamã ficou como um touro enraivecido - continuou Josie. - Pôs-se a gritar que tinha olhado pela velha durante essas semanas todas quando nenhum deles se ralou e que tinha direito a ser recompensada pelo incómodo. Foi horrível com toda a gente, sobretudo com o Brian, e fez com que toda a gente percebesse que só tinha ido cuidar da mãe porque pensava que ia lucrar alguma coisa.

Ellen estremeceu; sabia bem como Violet podia ser malcriada.

- O tio Brian atirou-se a ela, havias de ter ouvido as coisas que lhe disse! Até disse que elasó me teve para obrigar o papá a casar com ela. E depois disse-lhe que ela não precisava da ajuda de ninguém, afinal podia ganhar uma fortuna com a quinta. Disse que, se ela tivesse juízo, voltava para aqui e fazia o papá ver a mina de ouro que tinha debaixo dos pés.

Ellen franziu a testa. Não compreendia como alguém podia pensar que a quinta era uma mina de ouro. - Mas não é - exclamou ela. - O que é que o tio Brian quis dizer?

- Também não percebi mas o meu primo John explicou - disse Josie. - É que a terra, pela localização que tem, vale uma fortuna, pelo menos para alguém com imaginação e dinheiro para investir nela. Falou de um hotel, casas de férias, coisas dessas. O tio Brian só a visitou uma vez mas trabalha no ramo e sabe. Calcula que pode valer um milhão de libras e, além disso, o papá podia sempre construir uma pequena casa para ele e ficar com alguma terra para cultivar. Assim, ficava a ganhar pelos dois lados.

Era uma revelação extraordinária para Ellen. - Mas o papá nunca há-de querer vender - disse ela. - A mamã deve ter enlouquecido se julga que o convence.

Josie encolheu os ombros. - Foi também o que eu pensei mas a mamã acha que consegue e quer que eu a ajude. Foi por isso que voltámos.

- Bem, estou muito feliz que tenhas voltado - disse Ellen, embora não pudesse deixar de pensar que podia bem tornar-se um pesadelo, se Josie não queria estar ali.

Estavam sentadas numa rocha mas Josie levantou-se abruptamente, pegou numa pedra e arremessou-a ao mar. - Pois eu não estou nada feliz. Tenho de voltar para Helston. Há lá um rapaz de quem gosto muito.

Seis semanas antes, Ellen não teria considerado que fosse uma boa razão mas agora tinha uma opinião diferente. - Oh, Josie - suspirou. - Sei muito bem o que sentes.

Ouviu enquanto Josie lhe falava de um rapaz chamado Dave que era um mod e andava de lambreta. Descreveu pormenorizadamente a sensação dos beijos dele, repetindo que não aguentava a separação.

Ellen limitou-se a acenar com a cabeça. Tudo o que Josie dizia tocava numa corda sensível dentro dela.

- Amo-o - confessou Josie por fim. - Se não puder estar com ele, morro.

De súbito, calou-se, olhando com curiosidade para Ellen. - Que é que quiseste dizer quando disseste que sabias o que eu sentia? Também conheceste alguém?

Ellen sentia-se demasiado infeliz para ser cautelosa. Contou-lhe a história toda de Pierre, incluindo o facto de terem feito amor.

- Ellen! - sussurrou Josie, arregalando os olhos de espanto. - Não acredito que tenhas feito uma coisa dessas. Sempre foste a mais atinada das duas.

- Não me parece que ninguém seja atinado quando se apaixona - disse Ellen com tristeza. - Podia ter jurado que tudo o que ele disse foi sincero mas partiu sem sequer se despedir de mim.

- Se calhar aconteceu-lhe qualquer coisa que o impediu. Eu não tive oportunidade de me despedir do Dave.

Ellen abanou a cabeça. - Já refleti muito sobre isso tudo mas agora sei a verdade. Ele simplesmente aproveitou-se de mim. Se gostasse de mim a sério, podia ter deixado uma mensagem no bar.

Josie pegou na mão de Ellen e apertou-a. - Não digas isso, não aguento pensar que alguém te magoou.

- Estou a refazer-me aos poucos - disse Ellen, mas as lágrimas que se lhe avolumavam nos olhos provavam o contrário.

Josie olhou para ela por um momento. - Não podes estar grávida, pois não? - disse ela.

- Não digas isso - exclamou Ellen. - Já assim me sinto horrivelmente mal. Não se engravida à primeira, pois não?

Josie encolheu os ombros. - Não sei. Mas a tia Susan teve uma conversa comigo quando me viu aos mimos com o Dave. Contou-me que a filha de uma das amigas dela ficou grávida de um marinheiro da HMS Culdrose, a base naval perto de Helston. Ele foi mandado para o estrangeiro e ela ficou para trás a enfrentar as consequências.

Subitamente, Ellen sentiu-se muito inquieta. Não se tinha sequer lembrado da possibilidade de uma gravidez, o desgosto já bastava para ocupá-la, mas agora, pensando melhor, a última vez que tinha tido o período fora antes de conhecer Pierre. Ou seja, pelo menos há cinco semanas.

- Estás bem? Ficaste completamente branca - disse Josie, chegando-se à irmã para abraçá-la. - O teu período não está atrasado, pois não?

- Acho que está - disse Ellen, num sussurro.

- Pode ser só da aflição - disse Josie, afagando ternamente o rosto da irmã. - O meu nem sempre vem no dia certo. Merda, quem me dera não ter dito nada!

- Que duas, hein? - disse Ellen, com um suspiro. - Tu não queres estar aqui, eu também não vou querer se descobrir que estou grávida. O papá e a mamã vão andar sempre pegados. Que diabo vamos fazer?

- Fugir juntas? - disse Josie.

Por alguns segundos, a ideia pareceu maravilhosa a Ellen. Mas o seu bom senso prevaleceu quase de imediato. - Não podes fugir para nenhum lado; não tens idade suficiente para deixar a escola. E não digas uma palavra sobre Isto à mamã ou ao papá, ouviste?

- Claro que não digo - prometeu Josie. - Mas antes de voltarmos para casa, tenho de te dizer mais uma coisa.

- O quê? Não me digas que também fizeste o mesmo.

Josie riu-se. - Não, mas senti-me tentada, o Dave era tão querido. O que queria dizer é que tenho de andar sempre deprimida em casa. É talvez a única maneira de a mamã me mandar de volta para casa do tio Brian. Quer dizer que vou ter de fingir que sou desagradável contigo e irritar também o papá. Quando estivermos sozinhas, é como antes. Mas quando estivermos em casa, não.

Ellen encolheu os ombros. Sentia-se tão em baixo que nada podia agravar o seu estado de espírito. - Está bem. Se estiver grávida, suponho que o teu comportamento comigo pode ser uma boa razão para me ir embora.

- Não podes fazer isso! - Josie arregalou os olhos, alarmada. - Eu não ia aguentar.

- Mas não há remédio, pois não? - disse Ellen, os seus olhos enchendo-se de lágrimas. - Se estiver, o papá vai ficar furioso. E, mesmo que se acalmasse e acabasse por ficar do meu lado, imaginas a mamã a reagir bem?

Josie pôs um ar desolado porque se estava a recordar das instruções da mãe, no dia anterior, quando estavam a fazer as malas para voltar. A sua nova função era forçar Ellen a deixar a quinta. Se não conseguisse, não podia voltar para Helston. O raciocínio de Violet era que, sem a ajuda de Ellen, era muito mais provável que Albert concordasse com a venda.

Quando Josie recebeu este ultimato, a sua preocupação tinha sido planejar a sua própria fuga e mal digeriu a crueldade da mãe para com Ellen. Mas este último desenvolvimento era capaz de arruinar os planos de toda a gente. Se Ellen estivesse grávida, o mais certo era revelar a verdade e não limitar-se a fugir. Era assim que ela era. O pai ia ter um ataque de fúria mas acabaria por defender Ellen. Quando o bebé nascesse, a mãe não teria a mais remota possibilidade de conseguir que o pai vendesse a quinta. E ela, onde ia acabar?

- Acho que não podes estar grávida - disse Josie com otimismo. - Estamos a deixar-nos levar pela imaginação. Mas, entretanto, vamos fazer de conta que estamos de candeias às avessas e depois, aconteça o que acontecer, podemos ajudar-nos uma à outra.

Em meados de Outubro, quando o período não tinha chegado, Ellen teve de encarar o facto de que estava grávida. Tentou ignorá-lo, acreditar que não podia estar a acontecer-lhe a ela, mas lá no fundo sabia. Os seus seios estavam sensíveis, por vezes sentia náuseas de manhã quando o aroma do bacon frito lhe chegava às narinas e, ao consultar um livro na biblioteca, descobriu que eram dois dos sintomas.

Durante o dia, Ellen conseguia esquecer. Frequentar o décimo primeiro ano dava-lhe muitos privilégios; era mais calmo do que o resto da escola. Gostava dos estudos e dos professores. Mas, assim que chegava a casa, a ansiedade voltava porque o ambiente era sufocante.

Não podia escapar, ajudando o pai na quinta, porque tinha demasiados trabalhos de casa e Violet nunca perdia uma oportunidade para a achincalhar ou a culpar de qualquer coisa. Quanto a Josie, tornava a situação ainda mais intolerável porque estava a seguir o seu plano de nunca lhe falar a não ser que estivessem sozinhas.

O pai tornara-se absolutamente inacessível. Entrava em casa para as refeições, devorava-as em dois tempos e desaparecia outra vez. A infelicidade era bem visível na sua expressão e ela imaginava que, sempre que ela e Josie não estavam em casa, Violet lhe azucrinava os ouvidos para vender a quinta, talvez até recorrendo à chantagem com a promessa de se ir embora de vez se ele a recompensasse.

Ellen desejava desesperadamente ir ter com ele e conversar, dizer-lhe que estava firmemente do seu lado, mas Violet estava sempre vigilante, incumbindo-a constantemente de tarefas e obrigando-a a fazer os trabalhos de casa. E, quando era agradável, era unicamente com o fito de louvar as ótimas oportunidades que as raparigas novas tinham nas grandes cidades e dizendo que só os tolos queriam ficar na Cornualha.

O pai tinha mesmo desistido de folgar ao domingo. Outubro era um dos meses de maior azáfama, em que era necessário lavrar e fazer reparações nos telheiros e nos celeiros antes do Inverno, mas isso nunca o impedira até agora de ir à igreja nem de dormir à tarde. Ellen ficava desfeita quando o via lá fora o dia todo. Sabia a importância que ele dava à religião e sentia que podia adoecer se não descansasse um pouco.

Os veraneantes desapareceram quando as folhas começaram a cair das árvores e as tempestades outonais principiaram. Ellen já não se deliciava com os esquilos a saltar de árvore em árvore ou

quando avistava uma raposa ou um texugo nas suas caminhadas para apanhar o autocarro da escola, arrostando ventos fortes pela estrada e evitando meter os pés na lama grossa: a única coisa que ocupava o seu espírito era a difícil situação em que se encontrava.

Já deixara de imaginar que Pierre voltaria para a levar com ele. Resignara-se ao facto de ele só ter desejado ir com ela para a cama e tinha sido uma idiota ao acreditar que era amor.

Todas as suas grandes perspectivas para o futuro, de ir para um instituto ou até para a universidade, estavam destruídas. No próximo mês de Maio teria um bebé, sem marido e sem dinheiro. Não sabia o que ia fazer.

Nas férias intercalares, no final de Outubro, Violet despachou Ellen à aldeia, uma tarde, para

fazer compras. No passado, Ellen tinha sempre trabalhado com o pai durante as férias mas, desta vez, Violet tinha-se recusado a autorizá-la. A sua astúcia era extrema, convencendo o pai de que se preocupava e de que não devia pedir ajuda à filha porque ela tinha de estudar, mas no fundo a sua intenção era simplesmente mantê-los separados.

Estava a chover torrencialmente e Ellen sabia que Violet não precisava das compras para esse dia, a sua intenção era unicamente agravar a sua infelicidade. Mas, por mais chuvoso e frio que estivesse, era um alívio sair de casa porque Josie era cada vez mais desagradável e, por vezes, Ellen pensava mesmo que ela era sincera.

Tomou o trilho através dos campos e, ao aproximar-se dos degraus ao fundo, perto da aldeia, avistou Mavis Peters a passear o cão. Mesmo à chuva, era uma mulher elegante, com uma gabardina creme, um chapéu a condizer e galochas castanhas brilhantes.

Ela cumprimentou Ellen com um sorriso afetuoso. - Olá, minha querida, que bom ver-te. Tive saudades tuas. Mas imagino que agora tens muito que estudar para poderes visitar-me.

Ellen acenou com a cabeça, embora a verdade fosse que Violet não a deixava ir a nenhum lado depois das aulas. Mas Mrs. Peters pareceu pressentir que havia um problema porque insistiu para que Ellen fosse a casa dela tomar chá e dar dois dedos de conversa depois das compras. Como só a ideia de estar naquela casa calorosa e acolhedora valia o risco de enfrentar a ira de Violet, Ellen acedeu prontamente.

Mr. Peters estava ausente e, assim que Ellen se instalou numa confortável cadeira diante do fogo, Mrs. Peters perguntou-lhe ternamente porque é que Josie e a madrastra tinham voltado para casa. Ellen não conseguiu conter-se, tinha de desabafar com alguém sobre o assunto, e assim descreveu-lhe os horrores da situação.

Uma das razões por que Ellen sempre se sentira à vontade na companhia de Mr. e Mrs. Peters era o facto de não serem conservadores como as pessoas da terra. Não eram maledicentes, eram pessoas interessantes e inteligentes, verdadeiramente cultas e muito viajadas. Nas noites que Ellen passara a costurar com Mrs. Peters, tinham discutido assuntos como política, religião, arte, livros e música, e Ellen surpreendera-se sempre com a atitude moderna da mulher mais velha. Mas era a sua capacidade para compreender os outros que mais impressionava Ellen. Nunca era preconceituosa nem crítica, parecia apenas possuir um talento enorme para compreender a natureza humana.

Além disso, Ellen admirava a forma como Mrs. Peters tinha sempre um ar bem-arranjado e atraente; não perdera o interesse pela moda e nunca se apresentava sem pó-de-arroz e bâton. Mas eram os seus vivos olhos azuis e o seu sorriso rasgado que lhe davam um aspeto muito mais jovem do que os seus cinquenta e oito anos. A sua voz era muito bonita, o verdadeiro inglês da BBC, dando a Ellen vontade de também ser capaz de falar assim.

Mrs. Peters limitou-se a acenar com a cabeça, em sinal de compreensão, enquanto Ellen lhe contava o que se passava na quinta. - Santo Deus - suspirou finalmente. - Devo confessar que andava preocupada contigo quando soube que a Violet tinha voltado. Mas quando a vi tão elegante na igreja, pensei que talvez estivesse a correr tudo bem.

- Ela só veio porque alguém lhe disse que a quinta valia uma fortuna - disse Ellen com um certo

azedume. - A Josie anda tão deprimida como eu. Gostava de estar em Helston. Quanto ao meu pai, evita pôr os pés dentro de casa.

Tomaram uma chávena de chá e Ellen provou uma fatia de bolo de cereja caseiro. Então, sem saber por que razão, confidenciou subitamente num impulso que estava grávida. Talvez fosse a sensação de calor e segurança, dentro daquela casa, que a motivou ou a bondade que Mrs. Peters sempre demonstrara para com ela. Talvez também soubesse que em breve seria evidente aos olhos de todos e, por isso, era preferível contar pessoalmente a Mrs. Peters, antes que ela soubesse pelas más-línguas da aldeia.

Enquanto as palavras se sucediam em catadupa, sentiu-se horrorizada consigo mesma. Quase esperava que Mrs. Peters a pusesse na rua sob uma chuva de insultos. Mas ela não ficou chocada nem escandalizada, apenas profundamente compadecida, e as perguntas que fez foram tão carinhosas e meigas que Ellen contou toda a história a soluçar.

Quando chegou ao fim, Mavis Peters levantou-se, sentou-se no braço da cadeira de Ellen, passou-lhe os braços pelos ombros e puxou-lhe a cabeça contra o peito. - Pobrezinha - disse ela, procurando acalmá-la. - Pressenti que se passava qualquer coisa de grave quando deixaste de aparecer. Tenho-te achado adoentada na igreja nos últimos domingos mas, na presença da Violet e da Josie, não podia realmente falar contigo. Mas o teu segredo fica bem guardado, prometo que não vou contar a ninguém e que te ajudo em tudo o que puder.

Ellen ficou aliviada por não ouvir repugnância na voz da mulher mais velha. - Que hei-de fazer? - perguntou. - Não posso guardar segredo para sempre, pois não?

- Não, não podes, querida - respondeu Mrs. Peters, numa voz calma e tranquilizadora. - O mais lógico, claro, é contares imediatamente ao teu pai, mas suponho que tens receio disso.

Ellen assentiu. - Só vai piorar as coisas lá em casa. Eu não quero ter um bebé, Mrs. Peters, sem estar casada e ter uma casa minha. Não suporto a ideia de as pessoas aqui cochicharem a meu respeito. Nem de o meu filho ou filha ser chamado bastardo quando tiver idade para andar na escola.

Mrs. Peters recordou-se de Ellen lhe ter contado como tinha sabido da sua mãe verdadeira e de como ela morrera. Era claro que ainda sentia a vergonha e a mágoa desse momento e não queria que acontecesse o mesmo a um filho seu.

Mrs. Peters sabia por Frank, o marido, que a quinta de Beacon era um lugar onde não havia qualquer espécie de conforto. Sabia também que Violet era uma megera desonesta e que, se Ellen tivesse de criar ali o filho, não tardaria muito a correr para os penhascos com a criança ao colo, à semelhança da mãe.

- Há pessoas que te podem ajudar - disse ela suavemente. Não precisas de ficar na quinta, há lares especiais para raparigas na tua situação, com pessoas capazes que te dão bons conselhos e te ajudam a decidir se queres ficar ou não com o bebé.

Explicou como funcionava a adoção, que havia casais sem filhos que desejavam desesperadamente um bebé seu para amar e que Ellen talvez devesse considerar essa possibilidade. - Mas isso é mais tarde - acrescentou. - Estou preocupada contigo agora, sentes-te desesperada e

sinceramente penso que a solução é saíres de casa o mais rapidamente possível, para poderes passar o resto da gravidez tranquilamente.

- Partia amanhã se tivesse para onde ir - disse Ellen, fungando para conter as lágrimas. - Qualquer coisa é melhor do que aguentar a antipatia da Violet e da Josie e o meu pai sempre a fugir de mim.

- Há lares de acolhimento para raparigas como tu mas só te aceitam nas últimas seis semanas de gravidez - disse Mrs. Peters. - Podes desde já reservar lugar num deles, ir viver para lá perto e conseguir trabalho até chegar a altura.

- E a escola? - perguntou Ellen.

- A escola não é a razão de ser de tudo - disse Mrs. Peters, dando uma palmadinha no ombro de Ellen. - Uma rapariga inteligente como tu pode sempre acabar o liceu mais tarde, frequentando uma escola noturna.

- Mas se ficar com a criança nunca mais posso - disse Ellen, saltando-lhe aos olhos novas lágrimas. - E como posso ficar com ela? Não tenho dinheiro.

Mrs. Peters tinha duas filhas e nenhuma delas fora uma santa, sobretudo mais nova, Isobel. Mas tinham sempre ultrapassado os problemas familiares, resolvendo as coisas em conjunto. As duas raparigas estavam agora casadas e ela tinha quatro netos, o que só serviu para lhe recordar a extrema solidão em que Ellen se encontrava.

Albert era um homem pouco comunicativo, obstinado e, ao que toda a gente dizia, difícil e a mulher pouco mais era que uma prostituta. Na opinião de Mavis, a sensibilidade e inteligência de Ellen vinham-lhe da mãe biológica. Ela e Frank tinham-se afeiçoado à rapariga e estavam convencidos de que ela iria longe e era, por isso, terrível que, por causa de um breve momento de paixão, o seu futuro ficasse comprometido. Embora, no geral, condenasse que um estranho se interpusesse entre um filho e os pais, achava que no caso de Ellen alguém tinha de o fazer.

- Queres que tente informar-me sobre lares que te possam receber? - perguntou a Ellen. - Conheço um em Bristol. A minha filha Isobel faz parte da direção. Talvez também consiga encontrar uma boa família que precise de alguém para tomar conta dos filhos e assim podias ficar lá até chegar o momento de ires para o lar.

A esperança iluminou os olhos de Ellen. - Oh, Mrs. Peters, por favor, seria maravilhoso. - Mas, mal falou, o seu rosto ensombrou-se. - Mas como é que vou partir? Não posso magoar o meu pai desaparecendo assim sem mais nem menos.

- Pois não, não podes nem deves pensar nesses termos - disse Mrs. Peters com firmeza. - Mas, se a família que a minha filha te arranjar te oferecer um emprego, é uma boa razão para partires, não é?

- Ele não vai gostar que eu abandone os estudos. E os meus professores também não.

- É verdade, mas o teu pai deve saber como vives infeliz com a Violet. Há-de pensar que é essa

a razão.

Ellen ficou uns momentos sentada em silêncio. Enquanto pensava no que Mrs. Peters sugerira, sentiu que começava a sair-lhe dos ombros o enorme fardo que carregava. Inclinou-se para Mavis e abraçou-a. - É tão boa para mim. Sinto-me muito melhor agora. Obrigada.

Frank Peters chegou pouco depois de Ellen se ir embora e Mavis, sentindo-se culpada por se interpor entre pai e filha, contou-lhe tudo.

- Procedeste bem - disse ele. - Contar ao Albert teria sido um desastre completo. Partindo, a Ellen pode decidir por ela sobre o que é melhor para ela e para a criança.

- Ele ficaria furioso se alguma vez descobrisse - frisou Mavis.

Frank encolheu os ombros. - E depois? Se não fomentasse o isolamento daquelas raparigas, provavelmente isto nunca teria acontecido. Não sou capaz de sentir muita pena dele; toda a gente acha que pressionou a mãe da Ellen a casar-se com ele. E há quem diga que foi ele que a levou à morte por ser demasiado possessivo. Não me agrada pensar na pequena Ellen presa naquela quinta até ao fim da vida, vale mais do que isso.

- Tenho de ligar à Isobel logo à noite para falar disto - disse Mavis, alentada com o apoio do marido. - O melhor seria a Ellen sair daqui até ao Natal, ou logo a seguir, antes que alguém se aperceba do que se passa.

- Gostava de saber se ela contou à Josie - disse Frank.

- Não disse.

- Espero que não, as adolescentes são por vezes muito traiçoeiras - disse Frank, pensativo. - Não posso deixar de pensar que a Josie não é da mesma fibra da Ellen, por mais parecidas que sejam fisicamente.

CAPÍTULO 8

Josie recusou-se a acompanhar Ellen à estação de Truro, onde ela apanhou o comboio para Bristol. Estava demasiado zangada com a irmã. Nem sequer se despediu quando Ellen se meteu na carrinha do pai, ficando no quarto, furiosa, a dar murros nas almofadas da cama.

Era o dia 20 de Dezembro. As decorações de Natal estavam colocadas há uma semana e já tinha sido cortada e envasada uma árvore para trazer para dentro de casa mas, dois dias antes, Ellen recebera uma carta com um bilhete de comboio das pessoas de Bristol para quem ia trabalhar a dizer que precisavam imediatamente da sua ajuda para olhar pelos filhos.

Ellen não tinha de partir já, antes do Natal, mas Josie sentiu que era o que ela queria. Estava preparada para a partida de Ellen em 1 aneiro e, nessa altura, não teria ficado zangada. De qualquer maneira, ia para casa do tio Brian no dia 26, onde passaria o resto das férias. Mas, graças a Ellen, estava tudo estragado. A mãe tinha mudado de ideias repentinamente e agora não deixava Josie ir.

Não era justo. Queria estar presente na grande festa da família na véspera de Ano Novo, divertir-se com os primos, assistir à pantomima e a tudo o resto que o tio Brian tinha organizado, e, acima de tudo, queria estar outra vez com Dave.

Josie achava-o divinal, com o seu cabelo preto retinto, olhos achocolatados e as pestanas mais longas que alguma vez vira. Adorava o seu penteado curto com a melena sobre os olhos, a sua lambreta e a parca com capuz debruado a pelo de lobo. Ele tinha-a levado a dar uma volta de lambreta no Verão e, a seguir aos beijos dele, era a coisa mais excitante que alguma vez tinha feito.

Josie não se deixou enganar quando a mãe lhe disse que não podia ir agora porque não era decente deixar o pai sem as duas filhas numa quadra familiar. Como se se ralasse com o que ele sentia! A verdadeira razão para a mãe não a deixar ir era o medo de ficar sozinha com o pai.

Nos últimos meses, Josie tinha-os ouvido discutir muitas vezes à noite. A mãe dizia que, já que ele não a amava, porque é que não lhe dava dinheiro para ela ir começar vida nova noutro lado. O pai dizia que não tinha dinheiro para isso e a mãe voltava a falar na venda da quinta. Acabava sempre da mesma forma. O pai gritava que a quinta pertencia à família dele há três gerações e que nunca a venderia por preço nenhum.

Por vezes, havia estaladas, louça partida e vasos arremessados e Josie sabia que, se ela e Ellen não estivessem em casa, as brigas teriam sido muito mais sérias. Era por isso que a mãe queria Josie em casa, não por não suportar estar separada dela mas para não sofrer as consequências quando levava o pai longe de mais.

Josie ouviu a carrinha a estrepitar na estrada e a mãe a voltar para a cozinha para acabar de cobrir o bolo de Natal. Era extremamente tentador descer e dizer-lhe que Ellen só ia para Bristol para esconder o facto de estar grávida mas, por mais que odiasse a irmã naquele momento, não lhe podia fazer uma coisa dessas.

Ter ido para Helston tinha dado a Josie um gosto do que era viver no seio de uma família

normal. Conversavam uns com os outros, sentavam-se juntos a ver televisão, davam passeios em família, brincavam uns com os outros e demonstravam abertamente afeição. Depois de voltar para casa, compreendeu imediatamente por que razão sempre sentira que os pais eram esquisitos e diferentes das outras pessoas. Não era, como supunha, só porque eram lavradores e viviam isolados. Era porque não existia amor entre eles, nem tão-pouco amizade ou interesses comuns. Sentia o ódio que corria entre eles e, com o tempo, tinha começado a desprezá-los por a sujeitarem àquela vida.

Deitou-se na cama, passando desdenhosamente os olhos à sua volta. A mãe tinha-a tirado do quarto que ela partilhava com Ellen e instalado neste que não era usado há anos. Tinha pintado as paredes de cor-de-rosa, feito cortinas novas e uma capa de folhos para um toucador instável e riscado. Tinha imaginado que Josie ficaria entusiástica e grata. Mas ela não ficou, gostava de partilhar o velho quarto grande com Ellen com quem podia conversar à noite e onde, quando tinham frio, podiam meter-se na cama uma da outra. Mas Josie não era estúpida, sabia que era exatamente por isso que a mãe a tinha tirado de lá. O novo quarto parecia uma cela de prisão e, em todos os momentos que ali passava, só pensava em como a vida em Helston era maravilhosa.

Nada tinha resultado bem desde Setembro. Os planos de Josie de ignorar Ellen, diante dos pais, tinham-se virado contra ela porque só a deprimiam. Ellen nem parecia dar-se conta e muito menos importar-se, a única pessoa que saía magoada era ela própria. Quanto ao pai, praticamente nunca estava em casa e tudo lhe passava ao lado. Josie tinha saudades dos jogos de tabuleiro que ela e Ellen costumavam jogar à noite, de partilhar revistas, de pentear o cabelo uma da outra e simplesmente de conversar. Depois, quando a mãe a mudou de quarto, nunca mais tiveram oportunidade de estar sozinhas.

A última vez em que tinham realmente conversado foi quando se encontraram em Falmouth depois das aulas, um dia em Novembro, e Ellen lhe falou do lugar de baby-sitter que queria em Bristol. Disse que o tinha visto num anúncio numa revista e que, nessa noite, ia falar dele aos pais, dizendo que queria passar um ano na grande cidade antes de decidir que carreira ia seguir. Obrigou Josie a prometer que não lhes dizia nada do bebé porque ia para um lar de acolhimento de jovens mães, por volta dos finais de Março, e quase de certeza que o dava para adoção assim que nascesse.

Josie compreendeu então que nada voltaria a ser o mesmo entre elas. Era como se Ellen fosse uma pessoa diferente, extremamente séria e adulta. Mas, embora Josie tivesse chorado nesse dia por a irmã ir para tão longe e sentisse que estava a perder a sua melhor amiga, uma parte de si rejubilou porque a mãe ficaria feliz e isso, por sua vez, tornaria a sua vida melhor.

Mas agora não via qualquer hipótese de tal acontecer. O Natal em casa nunca era entusiasmante mas, este ano, sem Ellen, seria insuportável. Janeiro e Fevereiro eram sempre meses intermináveis e deprimentes, a casa ficava gelada, teria de arrostar o gelo, a neve e a chuva para ir para a escola e agora teria de fazê-lo sozinha sem Ellen.

Pensou ainda que o pai a culparia da partida de Ellen. Tinha ficado extremamente triste quando Ellen lhe disse que se ia embora. Saiu imediatamente de casa e Josie ficou com a ideia de que talvez estivesse a chorar. Se fosse ela a partir, não choraria!

- Chega aqui, Josie!

Josie suspirou ao ouvir o tom de voz da mãe e levantou-se relutantemente da cama. Era presa

por ter cão e por não ter; a mãe tinha-a mandado encorajar Ellen a partir mas, agora que ela finalmente partira, Josie duvidava que Violet demonstrasse qualquer gratidão. Previa que também tivesse agora de fazer o dobro das tarefas.

- Porque é que não foste despedir-te da Ellen? - gritou a mãe quando Josie chegou ao fundo das escadas.

Por um momento, Josie não respondeu, olhando criticamente para a mãe. Violet tinha tido cuidado com a aparência, quando estavam em Helston, mas agora começara novamente a desleixar-se. A sua permanente tinha crescido e o cabelo estava tão seco que parecia um esfregão de palha-d'aço com que se limpavam os tachos. O avental por cima do vestido estava imundo e os pés transbordavam dos chinelos, a carne inchada e cinzenta. Mas era a cara dela

que mais repulsa suscitava em Josie.

O azedume interior de Violet era patente. Tinha a boca contraída e a sua constante má cara criava-lhe rugas profundas em redor da boca e na testa. Os dentes tortos e manchados de castanho e a pele amarelada não ajudavam. Parecia mais perto dos sessenta anos do que dos quarenta e um que tinha.

- Que é que te interessa que eu me tenha despedido ou não da Ellen? - redarguiu Josie com insolência. Atualmente, sempre que olhava para a mãe, experimentava uma ponta de medo de vir a acabar como ela. - Estás toda contente por ela se ter ido embora, não estás?

- A questão não é essa. Não quero que o teu pai pense que ela se foi embora por nossa causa.

- Não foi por minha causa, foi por tua.

A mãe lançou-se sobre ela e assentou-lhe uma valente bofetada. - Não sejas respondona comigo - vociferou. - Sei muito bem porque é que queres ir para Helston e não é para estares com a tua família, é para te encontrares com esse rufia da lambreta com quem estavas sempre na marmelada, grande galdéria.

- Não sou nenhuma galdéria - Josie agarrou-se à cara que lhe doía e começou a chorar. - Só porque tu és, não quer dizer que eu também seja.

- O que é que queres dizer com isso? - A mãe pareceu inchar de indignação.

- Meteste-te na cama do papá ainda a mulher dele não tinha arrefecido na cama - gritou-lhe Josie. - Só uma galdéria fazia isso.

Esta picante informação tinha-lhe sido transmitida pela avó uma semana antes de morrer. Claro que ela era uma velha maldosa, dada às maiores maledicências, muitas delas completas mentiras, segundo o tio Brian, mas Josie não queria saber que fosse ou não verdade, queria simplesmente ferir a mãe como ela a tinha ferido a ela.

Prevendo outra bofetada, virou-se para subir as escadas a correr. Contudo, foi imobilizada à porta por um violento safanão no ombro. Tão forte que ela caiu ao chão e, quando viu que a mãe estava de rolo da massa em punho, com a cara vermelha de raiva, tentou escapar atabalhoadamente.

Mas não foi suficientemente rápida. A mãe agarrou-a pelo cabelo e bateu-lhe com o rolo da massa, pancada atrás de pancada.

- Estafermozinho! - gritou ela. - Tudo o que eu fiz na vida foi por ti e e assim que me pagas.

Josie achou que a mãe enlouquecera. Enquanto lhe desferia pancadas na cabeça, pescoço, costas e braços, ia-lhe gritando insultos tão ensurdecedores que abafavam os próprios gritos de terror de Josie.

A porta de entrada abriu-se de rompante e o pai precipitou-se para dentro de casa. - Para com isso, Violet - gritou ele, separando-a de Josie.

Josie nunca tinha ficado tão feliz ao ver alguém mas estava tão maltratada que, assim que a mãe lhe largou o cabelo, se deixou cair ao chão. Como que através de uma neblina, viu o pai agarrar a mãe, obrigando-a a sentar-se numa cadeira e esbofeteando-a para calar os seus berros histéricos.

Quando Josie deu por si, o pai estava a pegar nela ao colo e a apertá-la protectoramente contra o peito.

- Não basta que uma das nossas pequenas se tenha ido embora hoje, ainda tens de espancar a outra? - ouviu-o dizer.

- Foi ela que as pediu - retorquiu Violet. - Havias de ouvir as obscenidades que me disse.

Josie agarrou-se com força ao pescoço do pai, com medo que a mãe lhe batesse mais. Talvez o pai tivesse sentido isto porque mandou a mãe sair da cozinha e não voltar enquanto não se tivesse acalmado.

Era a primeira vez, em muitos anos, que Josie recebia uma atenção tao carinhosa ao pai. Ele sentou-a na mesa da cozinha, passou suavemente as mãos por ela como que a verificar se tinha algum osso partido e depois humedeceu-lhe a cara e o pescoço com um pano frio e molhado.

- Fala comigo, Josie - insistiu ele, pegando-lhe na cara com as duas mãos e olhando-a frontalmente nos olhos. - Sabes quem eu sou?

Era tentador não dizer nada, levá-lo a crer que estava tão magoada que tinha perdido a fala para prolongar por mais algum tempo este momento de atenção e carinho do pai. Mas descobriu que não era capaz, nunca vira tanta ansiedade e medo nos seus olhos castanhos.

- Sei, papá - disse ela. - A mamã parecia demente.

Ele suspirou e apertou-a contra o peito, aliviado. - Acho que não tens nada partido - disse ele. - Mas amanhã vão-te aparecer nódoas negras. Porque é que ela te bateu, meu anjo?

O calor e o conforto do abraço dele fizeram-na chorar. - Porque eu não me despedi da Ellen - soluçou. - Não fui capaz de lhe dizer adeus porque fiquei irritada por ela se ir embora.

Ele abraçou-a em silêncio por mais alguns momentos e depois foi buscar uma tigela com água

fria onde molhou o pano que lhe encostou à face e à têmpora.

- Vai deitar-te - disse ele pouco depois. - Eu levo-te uma bebida quente.

Josie sentiu que tinha de aproveitar esta oportunidade. - Manda-me ir viver para Helston, papá, por favor! Não aguento mais aqui, agora que a Ellen partiu. Por favor, papá, pensei que a mamã me ia matar.

- Se fossem da minha família, era capaz de considerar - disse ele. - Mas não são e tu és minha filha e, como tal, tenho de olhar por ti. O teu lugar é aqui, Josie, comigo.

- E se ela me bater outra vez? - perguntou ela, rompendo novamente em lágrimas.

- Não bate, garanto-te - disse ele. - Se te puser um dedo em cima, é ela que é corrida daqui.

Enquanto subia as escadas, Josie sentia-se completamente confusa. Embora soubesse, pelo que o pai tinha dito, que nunca mais teria nem umas férias em Helston, quanto mais ir viver para lá, já não parecia ter tanta importância. Porque ele tinha-lhe demonstrado o seu amor.

Janeiro, Fevereiro e Março de 1964 foram tão deprimentes quanto Josie previra. Estava terrivelmente frio, com dias intermináveis de granizo torrencial, que era muito pior do que a neve, e ela sentia mais saudades de Ellen do que alguma vez imaginara. Eram as pequenas coisas, Ellen a enxaguar-lhe o champô do cabelo no banho, as conversas a caminho do autocarro da escola, o acartarem lenha juntas para o fogão, que a apanhavam desprevenida.

No entanto, a mãe andava mais tratável. Nunca falou do dia antes do Natal em que atacara Josie, não apresentando desculpas nem justificação, mas estava mais afetuosa e simpática pequenos doces para o chá, aquecia o casaco da escola de Josie de manhã e não estava sempre a obrigá-la a executar tarefas.

O pai devia ter-lhe passado uma descompostura porque até lhe entregava as cartas que Ellen mandava sem as abrir. Não teria havido problema, se as tivesse lido primeiro, porque Ellen nunca falava do bebé. Descrevia Bristol com entusiasmo, falava com afeição de Mr. e Mrs. Sanderson, os patrões, e dos dois filhos deles e não dava ideia nenhuma que pudesse estar preocupada com o que quer que fosse.

Josie escreveu-lhe a dizer que a mãe não lia as cartas e, por isso, podia escrever o que quisesse pois também não as deixaria onde pudessem ser encontradas. Mas não fez diferença nenhuma, Ellen só escrevia sobre assuntos quotidianos e nem uma palavra disfarçada sobre o facto de estar a engordar ou de ir para o lar de acolhimento.

Em Março, já Josie estava convencida de que tinha sido enganada e de que Ellen não ia ter bebé nenhum. Talvez tivesse inicialmente pensado que estava grávida e por isso tinha arranjado este emprego. Mas depois a gravidez devia ter-se revelado um falso alarme. Josie não compreendia por que razão Ellen não lhe tinha contado, podiam ter celebrado em segredo. Mesmo que Ellen continuasse apostada em sair de casa, ela teria compreendido e tê-la-ia apoiado.

Noutro tempo, partilhavam tudo, desde sonhos e esperanças às meias cuecas. Para Josie, ter

continuado a deixá-la acreditar numa mentira era a pior espécie de traição. Era como se não fosse ninguém, como se não merecesse qualquer confiança.

Magoava-a terrivelmente pensar que Ellen não se importava com os seus sentimentos. E assim, quando a mãe tecia comentários sarcásticos, tipo «Serviu de muito à Ellen ter feito o décimo ano! Qualquer idiota pode tomar conta de crianças», não lhe respondia com sete pedras na mão e, por vezes, até concordava.

No entanto, a ausência de Ellen tornou mais fácil convencer os pais de que não valia a pena continuar mais um ano na escola para fazer os exames. Faria quinze anos em Julho e o jornal da terra estava cheio de anúncios a empregos de escritório e de balcão, tanto em Falmouth como em Truro. Josie não fazia tenções de permanecer na Cornualha mais do que o tempo necessário para comprar roupas novas. Estava determinada em ir para Londres.

À noite, no quarto, Josie escapava à solidão imaginando-se uma modelo de fama internacional. Escovava o cabelo até ele ficar espetado, como uma auréola revolta à volta da cabeça, e fazia poses ao espelho, embrulhada num lençol. Tinha estudado montes de fotografias de Jean Shrimpton e achava que era muito mais bonita do que a shrimp e possuía melhor figura do que a modelo do momento. Só tinha de arranjar um fotógrafo como David Bailey e o mundo cairia aos seus pés.

Era este sonho que a sustentava quando o ambiente em casa se tornava opressivo e a reconfortava quando tinha as piores notas da turma nos testes e quando o mês de Julho e o fim das aulas pareciam tão distantes. Mal se deu conta de que as cartas de Ellen estavam a tornar-se mais breves e mais intervaladas, durante o mês de Maio, porque finalmente tinha chegado a Primavera. Josie nunca tinha gostado de trabalhar na quinta, até dar de comer às galinhas a repugnava, mas esforçava-se ao máximo para agradar ao pai oferecendo-se para ajudá-lo a plantar árvores jovens, sachar as ervas daninhas e limpar a vacaria. Sentia que ele vivia moído de saudades de Ellen, embora nunca o admitisse, e era bom quando ele transferia para ela parte da afeição que antes nutria pela filha mais velha.

Só havia uma coisa que verdadeiramente a preocupava, que era a mãe. Embora Josie desprezasse Violet pela sua aparência desleixada e pela sua visão azeda em relação a tudo, continuava a ser mãe dela. Que lhe ia acontecer quando Josie partisse?

Era flagrantemente óbvio que o pai nunca venderia a quinta nem daria dinheiro a Violet para ela se instalar numa casa sua. O mais provável era cortarem tão completamente relações um com o outro, assim que ficassem sozinhos, que ele a poria na rua. Apesar de jovem, Josie sabia que as mulheres não eram favorecidas pelo sistema jurídico, sobretudo quando já não tinham filhos pequenos. Também sabia que a sua família em Helston não queria lá a mãe. Só lhe restava Josie a quem se agarrar.

Josie estava sempre a ler revistas sobre a vida em Londres e desejava desesperadamente entrar num mundo de vibrantes discotecas, boutiques, pubs e festas intermináveis. Mas não poderia fazer parte de tudo isso com a mãe de roda dela.

Parecia-lhe que a única solução era desaparecer sem deixar rasto, deixando a mãe a resolver sozinha os seus próprios problemas. A ideia pesava-lhe na consciência mas não era culpa dela se os pais se odiavam, não era responsável por eles. Aliás, considerava que não devia nada à família. O pai

sempre tinha preferido Ellen. Ellen já nem perdia tempo a escrever-lhe e, se a mãe não tivesse sido tão desagradável com todos os familiares, não teria sido rejeitada por eles. Mas desaparecer assustava-a. E, se não encontrasse o sucesso em Londres, nesse caso que faria?

«Mas vais ter sucesso», sussurrava a si mesma repetidamente como um mantra. «Não vais ser uma falhada como a mamã.»

O décimo quinto aniversário de Josie, no princípio de Julho, veio a revelar-se um ponto de viragem inesperado na sua vida. Calhou numa sexta-feira e, exceccionalmente, a mãe tinha concordado em deixá-la passar o fim-de-semana com a colega de turma Rosemary Parks, em casa desta em Falmouth.

Josie abriu os presentes e os cartões de manhã, antes de apanhar o autocarro para a escola, e ficou deliciada quando viu que os pais lhe tinham comprado o minivestido preto e branco que andava a namorar há semanas numa loja de Falmouth.

- É demasiado curto - disse o pai, abanando a cabeça, não propriamente num gesto de censura mas antes de perplexidade, quando ela o experimentou. - Mas acho que sou antiquado.

Josie admirou-se ao espelho da entrada. O vestido era espetacular, exatamente como os que tinha visto nas revistas de moda. Com um grande padrão geométrico, tinha mangas raglan e a saia alargava ligeiramente, terminando sete centímetros e meio acima do joelho. Parecia qualquer um dos manequins das revistas e só queria poder levá-lo para a escola para se exhibir mas, infelizmente, teve de voltar a pôr o uniforme escolar e contentar-se com o facto de poder usar o vestido durante todo o fim-de-semana.

Ellen tinha-lhe mandado uma pequena carteira branca para usar a tiracolo e o tio Brian, de Helston, juntara uma nota de dez libras ao cartão.

- Não gastes esse dinheiro todo este fim-de-semana - disse a mãe, vendo Josie meter a nota na carteira. - Vais precisar de comprar roupa quando começares a trabalhar.

Josie não respondeu, era típico da mãe tentar estragar o momento. Ia diretamente da escola para casa de Rosemary e, no dia anterior, tinha preparado uma pequena mala. Em lugar de a desorganizar, tirando de lá roupa, dobrou o vestido novo e meteu-o na mala juntamente com a carteira.

- Estás a ouvir-me? - perguntou a mãe rispidamente. ---.: E porta-te bem no fim-de-semana. Que não me chegue aos ouvidos que andaste pelas esquinas.

- Está bem, mamã – suspirou Josie. - Tenho de ir senão perco o autocarro da escola. Volto no domingo à noite. O pai da Rosemary traz-me a casa.

Mais tarde, achou estranho ter dado um beijo de despedida aos pais porque normalmente não o fazia. E mais estranho ainda o pai tê-la abraçado e ter dito que ela estava muito bonita e que se divertisse em Falmouth.

Às quatro horas dessa tarde, quando as aulas acabaram, Josie estava tão excitada com a ideia do fim-de-semana que não parava de se rir como uma tonta. Estava um bonito dia de calor e as previsões

indicavam que o bom tempo se iria manter nos próximos dias. Ela e Rosemary planeavam passar o dia seguinte na praia e, à noite, iam a um baile no salão paroquial, perto da casa de Rosemary.

Rosemary tinha muito mais liberdade do que Josie pois era a mais nova de quatro raparigas e as irmãs levavam-na a sair com elas para todo o lado e compravam-lhe montes de roupas bonitas. Em resultado, Rosemary tinha muito mais experiência de vida do que Josie: tinha cortado o cabelo curto à tigela, como o de Cilla Black, e já usava minissaia há várias semanas, ao passo que a maioria das raparigas de Falmouth ainda usavam as saias pelos joelhos. Dançava lindamente e tinha ensinado Josie a dançar o twist e o shake. Fumava e bebia cidra e já tinha tido alguns namorados, admitindo até ter perdido a virgindade nas férias da Páscoa, no banco de trás de um carro, com um rapaz de vinte e um anos.

As duas raparigas tinham falado muitas vezes sobre irem juntas para Londres quando fizessem dezasseis anos e, surpreendentemente, os pais de Rosemary não rejeitavam a ideia. Mas a verdade é que perfilhavam pontos de vista muito menos rígidos do que os pais de Josie. Não eram cónicos e tinham-se mudado do Surrey para a Cornualha, cinco anos antes, para abrir uma casa de hóspedes. Defendiam a ideia de que a Cornualha não tinha muito para oferecer a uma rapariga nova; as duas filhas mais velhas já tinham partido para Londres, onde trabalhavam num banco.

As raparigas deram o braço uma à outra ao saírem da escola e foram a pé para casa de Rosemary junto ao porto. A cidade estava cheia de turistas, muitos deles regressando da praia às casas de hóspedes, carregados de toalhas, para-ventos e baldes e pás, e arrastando criancinhas barulhentas que tinham passado tempo a mais ao sol. As raparigas riam-se das mulheres gordas de vestidos de alças, com os robustos braços e pernas vermelhos dos escaldões de que ainda não se tinham apercebido. Os homens eram ainda mais ridículos, com barrigas brancas e flácidas a sair das camisas berrantes de férias, muitos com lenços na cabeça com nós atados nas pontas. Mas, por mais cómicos que muitos dos visitantes da cidade fossem, as raparigas gostavam de vê-los porque transformavam Falmouth num sítio buliçoso, barulhento e próspero, durante algumas semanas, e criavam uma atmosfera excitante. O aroma a cachorros-quentes permeava o ar, chegava das lojas música pop e as raparigas sabiam que, mais tarde, quando tentassem comprar uma bebida, os taberneiros estariam demasiado atarefados para lhes perguntar a idade antes de as servirem.

- Espero conseguir o emprego na companhia de navegação disse Josie. No princípio da semana, a mulher da agência de emprego juvenil tinha aparecido na escola e entrevistado muitos dos alunos que se preparavam para deixar os estudos.

- Consegues de certeza - disse Rosemary com um sorriso. - Com a tua figura, não falhas.

Uma das razões por que Josie tinha feito amizade com Rosemary, no último ano, era por ela a admirar tanto. Também era bonita, com as suas feições de duende, cabelo e olhos escuros, mas alegava sempre que, comparada com Josie, era banal. Dizia que dava tudo para ter um cabelo igual ao de Josie e que o mesmo se passava com todas as outras raparigas, que faziam de conta que zombavam dele e lhe chamavam «Cenourinha». Estava firmemente convencida de que Josie ia ser uma das maiores modelos inglesas e a sua total convicção transmitia a Josie confiança em si própria.

- Não sei escrever corretamente e sou um desastre a aritmética - disse Josie com ceticismo. Queria o emprego de estagiária na companhia de navegação porque trabalhavam lá muitos homens e rapazes. Havia ainda um salário inicial de sete libras por semana quando, noutro lado qualquer, já

teria sorte se ganhasse cinco,

- Os estagiários não fazem muito mais que preparar o chá e fazer recados - disse Rosemary, como se fosse uma entendida. Já lá não estarás quando te quiserem dar mais trabalho. Não te preocupes.

Tinham chegado ao portão de casa de Rosemary e, como sempre que a via, Josie sentiu uma ponta de pura inveja. Podia ser igual ao resto das casas geminadas vitorianas, vista de fora, com três degraus até ao jardim e a casa alta e estreita com uma janela de ressalto. Mas o letreiro iluminado no jardim, a dizer «Casa de Hóspedes Buona Vista», tornava-a especial. Josie adorava os quartos com as suas colchas cor-de-rosa e o papel de parede florido, a casa de banho com a senhora de vestido de balão que escondia o rolo de papel higiénico sobresselente e os tapetes fofos, incluindo mesmo um no assento da sanita. Havia quadros de cachorrinhos e de gatinhos nas paredes, bonecas dançarinas espanholas na sala de jantar e um candeeiro na sala de estar dos hóspedes que parecia um ananás gigante. Quando estava aceso, emitia um bonito halo rosa-alaranjado. Para Josie, a casa simbolizava a sofisticação de Londres.

O quarto de Rosemary e da irmã ficava nas águas-furtadas; as outras duas irmãs tinham de ficar nos quartos de hóspedes quando vinham de Londres a casa. Josie gostava da forma como a família Parks, vivia na sala das traseiras da casa de hóspedes, ao lado da cozinha. Estava sempre quente e aconchegado, apesar de um pouco atafalhado de pessoas e mobília, completamente diferente da austeridade da sua própria casa.

No entanto, estranhamente, Mr. e Mrs. Parks tratavam-na como se ela vivesse numa casa muito mais grandiosa do que a deles. Pronunciavam a palavra «quinta» com reverência e aconselhavam com frequência os clientes a dar um passeio pelas falésias até Mawnan Smith. Rosemary tinha lhe dito muitas vezes que eles alardeavam que a melhor amiga da filha vivia para aquelas bandas.

Josie nunca lhes disse que a casa era decrépita nem que não tinham televisão ou máquina de lavar. Por vezes, pensava que morreria de vergonha se Mrs. Parks, com o seu cabelo armado pintado de preto e roupas elegantes, conhecesse a mãe.

- Vou só dizer que vamos até ao café logo à noite - sussurrou Rosemary antes de entrarem. - No fim-de-semana passado bebi cidra a mais e vomitei e desde aí a minha mãe tem torcido o nariz

para me deixar sair. Mas acha que és muito sensata e à tua frente não há-de dizer nada.

Josie gostava de poder admitir que nunca tinha bebido nada de mais forte que um Snowball e tinha sido em Helston um ano antes.

O pai gostava de cerveja e de cidra também, mas bebia no pub, nunca as tinham em casa. A mãe teria um ataque se soubesse que a filha tencionava beber outra coisa que não sumo de laranja.

Havia hambúrgueres, batatas fritas e feijão ao jantar. Tinham comido depressa porque Mrs. Parks tinha oito pessoas ao jantar e queria as raparigas longe. Josie viu-a encher pequenas taças de vidro com alface e camarão, acrescentando uma cereja e uma rodela de limão em cada, e jurou a si mesma que um dia havia de preparar pratos assim sofisticados para os seus convidados quando tivesse casa.

Eram sete e meia quando as raparigas se encaminharam para a cidade. Josie estava com o seu novo vestido, o cabelo encaracolado penteado para trás e preso com uma bandolete de veludo preto que Rosemary lhe tinha emprestado. Rosemary estava também com um vestido novo, muito parecido com o de Josie, mas vermelho e branco. Tinha ripado o cabelo tão vigorosamente que parecia sete centímetros mais alta e também colocara pestanas postiças. Josie também tinha tentado pôr umas mas irritavam-lhe os olhos e, assim, contentou-se com um traço grosso preto à volta dos olhos e rímel. Pareciam ter as duas pelo menos dezoito anos e, como Rosemary tinha roubado vodka do armário das bebidas dos pais, já estavam um pouco tontas. Josie não tinha gostado muito do sabor e suavizara-o com limonada mas gostava do efeito quente e alegre que estava a provocar-lhe.

Todos os pubs junto do porto estavam à pinha e, às dez e meia, já Rosemary estava bastante bêbada. Josie só tinha bebido mais duas vodkas e quando sentiu que estava a ter um comportamento tolo resolveu cingir-se à limonada. Não tinham pago uma única bebida porque havia sempre rapazes a insistir em oferecer-lhas. Ficavam a namoriscar com eles por momentos e depois fingiam que tinham de ir à casa de banho e iam a outro pub ver como estava lá o ambiente em matéria de rapazes.

Quando regressaram ao The Lord Nelson, no cais, Josie avistou dois homens à beira da água e indicou-os à amiga.

- Esses é que nos interessam - disse ela resolutamente. - Olha só para eles, são de sonho.

Os homens tinham vinte e tal anos, ambos com blusões claros, calças elegantes e camisas de colarinho aberto. Mesmo para duas raparigas ingénuas como elas, não eram claramente turistas normais nem residentes locais pois estavam demasiado bem vestidos e tinham demasiada classe para isso. O mais alto era louro, o outro tinha cabelo castanho e, embora comprido para a Cornualha, muito abaixo das orelhas, não estava em desalinho nem era ao estilo dos Beatles, que a maioria dos rapazes parecia copiar.

- São capazes de pertencer a um grupo pop - disse Rosemary, esperançada. Estava a olhar para eles, com os olhos semicerrados na sua embriaguez, e Josie esperou que ela não estragasse tudo com parvoíces. - Não vão gostar de nós, têm ar de ser londrinos.

- Tanto melhor - disse Josie causticamente. - E vão gostar de nós desde que não te ponhas com risadinhas.

O álcool tinha instilado coragem em Josie e, sabendo que o tempo começava a esgotar-se e que os pubs fechariam em breve, não pensou duas vezes e dirigiu-se imediatamente aos dois homens, com Rosemary a reboque.

- Olá - disse ela, lançando-lhes o seu sorriso mais cativante. - Nunca os vimos por cá. Estão a passar férias?

- Não, estamos em trabalho - respondeu o do cabelo castanho, sorrindo como se tivesse ficado sinceramente satisfeito por ela lhes ter dirigido a palavra. - Estávamos precisamente a dizer que Falmouth é uma terra muito bonita. É como se estivéssemos no Sul de França com um tempo tão ameno.

Não tinha sotaque e a sua voz grave lembrava a de um locutor da rádio.

- Eu sou a Josie e esta é a minha amiga Rosemary. - Josie tentou disfarçar o seu sotaque cónico, pensando que podia desencorajá-los. - E vocês, como é que se chamam?

- Eu sou o Will e ele é o Colin - respondeu o do cabelo castanho. - Há por aqui algum sítio onde ir depois de os pubs fecharem, algum clube noturno?

Josie olhou para Rosemary, pedindo ajuda, mas ela estava simplesmente ali espedada a olhar para os homens com olhos inexpressivos. Josie deduziu que ela estava demasiado bêbada para os esclarecer. Sem resposta, decidiu optar pela verdade. - Sinto muito, mas não sei. Moro longe de Falmouth e não venho muitas vezes aqui à noite.

Will sorriu a Josie e ela percebeu instantaneamente que a sua resposta honesta lhe dera uma vantagem sobre as outras raparigas.

- És então uma rapariga do campo? - perguntou ele, avançando para ela um passo. - Que é que as raparigas do campo fazem quando saem com rapazes?

Não tencionava ser honesta ao ponto de admitir que nunca tinha saído com rapazes, que o seu único romance tinha sido aos catorze anos com um mod de Helston que lhe oferecia filetes de peixe com batatas fritas e a levava a passear de lambreta.

- Numa noite assim quente, pode ser agradável andar a pé - disse ela, batendo-lhe sedutoramente as pestanas.

Ouviu-se uma espécie de gemido de Rosemary e, quando Josie se virou para olhar, ela estava a cambalear em direção ao cais, com a mão na boca, prestes a vomitar.

- Oh, não - murmurou Josie, horrorizada. - Tudo menos isto!

Por estranho que parecesse, os dois homens riram-se, e Will deu uma palmada no ombro de Josie. - Não me parece que ela esteja capaz de um passeio ao luar.

Josie pensou que nunca se tinha sentido tão embaraçada. Além da terrível impressão que a amiga devia estar a causar aos dois homens, havia dezenas de pessoas no cais. A sua vergonha aumentou quando Rosemary começou a produzir sonoros arrancos. Se fosse capaz de chegar a casa, teria desatado a correr.

- Estás com um ar de preocupação - disse Will, tocando-lhe no braço nu. - Perdi a conta às vezes que um amigo meu me fez uma coisa dessas ou às vezes que fui eu a vomitar. Não faz mal, Josie, acontece.

Envergonhada, Josie baixou a cabeça. - Suponho que é melhor levá-la para casa - disse ela em pouco mais que um sussurro.

- Só queria que não tivessem assistido.

- Para que lados vão? - perguntou ele.

- Mais para a frente, ao longo do porto. Os pais dela têm uma casa de hóspedes - disse ela.

- Bem, nós acompanhamo-las, certo, Colin? - disse Will. Não podemos abandonar duas donzelas em apuros, pois não?

Josie teve a distinta impressão que Colin se atirava mais de pressa à água do que acompanhava uma rapariga bêbada porque esboçou um sorriso amarelo, mas foi com toda a cortesia ao pub buscar um grande copo de água, que entregou a Rosemary, obrigando-a a bochechar e a beber o resto. Depois, sugeriu que lhe dessem a beber um café.

Rosemary, ao fim de alguns minutos a caminhar, pareceu razoavelmente recuperada e Will comprou um café para cada uma, na loja de peixe e batatas fritas mais à frente na High Street.

- Diz-me lá o que é que estão os dois a fazer em Falmouth pediu Josie. O seu embaraço começava a evaporar-se e esperava arranjar coragem para os convidar a ir com ela e Rosemary à praia, no dia seguinte.

- O Colin trabalha numa companhia de navegação em Londres - disse Will. Colin ia agora à frente, de mão dada com Rosemary e rindo-se de qualquer coisa com ela. - Teve de verificar uma participação de sinistro e eu só vim para lhe fazer companhia.

- E que é que tu fazes? - perguntou ela.

- Sou designer - disse ele.

Josie apurou os ouvidos. - Designer de moda?

Will riu-se. - Não, sobretudo de interiores, para lojas e hotéis.

Porquê, queres ser designer de moda?

Josie soltou uma risadinha. - Eu? Não. Não consigo desenhar um traço a direito. Mas tenciono ser manequim.

Ele obrigou-a a estacar debaixo de um lampião, pondo-lhe a mão no queixo e virando-lhe a cabeça para um lado e para o outro. - Hum - disse finalmente -, acho que podes vir a ser.

- Vou ser - disse ela, lançando a cabeça para trás. - No próximo ano, vou para Londres para começar.

- Para quê esperares um ano? - disse ele. - É agora que Londres está a dar. Uma rapariga bonita como tu arranjava facilmente um emprego numa das novas boutiques. Preparavas um portefólio e batias à porta das agências. Tenho a certeza que uma delas pegava em ti,

Josie não fazia ideia do que era um portefólio mas não ia mostrar a sua ignorância. - Achas mesmo? - Sorriu-lhe radiosamente.

- Acho que tens mais hipóteses que a maioria das raparigas respondeu ele.

Sentaram-se no paredão do porto a beber o café, a fumar e a conversar durante algum tempo. Os homens estavam alojados no Royal Hotel e a forma casual como falavam dele provava que

estavam habituados a ficar em hotéis caros. Will disse que vivia numa zona de Londres chamada Bayswater e riu-se quando Josie perguntou se ficava na margem do rio. Ele disse que, se alguma vez ela fosse a Londres, lhe mostrava as atrações turísticas.

Um pouco mais tarde, prosseguiram para casa de Rosemary e foi Josie quem perguntou se queriam ir à praia com elas no dia seguinte.

- Gostávamos muito - disse Will, passando o braço pela cintura de Josie e apertando-a contra ele. - Tínhamos planeado ficar até ao fim da tarde e voltar quando houvesse menos trânsito na estrada. Um dia com vocês na praia seria ótimo.

- São um bocado queques - disse Rosemary num sussurro enquanto subiam as escadas para o quarto. - Nem sequer tentaram fazer marmelada connosco.

Josie achava que era muito melhor assim porque indicava que eram educados. Mas não ia pôr a amiga a rir-se das suas palavras. - Deve ter sido por teres vomitado - disse ela. - Quem é que beija uma pessoa que vomitou?

- Desculpa lá - disse Rosemary assim que entraram no quarto. - Estava bem e, de repente, senti a cabeça a andar à roda. Deve ter sido dos hambúrgueres que a minha mãe nos deu ao jantar.

Josie não disse nada. Só queria meter-se na cama e sonhar com Will. Se ele aparecesse na praia de Swanpool no dia seguinte, como tinham combinado, ia fazer tudo, antes de o dia chegar ao fim, para ele a desejar o suficiente para convidá-la a visitar Londres.

CAPÍTULO 9

Às quatro horas da tarde do dia seguinte, já Josie tinha decidido que ia para Londres nessa noite com Will e Colin. Os dois rapazes ainda não sabiam e Rosemary também não, mas Josie tinha tudo planeado na cabeça e possuía contra-argumentos preparados para quem lhe colocasse entraves.

Will e Colin já estavam na praia de Swanpool quando as raparigas chegaram, um sinal claro para Josie de que estavam interessados nelas. Sentiu-se superiormente segura de que, no fim do dia, Will estaria embeijado por ela porque a praia era o lugar perfeito para exhibir os seus melhores traços.

Josie adorava o mar desde pequena e a sensação de liberdade por usar pouca roupa. Ela e Ellen nadavam muitas vezes nuas, na pequena enseada junto da quinta. Aos doze anos, quando começou a desenvolver os seios, quase todas as amigas de Josie se tornaram fisicamente inibidas, mas ela não. Ela apenas sentia deleite porque significava que estava finalmente a tornar-se mulher.

Passou por alguns momentos de angústia, principalmente quando olhava para o corpo flácido e informe da mãe e receava que o seu pudesse tornar-se assim. Mas, felizmente, parecia que, como Ellen, tinha herdado os traços do lado dos Pengelly pois eram ambas magras e bem-feitas, com pernas altas.

Outra razão por que Josie se sentia à vontade na praia era a possibilidade de se libertar das roupas feias que a marcavam como filha de um lavrador pobre. De fato-de-banho, podia competir e vencer a todos os níveis. Até o seu cabelo encaracolado, que tantas vezes desejava que fosse liso, era uma vantagem na praia, porque o cabelo das raparigas que frequentemente admirava na escola parecia sargaço quando estava molhado. O dela formava bonitos anéis. E não sofria da praga que consumia as ruivas, uma pele que ficava vermelha e sardenta ao sol. Tanto ela como Ellen adquiriam sempre, sem esforço, um bonito bronzeado.

Também o sucesso académico nada significava numa praia. Josie era capaz de nadar como um peixe, correr depressa, jogar ao eixo com a maior das facilidades e era boa a jogar à bola. A praia era um palco para exhibir todos estes talentos.

Às primeiras horas da manhã, não conseguindo dormir, a pensar em Will, Josie tinha-se lembrado de uma coisa que lera no correio do coração na *Woman's Own*. Uma rapariga tinha escrito a perguntar como podia fazer com que os rapazes gostassem dela. A responsável pelo correio, Marge, tinha respondido que não existia nenhuma fórmula mágica mas que, na sua opinião, mostrar-se feliz na companhia dos rapazes e com o ambiente à sua volta era potencialmente uma forma de lhes agradar, em lugar de tentar fingir ser uma pessoa diferente.

Josie tinha seguido esse conselho, depois de decidir que queria ir para Londres. Não tentou atirar-se a Will nem a Colin nem ter conversas sérias, tratando-os antes, em grande parte, como trataria os colegas de escola e os rapazes que conhecia da aldeia. Chapinhava-os com água, saltava-lhes para as costas no mar, fartava-se de rir e comportava-se como a pessoa mais despreocupada do mundo.

Involuntariamente, Rosemary ajudou à sua causa. No passado, Josie tinha-se sentido embaraçada com o tom de admiração com que a amiga falava da quinta dos pais, como se fossem podres de ricos. Mas, desta vez, Josie gostou porque lhe deu a oportunidade de pôr os homens a rir ainda mais, quando falou num sotaque rústico e deu a entender que ordenhava as vacas e limpava as vacarias. Se eles quisessem acreditar que ela estava a dizer disparates, tudo

bem, afinal estava a falar verdade. Quem mentiu foi Rosemary, que disse que tinha dezassete anos e trabalhava num escritório em Truro. Josie disse apenas que ajudava o pai e, se eles também imaginassem que tinha dezassete anos, o problema não era seu.

Os homens compraram-lhes peixe e batatas fritas para o almoço, mais tarde foram à procura de caranguejos nas poças de água e, à medida que a tarde progredia, Josie sentia que Will gostava sinceramente dela. Estava sempre a pegar-lhe na mão enquanto patinhavam nas poças; olhava-a nos olhos e fazia-lhe elogios.

Foi um pouco dececionante que ele se tivesse revelado menos atraente do que ela imaginara na noite anterior. Sem a roupa elegante, não tinha nada de especial. Possuía um rosto perfeitamente agradável e belos olhos escuros, mas não se podia dizer que fosse um sonho de homem. Tinha um peito pálido e peludo e as pernas eram muito magras. Era, também mais sério do que ela imaginara, falava de livros e filmes de que ela nunca tinha ouvido falar, e Josie descobriu que era licenciado em Arte e Design, o que a levou a pensar que era do tipo intelectual.

No entanto, quando ele a puxou para longe dos outros dois, para trás de uma rocha grande e a beijou, a cabeça dela começou a andar à roda e as pernas perderam a força.

- Tens de vir brevemente para Londres - disse ele, tomando-lhe a cabeça nas mãos e cumulando-a de pequenos e doces beijos. - Promete-me que te manténs em contacto. Tenho de voltar a ver-te.

Ela olhou para os seus olhos castanhos e percebeu que era este o momento. Não fazia diferença que ele não fosse realmente atraente, era inteligente e tinha muito boas maneiras e um sotaque perfeito, e além disso beijava maravilhosamente.

- Posso ir contigo para Londres esta noite - disse ela, num impulso.

Achou que iria retrair-se, mas ele riu-se. - O que é que a Rosemary ia dizer a isso? - perguntou ele. - Não estás a passar o fim-de-semana com ela? Seria falta de educação.

Josie soltou uma gargalhada de alívio, as boas maneiras nem num momento complicado o tinham deixado ficar mal. - Ela não se importava se eu lhe explicasse - esclareceu. - É que sonho ir para Londres há muito tempo e ela só vem comigo daqui a um ano. Não estou aqui a fazer nada; em Londres podia arranjar trabalho a sério. Por isso, se me desses boleia e me deixasses dormir em tua casa até eu arranjar um sítio para mim, ficava-te muito grata.

Will lançou-lhe um olhar preocupado e ocorreu a Josie que ele a tinha imaginado a visitar Londres durante alguns dias e não a fixar-se lá definitivamente. - E os teus pais? - disse ele. - Não podes desaparecer e deixá-los sem uma palavra.

- Não tencionava fazer isso - mentiu ela. - Pensei em dizer à Rosemary quando voltássemos para casa dela e depois ia a casa dizer ao meu pai e à minha mãe. Posso encontrar-me com vocês mais logo.

A testa dele contraiu-se numa expressão carregada. - Não é um pouco irrefletido, partir assim precipitadamente?

Josie encolheu os ombros. - Foi um pouco irrefletido falar com vocês ontem à noite mas resultou bem, não achas? Além disso, disseste que há montes de empregos em Londres para uma rapariga como eu. Que é agora, quando tudo começa a acontecer, que eu devia lá estar. Claro, se não me quiseses levar. .. - Calou-se, deixando a decisão do lado dele.

Ele suspirou: - Não é isso, Josie, claro que não me importo de te levar - disse ele -, mas não estava à espera de uma coisa destas. Como passo muito tempo a trabalhar fora de casa, terias de te ambientar sozinha. E depois o meu apartamento é um caos.

- Eu arrumo-o. - Sorriu e inclinou-se para o beijar. - Não me importo de estar sozinha. Não te esqueças que vivi toda a vida numa quinta isolada. Vais ficar surpreendido quando vires do que sou capaz.

Ele continuava indeciso. - Estás absolutamente determinada, Josie?

- Claro que estou. Se não der certo, apanho o comboio de volta. - Sorriu novamente. - Sem compromissos, como se diz. Não te estou a pedir para olhares por mi~, Will, só uma boleia e um sítio onde dormir até arranjar uma casa minha.

Sentiu a expressão de ansiedade evaporar-se-lhe dos olhos e percebeu que tinha usado a melhor estratégia.

- Seja - disse ele. - Se estás tão segura.

- Não digas nada ao Colin à frente da Rosemary - insistiu ela, agarrando-lhe a mão e apertando-a. - Ela é capaz de se pôr com coisas e dizer que também quer ir. Às vezes tem palermices dessas e amanhã já está arrependida. Eu digo-lhe quando estivermos sozinhas.

Ele concordou e ela achou que ficou ainda mais satisfeito com isso porque Rosemary e Colin, no fundo, não tinham ido muito com a cara um do outro. Não pareciam ter nada a dizer um ao outro e Colin mostrava-se um pouco irritado quando ela desatava às risadinhas.

- Encontro-me contigo às nove no hotel. Mas, se não chegares a horas, arrancamos sem ti - disse ele em tom de aviso.

- Lá estarei - disse ela com um sorriso. Queria dizer que estaria lá, acontecesse o que acontecesse.

Às oito e meia, Josie andava a rondar numa viela perto do hotel, com a mala. Não queria esbarrar com ninguém conhecido. A enormidade do que se preparava para fazer e do que já tinha feito era avassaladora.

Não revelara a verdade a Rosemary, não podia porque sabia que a amiga tentaria dissuadi-la e lhe pediria que esperasse um ano até poderem ir juntas. Também não queria que mais ninguém soubesse que tinha partido com dois homens que conhecia há menos de vinte e quatro horas.

Josie sentia-se um pouco envergonhada com o que tinha feito para escapar a Rosemary. Portou-se com toda a normalidade até chegarem a casa dela, conversando sobre o dia, rindo de Will e Colin e discutindo o baile a que planeavam ir mais tarde. Depois, mal entraram, Josie começou a representar, dizendo que tinha um pressentimento de que acontecera algo em casa e que precisava de voltar para se certificar.

Rosemary tentou convencê-la de que não podia ter acontecido nada e Josie fez de conta que se deixava convencer enquanto tomava banho e lavava o cabelo. Mas, assim que se vestiu, declarou que a sensação era ainda mais forte e que tinha de ir, prometendo que, se estivesse tudo bem, apanhava logo o autocarro de volta. Mrs. Parks apoiou-a e disse que Rosemary estava a ser egoísta, disse até que só queria que o marido estivesse em casa para a levar lá. Por fim, às seis e meia, Josie saiu de casa com a mala e Rosemary gritou à porta para que ela voltasse imediatamente e que, se tivesse acontecido alguma coisa, que fosse a uma cabina de manhã telefonar-lhe.

Josie sentia-se idiota a rondar pelas vielas e quase cedia à tentação de ir diretamente ao hotel mas o bom senso disse-lhe que não era boa ideia. Will podia aperceber-se de que ela não tinha tido tempo de ir a casa contar aos pais e teria tempo suficiente para mudar de ideias.

Às nove menos dez, Josie dirigiu-se ao hotel. Ainda estava dia e andavam tantas pessoas na rua que ela sentiu-se mais nervosa mas, ao aproximar-se da porta do hotel, Will vinha a sair com um saco de viagem na mão.

O seu rosto iluminou-se. - Nunca pensei que viesses - disse ele. - O que é que disseram os teus pais?

Josie encolheu os ombros. - Acharam uma estupidez eu partir assim precipitadamente, mas não me impediram nem nada. Toda a gente se vai embora daqui com a minha idade. Os turistas só veem o lado bom no Verão mas, durante o resto do ano, não há-aqui-nada de interesse.

- E a Rosemary não se importou?

- Ficou um pouco irritada - disse ela, sorrindo. - Mas agora está no baile e provavelmente já se embebedou outra vez e esqueceu tudo. Disse-lhe que, assim que arranjasse um apartamento meu, podia ir ter comigo.

- O Colin deu-me cabo do juízo - admitiu Will tristemente. - Chamou a atenção para o facto de eu só te conhecer há cinco minutos e de poderes, sem eu saber, estar grávida e só queres ir para eu ter de olhar por ti.

Josie ficou abespinhada com isto mas encolheu a barriga. - Tenho ar de quem está grávida?

- Não - disse ele. - Dá-me ideia que és uma rapariga demasiado sensata para isso.

- Pois sou. E não preciso que tu nem ninguém olhe por mim - disse ela, indignada. - Quando

chegarmos a Londres, podes simplesmente deixar-me onde quiseses.

A expressão dele suavizou e, avançando um passo, beijou-a. - Ainda bem que vieste - disse ele. - E não te vou deixar em sítio nenhum. Quero-te comigo.

Foi uma longa viagem até Londres mas Josie dormitou no banco de trás e deixou os homens conversar um com o outro. Tinha sentido a irritação de Colin, quando ele saiu do hotel, ao vê-la ali e, por isso, resolveu falar o menos possível, esperando que assim ele mudasse de ideias.

Ao atravessarem Bristol, Will apontou para uma bonita ponte, no alto contra o céu, iluminada por centenas de luzes elétricas. Disse que era a ponte suspensa de Clifton. Josie teve um sobressalto porque Clifton era onde Ellen estava. Ela tinha mencionado a ponte e o bosque do outro lado do desfiladeiro de Avon numa das suas cartas.

Pensar em Ellen e na maneira como ela tinha saído de casa fez Josie compreender que o que fizera não só era irrefletido mas estúpido. Achou que tinha previsto tudo mas a verdade era que nem sequer considerara as coisas mais elementares.

Quando não chegasse a casa na noite do dia seguinte, o pai iria na carrinha a Falmouth à sua procura. Quando Mr. e Mrs. Parks lhe dissessem que ela tinha ido para casa no dia anterior, podia concluir precipitadamente que fora raptada ou até assassinada.

Sentiu-se imediatamente assustada. Rosemary ia falar-lhe de certeza ele Will e Colin. Se o pai contactasse a polícia e esta fosse ao hotel onde eles tinham ficado, era possível que lhe dessem a morada dos homens em Londres.

Empertigou-se no assento, pensando no que havia de fazer. Colin estava agora ao volante e Will ia meio adormecido ao lado. Podia contar-lhes a verdade, claro, mas Colin já estava amuado por levá-la com eles e, se ela pedisse que voltassem para trás, ficaria mesmo zangado. Mas, por outro lado, não queria voltar; queria ir para Londres.

Voltou a afundar-se no assento, tentando pensar racionalmente. Se a polícia localizasse Will, ele podia ver-se em apuros por ter levado uma rapariga menor de idade. Teria, portanto, de se libertar dele.

Lembrando a si mesma que ninguém daria pela sua falta antes das dez ou onze horas da noite do dia seguinte, concluiu que por enquanto estava a salvo. Podia ir para o apartamento de Will, dormir, e depois arranjar uma desculpa para partir no dia seguinte.

O seu otimismo natural começou a regressar ao lembrar-se que ainda tinha a nota de dez libras que recebera pelos anos. Seria o suficiente para alugar um quarto e desenhencilhar-se até arranjar emprego e depois escreveria um postal aos pais a dizer que estava bem e que não se preocupassem com ela.

Mas, de qualquer modo, sentia-se triste por não poder ficar com Will. Ele parecia saber tudo e não lhe agradava muito a ideia de estar sozinha numa cidade desconhecida.

- Bem te avisei que era uma pocilga - disse Will ao abrir a porta no segundo andar,

convidando-a a entrar no apartamento.

Eram quatro da manhã e ainda estava noite e, quando ele acendeu a luz, imediatamente revelou roupas espalhadas pelas cadeiras e pratos e chávenas sujos numa mesa de apoio.

- Não é assim tão mau - disse Josie com sinceridade. Parecia-lhe interessante porque havia uma espécie de cavalete instalado ao pé da janela com todo o tipo de equipamento de desenho e uma secretária carregada de livros e revistas. Tinha exatamente o género de estilo que ela imaginava que o alojamento de um homem solteiro em Londres teria: mobília simples e moderna, paredes brancas e muito do preto e cinzento na moda.

- Só tenho um quarto mas o sofá também faz de cama - disse Will, bocejando ao despir o casaco. - Oferecia-me para dormir nele mas os lençóis na minha cama precisam de ser mudados e eu estou demasiado estourado para fazer isso agora. A casa de banho é ali. - Abriu uma porta à sua esquerda. - A cozinha e o quarto. - Indicou portas à direita e à esquerda da sala principal.

Josie pousou a mala. Não viu interesse nenhum em explorar porque não tencionava ficar muito tempo. - Deves estar exausto depois de tantas horas a conduzir; isso, vai deitar-te, Will.

Ele olhou-a com gratidão e massajou os olhos. - Vou armar-te a cama. Serve-te à vontade de chá ou café. Como logo à tarde tenho um encontro, vou pôr o despertador para a uma. Ficas bem enquanto estou fora de casa? Devo estar de volta antes das cinco e depois podemos sair para comer qualquer coisa.

- Não te preocupes comigo. Eu fico bem - disse ela, sentindo-se tudo menos bem. Estava com uma forte impressão de que ele já estava arrependido de a ter trazido para casa. Provavelmente até já tinha adivinhado que ela tinha muito menos. que dezassete anos.

Por alguns momentos, sentiu-se tentada a contar-lhe a verdade. Não parecia justo deixar que, nessa noite ou no dia seguinte logo de manhã, a polícia lhe viesse bater à porta. Seria crime levar uma rapariga menor para longe de casa?

Mas Will abriu o sofá-cama e deu-lhe cobertores e lençóis. Depois desejou-lhe boa-noite e foi para o quarto dele, fechando a porta, sem tentar sequer beijá-la.

Josie despiu os jeans e a blusa, pendurou-os nas costas de uma cadeira e vestiu o pijama por cima da roupa interior. Achava que não ia conseguir dormir e pensou por que razão Will não tinha tentado beijá-la.

Mas o sofá era uma cama surpreendentemente confortável, muito melhor do que a sua cama em casa, e enquanto se interrogava se a frieza de Will se devia à ansiedade ou ao cansaço, terá adormecido. Acordou com um ruído surdo e ronronante e demorou alguns minutos a aperceber-se de que era apenas o trânsito lá fora.

Já era dia e o relógio numa estante informou-a que eram onze e meia. Levantou-se e dirigiu-se à janela, abrindo as cortinas.

Mais tarde, nesse dia, viria a descobrir que o apartamento de Will ficava em Bayswater Road,

uma via principal que atravessava Notting Hill até Oxford Street. Mas essa primeira visão de Londres foi uma surpresa deliciosa porque, embora a rua fosse muito movimentada, do outro lado havia um vasto parque.

Tinha registado muito pouco quando chegaram, apenas que o apartamento ficava no cimo de dois lanços de escadas e que a luz estava sempre a apagar-se. Will tinha deixado Colin num sítio a que chamou Hammersmith mas não era a mais de quinze minutos dali.

Do outro lado da rua, havia muitas pinturas penduradas no gradeamento do parque. Imaginou que fosse uma espécie de exposição porque dezenas de pessoas estavam a passar e a olhar para elas. Um grande autocarro vermelho londrino, exatamente como os que tinha visto em fotografias e filmes, passou e ela sentiu um arrepio de excitação. Estava finalmente ali e, mesmo que não tivesse corrido exatamente como costumava planear, tinha conseguido e ia aproveitar ao máximo.

Uma hora mais tarde, estava lavada e vestida com a roupa que tinha posto na noite anterior. Tinha lavado todos os pratos e chávenas, arrumado a cozinha e a sala e voltado a fechar o sofá.

Uma rápida investigação revelou que Will era muito organizado: havia comida nos armários e no frigorífico e até detergente para a banheira e para a sanita. Num quadro ao pé da secretária estavam afixadas várias fotografias de raparigas. Uma era um pouco parecida com ele e Josie pensou que devia ser a irmã. Desconfiou que as outras fossem namoradas. Um livro ao lado do telefone continha centenas de números e uma agenda preta ao lado provou que ele estava a falar verdade quando disse que tinha um encontro hoje. Sentiu uma ponta de verdadeira tristeza por não poder esperar e jantar com ele nessa noite nem voltar a vê-lo. Se não tivesse sido tão obstinada, se tivesse ficado em casa, aceitado o emprego na companhia de navegação, mantido o contacto por correio e viajado para Londres mais para o fim do ano, podia ter ficado com ele para sempre.

- És um anjo, arrumaste a casa - disse Will, ao sair do quarto pouco depois da uma hora, o cabelo desgrehado e uma sombra escura no queixo. - Não conseguiste dormir?

- Um pouco - disse ela - mas o trânsito acordou-me. Pus agora mesmo a chaleira ao lume; queres um chá?

- Café, por favor, com dois cubos de açúcar. Vou fazer a barba rapidamente. Estou com alguma pressa.

Dez minutos mais tarde, saiu da casa de banho exatamente com a aparência que tinha quando se conheceram, com a diferença de o rosto estar mais bronzeado devido ao dia passado na praia.

Bebeu o café e olhou ansiosamente para o relógio.

- Há uma chave sobresselente se quiseses dar um salto ao parque - disse ele, apontando para um conjunto de chaves penduradas ao pé da porta. - Não te afastes muito senão perdes-te; pelo sim, pelo não, toma nota da direção e do telefone antes de saíres. Ah, está ali um mapa de Londres na estante, se quiseses saber onde estás. Come o que quiseses, não te acanhes.

- Estás arrependido de me teres trazido? - perguntou ela, incapaz de resistir a sondá-lo.

A sua expressão suavizou-se. - Não, claro que não. Mas, quando eu voltar, precisamos de discutir a situação como deve ser. Devo estar em casa por volta das cinco.

Ela aproximou-se dele e levantou a cara na expectativa de um beijo. Os lábios dele roçaram os dela mas não se podia dizer que fosse um verdadeiro beijo. - Tenho de ir - disse ele, pegando numa pasta grande e fina que estava encostada à parede. - Até logo.

Às dez horas dessa mesma noite, Josie estava num ambiente completamente diferente; um lúgubre quarto de águas-furtadas, no último andar de uma casa, num sítio chamado Ladbroke Grove, e chorava.

Tinha deixado o apartamento de Will a transbordar de excitação e atravessado até ao parque, onde se sentou e estudou o mapa de Londres. Tendo visto a estação de metro chamada Queensway, um pouco mais à frente na rua, calculou exatamente onde se encontrava.

Abordando duas raparigas que pareciam pouco mais velhas que ela, perguntou-lhes qual era a melhor zona para arranjar um apartamento e como devia proceder. Elas disseram que o jornal Evening Standard era a melhor aposta mas que não era publicado aos domingos. Conversou com elas durante algum tempo e descobriu que a área de Bayswater era muito cara, só um quarto era capaz de custar doze a quinze libras por semana. Sugeriram-lhe que fosse até Notting Hill e consultasse os anúncios afixados nas montras das lojas pois talvez arranjasse qualquer coisa mais barata. Perguntaram-lhe se tinha emprego e, quando ela contou que acabara de chegar e que tinha de arranjar trabalho, recomendaram-lhe que fosse a uma das agências de emprego em Oxford Street na segunda-feira. Foram tão afáveis e simpáticas que Josie pensou que toda a ente seria assim mas, algumas horas mais tarde, com bolhas nos pés, já tinha concluído que não.

Descobriu uma montra com anúncios, tomou nota dos dados e começou a telefonar. Poucas pessoas atendiam o telefone e as que o faziam pareciam impossivelmente snobes, colocando-lhe todo o tipo de perguntas sobre que emprego tinha e se podia apresentar referências do senhorio anterior e de um banco.

Duas das quinze pessoas para quem ligou disseram-lhe que podia aparecer e deram-lhe o endereço mas, assim que ela chegou à porta de entrada, miraram-na de alto a baixo e revelaram que o quarto já tinha sido alugado. Como era impossível que o tivessem alugado tão depressa, teve de presumir que o facto de ser tão nova as desencorajou.

Outra coisa que a surpreendeu foi a rapidez com que a zona chamada Notting Hill passava de elegante a sórdida. Algumas das ruas eram muito bonitas, bordejadas de árvores com belas casas, mas depois, ao dobrar a esquina, surgiam contentores do lixo cheios pelas bordas e portas de entrada com a tinta a descamar. Quanto mais se afastava de Notting Hill, mais sórdido se tornava o ambiente e os anúncios muito bem escritos à máquina nas montras não tardaram a dar lugar a anúncios rabiscados à pressa que sugeriam que os proprietários não seriam tão esquisitos.

Recebeu mais três convites para ir ver quartos. O primeiro era tão horrível e sujo que ela se esquivou com uma desculpa de que tinha de visitar outro. No segundo, um homenzinho mal amanhado e careca deu-lhe uma palmada no rabo quando ela ia a subir as escadas à frente dele, pregando-lhe um susto de morte. A terceira casa parecia inteiramente ocupada por negros, um grupo deles sentado no muro, no exterior. Josie só tinha visto duas pessoas de cor em toda a sua vida, e

tinha sido à distância, e sentiu-se tão inquieta que continuou caminho, demasiado nervosa para bater sequer à porta.

Por fim, acabou em Ladbroke Grove. Era horrível. Estavam a brincar na rua magotes de crianças sujas, havia homens deitados no chão a beber e havia tantos negros que era como se estivesse num país estrangeiro. Até as lojas tinham uma espécie de nuvem de sujidade a pairar sobre elas. Viu um viaduto ferroviário em cima mas, por essa altura, já se sentia demasiado cansada para tentar encontrar um sítio mais agradável e sentou-se num muro baixo, começando a chorar.

A sua apreensão em relação às pessoas de cor diminuiu quando uma senhora negra corpulenta, com um vestido florido cor-de-rosa, se dirigiu a ela e lhe perguntou porque é que estava a chorar. Tinha uma cara simpática, doce, olhos tristes e uma voz melodiosa. Qualquer coisa nela levou Josie a armar-se de coragem para explicar a sua difícil situação e a mulher levou-a para um café, ofereceu-lhe uma chávena de chá e um bolinho pegajoso e tentou convencê-la a ir para casa, para junto da mãe.

- Londres não é sítio para raparigas novas sozinhas - disse ela, dando uma palmadinha maternal na mão de Josie. - Só se metem em sarilhos.

Josie disse que agora já não podia ir para casa e perguntou-lhe se ela sabia onde podia arranjar um quarto onde ficar até encontrar trabalho.

Foi assim que conseguiu aquele quarto, numas águas-furtadas, numa rua chamada Westbourne Park Road. A senhora, que se apresentou como «Fee», conhecia o senhorio, Mr. Sharman, e levou Josie para falar com ele. Ele concordou em alugar-lhe o quarto por quatro libras por semana e, como tinha sido Fee a apresentá-la, não ia exigir nenhum depósito.

Josie não compreendeu muito bem o que ele queria dizer com depósito mas o facto de não o querer sugeria que era boa pessoa. Assim, pagou as quatro libras e ele deu-lhe as chaves.

Mas foi a bondade de Fee que comoveu verdadeiramente Josie. No caminho para o quarto, Fee falou-lhe um pouco de si. Disse que tinha chegado com o marido de Trindade e Tobago há dez anos, com grandes expectativas de uma vida melhor. Mas, apesar de o marido trabalhar agora como porteiro num hospital, o casal e os três filhos tinham de viver num quarto. Disse que as pessoas eram más com os negros, que os obrigavam a pagar rendas mais altas e que lhes davam os piores empregos.

Josie ficou sensibilizada com o facto de a mulher, com tantos problemas pessoais, ainda ter arranjado tempo para ajudá-la. Quando Fee partiu para ir para casa, fez uma festa na face de Josie e disse-lhe que tivesse juízo. - Espero bem que voltes para casa, para a tua mamã, linda - disse ela. - Mas se não puderes ir, arranja um bom emprego e um sítio bonito para viveres. Vê bem como as coisas são por aqui e depois escapa-te antes que sejas engolida.

CAPÍTULO 10

Enquanto Josie chorava, em Westbourne Park, Ellen estava também a soluçar na almofada. Durante o dia, conseguia controlar-se mas, assim que deitava Nicholas e Simon, a mágoa apoderava-se dela.

Quando chegou a Bristol e Mr. e Mrs. Sanderson, com os dois filhos pequenos, a foram buscar à estação, sentiu que os seus problemas tinham acabado. Eles pareciam ser boas pessoas, compreensivos, inteligentes e muito pragmáticos. Tinham um negócio de mercearia por grosso mas Mrs. Sanderson tinha dificuldades em trabalhar com o marido e olhar, ao mesmo tempo, pela casa e pelos dois rapazes. Sentiam-se tão gratos por terem ajuda como Ellen por lhe ter sido oferecido trabalho e um teto.

Desde a primeira noite com eles, quando insistiram para que os tratasse por Roger e Shirley e a mulher lhe deu um par dos seus velhos vestidos pré-natais que eram muito bonitos, Ellen pensou que ia correr tudo bem. Gostava dos rapazes. Nicholas tinha cinco anos e Simon três. Eram bem-comportados, engraçados e receberam-na de braços abertos porque doravante já não seriam despachados para a avó, tia ou vizinhos enquanto a mãe ia trabalhar.

A casa dos Sanderson não era grandiosa, apenas uma casa geminada de três quartos no subúrbio de Westbury Park, mas para Ellen era um paraíso: quente, acolhedora, com todos os luxos, como televisão, frigorífico, máquina de lavar, alcatifa e aquecimento central, que ela nunca tinha conhecido até então. No entanto, o melhor de tudo era que os Sanderson possuíam ideias muito modernas. Eram jovens, com pouco mais de trinta anos, um casal ambicioso que queria subir na vida. Eram também amigos de se divertir; estavam constantemente a aparecer amigos em casa e quase todos os fins-de-semana iam a uma festa ou davam eles uma. Não se importavam nada de dar carta branca a Ellen com os filhos.

Até bem depois do Natal, Ellen mal pensou na sua própria família. Era fantástico acordar de manhã, sabendo que não haveria cenas desagradáveis com Violet nem o medo de que o pai descobrisse o seu segredo. O lado do trabalho doméstico não era pesado e os rapazes-estavam felicíssimos por terem alguém com quem brincar, que lhes lia histórias e os levava a dar passeios.

Foi só em Janeiro, quando Ellen teve de ir à maternidade pela primeira vez para se submeter a um exame, que se lembrou do que o futuro lhe reservava. Não lhe agradava a ideia de deixar os Sanderson em Março e ir para o lar de acolhimento.

Uma noite, nos fins de Fevereiro, ela e Shirley estavam na cozinha. Nevava lá fora e Ellen passava a ferro enquanto Shirley estava a pintar as unhas, sentada à mesa. Desde o primeiro dia que Ellen tinha ficado impressionada com a elegância e esmero permanentes de Shirley. Ela era esbelta, com cabelo louro que usava armado e fixo com laca, e nunca saía sem maquilhagem completa e as unhas pintadas.

Dois dias antes, Ellen fora levada por uma assistente social a visitar o lar de acolhimento e tinha acabado de admitir a Shirley que se sentia nervosa com a mudança.

- Não precisas de ir - disse Shirley inesperadamente. - Habitúamo-nos a considerar-te uma pessoa da família; podes cá ficar e nós levamos-te ao hospital quando chegar a hora.

- Mas ... - disse Ellen, pensando que seria maravilhoso, só que depois não teria nenhum sítio para onde ir.

- Quero dizer que gostávamos que continuasses a olhar pelos pequenos depois de teres o bebé - disse Shirley como se lhe tivesse lido o pensamento.

Ellen sentiu um nó na garganta. Nunca lhe tinha ocorrido que Shirley e Roger se sentissem tão ligados a ela. - Mas eu tenho de ir - disse ela melancolicamente. - É no lar que organizam as adoções e tudo o resto.

- Podem ser organizadas no hospital e é muito menos penoso disse Shirley vivamente, soprando nas unhas para as secar. - Essa história de ficares com o bebé seis semanas depois de o teres é brutal. Acho que seria muito melhor entregares a criança mal nascesse antes de te prenderes demasiado a ela.

- A enfermeira-chefe disse que nos dá tempo para tomar uma decisão consciente - disse Ellen.

- Sim, às raparigas que têm um namorado que talvez se case com elas ou uma família preparada para dar apoio e ajudar - disse Shirley, aplicando uma segunda camada de verniz nas unhas. - Mas tu não tens nem uma coisa nem outra, pois não, querida?

A sugestão de Shirley parecia ser a resposta a todos os problemas de Ellen e, assim, não se importou nada de deixá-la interferir e tratar das coisas por ela. Poucos dias depois, encontrou-se com a Dra. Fordham, uma médica de Clifton, uma terra próxima, que organizava adoções a título particular. Doravante, também seria ela a ocupar-se dos exames pré-natais de Ellen e a Dra. Fordham disse-lhe que diligenciaria para que uma mãe de acolhimento fosse buscar o bebé ao hospital depois do nascimento.

Nesse ponto, Ellen não tinha sequer pensado que podia haver uma alternativa à adoção. Ninguém lhe tinha falado noutra possibilidade e a implicação era que a adoção era a solução mais simples e menos dolorosa. Ellen poderia voltar para casa na Cornualha, se quisesse, ou esconder um instituto e começar uma carreira. Ninguém precisava de vir a conhecer o seu segredo.

Mas Ellen não tinha contado com as poderosas emoções que resultaram do nascimento da filha.

Ao fim de dezassete horas de trabalho de parto, estava exausta. Pensou que a única coisa que queria era dormir mas, quando a parteira lhe colocou a menina nos braços, um olhar para aquela carinha minúscula, enrugada e zangada bastou para o cansaço desaparecer.

Ellen conhecia o lado maravilhoso de uma nova vida. Tinha ajudado inúmeras vezes o pai quando as vacas e as ovelhas estavam a parir. Tinha-as visto afocinhar e lambe-las as crias e observado o animal adulto, a partir desse momento, a proteger a sua prole com a própria vida, alimentando e acarinhando os pequeninos. Mas, por qualquer razão, não tinha esperado reagir à sua própria bebé do mesmo modo.

Enquanto afagava a pele macia da criança com os dedos e sentia a firme pressão dos seus dedinhos em redor dos dela, Ellen foi subitamente acometida por um súbito desejo de apertar a menina contra o peito, de guardá-la para sempre, quaisquer que fossem as adversidades que tivesse de enfrentar. O sentimento era tão forte que não suportava que lha tirassem, nem para ser lavada.

Pôs-lhe o nome de Catherine e só lhe foram concedidos quatro dias com ela. Mesmo durante esse curto período, Catherine estava sempre a ser-lhe arrancada para ser lavada e mudada e para se submeter a exames médicos. Um dia, Ellen suplicou à enfermeira vigilante que não lha tirasse mais e a mulher virou-se e olhou para ela de repente: - Porque não? Vais dá-la para adoção, não vais? disse ela sem rodeios.

Quando Shirley a foi visitar, Ellen tentou explicar-lhe como se sentia. Chorou e perguntou-lhe se ela sabia de alguma maneira de ficar com Catherine. Shirley mostrou-se compreensiva mas disse-lhe que já tinham sido escolhidos os pais adotivos e a única alternativa era Ellen voltar com a bebé para a Cornualha.

Talvez se tivesse tido um pouco mais de tempo para refletir sobre a ideia, Ellen se tivesse decidido a seu favor porque até a noção da malevolência de Violet era menos perturbadora do que o horror de se separar da menina. Mas ainda estava demasiado dorida para andar; não tinha roupas no hospital, nem para si nem para Catherine, nem tinha dinheiro.

Sem a terem avisado ou consultado, a mãe de acolhimento que olharia por Catherine durante seis semanas chegou para a levar. Tinham dito a Ellen que Catherine só ia tomar banho no berçário. Quando foi à procura dela, deu com um berço vazio ainda com a etiqueta a dizer: «Bebé Pengelly. Menina, 2,850 kg.»

Foi o mais cruel de tudo. Não a tinham deixado despedir-se, dar mais um beijo à filhinha, negaram-lhe a oportunidade de dizer que precisava de mais tempo para encontrar uma maneira de ficar com ela. Ninguém tinha considerado que ela tivesse direitos ou sentimentos.

Shirley e Roger foram buscá-la para a levarem para casa um pouco mais tarde e encontraram-na lavada em lágrimas.

- Estás só nervosa porque, ao quarto dia, os seios enchem-se de leite e causam depressão pós-parto - disse Shirley. - Vá lá, querida, anima-te, tu própria concordaste com isto. Na próxima semana, já te esqueceste de tudo.

A enfermeira vigilante deu a Ellen comprimidos para secar o leite e ela desejou que houvesse outro para impedi-la de imaginar a bebé e para acabar com o terrível sentimento de desolação. Mas não podia deixar transparecer o que verdadeiramente sentia apesar de se considerar vítima de um embuste. Shirley e Roger tinham-na ajudado quando mais ninguém o fizera e, por conseguinte, teve de voltar a entrar em casa deles, beijar e abraçar os rapazes e fingir que estava tudo bem.

Pouco depois de voltar para casa, o tempo aqueceu. Sempre que levava os rapazes a passear ao parque ou a Downs, nas proximidades, via mulheres com carrinhos de bebé e passava pela tortura de ir olhar para essas crianças. Todos os dias dizia a si mesma que doía menos, mas não doía. As reflexões eram de sentido único, não conseguia pensar em mais nada que não fosse a filha a ser alimentada, lavada e mudada por uma mulher que nunca a tinham autorizado a conhecer.

Só Nicholas e Simon lhe proporcionavam verdadeiro conforto. Pegar nas suas mãozinhas, segurá-las no seu regaço ou lavá-los e vesti-los ajudava. Podia cumulá-los do amor destinado à filha e a sua dependência por ela, quando Shirley começou a trabalhar mais horas no escritório, era uma espécie de bálsamo. No entanto, sozinha o seu quarto' noite, dava invariavelmente vazão às lágrimas pensando na sua menina nos braços de outra mulher.

Quando recebeu uma carta do pai em Julho a dizer que Josie tinha fugido de casa, Ellen de repente caiu em si. Andava tão submersa na mágoa que, embora tivesse mandado apressadamente à irmã uma carteira e um postal pelos anos, há semanas que não escrevia uma carta. Agora tinha de juntar a culpa à infelicidade, pois parecia-lhe que Josie devia ter pensado que ela não se preocupava com ela.

Dirigiu-se à Dra. Fordham para se aconselhar porque, embora a mulher fosse bastante austera, Ellen tinha-se habituado a confiar nela. Durante os seus exames pré-natais e nos dois encontros, quando teve de assinar os primeiros documentos de adoção antes de os pais escolhidos levarem embora a bebé, tinha construído uma forte relação com a médica. Só a Dra. Fordham compreendia como Ellen se sentia e estava bem informada sobre a sua família e vida doméstica.

- Porque não vais visitar os teus pais? - sugeriu ela depois de Ellen lhe explicar que Josie fugira de casa. - Está na altura de ires, precisas de ver o teu pai, e enquanto lá estás podes contactar algumas das amigas da Josie. É muito mais provável que te digam a ti, se souberem do paradeiro dela, do que aos teus pais.

- Mas eu ando tão chorosa e infeliz - disse Ellen. - E se deixo escapar a verdade sobre a bebé?

- As pessoas só deixam escapar aquilo que querem - disse firmemente a médica. - Não te esqueças que também lá tens a tua boa amiga, Mrs. Peters. Podes falar com ela e conversar sobre o assunto só pode ajudar e não piorar as coisas.

- A Violet vai deitar-me as culpas pela fuga da Josie - suspirou Ellen. - Não vai gostar nada de me ver.

A Dra. Fordham pegou nas mãos de Ellen. Era uma mulher pequena, com ar de professora primária, mas os seus olhos cinzentos respiravam bondade. - Ellen, minha querida - disse ela -, acabas de passar por um tormento terrível mas agora já acabou. A Catherine está bem e é amada pelos pais adotivos. Eu sei que não acreditas nisto mas aquilo por que passaste tornou-te mais forte e vais ser capaz de lidar com a Violet. O que tens de fazer é recompor a tua vida, ignorar o que já não queres e decidir o que queres fazer do teu futuro. Não podes fazê-lo enquanto não fores lá e vires o que deixaste para trás.

- Não sei o que quer dizer - disse Ellen.

- Com o tempo, hás-de compreender - disse a médica com um sorrisinho. - Vai lá ver o que se passa. Quanto à tua irmã, lembra-te que não és responsável por ela. Ama-a, preocupa-te com ela à vontade, mas ela tem a vida dela e tu tens a tua e precisas de a planear para que seja uma vida boa.

No princípio de Agosto, Ellen apanhou o comboio para Truro. Como Shirley e Roger iam passar duas semanas de férias com os filhos, a sua partida não lhes causou transtorno.

Ao que parecia, Josie tinha mandado um postal para casa de Londres e Ellen também recebera um, mas nenhum deles indicava qualquer endereço. Ellen tinha refletido bastante sobre este facto nas duas últimas semanas. Pôs de lado a ideia de Josie estar grávida porque, se estivesse, não iria para Londres e teria ido antes ter com ela para se aconselhar. Não indicar um endereço também 'não era necessariamente nada de sinistro; ela era de menor idade e não queria que ninguém a arrastasse de volta a casa. Mas nem assim Ellen deixava de se preocupar com a irmã. Pelo que sabia, Londres era uma cidade perigosa.

- Foi a tua partida que a levou a fugir - disse Violet rancorosamente, poucos minutos depois de Ellen chegar à quinta de Beacon. - Mas, cá para mim, ela há-de ir mais longe que tu ... olha para ti, pareces uma maltrapilha!

Ellen reprimiu as lágrimas e, mais tarde, quando se olhou ao espelho do quarto, percebeu que Violet tinha uma certa razão. Estava escanzelada e pálida e o vestido creme que comprara para o seu primeiro encontro com Pierre, que ainda um ano antes achava elegante, tinha sido lavado tantas vezes que parecia um trapo velho.

Ao fim das duas semanas, Ellen continuava sem saber se tinha sido um erro ou uma boa ideia voltar a casa. Violet não tinha dado tréguas ao rancor. O pai parecia subitamente envelhecido e cansado e pouco falava com ela. Nenhuma das antigas amigas de Josie tinha notícias dela, limitavam-se a repetir a mesma história que a polícia contara ao pai, que ela tinha apanhado uma boleia para Londres com dois homens.

Mas tinha sido bom conversar com Mavis Peters. Ellen descobriu que era capaz de lhe confidenciar todas as coisas que nem à Dra. Fordham fora capaz de contar. Era bom também estar completamente sozinha, dando longos passeios pelo caminho costeiro e sentando-se durante horas na enseada a contemplar o mar. Parecia-lhe que agora compreendia o que a médica tinha querido dizer. Tinha de voltar a este sítio, quanto mais não fosse para ver quão pouco ele lhe oferecia.

Embora amasse a Cornualha como sempre, a quinta já não a atraía. Achava que gostaria de seguir uma carreira em que trabalhasse com crianças, talvez numa escola ou num lar de acolhimento.

Talvez ficasse mais um ano com Shirley e Roger até Simon entrar para a escola e depois desse outro passo.

A Dra. Fordham tinha razão, era mais forte agora. Estava certa de que nada que a vida lhe reservasse alguma vez a magoaria como a perda de Catherine. Quanto a Josie, estava convencida de que ela entraria brevemente em contacto. Devia estar bem, caso contrário já teria voltado para casa.

CAPÍTULO 11

Duas semanas depois de chegar a Londres, Josie ainda estava a viver no quarto em Westbourne Park Road, 42, e a odiá-lo como nunca tinha odiado nada. Parecia que não entrava ponta de ar pela janela minúscula e, quando olhava para fora, só via telhados. Os outros inquilinos, e parecia haver dezenas deles, cozinhavam coisas que cheiravam horrivelmente mal e os odores subiam até ao seu quarto e ficavam ali aprisionados.

Mas era a casa de banho que mais a repugnava. Cheirava mal e nunca ninguém a limpava, a sanita era nojenta e havia bolor preto pelas paredes todas. Quando arranjava coragem para tomar um banho, tinha de esfregar a banheira antes e ficar na casa de banho enquanto ela enchia. Cometeu o erro de deixar a água a correr uma vez e outra pessoa ocupou a banheira e usou o xelim que ela tinha introduzido no contador do gás.

Supunha que o quarto propriamente dito não era pior que o seu quarto em casa, o mesmo género de mobília velha e instável, lençóis puídos na cama, uma ausência total de confortos. Mas lá tinha a vista, a brisa e o silêncio. No número 42, nunca havia momentos de tranquilidade, as pessoas gritavam e vociferavam até de madrugada, as televisões e os rádios ligados no máximo. Crianças desgrenhadas brincavam nas escadas e havia sempre um bebé a chorar. Os outros inquilinos pareciam ser negros ou irlandeses e era evidente que eram todos desesperadamente pobres.

Josie sentia-se presa ali. Tinha ido a várias agências de emprego, na primeira segunda-feira, mas assim que transpunha a porta pediam-lhe o cartão sem o qual não podia trabalhar. Este cartão, veio a descobrir, era o da Segurança Social, obrigatório para toda a gente, e só podia obtê-lo junto do Serviço Nacional de Segurança Social. Mas tinha medo de lá ir, pensando que seria o primeiro sítio onde a polícia a procuraria.

Depois, alguém lhe disse que podia arranjar trabalho nos restaurantes ou cafés mais pequenos sem cartão. Nesse mesmo dia, arranjou um emprego num café em James Street, perto da Selfridges, em Oxford Street. Viu um anúncio para empregada de mesa colado na montra e estavam com tanta falta de pessoal que a admitiram imediatamente. Mas, passados alguns dias, desejou ter dado meia-volta e voltado para casa na altura que soube do cartão da Segurança Social de que precisava. Era um emprego horrível, todo o dia de pé a limpar comida dos pratos das pessoas, com toda a gente, os clientes e o dono do café, a queixar-se constantemente de que ela não era suficientemente expedita.

Mas agora já não podia regressar a casa, sem perder completamente a face e levar, ainda por cima, uma valente tarefa. Uma das primeiras coisas que tinha feito no domingo em que deixou o apartamento de Will foi escrever um postal para casa. Pedia desculpa por ter fugido sem dizer nada mas dizia que Londres era onde queria estar e que estava bem e feliz. Tinha também enfiado um postal na caixa de correio de Will, a explicar que não lhe contara a verdade e que, se alguém aparecesse à sua procura, devia mostrar este postal para que ficasse claro que não fizera nada de mal.

Talvez aguentasse a tarefa e o facto de os pais a fecharem a sete chaves dali para a frente mas, por esta altura, já toda a aldeia de Mawnan Smith e a cidade de Falmouth deviam saber o que se tinha passado. Não era capaz de suportar a humilhação de ter fracassado e, assim, não havia realmente

outra alternativa senão ficar em Londres e tentar singrar antes de pensar sequer em voltar para casa.

O trabalho de empregada de mesa era tão mau quanto o quarto. O estabelecimento tinha um grande movimento durante o dia todo porque, além das pessoas que andavam nas compras e entravam para tomar um chá ou um café, era também frequentado ao almoço pelos trabalhadores dos escritórios da zona. Os proprietários eram gregos e ralhavam com Josie sempre que era preciso levantar uma mesa; o salário era de nove libras por semana e havia dias em que ela recebia mais alguns xelins em gorjetas. Mas não tardou a descobrir que o dinheiro que lhe sobrava depois de pagar a renda não durava muito.

Mas o pior era a solidão. Nunca ninguém falava muito com ela durante o dia; era como se a sua posição fosse tão baixa na escala que ninguém reparava nela. Quando saía do café às cinco e meia, tinha os pés tão inchados devido ao calor e ao facto de passar o dia de pé que mal conseguia arrastar-se até ao metro. Mas, uma vez de volta ao quarto, não tinha absolutamente nada que fazer senão lavar a roupa interior e deitar-se na cama a ouvir os ruídos dos diferentes quartos da casa.

Queria um rádio, um ferro de passar, um par de sapatos rasos para usar no trabalho, um blusão ou casaco que pudesse vestir em dias de chuva e mais roupa. Tudo o que tinha com ela era o que embalara para o fim-de-semana com Rosemary. Mas sobrava-lhe tão pouco dinheiro, depois de pagar a renda e o transporte para o trabalho, que não via como alguma vez poderia comprar o que quer que fosse, quanto mais poder mudar-se para um alojamento melhor.

Por sorte, deixavam-na comer o que quisesse no emprego e ainda bem, porque a única coisa que tinha no quarto era um bico de gás, um lavatório, uma chávena, um prato, uma faca, um garfo e uma colher, e nem sequer havia um tacho.

Oxford Street era também uma tentação, com imensas lojas maravilhosas cheia de lindas peças de roupa, e Josie via centenas de raparigas da sua idade a bambolear-se de minissaia com um ar chique e feliz. Interrogava-se como era possível que elas não tivessem problemas e a sua própria vida tivesse corrido tão mal.

Numa tarde de chuva em Fevereiro, quando estava a trabalhar no café há quase três semanas, entraram duas raparigas. O café era principalmente frequentado por pessoas mais velhas, porque a comida consistia nos pratos mais típicos da cozinha inglesa e a decoração era desinteressante. Assim, estas duas raparigas, uma com uma brilhante gabardina branca e botas justas pelo joelho, a outra com uma fatiota semelhante em vermelho, davam nas vistas. Josie olhou para elas com inveja porque a roupa delas tinha aspeto de muito cara e eram as duas extremamente bonitas.

Archie, o dono do café, foi ter com elas e beijou-lhes as mãos, desfazendo-se em salamaleques com elas, mas como Josie estava a trabalhar nas traseiras e ele as conduziu a uma mesa junto à porta da entrada, não ouviu as palavras que trocaram.

Elas demoraram-se imenso tempo, tomando café atrás de café, e Josie teve por fim de ir à mesa delas porque a outra empregada já se tinha ido embora. - Querem mais alguma coisa? - perguntou, substituindo o cinzeiro a transbordar por outro lavado e levantando as chávenas vazias.

- Podias servir-nos um pouco de sol - disse uma delas. - Tem chovido a cântaros o dia todo.

Josie riu-se. Era a primeira vez no café que alguém .. dizia qualquer coisa a que achava graça. - Nem para mim consigo fazer milagres - respondeu ela -, quanto mais para os outros.

- És da Cornualha - disse a rapariga morena de gabardina branca com uma certa surpresa. - Que diabo te fez sair de lá e vir para a porcaria de Londres?

Ninguém tinha reconhecido o sotaque de Josie desde que estava em Londres e ficou deliciada.

- Um momento de loucura - disse Josie com um sorriso. Vim num impulso e desde então só me tenho arrependido.

- Um quarto miserável e um emprego miserável? - perguntou a rapariga de vermelho com simpatia. Era loura com grandes olhos verdes.

Josie sacudiu afirmativamente a cabeça. Bastou aquela pequena manifestação de simpatia para as lágrimas lhe vidrarem os olhos.

- Então, querida, não chores - apressou-se a morena a dizer, dando uma palmadinha na mão de Josie. - Daqui a nada, ali o Archie há-de querer fazer-te mimos e passas bem sem isso.

- Quando é que saís do trabalho? - perguntou a outra rapariga.

- Às cinco e meia. - Josie reprimiu as lágrimas e tentou sorrir.

- Certo. Vai ter connosco ao pub, duas portas à frente, quando saíres daqui - disse a rapariga. - Podes então desabafar connosco. Como é que te chamas?

- Josie - disse ela num fio de voz, sentindo-se agora uma tola. - Obrigada, mas não precisam de ser simpáticas comigo, hei-de arranjar-me.

- Temos de ser simpáticas, pois - disse a morena, rindo. - Já passámos pelo mesmo, menina. Eu sou a Candy, ela é a Tina, e estamos à tua espera no pub.

Josie sentia-se tão deprimida que nunca pensou que as raparigas lá estivessem, mas estavam. Quando entrou no pub, cumprimentaram-na afetuosamente e insistiram em oferecer-lhe um conhaque com Coca-Cola para a animar.

O pub não estava muito cheio, apenas alguns homens de negócios a tomar uma bebida rápida antes de irem para casa, e as raparigas conduziram-na a uma mesa num canto, sentaram-se e começaram a interrogá-la. Candy disse-lhe que era de Bude, na Cornualha, e depois de ouvir o resumo das aflições de Josie admitiu que tinha passado por problemas idênticos.

- Sentia-me tão infeliz que pensei em matar-me - disse ela, num tom compadecido. - Também só tinha quinze anos e a renda do meu quarto em Earls Court era quase tanto quanto eu ganhava.

Mas não podia voltar para casa, não tinha dinheiro suficiente para a viagem e os meus pais não me teriam mandado nenhum se lhes tivesse pedido.

- Comigo foi igual - disse Tina com um sorriso. - Fugi com um homem e ele deu-me com os

pés passadas duas semanas. Arranjei um emprego a limpar escritórios. Mas somos as duas prova que não precisas de viver num buraco e trabalhar num café nojento. Londres è uma cidade fantástica assim que se conhece os cantos à casa.

- O meu sonho era ser modelo - admitiu Josie timidamente. - Já sei que é uma estupidez, mas pensei sinceramente que alguém me apanhava para me fotografar assim que pusesse os pés em Londres. Grande sonho. Ninguém olha sequer para mim.

As duas raparigas sorriram e trocaram olhares. - Nós somos modelos - disse Candy. - Não de moda, mas ganhamos muito bem.

O coração de Josie acelerou. - A sério? Como é que conseguiram? - perguntou.

- Respondemos as duas a um anúncio no Evening News respondeu Candy. - Dizia simplesmente: «Precisamos de raparigas bonitas para fotos sofisticadas, pagamos bem.» O anúncio aparece quase todas as semanas, estão sempre à procura de raparigas novas. Também podes conseguir, se quiseres.

- Posso? - Josie engoliu um grande trago de conhaque apesar de não gostar do sabor. - Estão a falar a sério? - acrescentou, levando a mão à garganta porque parecia estar a arder.

Candy encolheu os ombros. - Não somos nós que temos de falar a sério, mas tu, se quiseres mesmo fazer isto. Tens de estar preparada para usar muito pouca roupa; como dissemos, não é moda, é para pin-ups.

Josie sabia o que era uma pin-up; tinha-as visto em revistas como a Tit-Bits. As raparigas usavam camisolas justas e decotadas ou fatos de banho. Não era nada do outro mundo!

Durante a hora seguinte, Josie ouviu, extasiada, Candy e Tina explicarem como era. Elas apressaram-se a frisar que era um pouco mais ousado do que as fotografias que ela tinha visto na Tit-Bits e que, se fosse envergonhada, não tinha hipótese nenhuma. Mas também disseram que não posavam nuas nem faziam pornografia, se bem que não tivessem problemas em se pôr nuas se o dinheiro fosse bom. Disseram que eram pagas à sessão. Estas eram de quatro horas e a tarifa era de quinze libras. Quase todas as semanas chegavam a fazer seis sessões, o que era, segundo disseram, mais do que suficiente para viverem bem e comprarem as roupas necessárias para continuarem a ser desejadas.

- Estivemos a trabalhar hoje de manhã - disse Tina. Abriu a gabardina vermelha para mostrar um vestido preto por baixo. As fotos que ele me tirou foram com este vestido, só com as cuequinhas por baixo. É o que quer dizer fotografias sofisticadas. Tenho alguns baby-dolls reduzidos, calções que me dão pelo meio do rabo. Coisas de renda, meias e ligas, esse género de coisas. Estás a perceber?

Josie assentiu. Não estava minimamente por dentro destes assuntos mas aprendia depressa.

Quando as raparigas descobriram que ela não trabalhava aos sábados, disseram que a podiam levar no dia seguinte para uma sessão experimental.

- Se não fores capaz, não perdes nada - disse Candy num tom tranquilizador. - Podes voltar para

o café na segunda e não pensar mais no assunto. Mas, se tiveres jeito e o Beetle gostar de ti, estás lançada.

«Beetle» era o patrão da «Glamour Pics Inc.». As raparigas disseram, a rir, que não sabiam porque é que ele tinha esse nome mas que lhe assentava como uma luva.' Era ele que se ocupava de toda a organização, programava as sessões fotográficas e vendia as fotografias a revistas de todo o mundo. Admitiram também que ele lhes dava um bónus quando lhe apresentavam uma nova rapariga.

- Mas não foi por isso que te convidámos para uma bebida apressou-se Tina a acrescentar. - Vimos as duas pela tua cara que estavas completamente em baixo. É verdade, reparámos que eras bonita e tinhas um corpo bem feito, mas é preciso mais que isso. Tens de ser rija e ter vontade de ser uma modelo sofisticada. Não sei se és rija que chegue mas em breve vamos descobrir.

Nessa tarde, ao ir para casa, Josie não sentiu dores nos pés. Talvez fosse só do conhaque mas teve a sensação de estar a andar nas nuvens. Era suficientemente rija e tinha vontade de viver num sítio agradável, de ter roupas bonitas e de se divertir. Talvez Londres não viesse a ser tão má afinal.

Josie estava a lavar o cabelo às sete da manhã, no dia seguinte, e mostrava-se determinada em surpreender Tina e Candy. Só a tinham visto com o cabelo atado atrás, sem maquilhagem e com uma feia bata de nylon por cima de um vestido de algodão barato. Se a achavam bonita assim, como não achariam quando a vissem com o vestido curto preto e branco e o cabelo solto!

O estúdio onde tinha de se encontrar com Beetle e as raparigas ficava convenientemente em Paddington, a uma curta distância a pé do quarto dela. Tina disse-lhe para não se preocupar com a roupa porque Beetle tinha no estúdio uma seleção de fatos para as raparigas novas. Embora não recebesse nada pela primeira sessão, se fosse boa ele marcaria logo cinco ou seis com ela na semana seguinte, que seriam sempre pagas a pronto. A única coisa que realmente preocupava Josie era a roupa interior. Só tinha um soutien e dois pares de cuecas e eram velhos e cinzentos. Não queria que ninguém a visse com eles, nem sequer outra rapariga. Devia gastar parte do salário da semana num conjunto novo antes de ir para o estúdio?

Sentada junto da janela aberta para deixar secar o cabelo, contou o dinheiro. Ainda não tinha mexido no salário dessa semana, no dia anterior as raparigas tinham pago as bebidas todas e ainda tinha três libras que conseguira poupar do dinheiro dos anos. Quando pagasse a renda da semana, ficaria com oito libras.

Ainda recentemente, teria considerado que era uma fortuna mas agora sabia que não. Seria prudente estourá-las em roupa interior nova antes de saber se Beetle a contrataria? Decidiu que sim. Sentiria muito mais confiança nesse dia sabendo que a sua. roupa Interior era bonita.

Às onze menos cinco, Josie estava em Porchester Mews, à procura do estúdio. A ruela era um sítio horrivelmente esquelético, quase totalmente ocupado por oficinas de chaparia, tipografias e outras pequenas empresas, com lixo empilhado à porta da maioria delas, e, da rua, as salas sobre o que outrora tinham sido estábulos pareciam tão horrorosas quanto o quarto onde ela vivia.

Desde que chegara à cidade, percebera que esta zona de Londres, Westbourne Grove, Ladbroke Grove e Paddington, era umas das piores para se viver. Enquanto Westbourne e Ladbroke eram praticamente bairros de lata, povoados por imigrantes que eram explorados por senhorios sem

escrúpulos, Paddington era habitada por centenas de prostitutas. Não fazendo grande ideia do aspeto que as prostitutas tinham, sentia-se nervosa só de andar na rua, não fossem as pessoas tomá-la por uma.

- Olá - disse alguém atrás dela e Josie virou-se, deparando-se com Tina e Candy a entrar na ruela.

Estava um dia de sol e as raparigas apareceram com vestidos curtos sem mangas. Mas as saias eram, pelo menos, cinco centímetros mais curtas que a de Josie e ela sentiu uma ponta de medo de parecer antiquada.

- Estás fabulosa - disse Candy com um sorriso rasgado e sincero. - O Beetle vai ficar satisfeito connosco. Estás nervosa?

Josie indicou que sim. Não tinha comido nada porque se sentia agoniada de terror e, se tivesse tido de esperar mais tempo sozinha, teria sido bem capaz de desistir.

- Lembra-te que a primeira vez é sempre a pior - disse Tina, passando o braço pelos ombros de Josie. - Daqui a algumas sessões, hás-de rir-te do que sentiste hoje. Imagina que és uma atriz, não passa disso, fazer de conta que és sexy.

O nome ficava a matar a Beetle. Era baixo, atarracado, com cabelo preto brilhante cortado ao estilo dos Beatles. Tinha cerca de quarenta anos e o cabelo tinha a aparência suspeita de um capacho, mas possuía um estranho tipo de charme que deixou Josie à vontade. Depois de a apresentarem, Tina e Candy foram mudar-se para a sessão e Beetle fez um café para Josie e deu-lhe um cigarro.

- És linda, Jojo - disse ele, estendendo a mão para lhe tocar no cabelo e enrolar um caracol no dedo. - Só me cruzo com uma rapariga tão bonita como tu quando o rei faz anos. A Tina falou-me de ti ontem à noite ao telefone e quero garantir-te que não te obrigo a fazer nada que não queiras. Não tento levar as minhas raparigas para a cama. Pago-lhes por sessão e olho por elas. Podes confiar em mim.

O escritório onde estavam era minúsculo, uma parte do estúdio principal separada por uma divisória, mas apresentava-se muito limpo e arrumado, com pouco mais do que uma secretária, um armário de arquivo e um par de cadeiras. As paredes estavam cobertas de fotografias de raparigas, vestidas de todas as maneiras, desde biquínis a négligés e casacos de pele. Embora muitas tivessem uma blusa ou um casaco desabertado, revelando que não tinham nada por baixo, não havia uma só fotografia de nenhuma completamente nua.

O estúdio atrás, por onde Josie tinha entrado, era espaçoso. Parecia ocupar a área de duas garagens em baixo. O soalho estava revestido de linóleo liso e brilhante e as paredes eram neutras, mas estava dividido no que Josie imaginava que seria o aspeto dos décors de cinema. Uma parte tinha um sofá coberto por uma manta de pele, havia uma cena de praia com areia no chão noutra e, na terceira, uma cama pejada de almofadas.

Enquanto conversava com Beetle, Josie viu Candy entrar no décor do sofá, com botas pretas brilhantes e uma combinação de cetim preto muito curta, mas o fotógrafo tinha instalado um grande guarda-sol branco que a impedia de ver em que pose ele a ia querer. Tina apareceu pouco depois,

vestida com um biquíni reduzido para o décor da praia. Estava também presente uma terceira rapariga, de cabelo escuro, que estava deitada na cama com um négligé vermelho.

Depois de mais ou menos meia hora, Beetle disse que eram horas de Josie se preparar e conduziu-a a um pequeno vestiário do outro lado do estúdio. Abriu um roupeiro, tirou um négligé de renda branco de um cabide e disse-lhe para o vestir por cima da roupa interior. Deu-lhe então algumas instruções breves para carregar no rímel e no bâton e definir com rouge as maçãs do rosto. Para alívio dela, não ficou a observá-la.

Josie ficou aterrada quando ele a chamou ao vestiário apesar de o négligé não ser muito ousado. Mas Bob, o homem que ia fotografá-la, mal olhou para ela, limitando-se a mandá-la ajoelhar no chão junto a uma árvore artificial. A sensação nos primeiros minutos foi muito estranha, enquanto o homem atrás da câmara lhe transmitia instruções, e com as luzes fortes a bater-lhe na cara não conseguia ver nada para além do pequeno cenário em que estava. Seguiu o conselho de Candy sobre fazer de conta que era uma atriz e pareceu-lhe funcionar porque deixou de se sentir inibida. Passado pouco tempo, descobriu que era capaz de assumir diferentes poses sem ninguém lhas sugerir.

Quando Bob lhe propôs que desapertasse o négligé, ela não se sentiu assustada; aliás, era semelhante à maneira como tinha posado em casa, no quarto, com um lençol. Não tardou a começar a sorrir com naturalidade, lançando a cabeça para trás, passando os dedos pelo cabelo ou deitando-se de lado com uma coxa à mostra, como se tivesse nascido para aquilo.

- Não há problema nenhum com esta, tem um talento natural - disse Bob a Beetle quando ele apareceu no décor um pouco mais tarde. - Vou mandar revelar estas imagens e trago-tas logo ao fim da tarde.

- Pronto, está feito - disse Beetle a Josie, o rosto muito brilhante, como o cabelo, sob as luzes. - Ao que parece, tens uma nova carreira. Liga-me amanhã ao meio-dia e eu digo-te em que sessões te quero na próxima semana.

Josie ficou surpreendida por não ser preciso mais nada e até um pouco desiludida por acabar tão cedo. Mas Bob estava a vestir o casaco para se ir embora.

Candy estava a pôr lingerie vermelha quando Josie voltou ao vestiário para se vestir. Sorriu a Josie e ofereceu-lhe um cigarro.

- Que tal correu?

- Bem, acho eu. - Josie não quis repetir o que Bob tinha dito com receio de parecer vaidosa. Mas disse que Beetle a tinha mandado ligar-lhe no dia seguinte.

- Pronto, quer dizer que foste aceite, menina - disse Candy com um sorriso. - Acabaram-se os teus problemas, no fim da semana já tens cacau suficiente para arranjar alojamento melhor. Provavelmente encontramo-nos durante a semana, normalmente as sessões sobrepõem-se, e também vais conhecer algumas das outras raparigas. Boa sorte.

Josie ficou um tanto desapontada por tudo chegar tão abruptamente ao fim; tinha mais ou menos contado demorar-se por ali e conversar com Candy e Tina, talvez até ir com elas a qualquer

lado depois. Mas tentou não o dar a entender e agradeceu a Candy tê-la apresentado a Beetle.

- Daqui a dois meses, és capaz de não estar tão agradecida - disse Candy, rindo. - Vá, vai apanhar ar fresco agora. O Verão está a acabar e tu precisas de te orientar em Londres, já que vais ficar por cá.

Josie seguiu conselho de Candy e, nessa tarde, andou quilómetros a pé, absorta em sonhos de fama e fortuna. A chuva do dia anterior tinha lavado os passeios e as folhas das árvores e, de repente, era a Londres com que tinha sonhado em casa, na Cornualha, que estava a ver, Hyde Park e o Serpentine, o Palácio de Buckingham e Trafalgar Square, em tudo tão magnífica como imaginara. Fervia de excitação por dentro. Ia ser modelo, ia ganhar tanto dinheiro que poderia comprar a roupa toda que quisesse, viver num apartamento como o de Will, arranjar o cabelo num salão e nunca mais ter de limpar os pratos de comida dos outros.

Comprou o jornal Evening Standard e estudou os anúncios de apartamentos. Havia um independente, de um quarto, em Chelsea, que tinha ouvido dizer que era uma área bonita, por vinte libras por semana. Era risível que ainda uma semana antes andasse a consultar anúncios de quartos para alugar e a pensar que seis libras por semana eram unia fortuna.

Os seus pensamentos regressaram a Ellen enquanto seguia de metro para casa mais tarde nesse dia. Nas duas últimas semanas, tinha pensado na irmã quase todos os dias, desejando poder contactá-la, mas sem se atrever a fazê-lo. Não sabia bem se podia confiar que Ellen não diria aos pais onde ela estava em Londres. Que pensaria ela do seu trabalho de modelo? Adotaria uma atitude de superioridade e diria que era um erro? Ou limitar-se-ia a rir-se e a dar-lhe os parabéns?

A verdade era que não sabia e isso entristeceu-a bastante. Um ano antes, teria sido capaz de prever as reações de Ellen a tudo, nunca tinham guardado segredos uma da outra. Recordava-se como Ellen lhe tinha contado tudo sobre Pierre, confiando implicitamente que ela nunca contaria à mãe e ao pai. Porque é que essa confiança morrera? Que é que tinha mudado ao ponto de ela ser capaz de se fingir grávida para justificar deixar a irmã, que dizia amar, sozinha em casa? Era simplesmente por se ter apaixonado por aquele homem e ele a ter rejeitado?

No entanto, outra ideia tinha-se enraizado no subconsciente de Josie. Talvez, depois de se mudar para Bristol, Ellen se tivesse tornado um pouco como Josie, durante a sua estadia em Helston, pensando que a família era demasiado bizarra e que não queria fazer mais parte dela.

No dia 1 de Outubro, Josie estava no seu novo apartamento, com a chave na mão, o coração a palpar com um misto de prazer e ansiedade.

Não tinha sido fácil arranjar uma casa nova. Tinha chegado à conclusão de que às senhorios e os agentes eram uma gente desconfiada. Mas Beetle tinha intercedido e arranjado esta casa em Elm Park Gardens, em Chelsea. Ficava apenas a cinco minutos a pé de King's Road.

O prédio de pequenos apartamentos era novo e tinha sido construído de raiz, ao contrário do resto das casas vitorianas da rua. O apartamento dela, no quarto andar, tinha dois quartos, uma cozinha e uma casa de banho. Não estava mobilado, à exceção de um fogão, um frigorífico e alcatifa, mas depois dos horrores de Westbourne Park Road, Josie não se importava nada de dormir no chão. Era o que teria de fazer durante algum tempo porque não lhe sobrara dinheiro para mobília.

Nunca mais voltou ao emprego no café e, desde que começara a trabalhar para Beetle nove semanas antes, estava a fazer com ele sete sessões por semana. Mas, apesar de ter ganho, durante esse tempo, mais de novecentas libras, duzentas tinham sido para a chave do apartamento, mais cem para a renda de um mês adiantada e ainda um depósito exorbitante. O resto gastou em roupa, comida e despesas correntes.

Josie tinha desabafado com Tina sobre isto, pois achava um absurdo entregar mais de metade do que tinha ganho só para ter um teto. Mas Tina disse, a rir, que ela também estava a ganhar quantias absurdas e que devia lembrar-se que o dinheiro pela chave e o depósito lhe seriam devolvidos se viesse a deixar o apartamento.

Josie tirou o casaco e levou a mala e a fronha que enchera com roupa para o quarto. Pelo menos, havia um roupeiro embutido e, quando começou a pendurar a roupa lá dentro, esqueceu a ansiedade e pensou antes no futuro. Beetle estava sempre a dizer-lhe que ela era extremamente sensual e que, assim que fizesse dezasseis anos, poderia lançá-la nas prestigiadas revistas da moda e ela poderia facilmente tornar-se uma celebridade.

Depois de arrumar a roupa voltou à sala para desempacotar a caixa que continha um ferro de passar novo, um secador de cabelo, um rádio e utensílios de cozinha. Enquanto retirava cada peça, ia recordando a si mesma que as tinha comprado todas, o que era a prova provada de que já percorrera um longo caminho desde que chegara a Londres.

Mas aquilo que acima de tudo desejava era uma amiga. Não estava à espera de sentir tantas saudades de Rosemary e das outras amigas da escola mas quase não passava um dia em que não pensasse nelas e se interrogasse sobre o que estariam a fazer agora. Rosemary teria conseguido o emprego em Truro? Quem teria preenchido o lugar na companhia de navegação?

Também pensava nos pais, perguntando-se se teriam tentado encontrá-la. Achava que era mais provável que, depois de receberem o postal dela, a tivessem esquecido e, mesmo que, de certo modo, fosse esse o seu desejo, feria-a que pudessem descartá-la assim tão facilmente.

Depois havia Ellen. Josie tinha-lhe finalmente escrito uma carta mas não indicou nenhum endereço, dando a desculpa de que estava prestes a mudar-se para uma casa melhor e que, mais tarde, lhe mandaria a morada. Disse que arranjava trabalho de modelo (sem especificar de que tipo) e que tinha feito muitos amigos novos. Só desejava que esta última parte fosse verdade. Tinha descoberto que Londres não era um lugar muito hospitaleiro. Não podia simplesmente entabular conversa com as pessoas como fazia na Cornualha. Se tivesse uma amiga, talvez pudessem frequentar pubs, cafés e salões de baile, mas sozinha não podia fazer nenhuma destas coisas e muito menos em Londres.

As raparigas que conhecia no estúdio eram quase todas muito mais velhas do que ela. Eram modernas e sofisticadas e não lhe passavam cartão. Até Tina e Candy se mostravam agora um pouco distantes. Paravam a cavaquear por alguns minutos, perguntavam-lhe como estavam a correr as coisas, mas era evidente para Josie que não se queriam envolver com ela. Nem uma vez a tinham convidado para sair com elas, nem sequer para tomar um café. Agora que tinha este apartamento, daria tudo para ter alguém que pudesse convidar.

Beetle tinha-lhe marcado uma sessão fotográfica para essa tarde, e outra para o dia seguinte, embora normalmente nenhuma das raparigas trabalhasse ao sábado à tarde ou ao domingo. Dava

ideia que ele sabia que ela se sentia só e que tinha gasto o dinheiro todo e Josie supunha que ele pensava que o trabalho era a solução para os dois problemas.

Assim que arrumou as suas poucas posses nos armários, Josie sentou-se no chão da sala, encostou-se à parede e acendeu um cigarro. No fundo, não sabia porque é que estava sempre a acender cigarros; não apreciava o sabor nem o cheiro. Em casa, só tinha fumado um ou outro com Rosemary. Mas, em Londres, parecia que toda a gente fumava, especialmente as outras modelos, e ela não queria ser diferente.

Ali sentada, passando os olhos pelo espaço vazio, começou subitamente a chorar. Não compreendia porquê, tinha trabalhado arduamente para conseguir esta casa, não tinha pensado em mais nada nas três últimas semanas, mas agora que aqui estava sentia apenas desolação.

Meia hora mais tarde, levantou-se e foi à casa de banho lavar a cara. Era minúscula mas asseada e reluzente e Josie sentiu algum conforto ao ver a sua toalha de rosto, a escova de dentes e a toalha de banho, sabendo que podiam ali ficar permanentemente sem medo de que alguém as surripiasse.

- Maquilha-te - disse ela em voz alta ao seu reflexo no espelho. - Deixa-te de sentir pena de ti própria.

Quando Josie entrou no estúdio duas horas mais tarde, Beetle sorriu-lhe. - Trouxe-te um presente de boas-vindas à casa nova disse ele, erguendo um enorme saco da Selfridges.

A tristeza de Josie eclipsou-se perante este gesto de bondade. - Oh, Beetle - exclamou ela. - És tão querido. O que é?

- Uma coisa útil - disse ele. - Vá, abre-o!

Era um edredão de cetim cor-de-rosa, espesso e macio, recheado com penas. Ela só tinha um grosseiro cobertor cinzento que levara do quarto de Westbourne Park Road e só se lembrara de subtrair-lo nessa manhã ao aperceber-se de súbito que não tinha absolutamente nenhuma roupa de cama. Se não fosse a lembrança de Beetle, nessa noite teria de dormir vestida.

Dirigiu-se a ele para o abraçar, as lágrimas assomando-lhe de novo aos olhos. - Ora, ora - disse ele asperamente. - Não te ponhas com sentimentalismos que estragas a maquilhagem, o Bob está à espera para te fotografar. Há mais uma coisa que tenho de te dizer. Amanhã vais fazer a sessão com o Mark Kinsale.

Josie susteve a respiração e olhou para Beetle, atónita. Tinha ouvido as outras raparigas falar deste homem, que era um fotógrafo famoso. Disseram que ele ia periodicamente ao estúdio para inspecionar as raparigas de Beetle na esperança de descobrir alguma especial.

- Eu? - disse ela, estupidamente. - Porquê?

Beetle soltou uma gargalhada. - Porque és jovem e bonita, porque é que havia de ser?

As quatro horas com Bob passaram num relâmpago pois Josie sentia-se nas nuvens. Não se importou de se escarranchar numa cadeira, em poses bastantes lascivas, nem que ele lhe tirasse o soutien e lhe deixasse a camisa desabotoada porque estava a imaginar-se com trajes de noite, vestidos

de noiva e casacos de peles.

Beetle não só lhe deu as quinze libras da sessão como também as quinze do dia seguinte, explicando que não ia estar presente e que tinha dado a Mark a chave para ele entrar. - Agora não te atrases, meio-dia em ponto, e não questiones nada do que o Mark te mande fazer. O teu futuro depende de ele gostar de ti.

Eram três e meia quando Josie saiu do estúdio, carregada com o enorme saco com o edredão, e apanhou diretamente o autocarro para Worla's End, onde havia montes de lojas de mobília em segunda mão, com a intenção de tentar arranjar uma cama barata.

Estava com sorte. O primeiro sítio onde entrou tinha um divã duplo em excelentes condições, por apenas cinco libras, e o dono da loja prometeu entregar-lho quando fosse para casa às seis horas dessa tarde.

Às cinco e meia, estava a subir, titubeante, as escadas de Elm Park Gardens, carregada com volumosas compras. Tinha comprado um conjunto de lençóis e fronhas, um cobertor cor-de-rosa, duas almofadas e um candeeiro de mesa.

Enquanto esperava que a cama chegasse, estava a planar nas nuvens, mal acreditando na sua sorte. Nessa noite, dormiria luxuosamente e, no dia seguinte, se tudo corresse bem com Mark, começaria a trilhar o caminho do estrelato.

Mais tarde, nessa noite, deitou-se na nova cama, saboreando o seu conforto. Nada lhe tinha alguma vez dado tanto prazer como fazê-la, alisar os lençóis, dobrar os cantos na perfeição, como a mãe lhe tinha ensinado, e colocar finalmente o edredão por cima dos cobertores.

Colocou o novo candeeiro de mesa em cima da mala que tinha transformado numa mesinha-de-cabeceira, cobrindo-a com uma saia rodada cor-de-rosa que levara de casa. Ainda nessa manhã se sentira tentada a desfazer-se dela, por estar fora de moda, mas agora sentia-se grata por não o ter feito.

- A seguir há-de ser um toucador - murmurou consigo mesma alegremente. - Cortinas e talvez uma cadeira bonita. Depois viro-me para a sala.

Era tão fantástico poder tomar banho, conservar o leite e a manteiga frescos no frigorífico, encostar-se aos radiadores, sabendo que quando chegasse o Inverno estaria quente e aconchegada. Pôs-se à janela, olhando para a rua bordejada de árvores em baixo, trauteando a música que estava a tocar na rádio e alimentando sonhos com o momento em que todo o apartamento estaria mobilado e ela teria montes de amigos para convidar a partilhá-lo com ela. Achava que nunca se tinha sentido tão feliz em toda a vida.

CAPÍTULO 12

És a Jojo, não és?

Josie só foi capaz de engolir em seco, já que a fala a tinha abandonado. O homem refastelado no sofá do estúdio, que a tinha cumprimentado, excedia largamente as suas fantasias mais loucas do que seria um fotógrafo famoso. Estava diante de Mark Kinsale!

Ele tinha ar de ter cerca de trinta anos, era magro, com cabelo preto retinto muito liso e tão comprido que quase lhe dava pelos ombros. A sua pele estava intensamente bronzeada e possuía um rosto afilado e anguloso com um nariz aquilino. A sua postura arrogante no sofá lembrou-lhe um romano, apesar de ele não ter uma coroa de louros nem uma toga. Mas, por outro lado, estava vestido de uma maneira que ela nunca tinha visto num homem, nem em fotografias de estrelas pop: calças de veludo verde-escuras, enfiadas em botas altas de pele de cobra, e um blusão de couro preto sobre uma camisa sem colarinho.

- Mr. Kinsale? - conseguiu ela articular. - Sim, sou a Jojo. Não cheguei atrasada, pois não?

Beetle tratava-a sempre por Jojo e ela própria tinha começado a usar o nome porque soava infinitamente mais chique do que Josie. Mas agora não se sentia chique, nem com a sua minissaia preta preferida e a reduzida camisola canelada. Achava que estava com ar do que realmente era, uma rapariga de quinze anos de Falmouth, com um esquisito cabelo ruivo de caracóis apertados, que não tinha o direito de estar na mesma sala que este homem famoso e muito menos de pensar que ele ia fazer dela um modelo de projeção mundial.

- Tira essa fita do cabelo - ordenou-lhe ele, sempre refastelado no sofá. - Detesto esses laços estúpidos, parecem saídos do século XVIII.

As mãos dela tremeram-lhe atrás da cabeça ao remover a ofensiva fita. Tinha reparado que as raparigas mais elegantes em Londres usavam todas o cabelo atado na nuca com um laço à Tom Jones e imitara-as. Agora sentia-se mortificada.

- Agora baixa a cabeça até aos joelhos e sacode o cabelo mandou ele.

Josie obedeceu. Esperava que ele soubesse o que estava a fazer porque sabia exatamente com que aspeto ia ficar quando a mandasse endireitar-se: de louca ou de bruxa.

- Põe-te direita.

Josie sentiu uma onda de calor percorrer-lhe o corpo mas obedeceu-lhe.

- Excelente - disse ele. - Vamos começar.

- Que quer que eu vista? - perguntou ela, horrorizada por ele fazer tenções de lhe deixar o cabelo completamente desgrenhado e tufado.

- A tua roupa serve perfeitamente - disse ele, mirando-a de alto a baixo. - Põe-te ali! - Apontou para uma parede lisa já iluminada por um dos grandes projetores.

Os outros fotógrafos diziam-lhe sempre exatamente o que queriam; era geralmente uma pose sexy ou como se tivesse sido apanhada de surpresa. Mas sem orientações nem adereços, sentia-se estúpida e constrangida. Ficou ali na expectativa, as mãos juntas à frente, à espera que Mark se levantasse do sofá e desaparecesse atrás de uma câmara, mas ele, pelo contrário, deixou-se estar onde estava a olhar para ela.

Quando se preparava para abrir a boca para lhe perguntar o que queria que ela fizesse, ele mexeu-se, saindo lentamente do sofá com um meneio, um movimento quase felino, e ela reparou que ele tinha uma pequena máquina fotográfica nas mãos.

Era muito estranho; ele andava simplesmente de roda dela, a tirar fotos de ângulos diferentes, sem dizer uma palavra.

- Quer que eu sorria? - perguntou ela, passado algum tempo.

- Apetece-te sorrir? Viste alguma coisa engraçada? - perguntou ele. A sua voz gutural pareceu reverberar pelo estúdio.

- Por acaso, vi. - Nesse momento não pôde senão sorrir porque toda a situação lhe parecia cómica.

- Ainda bem - disse ele, quando ela levou a mão à boca para abafar uma risadinha. - Tens o ar de uma colegial travessa.

As palavras dele quebraram o gelo e, de súbito, ela apercebeu-se de que ele queria ver a verdadeira Josie e não a fabricada de que os outros fotógrafos gostavam. Decidiu então fazer as poses que costumava ensaiar em casa quando fazia de conta que era um modelo, andando de um lado para o outro, passando os dedos pelo cabelo, pondo um ar pensativo e, por vezes, triste. O silêncio dele parecia indicar que ela estava a sair-se bem e, enquanto inseria repetidamente película na máquina, era evidente que estava satisfeito.

Mais tarde, pediu-lhe que vestisse roupa diferente, um vestido comprido simples que estava no guarda-roupa do estúdio, e mandou-a pôr um pouco mais de maquilhagem. Mas não houve qualquer sugestão de imagens «sofisticadas» e foi só quase no fim que ele lhe pediu que vestisse um biquíni.

Em mais de três horas, era impossível que ele lhe tivesse dito mais de cinquenta palavras e, por isso, ela ficou abismada quando, depois de mandá-la vestir-se outra vez, ele anunciou que ia levá-la a comer qualquer coisa.

Talvez a sua expressão tivesse registado o choque porque ele soltou uma gargalhada. - Já te tenho na película - disse ele. - Agora quero conhecer-te um pouco.

Levou-a a um restaurante chinês perto do estúdio e pediu por ela, como se soubesse que ela nunca tinha comido comida chinesa e não faria a mais pequena ideia do que pedir. Tomou um grande whisky enquanto esperavam pela refeição, mas pediu uma Coca-Cola para ela.

_ Conta-me como conhecestes o Beetle - disse ele laconicamente. - Quero saber de onde és, que idade tens realmente e quero que me fales dos teus pais. Nem penses em contar-me um chorrilho de mentiras. Se vou usar-te no futuro, tenho de conhecer a verdade.

Foi exatamente o que ela lhe contou e foi um alívio não ter de dar a entender que tinha dezassete anos nem que tinha família em Londres. Falou-lhe de, Will, de Westbourne Park Road, do café onde tinha trabalhado e do convite de Tina e Candy para conhecer Beetle.

Quando acabou a história, durante a qual ele não abriu a boca, a comida chegou. Josie olhou para os muitos pratinhos com comida que não reconheceu e ele riu-se.

- Serve uma colherada de tudo para o prato e prova - disse ele. - Vais ver que o sabor não é tão estranho como o aspeto. És demasiado magra. Imagino que comes muito pouco.

Era verdade; desde que deixara o café, não tinha feito uma única refeição de jeito, apenas sanduíches já prontas, batatas fritas e um hambúrguer de vez em quando. Atirou-se à comida e descobriu que gostava, mesmo não sabendo o que era.

- Se estás determinada em tornar te modelo, vais ter de aprender a cuidar de ti - disse Mark severamente. - Com uma dieta de cigarros e chocolate, não vais conservar essa pele clara. Precisas de uma dieta equilibrada com muita fruta e legumes. Exercício também e sono suficiente.

Ela assentiu com a cabeça. Sono não lhe faltava, não tinha muito mais que fazer quando não estava a trabalhar.

- Vou tratar de comer mais - concordou ela. - O Beetle também me está sempre a dizer isso. É muito bom comigo. Até me ofereceu um edredão de presente quando aluguei o meu apartamento.

Mark lançou-lhe um olhar muito estranho, com uma sobrancelha escura ligeiramente levantada.

- Que foi? - perguntou ela, com medo de ter dito alguma asneira.

- O Beetle é um escroque - disse ele abruptamente, deixando-a atónita. - Imagino que não fazes ideia nenhuma que a maioria dos pretensos fotógrafos que tiram fotos no estúdio dele nem sequer tem rolo nas máquinas.

Josie franziu a testa. - Porque é que haviam de fazer isso? perguntou. Nesse momento, pensou se Mark não seria um pouco doido.

- Porque têm gozo em ver raparigas com muito pouca roupa e estão preparados para pagar por esse privilégio.

Josie ficou espantada e, por um momento, perdeu a fala. Depois lembrou-se das películas todas que tinha visto Mark inserir na câmara, do ruído do avanço do filme e dos rolos terminados que lhe iam enchendo os bolsos. Era muito raro ver ou ouvir isso no estúdio. - Está a dizer que eles só olham para nós? - murmurou ela, recordando as ocasiões em que eles lhe pediam que mostrasse um seio ou se deitasse no chão com as pernas no ar.

Mark assentiu. - Se vocês não estivessem tão ávidas de dinheiro, já tinham percebido - disse ele

secamente. - Numa sessão verdadeira, a modelo é informada do destino das imagens, um caracterizador e um cabeleireiro estão sempre presentes, a empresa fornece as roupas necessárias ao trabalho. Não entendo como é que vocês, raparigas, conseguem ser tão estúpidas. Quem diabo ia querer fotografias de uma rapariga a brincar com uma bola de praia numa praia artificial?

- O Beetle disse que eram para brochuras de férias - disse ela, num fio de voz, recordando com horror que um dos homens a tinha posto aos saltos para lhe pôr os seios a abanar. Tinha-se sentido embaraçada mas pensou que fazia parte do trabalho.

- É certo que ele faz algum trabalho comercial, para calendários, para as revistas eróticas mais foleiras, coisas dessas, mas estaria a viver num apartamento camarário em Ladbroke Grove e vocês a ganhar menos que empregadas de mesa se não fossem esses cabrões tarados que gostam de se fazer passar pelo David Bailey.

A sensação de segurança que Josie tinha desfrutado nas últimas semanas desvaneceu-se. Tinha sido enganada e, agora que conhecia a verdade, que diabo ia fazer? Não tinha dinheiro para viver em Elm Park Gardens com um salário de empregada de mesa. Saltaram-lhe lágrimas aos olhos e lançou a Mark um olhar suplicante, esperando que ele se risse e dissesse que estava a brincar.

- Para que é que estás a chorar? - perguntou ele bruscamente.

- Porque não sei o que vou fazer agora - disse ela, limpando os olhos. - Ainda ontem me mudei para um apartamento novo e é muito caro.

Mark abanou a cabeça; a sua expressão era extraordinariamente parecida com a que o pai punha sempre que ela fazia qualquer coisa de estúpido. - Então tens sorte que o Beetle tenha topado que tens potencialidades genuínas para vires a ser modelo, em vez de te despachar para um dos tarados a sério, e me tenha chamado para te dar uma olhadela.

Por esta afirmação, dava ideia que nem tudo estava perdido. - Eu tenho potencialidades? - perguntou ela timidamente.

Ele considerou-a por um momento, como que a refletir sobre a pergunta. Josie susteve a respiração e fez figas.

- Sim, tens - disse ele por fim.

Josie abriu-se num sorriso.

- Não fiques tão satisfeita - disse ele com dureza. - Podes ter uma cara bonita e um cabelo espetacular, mas é preciso mais do que isso.

- Estou disposta a fazer tudo - sussurrou ela. - Tudo o que me disser.

Mark suspirou. - Ouve, Josie, não é assim tão simples como isso. Existe uma coisa que se chama o visual do momento e ninguém pode prever o que o visual seguinte vai ser. Neste momento, as modas estão em mudança constante, o que é moderno um dia sai de moda no dia seguinte. Além disso, há a questão da tua idade, a separação da tua família. A verdade é que és uma fugitiva. Isso pode virar-se contra mim.

- Mas eu já saí de casa há quase três meses e, se não vieram à minha procura, é porque não querem saber, não é? - disse ela num tom de desafio. - Além disso, não há nenhuma lei contra trabalhar longe de casa aos quinze anos.

- Isso dependeria de como os teus pais encarassem o trabalho que estivesse a fazer - disse ele. - Se se convencessem de que corrias perigo moral ou físico, podiam pôr-te sob tutela judicial.

- Eles não faziam uma coisa dessas - disse ela com uma ponta de desprezo. - Desde que recebam cartas minhas de tempos a tempos e saibam que estou bem, não querem que eu volte.

Mark soltou um profundo suspiro. - Vou ter de pensar muito bem sobre tudo isto, Jojo. Vou revelar as fotografias que tirei hoje e mostrá-las a várias pessoas para ver o interesse delas. Depois entro em contacto contigo.

Já estava a fazer sinal ao empregado para trazer a conta. Josie sentiu que ele estava a despachá-la.

- Que é que faço agora então? - perguntou ela. - Em relação ao trabalho com o Beetle, digo eu.

Mark virou-se para olhar para ela e levantou-lhe o queixo com um dedo. Os seus olhos eram muito escuros; ela não conseguia sequer distinguir-lhe as pupilas. - É inteiramente contigo. Não tenciono tornar-me teu guardião.

- Mas é seguro eu continuar a trabalhar para ele? - perguntou ela, desesperada. - Preciso do dinheiro.

- Estás mais segura do que as outras raparigas - disse ele. - Se queres o dinheiro, continua, mas não te ponhas a falar de mim e do que eu te disse a ninguém.

Isto não a ajudava em nada. - Quer então ficar com a minha morada? - perguntou.

Ele indicou que sim, tirou um pequeno caderno e uma caneta do bolso e passou-lhos. - Não contes com notícias durante algumas semanas. E lembra-te, não deves falar sobre isto para teu próprio bem.

Uma vez à porta do restaurante, Mark despediu-se de Josie e afastou-se num passo decidido em direção ao carro. Sabia que teria sido mais amável ter-lhe oferecido boleia, talvez até ir ao apartamento dela ver como ela vivia, mas não queria ter uma imagem dela diferente da que obtivera através da objetiva.

Mark era mais velho do que aparentava, tinha trinta e sete anos, idade suficiente para ser pai de Josie, mas não possuía instintos paternais. Quando ela tinha entrado no estúdio, o seu único pensamento foi que podia ganhar muito dinheiro com ela. Josie era encantadora, talvez a rapariga mais bonita que alguma vez tinha fotografado e era inteiramente natural.

- Aquele cabelo - murmurou ele consigo mesmo. Aquela cascata de caracóis flamejantes tornar-se-ia a sua imagem de marca, distinguindo-a de todas as outras modelos. Os fabricantes de produtos para o cabelo fariam fila para a contratarem e as empresas de cosméticos babar-se-iam por

ela. Contudo, ela tinha mais do que o cabelo: a pele, o rosto e a figura eram sensacionais. Mas não era muito inteligente e era incrivelmente ingênua. Provavelmente seria comida viva quando as suas imagem; começassem a circular. Era uma pena ter sido Beetle a descobri-la. Não ia abrir mão dela facilmente.

Mark sabia que estavam em curso grandes mudanças em Inglaterra. Sentia-as diariamente em Londres, desde as pequenas boutiques de moda, que nasciam da noite para o dia, às discotecas, à música nos tops e ao estado de espírito das pessoas. Já uma vez antes tomara consciência de um momento assim, em 1955, quando tinha vinte e oito anos, era casado, tinha dois filhos e trabalhava numa fábrica em Birmingham. Nessa época, eram os teddy boys e o advento do rock 'n' roll! com Bill Haley and the Comets que anunciavam as mudanças radicais na forja. Nesse tempo, a fotografia não passava de um passatempo para Mark mas, enquanto andava por todo o lado a tirar fotografias dos teddy boys e das danças loucas nos salões de baile, não tardou a chegar à conclusão de que queria ser fotógrafo profissional. Se ficasse em Birmingham, o melhor que podia esperar eram alguns casamentos fotografias escolares. Encarava as suas fotografias como arte e sabia que o único lugar onde tinha hipóteses de ser levado a sério era Londres.

No final da guerra, tinha dezassete anos e os dois anos de Serviço Nacional que cumpriu dois anos mais tarde nada fizeram para alargar os seus horizontes. Como muitos dos seus amigos, casou-se novo e os filhos surgiram rapidamente, não lhe dando alternativa senão permanecer num emprego seguro mas sem futuro. Raciocinou que talvez fosse insensível da sua parte afastar-se deles e ir para Londres tentar a sorte mas sabia que, se ficasse, acabaria por guardar-lhes ressentimento por o terem prendido.

A revolução com que contava acabou por não se dar. As mulheres casadas ficavam em casa com os filhos. Os maridos trabalhavam longas horas para os sustentar e encontravam conforto na compra de televisões e automóveis. Contudo, além de melhorarem a sua qualidade de vida com bens materiais, para a maioria das pessoas a vida continuava praticamente como antes da guerra. Mas Mark aguentou em Londres, registando com a sua câmara as mudanças subtis que estavam a ter lugar, e nunca mais considerou a hipótese de voltar para casa.

Conseguiu ganhar a vida vendendo as suas fotografias dos teddy boys, de vagabundos e prostitutas no Soho e de beatniks em clubes de jazz, e gradualmente desenvolveu uma reputação de fotógrafo interessado pela sociedade envolvente. Em 1957, ganhou um prémio por captar em imagem a ansiedade e esperança nos rostos dos imigrantes das Antilhas quando desembarcavam em Southampton. No ano seguinte, as suas fotografias dos fãs do Manchester United chorosos, depois de os seus ídolos da equipa de futebol terem morrido num desastre de avião em Munique, e as que tinha tirado dos motins raciais em Notting Hill, valeram-lhe mais prestígio. Não tardou a ser conhecido como fotógrafo com consciência social e os jornais contratavam-no quando queriam imagens particularmente comoventes para uma reportagem que estivessem a preparar.

Mas agora, uma década depois da sua partida de Birmingham, Mark sabia que aquilo que pressentia no ar não ia ser como o petardo falhado das mudanças de meados dos anos cinquenta. As pessoas estavam cansadas de se sentir gratas por terem trabalho regular e as inovações do período do pós-guerra, como o Serviço Nacional de Saúde e a melhoria das condições de habitação, eram coisas do passado. Estava a emergir uma atitude de «queremos tudo agora» e as pessoas já não poupavam para comprar as coisas que desejavam, compravam-nas antes a prestações. Havia ainda uma

admiração pela fortuna e pela decadência ostentosas e era isto que ele tencionava captar em imagem. Continuaría a tirar fotografias que fossem um comentário social da época mas para o diabo com os carenciados, com os habitantes dos bairros de lata, com a tensão social e com os operários em greve; queria ascender a um nível mais elegante, pessoal e profissionalmente.

No entanto, Mark sabia que, se fosse considerado um vendido, seria vilipendiado pelos mesmos jornais que o tinham tornado famoso. Até hoje, andara preocupado com a questão de como dar esse aso em frente sem revelar que nunca se tinha ralado com o sofrimento das pessoas que fotografava. A única coisa que sempre o tinha interessado era conseguir uma imagem excecional.

Jojo podia ser o primeiro degrau da escada. Não havia nada que fizesse mais sucesso do que as histórias da Cinderela e, com ela, estava na posse de todos os ingredientes. A filha do agricultor pobre, que fugiu para Londres e foi salva dos perigos da indústria do sexo, cativaria mesmo os mais cínicos. Via tudo na sua imaginação: alguns planos de uma rapariga assustada, de olhos lânguidos, com uma mala amassada, na estação de Paddington, que faria de conta que tinha captado por mero acaso. Podia dizer que as imagens não lhe saíram da ideia depois de as revelar e que tinha passado subsequentemente várias semanas à procura dela. Com a ajuda de um bom jornalista, podia fazer uma reportagem sobre os locais onde os miúdos fugidos de casa muitas vezes acabavam, destinada puramente a chocar. Então, eis senão quando ele descobre a rapariga desconhecida, salva-a do abismo e toma-a sob a sua proteção.

Mark sorriu consigo mesmo ao afastar-se de Paddington em direção a Belsize Park, onde vivia. Sempre o irritara que David Bailey fosse tão aplaudido quando se limitava a fotografar mulheres bonitas a quem um amador com uma Box Brownie podia fazer igual justiça. Ele que se mordesse todo quando visse Jojo. Mark tencionava amarrá-la a um contrato tão restritivo que mais ninguém, senão ele, pudesse fotografá-la. Jojo ia ser o rosto dos anos sessenta.

Mais tarde nessa noite, enquanto Mark estava fechado na câmara escura a revelar as fotografias de Josie, exultando com elas ao pendurar as provas para secarem, ela estava deitada na cama a chorar. Sentia-se assustada e confusa e não sabia o que fazer a respeito de nada. Não tinha revelado a Mark como ficara horrorizada e consternada ao saber que o estúdio de Beetle era uma fachada para atividades reprováveis, mas a verdade é que só depois de ele se ter afastado dela no restaurante é que as implicações a atingiram em força. Se lhe tivessem dito de antemão que o trabalho consistia em exhibir-se a homens devassos, nunca o teria aceitado, nem que lhe tivessem oferecido cem libras por dia.

Mas agora que sabia, como podia voltar lá? Só a ideia arrepiava-lhe a pele. Não era nenhuma galdéria, mesmo se as outras raparigas fossem; ainda era virgem e nunca deixaria um rapaz tocá-la abaixo da cintura.

Mas, se não voltasse para o estúdio de Beetle no dia seguinte, como ia viver? Não tinha mais de três libras a que pudesse chamar suas e, dentro de um mês, teria de pagar mais cem libras de renda. Não podia ganhar esse dinheiro em mais sítio nenhum.

A única coisa que tinha era uma réstia de esperança de que Mark voltasse a contactá-la para um trabalho sério de modelo. E se não voltasse?

Desejou nunca ter alugado aquele apartamento mas, pensando nisso agora, tinha sido Candy e

Tina que a instigaram a arranjar uma casa melhor. Saberiam desde o princípio o que se passava no estúdio de Beetle? Estariam a rir-se dela pelas costas? E Beetle, tinha confiado nele, mas não seria mais provável que ele quisesse que ela ficasse tão entusiasmada com o apartamento que nunca mais o deixasse?

Agarrou-se ao edredão de cetim que ele lhe dera. Tinha achado um gesto generoso e amigo da parte dele ter-lho comprado mas agora parecia mais um suborno para ela lhe obedecer e não fazer muitas ondas. Não sabia com quem estava mais zangada, se com Candy e Tina, com Beetle ou consigo própria. Não podia ter sido mais estúpida!

Pela primeira vez desde que saíra de casa, Josie desejou a mãe, só para sentir os braços dela à sua volta e saber que estava em segurança. A Cornualha podia ser uma pasmaceira mas, pelo menos, podia confiar nas pessoas.

Estava a levantar-se um vento forte lá fora, abanando as janelas, o que foi mais uma lembrança de casa. O caminho pela mata até à estrada estaria agora coberto de folhas, um tapete de castanho, dourado e laranja. Se abrisse a janela lá nessa noite, ouviria o mar a fustigar os rochedos na enseada e as ovelhas estariam encolhidas junto das sebes para se aquecerem.

Levantou-se da cama e dirigiu-se à janela. Em baixo, os lampiões revelavam as poças nos passeios e as folhas caídas e empapadas. Havia janelas iluminadas por todo o lado para onde olhasse; e, no entanto, não conhecia ninguém. Na Cornualha, podiam não avistar uma única luz de casa mas conheciam toda a gente num raio de quinze quilómetros e podiam pedir a ajuda de qualquer vizinho numa emergência.

Mas não adiantava entregar-se às saudades de casa; tinha de voltar para o estúdio no dia seguinte. No próximo fim-de-semana, contudo, podia ir a casa; teria então dinheiro suficiente para não aparecer de mãos vazias. Ou talvez Mark a contactasse antes e tudo se compusesse.

Durante toda essa semana, Josie sentiu-se como se lhe tivessem dado de súbito um par de óculos e fosse capaz de ver o seu novo mundo como ele realmente era: um mundo muito sórdido e desagradável. Recordava-se agora de Fee lhe dizer que havia senhorios em Londres que exploravam os fracos e os pobres, metendo-os à cunha nas casas e cobrando-lhes rendas exorbitantes, de modo que eles se viam obrigados a subarrendar só para comer. Nessa altura, não tinha acreditado mas agora, ao passar por casas degradadas em Paddington, sentiu pena dos inquilinos. Também sabia agora por que razão os cafés e os restaurantes contratavam pessoal sem cartão da segurança social. Era para pagarem salários de miséria a pessoas que não se atreveriam a queixar-se.

Olhou para os homens" que entraram no estúdio e interrogou-se como diabo podia alguma vez ter acreditado que eram fotógrafos autênticos. A sordidez do seu carácter transparecia nos seus rostos enrugados e corpos flácidos. Não eram capazes de olhá-la nos olhos, não conseguiam manter uma conversa e enojou-a a pensar que, assim que se vissem atrás daquelas grandes câmaras falsas, se sentiriam poderosos.

Percebeu também que as outras raparigas sabiam. Talvez no princípio, como ela, tivessem sido enganadas, mas agora sabiam e não as incomodava. Agora que conhecia a verdade, as conversas escutadas por acaso adquiriam novos sentidos. Na segunda à tarde, Kate, uma das raparigas mais velhas, voltou para o vestiário a sorrir de orelha a orelha. - Acabei num instante com a sessão - disse

ela. - Abri bem as pernas e deixei-o ver à vontade. O tipo não demorou nada.

Ainda dois dias antes, Josie teria imaginado que ela estaria a falar de apressar o fotógrafo ou coisa do género. Mas agora via a situação em todo o seu horror: aqueles homens não só olhavam como atingiam o orgasmo enquanto o faziam.

Descobriu por si mesma que as únicas ocasiões em que fora verdadeiramente fotografada tinham sido quando Beetle a mandou ficar depois de as outras raparigas se irem embora ou quando a mandou chegar mais cedo. Só nessas ocasiões se tinha preocupado com o que ela vestia e inspecionou a maquilhagem e o cabelo. Era provavelmente por isso que as outras raparigas também não falavam com ela, com ciúmes de ela estar prestes a conseguir trabalho genuíno como modelo.

Mas não compensava todas as outras vezes em que tinha estado no estúdio com mais três raparigas, banhada numa luz forte e incapaz de ver o que se passava atrás dos projetores. Era quase risível que se tivesse esforçado tanto por parecer atraente e cativante, mais valia ter despido o top ou mostrado as partes privadas e acabado mais depressa com aquilo.

Mas não disse nada a ninguém, nem a Beetle. Quando ele a chamou à parte para lhe perguntar como tinham corrido as coisas com Mark, pôs o ar mais inocente do mundo e disse que não sabia bem, que ele não se manifestara muito. Mas por dentro estava a arder de fúria por causa do dinheiro que tinha gasto numa lingerie que nunca havia de querer usar noutro lado ou no par de botas pretas que lhe apertavam os dedos dos pés e eram tão altas que não conseguia andar com elas, e sobretudo por Beetle e as suas meninas traiçoeiras se terem rido dela.

Na sexta à noite, já sabia que não era capaz de aguentar mais e estava precisamente a ponderar se devia ficar no apartamento até ao fim do mês, a viver do que tinha ganho nessa semana, ou ir já para casa antes que a solidão a enlouquecesse, quando a campainha tocou.

Sobressaltou-se. Tirando o homem que tinha entregue a cama, ninguém tocara à campainha desde que ali vivia. Ao descer as escadas acorrer, teve esperança de que fosse Mark mas sentia-se agora tão deprimida que não achou que fosse provável. Mas era ele e perguntou se podia subir.

Josie ficou embaraçada quando ele varreu o apartamento com os olhos e pareceu surpreendido ao vê-lo tão vazio, sem uma cadeira sequer para se sentar. Contudo, não fez nenhum reparo, sentando-se no chão, como se fosse a coisa mais natural do mundo, e oferecendo-lhe um cigarro.

- As fotografias ficaram boas – disse ele, sem qualquer expressão. - Acho que posso trabalhar contigo mas quero desde já dizer-te que tem de ser nas minhas condições. Tens de fazer tudo o que eu te mandar fazer.

Josie pensou que era outra armadilha, que ele talvez quisesse tirar-lhe fotografias pornográficas. Já não confiava em ninguém.

- Não vou despir-me - disse ela nervosamente. - Se é para isso que me quer, é melhor esquecer.

- Eu sou um fotógrafo sério - disse ele severamente. - Se quisesse tirar fotografias de raparigas nuas, arranjava uma mais velha e mais bem dotada do que tu. Ora ouve.

Josie não compreendeu metade do que ele lhe disse. Ele prosseguiu, descrevendo o género de fotografia que o tornara famoso e mostrou-lhe uma pequena pasta de provas. Eram todas de pessoas, na maioria com ar estranho: negros, velhos, vagabundos, mulheres com ar cansado a empurrar carrinhos de bebé. Uma era de um grupo de pessoas negras e brancas, com expressões iradas, como se se preparassem para lutar. Josie ficou ainda mais intrigada.

- O plano que tenho para ti é uma espécie de registo do teu progresso desde que chegaste a Londres. A chegada à estação sem dinheiro, o trabalho de empregada de mesa e a vida numa casa degradada. É uma história de interesse humano, Jojo, as pessoas adoram-nas, especialmente quando, no fim, a pequena Cinderela consegue ir ao baile e casar-se com o príncipe.

Josie não teve coragem de admitir que não compreendia o que ele estava a dizer. Ele já tinha comentado, na ocasião anterior em que estiveram juntos, que era preciso as raparigas serem estúpidas para não perceberem o que se passava no estúdio de Beetle. Bem, agora sabia que elas estavam todas ao corrente, exceto ela, portanto era a única idiota.

- História? - disse ela, pensando que era uma pergunta que não a faria parecer muito obtusa. - Quer dizer que alguém a vai escrever?

Ele sacudiu afirmativamente a cabeça. - Um jornalista, e eu capto as imagens. Aos poucos, os leitores vão assistir à tua transformação, à medida que vais comprando roupa mais moderna e comesas a conhecer pessoas aqui em Londres. Nesse ponto, vamos ser contactados por agências de manequins que vão entrar em competição para te deitarem a mão. Mas eu vou insistir que só eu é que te fotografo.

Revelou que já tinha um jornalista na calha e que, no dia seguinte, começariam a trabalhar sobre a chegada dela a Londres. Pediu-lhe que pusesse o que tinha vestido no dia em que chegou à cidade.

- Foi assim - disse ela, saindo da casa de banho com jeans e uma blusa branca sem mangas. - Mas não vou ter de pôr isto, pois não? Estes jeans são horrorosos.

Mark teve de reprimir uma gargalhada; realmente ela estava com ar de quem tinha chegado da parvónia. Os jeans eram do tipo barato que se compra numa feira e assentavam-lhe mal; a blusa era de rayon e informe.

- Estás exatamente como eu quero que estejas - disse ele. - Mas quero que faças risca ao meio no cabelo e o penteies em totós.

A expressão de horror de Josie provou que não o usava assim há muito tempo e que nunca mais queria ser vista dessa forma.

- Eu é que sei - disse ele suavemente. - É como se estivesses a representar, Jojo. Vou tirar estas fotos numa estação apinhada, quero que estejas com um ar perdido e abandonado ... tenho a certeza que era esse o ar que tinhas quando cá chegaste.

Contra isto ela não tinha argumentos, recordava-se bem de como se sentira desesperada quando estava sentada no muro em Ladbroke Grove antes de Fee a interpelar. Pelo menos, ele não estava a

sugerir levá-la para um estúdio onde tudo podia acontecer.

- Como é que vou ser paga? - perguntou ela, mais por bravata e para provar que não era uma idiota completa do que propriamente por querer saber naquele momento.

- Quando chegar a altura, pago-te a renda. Não te posso dar dinheiro como o Beetle. Mas, se quiseses continuar a fazer mais algumas sessões com ele todas as semanas, não me importo.

- Não posso voltar para lá - disse ela, alarmada; só a ideia dava-lhe vontade de chorar. - Já tinha decidido que não ia.

Mark sorriu. Era o que tinha esperado que ela dissesse. Não queria que nada deste projeto chegasse aos ouvidos de Beetle por enquanto. Quando chegasse, já ele estaria sob vigilância policial, ou então detido. Tudo faria parte da história.

- Tudo bem, há sempre falta de empregadas de mesa em King's Road, podes trabalhar alguns dias durante a semana para ganhares dinheiro para o dia-a-dia.

- Paga-me mesmo a renda? - perguntou ela. - São cem libras por mês.

- Sim, pago, mas é um empréstimo até começares outra vez a ganhar bom dinheiro. Acho que não vai demorar muito tempo, desde que faças o que eu te digo e não fales disto a ninguém.

- Não tenho ninguém a quem falar - disse ela e a ideia deu-lhe novamente vontade de chorar.

Mark viu os lábios dela tremer e compreendeu que era a pura verdade. - Daqui a nada vais fazer novos amigos - disse ele, sentindo momentaneamente uma certa pena dela. - Há-de chegar um momento em que só vais querer escapar para aqui e ficar sozinha, garanto-te. Mas agora tenho de ir andando. Amanhã à tarde, às quatro e meia, quero que vás à estação de Paddington, vestida exatamente como eu disse, só que podes pôr um casaco de malha porque deve estar fresco. Nada de maquilhagem, a não ser um pouquinho de rímel, e mete algumas coisas na mala para parecer pesada. Encontramo-nos lá.

Eram cinco e um quarto quando Mark chegou à estação; tinha-se atrasado de propósito, sabendo que ela ia entrar em pânico quando não o visse. A estação estava apinhada de gente, com a primeira onda de passageiros que se dirigia para casa nos subúrbios, e, como sempre àquela hora do dia, era um sítio sujo e desagradável para se estar.

Avistou-a imediatamente; o cabelo dela era como um farol. Estava de pé com a mala, junto do quiosque dos jornais, com um ar de absoluta confusão. Ele tinha posto uma gabardina, com o cabelo comprido debaixo de um chapéu de feltro, porque não queria que ela reparasse nele enquanto não estivesse pronto. Tomou posição ao lado de um café para tirar as primeiras fotografias com um zoom. Ficou espantado com o ar jovem e vulnerável que ela tinha, com o cabelo em totós, mas desatou a bater chapas, encantado que o seu plano estivesse a correr tão bem.

Nesse momento, um homem abordou Jojo. De início pareceu a Mark que ele lhe estava simplesmente a pedir indicações ou a perguntar qualquer coisa sem importância porque era de meia-idade e estava bem vestido, com um casaco de pele de camelo. Mas, estudando a cena através da

objetiva, viu Jojo arregalar os olhos de choque e recuar em pânico.

Mark percebeu que era tempo de se mostrar, no entanto, descobriu que estava grudado ao chão, quase saboreando a aflição de Jojo enquanto a fotografava. Ela estava a torcer as mãos, olhando alternadamente para o relógio em cima e à sua volta, cheia de medo.

Do seu ponto de observação privilegiado, Mark quase sentia os predadores em redor dela, um homem de vinte e tal anos a espiar uma carteira pousada em cima de uma mala, um homem mais velho mal vestido a vaguear aparentemente sem propósito mas com os olhos a saltitar de um lado para o outro. Interrogou-se sobre quantos homens andariam a rondar furtivamente pela estação à procura de raparigas e rapazes novos sozinhos, aparentemente prontos a oferecer-lhes ajuda que podia muito bem vir a revelar-se a ruína desses jovens.

Jojo avançou, com a mala, até um canto e depois sentou-se em cima dela. Nesse momento, Mark preparava-se para ir ao encontro dela quando viu através da objetiva que ela estava a chorar.

Não sentiu a mais leve compaixão por ela estar mais uma vez a sentir-se enganada ou por poder estar a passar-lhe pela cabeça que também ele ia voltar atrás com a sua palavra de lhe pagar a renda, mas simplesmente deleite por conseguir a imagem que mais desejava. Continuou a disparar enquanto se aproximava dela, o coração a bater forte porque sabia que tinha registado imagens que potencialmente valeriam prémios. Ela levantou imediatamente os olhos, viu-o avançar na sua direção e, talvez não o reconhecendo mas pensando que era mais um tarado prestes a assediá-la, precipitou-se sobre ele, com os punhos erguidos de fúria.

- Vai à merda, porco - gritou-lhe, quase deitando a câmara ao chão com as mãos.

- Sou eu, Jojo - disse ele, dando um passo para o lado. Desculpa ter-te feito esperar. Não pude vir antes.

Ela pareceu encolher à vista dele, evaporada a combatividade. As lágrimas tinham feito escorrer fios de rímel pelas suas faces; parecia mais perto dos dez que dos quinze anos. - Pensei ... - disse ela mas não acabou a frase. - Estava com medo - acrescentou debilmente.

- Vamos tomar um chá - disse Mark, perfeitamente consciente dos olhares curiosos das pessoas. - Já tenho as imagens todas de que preciso; o teu trabalho hoje está feito.

Pensou que ela ia ficar satisfeita mas Josie achou-se, pelo contrário, enganada e reagiu com indignação, os olhos chispando com uma chama que ele nunca tinha visto. - Tirou fotografias sem eu saber? - perguntou, numa voz trémula. - Devo ter ficado horrorosa.

- Para mim, ficaste perfeita - disse ele, passando-lhe o braço pelo ombro numa tentativa de lhe mostrar algum afeto. - Anda daí, vamos tomar chá e comer bolo.

CAPÍTULO 13

Ellen viu a velha carrinha do pai estacionada à porta da estação de Truro e, à chuva, correu na sua direção. A sua pequena mala estava carregada de presentes de Natal e batia-lhe contra as pernas enquanto corria. Mas, ao aproximar-se da carrinha, percebeu que se passava qualquer coisa de muito grave porque a cara do pai estava tensa de fúria.

Um calafrio percorreu-lhe a espinha. Ele teria descoberto tudo sobre o bebé?

- Olá, papá - disse ela nervosamente, abrindo a porta da carrinha. Imaginou que, se ele se tornasse violento com ela, podia ir-se embora para casa dos Peters. Não iam recusar-lhe abrigo no Natal. - Há algum problema? Estás com um ar terrível.

- É a maldita da Josie - lançou ele. - Desgraçou-nos a todos.

A última visita de Ellen a casa tinha sido em Agosto. Desde então, recebera duas cartas de Josie. A sua primeira reação foi de mágoa porque Josie não lhe tinha perguntado nada sobre a criança.

De que sexo era, quanto pesava ou como Ellen lidara com a separação. Só tinha falado de si mesma.

Mas, lembrando-se que Josie só tinha quinze anos, que no fundo ainda era uma criança, Ellen esqueceu a mágoa e sentiu-se contente por a irmã ter conseguido trabalho como modelo. Parecia sentir-se feliz em Londres e a ausência de um endereço nas cartas era compreensível dado o medo de Josie que Violet pudesse aparecer-lhe à porta. Era triste para Ellen pensar que não podia responder-lhe mas tinha seguido o conselho da Dra. Fordham de viver a sua vida e, se Josie achava que não podia confiar nela, enfim, o problema era dela.

Ainda a atormentavam pensamentos sobre a bebé e muitas vezes, à noite, chorava por ela, desejando que tivesse havido uma forma de poder ter ficado com ela. Mas, quando Catherine fez seis meses, tivera de assinar os últimos documentos e a adoção tornou-se então legal e irreversível.

Pouco depois disso, recebeu uma carta dos pais adotivos, enviada através da Dra. Fordham. Essa carta ofereceu-lhe muito mais do que alguma vez tinha esperado, contando-lhe os mais insignificantes pormenores: o que ela comia, que tinha três dentes e outros a nascer e que era uma bebé feliz e plácida que estava sempre a sorrir e a palrar.

Para além de todos os pormenores, Ellen ficou profundamente comovida com a gratidão deles pelo que chamavam «a dádiva que ela lhes fizera». Diziam que Catherine lhes tinha trazido uma felicidade incomensurável e que compreendiam quanto lhe custara. Diziam que esperavam sinceramente que ela encontrasse felicidade e sucesso na vida e que, quando Catherine tivesse idade suficiente para compreender, tencionavam dizer-lhe que tinha sido adotada.

Havia também três fotografias, uma tirada num estúdio, as outras duas em casa. Catherine estava agora gorda como um querubim, com alguns tufos de cabelo espetados e um grande e alegre sorriso. Ellen deu um valor imenso a essas fotografias pois comprovavam tudo o que os novos pais

de Catherine tinham dito. Podia olhar para elas sempre que queria e, se bem que fosse inevitavelmente penoso ter noção que permitira que lhe tirassem a filha, sabia que tinha garantido a Catherine uma vida melhor do que poderia ter-lhe proporcionado.

Agora podia olhar para o futuro porque a adoção estava consumada e era irreversível. Na Primavera, tencionava começar a procurar outro emprego, talvez com crianças num lar de acolhimento. Embora soubesse que os Sanderson não iam gostar, pois tinham-se habituado a depender completamente dela, não ia permitir que isso entravasse a sua vida. Sentia que tinha direito a um trabalho com um horário fixo para poder sair ou passar um fim-de-semana fora sem ter de implorá-lo. Achava também que merecia mais do que as três libras por semana para gastar que recebia.

Enquanto a carrinha arrancava, Ellen virou-se para o pai. - Desgraçou-nos? O que é que ela fez? - perguntou ela, não apenas aliviada por não ser ela a causa do problema mas um pouco divertida com a expressão antiquada do pai. «Desgraçou-nos a todos» soava a melodrama vitoriano.

Um ano sob a influência das visões modernas dos Sanderson, aliada às inúmeras leituras sobre educação e desenvolvimento infantis, tinham levado Ellen a examinar melhor a forma como tinha sido educada. Embora não se sentisse injustamente tratada, achava que a maioria dos psicólogos infantis considerariam que ela e Josie tinham tido sorte em terem acabado pessoas tão equilibradas.

- O que é que ela fez? - ribombou o pai por cima do ruído do motor. - Não leste o jornal?

O barulho dentro da carrinha era excessivo para captar toda a história mas, assim que chegaram à quinta de Beacon, o pai atirou-lhe o jornal do domingo anterior. Não era o jornal que os Sanderson liam mas um dos tabloides mais populares. Ellen ficou chocada ao ver uma grande fotografia de Josie, com um ar extremamente desolado, numa estação ferroviária londrina. Estava sentada em cima da mala a chorar. O cabeçalho por cima dizia: Conhece esta rapariga? Depois seguia-se um artigo que declarava que o galardoado fotógrafo Mark Kinsale tinha tirado a fotografia e andava agora atormentado em relação ao que lhe teria acontecido.

Enquanto Ellen lia sobre os muitos jovens que afluíam em massa às grandes cidades, o seu coração começou a bater aceleradamente com medo do que pudesse acontecer à irmã. Segundo o artigo, eram alvos de empregadores sem escrúpulos, normalmente no ramo da restauração ou em ateliers de confeção clandestinos e, o que era ainda mais assustador, na indústria do sexo no Soho. Dizia que os únicos sítios onde tinham dinheiro para viver eram quartos partilhados, em alguns dos piores bairros de lata de Londres, onde facilmente os desencaminhavam para o crime, pois pretendiam complementar os seus baixos salários.

- Liguei para esse maldito jornal mas recusaram-se a ajudar-me - rugiu o pai enquanto Violet olhava com má cara para Ellen, como se, de algum modo, a culpa fosse dela.

- Mas não percebo porque é que dizes que ela nos desgraçou - disse Ellen. - Não diz aqui que ela tenha feito algo de mal, pois não? Parecia bem e feliz nas duas cartas que me mandou. Já partiu há quase seis meses, por isso esta foto é antiga.

- Sabes então onde ela está? - Violet empurrou Albert para o lado e espetou a cara contra a de Ellen. - Nas cartas que nos escreveu não pôs nenhuma morada.

- Nem nas minhas - disse Ellen, desejando agora não ter vindo a casa. - Não faço ideia onde ela esteja. Disse que tinha montes de amigos novos e que estava a trabalhar como modelo.

A boa disposição anterior de Ellen desvaneceu-se, ouvindo Violet vociferar contra a sua irmã e mais uma vez a dizer que a considerava responsável. Ellen percebeu imediatamente que tinha de responder, sob pena de receber este tipo de tratamento sempre que vinha a casa. O pai permanecia em silêncio, mas continuava a exibir uma expressão de cólera e ela pensou que ele podia ter ao menos perguntado como se estava a dar no emprego.

- Não descarregues em cima de mim senão também me ponho a andar - disse finalmente quando já não conseguiu aguentar mais. - A culpa não é minha, como tu bem sabes. Olha por ti abaixo se queres culpar alguém.

Violet avançou para a esbofetear mas Ellen foi suficientemente rápida e esquivou-se. - Não te atrevas - explodiu ela. - Põe-me a mão em cima que eu desapareço de vez ..

Depois de subir ao quarto, Ellen riu-se consigo mesma da expressão chocada de Violet. Só queria ter tido coragem para lhe ter feito frente muitos anos antes. Não podia fazer com que Violet a amasse mas talvez tivesse conquistado o seu respeito.

Mais tarde nessa noite, depois de os preparativos para o jantar de Natal estarem concluídos, Ellen estudou novamente o artigo do jornal. Achou estranho que Josie tivesse o cabelo arranjado em totós, não o penteava assim desde os oito ou nove anos. Também era esquisito estar numa estação quando toda a gente sabia que tinha viajado para Londres de carro. Depois havia a questão do hiato temporal. Se esta fotografia afligia tanto o fotógrafo, como é que ele tinha demorado seis meses a mostrá-la ao jornal?

Uma vez que os pais pareciam ter acalmado um pouco e estavam agora sentados na sala de estar diante da lareira com um grande whisky cada um, Ellen achou por bem comunicar-lhes a sua opinião.

- Não acredito em nada disto - disse ela. - É um golpe montado. Acho que é uma fotografia encenada.

Ellen não ficou exatamente surpreendida por não concordarem com ela. Eram pessoas simples que nada sabiam sobre a vida fora da Cornualha. Não que ela própria soubesse muito mais; certamente não sabia nada sobre o funcionamento dos jornais e dos jornalistas. Não tinha mais que um palpite.

O Natal passou calmamente e sem atribulações, à parte o facto de Ellen reparar que os pais pareciam andar a beber muito. Que ela soubesse, até então nunca tinham bebido dentro de casa e, embora fosse perfeitamente normal haver bebidas em casa na época natalícia, tinha a impressão de que era mais do que isso.

Talvez fosse uma maneira de lidar com a desilusão com as filhas ou de transmitir conforto e apoio um ao outro. Uma coisa era certa: parecia tê-los levado a deixar de pegar um com o outro como antigamente. Como parecia estar a amolecê-los ou, pelo menos, a criar uma espécie de tampão entre eles, Ellen era completamente a favor.

No domingo, dia 27 de Dezembro, tinha de regressar a Bristol. Nessa manhã, saiu outro artigo no jornal relacionado com o da semana anterior. Desta vez, havia fotografias de raparigas novas que trabalhavam como artistas de striptease no Soho. Dava a impressão de que iam publicar uma série de reportagens sobre a exploração dos jovens que chegavam a Londres. Mesmo no fim do artigo, estava novamente a fotografia de Josie, com o mesmo apelo a quem soubesse do seu paradeiro para que contactasse o jornal.

- Se se preocupassem a sério - frisou Ellen ao pai -, não te tinham despachado tão depressa. Estão a preparar alguma, tenho a certeza.

Foi de bom grado que Ellen regressou a Bristol nessa tarde. Além das farpas constantes de Violet e do estado de espírito soturno do pai, a quinta era extremamente fria e desconfortável. Era evidente que o aquecimento central a tinha amolecido mas não conseguia compreender por que razão os pais eram tão somáticos com a lenha para a lareira e não resolviam o problema das janelas e das portas para impedir as correntes de ar terríveis em toda a casa. Pensou no que aconteceria quando fossem mesmo velhos. Desejava sentir indiferença e não se preocupar.

Durante as duas semanas seguintes, saíram mais artigos sobre jovens fugidos de casa no mesmo jornal de domingo. Depois, no fim de Janeiro, surgiu uma grande fotografia de Josie vestida com uma camisa de homem e pouco mais.

«Encontrada!», dizia o cabeçalho. Mark Kinsale tinha-a descoberto num estúdio na zona oeste de Londres, onde ela e muitas outras raparigas posavam para homens que se faziam passar por fotógrafos.

O primeiro pensamento de Ellen não foi de consternação. Josie estava com um ar tão adorável e belo que não pôde deixar de sentir uma onda de orgulho. Mas, continuando a ler, o seu orgulho transformou-se em ansiedade. Parecia ser tudo demasiado sórdido.

Mais tarde, nesse dia, o pai ligou-lhe da cabina telefónica da aldeia. Não estava habituado a telefones e falou aos berres; quase furando os tímpanos de Ellen. - Viste? - estava sempre a perguntar, apesar de ela lhe dizer várias vezes que sim. - Logo à noite, já não se vai falar noutra coisa na aldeia.

Não havia muito mais que Ellen pudesse dizer-lhe para o acalmar.

Quando mostrou o jornal a Mr. e a Mrs. Sanderson, eles não pareceram minimamente chocados. - Não fiques tão aflita - disse Roger -, os jornais publicam artigos destes só para vender mais, exageram e exploram. Podes Crer que isto é tudo cozinhado entre o fotógrafo e o jornal. Se esse Mark Kinsale fosse sério, quando encontrou a Josie, tinha-a metido no primeiro comboio para casa e não se punha a fotografá-la outra vez.

- Mas porque é que hão-de fazer isto? - perguntou Ellen. Sentia-se confusa perante a atitude deles, que era oposta à do pai.

- Cá para mim, esse Kinsale acha que pode ganhar dinheiro com ela - disse Shirley, refletindo. - Está a prender o público com esta fotografia e aposto tudo em como não vai ser a última. De certeza que ele pensa que tem nas mãos Outra Twiggy ou outra Jean Shrimpton. E é bem capaz de ter, ela é mais bonita que qualquer uma delas.

Durante os meses seguintes, Ellen percebeu que Roger e Shirley tinham razão, porque continuavam a aparecer fotografias de Josie em jornais e revistas. Rodeavam-na de uma aura de Cinderela, a rapariga pobre do campo que tinha ido para a grande cidade à procura da fortuna. Apesar de gostar de ver fotografias de Josie, ou Jojo como lhe chamavam, em Carnaby Street em Londres, vestida com roupas escandalosas, sentia repugnância e horror com o que diziam sobre a sua vida em casa.

Segundo a imprensa, Josie tinha fugido da crueldade e de adversidades medonhas. Alguém tinha tirado fotografias da quinta e fizeram tudo para lhe dar um aspeto sinistro. Violet aparecia numa com o aspeto de uma velha imunda ainda pior do que tinha na realidade, claramente ignorante de que estava a ser fotografada enquanto dava de comer às galinhas.

Ellen queria sentir alegria por Josie, pois parecia realmente que estava prestes a realizar o seu sonho de criança de se tornar uma modelo famosa. Mas também sentia vergonha da irmã por se mostrar tão desleal ao ponto de permitir que os pais fossem revelados numa perspetiva tão negativa.

O pai não voltou a ligar a Ellen e só escrevia mensagens muito breves em que não falava de Josie. Mas Ellen soube por Mrs. Peters que Violet andava angustiada e Albert se tornará ainda mais recluso, já não indo sequer ao pub aos fins-de-semana. Mavis Peters revelou também que Violet foi ter com ela a pedir ajuda. Mavis tinha-a ajudado a escrever uma carta a Josie, ao cuidado do jornal de domingo que desencadeara tudo. Na carta, suplicava a Josie que lhe dissesse onde vivia, dizendo que estava desesperadamente preocupada com ela.

Ellen tinha medo que Josie também a tivesse excluído da sua nova vida porque não recebeu mais cartas nem postais. Contudo, colecionava todos os recortes dos jornais sobre a irmã e os primeiros anúncios de revista a um champô em que ela posou, tendo-os colado num álbum. Sentia assim que continuava próxima dela.

Chegaram duas cartas para Ellen na mesma manhã de Julho. Uma era de uma escola para crianças deficientes, no sul de Bristol, oferecendo-lhe um lugar de assistente geral em Setembro. A outra era de Josie. Encheram-na ambas de entusiasmo.

Tinha pensado que não ia conseguir o emprego na escola porque não possuía experiência nessa área. No entanto, a diretora recomendou-a à frente de mais doze candidatas.

Contudo, a carta de Josie, desta vez com uma morada em Chelsea e até um número de telefone, quase eclipsou a oferta de emprego.

Querida Ellen, leu. Aposto que estás mesmo zangada comigo por não escrever nem te dizer onde estava. Mas tinha medo que fosses dizer à mamã. Já sabes como ela é e, se aparecesse aqui, deixava tudo a perder. Dá-me a tua palavra de honra que não lhe dizes nada para já. Ainda não consigo enfrentá-la e imagino que ela e o papá andem furiosos com o que os jornais dizem deles. Eu não disse nada dessas coisas a ninguém, foi quase tudo provocado pela insistência do papá em ligar para o Mirror e comportar-se como se fosse um ogre.

Adiante, está tudo a correr bem comigo, tenho um apartamento fantástico numa zona chique de Londres e imensa roupa nova e lindíssima. O Mark diz que vou ser o Rosto dos Anos Sessenta, é o meu fotógrafo e produtor. Leva-me a muitos sítios elegantes e diz que toda a gente me acha

espetacular.

Mas tenho saudades tuas. Se não estás muito zangada comigo, vens passar o fim-de-semana a Londres? Posso mostrar-te King's Road e Carnaby Street, vais adorar, é mesmo excitante.

Com todo o meu amor, Josie

Ellen leu e releu ambas as cartas várias vezes. Por mais maravilhosas que fossem, sabia que Shirley não ia ficar satisfeita com nenhuma delas. Ellen não pedira nenhuma folga desde o Natal porque não tinha qualquer desejo de ir a casa e enfrentar os pais. Assim, Shirley e Roger tinham-se habituado à presença dela todos os fins-de-semana, para olhar pelos rapazes. Embora não pudessem recusar-lhe um mero fim-de-semana para visitar a irmã em Londres, assim que lhes revelasse que tinha outro emprego em Setembro, o mais certo era criarem-lhe dificuldades.

Nos dezoito meses em que tinha trabalhado para os Sanderson, Ellen compreendeu gradualmente que não eram as pessoas generosas e de boa índole que inicialmente imaginara. Embora tivessem sido bondosos ao darem-lhe um emprego e um teto quando poucas pessoas o teriam feito, sabia que, no fundo, só estavam a pensar neles próprios.

Assim que a apanharam em casa e viram que ela tratava os filhos com tanta ternura como se fossem dela, nunca mais quiseram perdê-la. Era essa a verdadeira razão por que sugeriram que ficasse com eles, em lugar de ir para o lar de acolhimento. O conselho de Shirley de que era menos cruel dar Catherine para adoção no hospital baseou-se no interesse pessoal e não na verdade ou na preocupação com os sentimentos de Ellen ou com o futuro dela e da filha. Tinha sido manipulada e privada do direito de escolha só para garantir que os Sanderson continuavam a ter ajuda em casa.

Ellen notara que Shirley não era minimamente maternal. Embora amasse os filhos, os negócios eram mais importantes para ela. Já estava a expandir a empresa grossista e tinha planos futuros que dependiam de a vida em casa correr sobre rodas. Ser-lhe-ia impossível arranjar outra pessoa preparada para viver num cubículo e ser ama-seca, cozinheira, governanta, empregada de limpeza e jardineira por três libras por semana.

Ellen tinha-se visto muitas vezes obrigada a morder a língua quando Shirley saía para trabalhar, mesmo quando um dos filhos estava doente, ou quando esperava que ela cozinhasse uma refeição para um grupo de convidados, para além de todos os outros afazeres. Ultimamente, cada vez chegava mais tarde a casa, por vezes muito depois de as crianças se terem deitado. Ellen sabia que, a partir do momento em que apresentasse a sua demissão, Shirley ia amuar e insinuar que ela estava a deixá-la ficar mal.

Para cúmulo, Ellen teria de arranjar um sítio onde morar no Sul de Bristol, para quando começasse a trabalhar no novo emprego, mas, com um horário tão pesado e a viver no outro extremo da cidade, não via como fosse possível.

Depois de matutar em todos os problemas durante dois dias, Ellen concluiu que a melhor maneira de os resolver era alugar temporariamente um quarto barato na vizinha Clifton. Podia facilmente arranjar trabalho como empregada de mesa ou de escritório até ao fim do Verão e arranjar um sítio permanente a partir de Setembro. Assim, podia visitar Josie num fim-de-semana e ganhar mais dinheiro.

Assim que arrumou a cozinha depois do jantar, Ellen ganhou coragem e disse a Shirley que se queria ir embora. Era uma segunda-feira à noite, os rapazes estavam na cama, Roger tinha ido ver o noticiário na sala de estar e Shirley estava bem-disposta porque tinha ganho um contrato, nesse dia, para fornecer alimentos a uma cadeia de hotéis no Oeste.

Ellen teve cuidado na maneira como lhe deu a notícia. Primeiro, elogiou a bondade de Shirley e Roger para com ela e por fim disse que achava que tinha chegado a altura de seguir em frente.

Nessa noite, Shirley exibia um ar mais jovem do que o habitual porque quando chegou a casa do trabalho tinha vestido um par de calças informais azul-claras e uma camisa de guingão e penteado o cabelo, normalmente ripado.

- Queres ir-te embora? Assim, sem mais nem menos, depois do que fizemos por ti? - lançou ela a Ellen. - Mas que ingrata que me saístes!

- Não sou ingrata de maneira nenhuma - retorquiu Ellen. - Há dezoito meses que me mato a trabalhar aqui mas aspiro a ser mais do que uma baby-sitter. Ofereceram-me um emprego que pode ser uma boa carreira.

- Se querias uma carreira não devias ter-te deixado engravidar pelo primeiro homem que te apareceu.

O coração de Ellen endureceu perante este comentário rancoroso. - Não acha que já paguei que chegue por esse erro? - disse ela friamente. - Mas maldita seja se vou passar o resto da minha vida a pagar por ele. Vou-me embora na próxima semana.

- Não me digas! - Shirley franziu os olhos com maldade. - E se eu decidir não te passar uma recomendação?

- É-me indiferente - respondeu Ellen, já não querendo saber se tivesse de ser rude. - Deram-me o emprego com base nas minhas capacidades e na recomendação da Dra. Fordham. Ela respondeu por mim e disse que eu era muito competente a olhar pelos seus filhos.

- Como se te preocupasses com eles. - Shirley elevou a voz furiosa. - Quem é que vai olhar por eles agora?

- Pode olhar a Shirley - disse Ellen irritada.

Com isto, Shirley pareceu inchar, a sua cara ficando roxa de raiva. - Basta - gritou ela. - Podes ir imediatamente. Não te quero nem mais um minuto nesta casa.

Ellen sentiu o coração cair-lhe aos pés. Eram oito da noite e ela ainda não tinha nenhum sítio para onde ir. Tinha planeado procurar casa na folga de sábado à tarde. Mas, olhando para Shirley, reconheceu a expressão que vira muitas vezes no rosto de Violet. Pura maldade.

- Muito bem, vou então fazer as malas - disse ela. Não tencionava recuar nem que tivesse de passar a noite ao relento. Terminara o tempo da subserviência.

Menos de quinze minutos mais tarde, estava a subir em direção ao parque de Downs e a Clifton,

mais à frente. Pouco mais tinha com ela do que quando partira da Cornualha: apenas roupas novas que tinham substituído as velhas e alguns artigos pessoais comprados para tornar o quarto mais aconchegado. Mas a mala era pesada e tinha começado a chover. Contava que Roger tivesse aparecido e lhe tivesse dito algumas palavras antes de partir. Ele sempre fora mais atencioso e reconhecido do que a mulher, mas tinha ficado na sala de estar durante a discussão, o que para Ellen era uma atitude de cobardia.

Mas o que mais a entristecia era não a terem deixado despedir-se dos rapazes. Tinha-lhes ganho afeição e ia sentir saudades terríveis deles. Mas reprimiu as lágrimas e continuou a caminhar com determinação.

Pensou em telefonar à Dra. Fordham mas pôs imediatamente a ideia de parte. Não ia implorar dormida a ninguém, ainda tinha algum orgulho.

Passaram duas semanas até Ellen poder visitar Josie. Na noite em que foi posta fora de casa dos anderson, tinha arranjado o jornal local e visto anúncios de vários hotéis a pedir camareiras. Ligou para alguns deles embora, por essa altura, já fosse muito tarde. Todos, exceto um, disseram que ela podia aparecer para uma entrevista na manhã seguinte. No St. Vincent's Rocks Hotel, em Clifton, pareceram tão desesperados que ela sentiu coragem para sugerir que podia ir de imediato.

Admitiram-na logo, a seis libras por semana, tudo incluído, e deram-lhe um pequeno quarto nas águas-furtadas. Nessa noite, olhando pela janela e vendo a ponte suspensa sobre o desfiladeiro de Avon completamente iluminada, sentiu-se feliz como não se sentia há muito tempo. Pela primeira vez na vida, era livre.

Quando a camioneta entrou na estação rodoviária de Victoria, Ellen ia alvoroçada, receosa que Josie não estivesse à sua espera como tinha prometido. Nunca tinha estado em Londres e não esperava que a cidade fosse tão imensa nem tão vibrante de tráfego e pessoas. Mas, ao apegar-se da camioneta, Josie apareceu a correr por entre a multidão e abraçou-a com força.

- Estava com medo que perdesse a camioneta ou não pudesses vir - disse ela, emocionada. - Quase não pensei em mais nada durante toda a semana a não ser na tua chegada.

Por alguns momentos, Ellen só conseguiu olhar para a irmã, assombrada. Estava com um aspeto adulto e bonito, com um minivestido verde-esmeralda e sapatos a condizer. Uma coisa era ver as fotografias dela, sabendo que lhe tinham arranjado o cabelo e a tinham maquilhado e escolhido a roupa para ela vestir, outra era vê-la, ao vivo, parecia uma gravura de moda.

- Estás fabulosa - disse ela, com admiração, logo corando ao perceber como em comparação parecia uma maltrapilha. - Devia ter trazido qualquer coisa nova para pôr.

Josie soltou uma risadinha e mirou Ellen de alto a baixo, como que a concordar que a saia de algodão dela era demasiado comprida e a blusa só servia para o caixote do lixo. - Podes usar roupa minha - disse ela. - Nem imaginas a quantidade de roupa que tenho agora, é frequente darem-me peças com que poso.

No autocarro para Chelsea, rumo a casa dela, Josie não parou para respirar uma única vez, apontando para as atrações turísticas, falando dos restaurantes e pubs onde tinha ido, e em quase todas

as frases mencionava Mark.

Só quando saíram do autocarro é que ela perguntou como era o emprego de Ellen.

- Muito fácil - disse Ellen, sorrindo. - Sobretudo depois do trabalho duro que eu fazia em casa dos Sanderson. Só trabalho das sete da manhã ao meio-dia, a limpar os quartos e assim. Depois tenho as tardes livres, volto para abrir as camas por volta das sete e é tudo.

- E que fazes com tantas horas livres? - perguntou Josie.

Ellen encolheu os ombros. - Vou a agências de aluguer de apartamentos ver o que têm, leio, tomo banhos de sol no parque. Entro em lojas. Há lá outra rapariga chamada Annie, saímos muitas vezes juntas à noite.

- Onde? Pubs e clubes noturnos? - perguntou Josie.

- Não. - Ellen riu-se. - Damos um passeio ou vamos ao cinema. Ainda não temos idade para ir a esses sítios.

- Nem eu - disse Josie airosamente. - Mas estou sempre a ir com o Mark.

Ellen ficou francamente impressionada com o apartamento ensolarado e espaçoso de Josie, embora não tivesse muita mobília. - Onde é que penduras a roupa lavada? - perguntou ela, o que provocou um ataque de riso a Josie.

- Não sejas parva, Ell - disse ela. - As pessoas em Chelsea não põem a roupa a secar. Levam-na à lavandaria.

Ellen quis saber o que era e quanto custava mas Josie não estava interessada em falar de coisas tão mundanas.

- Pega em qualquer coisa para vestires - insistiu ela, indicando o guarda-vestidos. - E põe maquilhagem; depois podemos ir até King's Road.

Ellen não sabia se tinha coragem para usar o vestido que Josie acabou por lhe escolher. Era amarelo-claro, com mangas raglan, e tão curto que mal lhe cobria o rabo, mas tinha a certeza que a irmã nem morta queria ser vista com alguém com um ar tão deselegante e não disse nada. Também não fez nenhum comentário quando Josie insistiu em maquilhá-la. Normalmente não usava mais que bâton e rímel e achou que o traço preto nos olhos era um exagero. Mas, afinal, agora estava em Londres.

Acabou por ser o dia mais estupendo que Ellen alguma vez passara. Ao longo de King's Road havia boutiques que vendiam roupas espantosas, demasiado caras para Ellen comprar o que quer que fosse, mas só olhar para elas e provar algumas já era divertido.

Entraram em cafés e observaram as pessoas a passar, e também elas deixavam Ellen espantada. Todas as raparigas usavam minissaias, tão curtas como a que Josie tinha insistido que ela vestisse, e não havia aqui penteados armados como em Bristol. Toda a gente usava estilos soltos, lisos, a dar a dar, curtos como o de Cilla Black, ou compridos e esvoaçantes. Os homens também eram muito

diferentes. Poucos adotavam o estilo moda que Ellen estava habituada: cabelo muito curto, botas pesadas e jeans ou fatos de excelente corte e sapatos bicudos. Aqui, os homens usavam o cabelo mais comprido, fortemente influenciados pelos Beatles, e as roupas eram mais ao gosto de cada um; camisas coloridas e jeans tão apertados que Ellen se perguntou como conseguiam sentar-se. As duas irmãs atraíam muitas atenções e Josie foi várias vezes reconhecida como Jojo, a modelo.

- Imagino que podia engatar qualquer homem que passa por aqui - disse Josie, a certa altura durante a tarde, quando pararam noutra café com mesas no passeio, ao sol.

- Não duvido - disse Ellen, sorrindo, um pouco embaraçada com a alta opinião que a irmã tinha de si própria. Pelo seu lado, também ia recebendo muitos olhares de admiração e estava a gostar; aliás, pela primeira vez desde que Catherine tinha nascido, pensou que até lhe agradaria ter um namorado. - Porque é que não engatas então alguém? Anda lá, desafio-te.

- Não posso porque estou apaixonada pelo Mark - respondeu Josie e, pela primeira vez nesse dia, mostrou-se insegura.

- Então ele é teu namorado? - Ellen queria conhecer e gostar deste homem de quem tanto tinha ouvido falar mas, até agora, só lhe parecia que havia algo de dúvida nele.

- Não exatamente - disse Josie, baixando os olhos. - Não da maneira que queres dizer, com beijos e essas coisas. Ele faz tudo por mim, faz a gestão da minha carreira, arranja-me trabalho e tira as fotografias. Mas mais nada.

Ellen sentiu um certo alívio. Em Bristol, tinha procurado informar-se a respeito de Mark e sabia que ele tinha trinta e tal anos e era divorciado. O trabalho dele tinha bastante qualidade; Ellen conseguira descobrir um livro na biblioteca com algumas das suas fotografias premiadas. Mas continuava à espera de uma explicação de como ele se tinha envolvido com a irmã e porquê.

- Conta-me tudo o que aconteceu depois de deixares a quinta - sugeriu.

Josie contou-lhe muita coisa, sobre o quarto horrível que tinha alugado, o trabalho como empregada de mesa e como arranjou mais tarde o emprego no falso estúdio fotográfico. Depois explicou como Mark a salvou.

- Disse que ia fazer de mim uma grande estrela - revelou ela, lançando a cabeça para trás e fazendo cair os apertados caracóis sobre a cara. - E estamos a chegar lá, já sou muito solicitada.

- Quanto dinheiro ganhas então? - perguntou Ellen. Queria que Josie soubesse a que ponto magoara os pais e repreendê-la por não lhe ter dito onde estava mais cedo mas não pretendia começar já a assumir o papel de irmã mais velha.

Josie encolheu os ombros. - Por agora só ganho dinheiro para o dia-a-dia, o Mark encarrega-se da renda e do resto.

Ellen não fazia a mais pequena ideia de quanto ganhava uma modelo mas calculava que devia ser bastante. O que ouviu não lhe agradou nada e não o escondeu.

- Não te armes em sabichona - lançou-lhe Josie rispidamente. - O Mark não está a embolsar

dinheiro, se é isso que estás a pensar. Leva muito tempo até começar a entrar dinheiro. Além disso, ainda ontem me deu vinte e cinco libras para eu te convidar para restaurantes, e assim.

Como não queria aborrecer Josie, Ellen não disse nada. Mas, mais tarde, quando foram a uma hamburgueria, ocorreu-lhe, quando Josie estava a alardear que as outras modelos eram quase todas insípidas sem maquilhagem, que a irmã ainda não lhe tinha perguntado nada sobre o bebé.

Esperou até mais tarde nessa noite quando voltaram para o apartamento. Tinham ido a um pub onde beberam as duas três canecas de cidra. Para Ellen era mais que suficiente mas Josie insistiu em comprar também uma garrafa para levar para casa.

Tomaram um copo cada, sentadas na cama, e de súbito Ellen não resistiu. - Não me perguntaste nada sobre o bebé - disse ela numa voz débil. - Esqueceste-te que foi por isso que fui trabalhar para casa dos Sanderson?

Josie lançou-lhe um olhar inexpressivo. - Então sempre tiveste um bebé? - perguntou. - Como não disseste nada nas tuas cartas quando eu ainda estava em casa, pensei que tinha sido falso alarme.

- Estava grávida de mais de quatro meses quando parti, como é que podia ser falso alarme?

Nesse momento, Josie teve a delicadeza de se mostrar acabrunhada. - Mas eu disse-te que podias escrever à vontade porque a mamã não me lia as cartas.

- Não me atrevi a correr esse risco - disse Ellen. - Pus o número do telefone nas cartas, esperava que me tivesses ligado por altura do nascimento da Catherine.

- Catherine! - Josie pareceu surpreendida e quase envergonhada. - Então era menina?

Ellen sacudiu afirmativamente a cabeça, esperando que Josie fizesse mais perguntas, mas ela preferiu mudar de assunto e começou a falar do tipo de mobília que ia comprar assim que ganhasse dinheiro a sério.

- Adorava ter duas dessas cadeiras redondas muito grandes e modernas que parecem ovos e giram - disse ela. - Há uma assim na agência de manequins.

- Apetecia-me prender-te numa cadeira giratória e pôr-te a rodar até ficares enjoada - disse Ellen com rispidez. - Não queres saber do que me aconteceu e ao meu bebé? Fazes alguma ideia de como foi?

Josie arregalou os olhos. - Bem, deste-o para adoção, não deste? Está resolvido.

- Nunca há-de estar resolvido - disse Ellen ferozmente. - Não me sai do pensamento, provavelmente nunca mais há-de sair. Podias mostrar alguma compreensão. Afinal de contas, era tua sobrinha.

Josie levantou-se da cama e dirigiu-se à cozinha para encher o copo. - Daqui a pouco casas-te e tens outro - disse ela do outro lado da porta.

Na camioneta, ao fim da tarde do dia seguinte, no regresso a Bristol, Ellen pensou na falta de

sensibilidade que Josie tinha demonstrado e concluiu que era por ser demasiado nova para compreender o desgosto de uma mãe ao separar-se de um filho. Também em relação à mãe se tinha mostrado extremamente insensível; era indiferente aos sentimentos de Violet.

Ellen não era capaz de desejar que a irmã sofresse um desgosto para compreender como era. Josie pensava que tinha o mundo aos seus pés e Ellen esperava ardentemente que ela alcançasse a fama e a fortuna.

CAPÍTULO 14

1966

Então, Jojo. - Mark puxou os cobertores para trás e obrigou-a a sentar-se. - Compõe-te. Temos hoje a sessão para a Vogue.

- Estou demasiado cansada - disse Josie, tentando meter-se novamente debaixo dos cobertores.

Eram meados de Novembro e ainda estava escuro mas, se Mark a tinha ido buscar, Josie sabia que deviam ser sete da manhã.

Ele voltou a puxá-la para cima, desta vez com menos meiguice, e obrigou-a tomar o café que tinha feito. - Bebe isso agora e toma esses comprimidos - disse ele, indicando dois comprimidos Vermelho vivos na mesinha-de-cabeceira. - Depois de tomares um banho, estás fresca que nem uma alface.

Josie fez um esforço para abrir as pálpebras; estavam coladas graças a uma combinação de cola das pestanas postiças e de rímel. Tencionava remover a maquilhagem antes de se deitar mas estava demasiado bêbada para se dar ao trabalho. Pegou avidamente nos comprimidos que Mark tinha pousado, meteu-os na boca e engoliu-os com o café.

Mark ficou à porta a olhar desdenhosamente para ela. - Estás com um ar revoltante - disse ele. - Se não comesças a controlar-te, largo-te e arranjo outra pessoa.

Josie ainda estava demasiado ensonada para ripostar e, além disso, não acreditava que ele alguma vez a largasse. Era demasiado famosa. Absolutamente toda a gente a desejava, as revistas de moda e as grandes empresas que queriam que ela publicitasse champôs, cosméticos e perfumes.

Mas preocupava-a a maneira horrível como ele a tratava atualmente. Parecia inclusivamente ter perdido a vontade de dormir com ela. Na noite anterior, tinha-a levado a casa, bêbada, após uma festa de imprensa, e tinha carregado com ela pelas escadas acima, atirando-a depois para cima da cama e saindo sem um beijo de boas-noites sequer.

Ele foi pôr-lhe o banho a correr e ela levantou-se cautelosamente da cama e enfiou um roupão. Olhando-se ao espelho, viu que ele tinha razão. Estava com um ar revoltante. A pele estava pastosa e tinha olheiras escuras por baixo dos olhos.

Depois de tomar banho e lavar o cabelo, sentiu-se melhor porque as anfetaminas tinham começado a fazer efeito. Vestiu roupa interior lavada, jeans e uma camisola. Não havia necessidade de se maquilhar nem arranjar o cabelo porque havia quem fizesse isso no estúdio.

- Se me desses alguns dias de folga, não precisava de comprimidos para acordar e mais comprimidos para dormir - disse ela, melancolicamente, enxugando o cabelo vigorosamente com a toalha. - Deixa-me ir passar uns dias com a Ellen.

Mark estava refastelado na única cadeira dela, observando-a com desdém. Estava sempre a olhá-la assim agora; por vezes, Josie achava que ele a odiava. Mas não percebia bem porquê; o casaco de couro grená e as botas de pele de cobra que usava eram prova do muito dinheiro que estava a ganhar com ela.

- És estúpida? Trabalhas quando há trabalho. Neste momento continua a não faltar, mas não há-de durar para sempre. Nessa altura, podes descansar.

Os olhos de Josie vidraram-se de lágrimas. Havia momentos em que desejava nunca o ter conhecido. Por vezes, até desejava nunca ter abandonado a Cornualha. Era empolgante ver a sua cara em grandes painéis publicitários, em todas as revistas e jornais e ser reconhecida na rua, mas não era minimamente divertido ser tiranizada e manipulada dia após dia como uma marioneta.

Era assim há mais de dois anos e o que é que tinha lucrado? Era uma estrela de dezassete anos mas continuava a viver no mesmo apartamento, sem mobília e com um guarda-vestidos atafalhado de roupa que raramente tinha oportunidade de exhibir. E os pais tinham-na renegado.

Se não fosse Ellen, não teria absolutamente ninguém. Mark só dizia que a amava quando queria que ela lhe fizesse alguma coisa.

- Deixa o cabelo, seca no carro - disse ele impacientemente. - Por amor de Deus, calça-te! É preciso dizer-te tudo?

A sessão fotográfica nesse dia era numa mansão em Hertfordshire. Noutro tempo, Josie interessava-se o suficiente para perguntar quem morava nestas casas, quando queria dar uma vista de olhos e admirar o ambiente onde estava. Mas já não se importava com nada disso. Não passava de um trabalho, o lugar um pano de fundo, era como se estivesse no estúdio de Beetle - pelo menos lá, não lhe moíam a cabeça o dia todo: «Vira-te para ali. Lança a cabeça para trás. Levanta os braços. Baixa os braços. Para o lado. Sacode o cabelo.»

Ao saírem de Londres, Josie olhou apaticamente pela janela para o céu plúmbeo. Estava presa e não sabia como escapar. Tinha lido numa revista que era considerada uma das modelos mais bem pagas do mundo mas o dinheiro que lhe chegava às mãos era muito pouco. Mark disse que ela não devia acreditar em tudo o que lia e que, depois 'de deduzir a renda e as despesas dela, não sobrava muito. Josie não acreditava nele mas Mark certificara-se de que ela não tinha mais ninguém a quem perguntar. Nunca saía de ao pé dela quando havia jornalistas por perto, todas as entrevistas passavam pelo crivo dele. Não ia a lado nenhum sem o aval dele e, apesar de ele a deixar sozinha no apartamento quase todas as noites, não podia sair sem que ele descobrisse. Era demasiado famosa.

Ele possuía-a, de corpo e alma, e não havia nada que ela pudesse fazer contra isso.

O rosto da mãe assaltou-lhe o espírito e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas ao recordar o dia em que se separaram. Mark estava certo quando disse que uma mãe como Violet só causaria a sua queda mas porque é que a obrigou a livrar-se dela de uma-maneira tão cruel?

Em Fevereiro, Josie tinha apanhado uma gripe. Estava tão doente que mal conseguia levantar-se da cama para ir à casa de banho. Quando Ellen inesperadamente lhe telefonou de uma cabina pública e disse que eram as férias intercalares e estava na Cornualha, Josie sentiu uma ponta de saudades de

casa e disse que daria tudo para estar com a mãe.

Nem por um momento Josie pensou que Violet reagiria a essa mensagem. Afinal, Albert tinha-a instruído a cortar relações com a filha. E muito menos Josie esperava que ela se metesse no primeiro comboio e a fosse visitar. Violet só tinha estado em Londres uma vez na vida e fora com o pai, quando tentaram convencer o Mirrar a dizer-lhes onde estava Josie. Tinham sido brutalmente corridos dos escritórios do jornal e ambos juraram nunca mais voltar, fosse a que pretexto fosse.

Contudo, Violet apareceu, apesar de tudo, e conseguiu encontrar o apartamento sozinha. Josie quase morreu de choque quando abriu a porta e ficou mortificada por a mãe a encontrar em estado tão lastimoso. O apartamento estava completamente imundo; há semanas que Josie não tinha tempo nem energias para o limpar. Não havia roupa da cama lavada, havia pilhas de roupa suja por todo o lado e não havia absolutamente nada de comer em casa.

Violet assumiu simplesmente o controlo. Correu para a lavandaria com a roupa suja, comprou comida e depois meteu Josie numa cama feita de lavado enquanto preparava uma refeição. Josie sentiu-se feliz por voltar a ser a menina dela, alvo dos seus cuidados.

Violet ficou quatro dias e, durante esse tempo, conversaram uma com a outra como nunca tinham conversado antes. Josie pediu sinceramente desculpa por ter fugido de casa e não contactar a mãe. Violet disse que estava arrependida de ter sido por vezes tão bruta e explicou que, no fundo, nunca tinha sido com Josie mas sim porque a relação com Albert era um desastre.

Mark não tinha aparecido desde o dia em que Josie adoeceu com gripe, altura em que lhe tinha dado uma embalagem de aspirinas e partido apressadamente. Nem sequer lhe telefonou. Depois, quando apareceu cinco dias mais tarde e encontrou lá Violet, ficou furibundo. Mandou-a fazer um recado e, enquanto ela esteve ausente, disse a Josie que se livrasse dela. Tinha de dizer à mãe que desaparecesse e nunca mais voltasse, senão arranjaría outra modelo.

Garantiu-lhe ainda que nunca mais arranjaría trabalho com mais ninguém, que se encarregaria disso. Até lhe dava tempo para fazer a coisa com meiguice, mas tinha de ser nesse dia, assim que Violet chegasse, e tencionava estar presente para confirmar que ela o fazia.

- Não podes ter essa velha contigo - disse ele autoritariamente. - Olha só para ela, Jojo, parece uma leprosa. E eu conheço o género; se não fores firme com ela, começa-te a bater à porta o tempo todo, a dar cabo de tudo.

Josie sabia que ele tinha razão. Estava apenas a exprimir ideias que ela própria tivera muitas vezes no passado. Também sabia que, se não estivesse tão doente, não teria recebido bem a visita inesperada da mãe.

Mas o facto de saber tudo isso não simplificou as coisas porque a única forma de despachar Violet era sendo cruel. Quando ela voltou ao apartamento, Josie começou a gritar com ela, chamou-lhe nomes e disse-lhe que desaparecesse de uma vez por todas porque era um embaraço.

Foi horrível. Viu a mãe encolher-se visivelmente de mágoa e desilusão. - Como é que podes tratar-me assim? - choramingou ela. - Sou a tua mãe, só queria olhar por ti.

Josie não foi capaz de olhar para ela; se tivesse olhado, poderia ter perdido a coragem. Desviou antes a cara e atirou o casaco de Violet para os braços dela, dizendo que ter uma mãe com o aspeto dela era muito pior que não ter mãe.

Sentiu-se profundamente envergonhada quando Violet saiu como um cão maltratado. Sabia perfeitamente que a única razão de viver da mãe era ela. Sentiu medo por ela por ter de fazer a longa viagem num estado tal de acabrunhamento. Sabia também que, quando o pai soubesse o que tinha feito, nunca mais a deixaria entrar na quinta de Beacon.

Até Ellen, que nunca tinha gostado de Violet, ficou profundamente chocada. Foi Mrs. Perers quem a informou e ela correu logo para o telefone a perguntar a Josie como tinha sido capaz de tamanha ingratidão e malvadez. Josie, claro, fez de conta que não queria saber, que Violet estava a pedi-las, mas a verdade era que queria, passou dias a chorar por causa disso.

Para piorar a situação, Ellen sentia tanta pena de Violet que começou a ir mais vezes a casa e parecia agora que estavam a criar laços mais fortes. Era como se Violet tivesse transferido todo o amor que sentira outrora pela filha verdadeira para a enteada.

- Maldita Ellen - tartamudeou Josie.

- Que é que ela te fez? - perguntou Mark. Nunca tinha conhecido Ellen nas poucas visitas que ela fizera a Londres; Josie certificava-se sempre de que ele não estava presente. Mark fazia-a sentir-se tão insegura que, em parte, era por medo de ele vir a gostar de Ellen mais do que dela e, em parte, porque sabia que Ellen o confrontaria a propósito do dinheiro.

- Oh, é a perfeição em pessoa - suspirou Josie. - A martirizar-se por causa daqueles inúteis. A consolar a mamã e o papá, a visitar os vizinhos. Nunca dá um passo em falso.

- Pensei que tinhas dito que ela era um bocado estouvada - disse Mark. Estava a ser simpático outra vez como acontecia sempre que havia trabalho. - Sempre na cama com alguém.

Josie tinha de facto dito isso mas só porque não arranjou melhor maneira de descrever como Ellen era com os homens. Era bizarro que a irmã, o cúmulo da pureza, gostasse de sexo. Seria de esperar que uma rapariga que se tinha abandonado a um único homem e sido rejeitada por ele ficasse desmotivada. Mas Ellen não; pouco depois de arranjar um pequeno apartamento no sul de Bristol, começou a sair com homens e ia com eles para a cama sempre que lhe apetecia.

Falou sobre o assunto com toda a sinceridade, embora só o tivesse abordado porque queria aconselhar Josie a continuar a tomar a pílula como ela. Disse que gostava de homens e sexo e que já não acreditava num romance ideal. Durante o último ano, Ellen tinha passado dois fins-de-semana com Josie. Em ambas as ocasiões, ela tinha conhecido o homem mais recente na vida da irmã. Embora não tivesse engraçado com nenhum deles, sentiu qualquer coisa de animal e terra-a-terra entre eles e Ellen. Sentiu mesmo inveja da forma relaxada como Ellen estava com eles, não se aperaltava nem se dava ares, tirando o facto de lhes preparar jantares saborosos. Parecia irradiar uma aura de felicidade e era evidente que os dois homens a adoravam.

Quando Josie não respondeu à pergunta de Mark, ele olhou para ela de lado. - Tens ciúmes dela - disse ele, com uma gargalhada. - Porquê? Porque é a Miss Perfeição, com um emprego louvável,

ou porque é sexy e tu não és?

Josie ficou picada porque antigamente Mark dizia-lhe que ela era a rapariga mais sexy que alguma vez conhecera. Foi, claro, antes de a ter convencido com falinhas mansas a ir para a cama com ele, invocando que a ajudaria a relaxar quando estivesse a fotografá-la. Mas depois também lhe tinha dito que a amava e agora não se comportava como se amasse. Desejava ardentemente tê-lo rejeitado, talvez assim ele tivesse algum respeito por ela. Mas bastava um gesto dele e ela obedecia-lhe.

Josie sabia por outras raparigas que a primeira vez geralmente não era muito boa e por isso já não tinha grandes expectativas. Mas, de repente, ele passou dos beijos e das juras de amor à brutalidade. Não sequer parava para a despir ou deixá-la deitar-se normalmente na cama. Atirava-se simplesmente para cima dela como um selvagem. Era incrivelmente bruto, abrindo-lhe as pernas à força e enfiando os dedos dentro dela com tanta violência que doía. E durante o tempo todo dizia coisas grosseiras e obscenas.

Foi então que se tornou verdadeiramente propriedade dele; ele possuía-a sempre que lhe dava na gana. Nunca havia um mimo carinhoso antes 'ou beijos ternos, apenas um comportamento animal como se fosse o garanhão e ela a égua.

Fingir que gostava parecia-lhe ser a única alternativa. Nas poucas ocasiões em que tentou rejeitá-lo, ele tornou-se violento e bateu-lhe, e depois demorou mais tempo porque aparentemente lhe deu mais prazer. Assim, ela quase sempre fazia a fita, digna de um Óscar, de que estava no sétimo céu. Mas às tantas afinal não o enganava.

- Quem é que diz que eu não sou sexy? - lançou ela. - Não é o que pensam os homens na rua. Lembras-te daquele artigo no jornal que dizia que os homens em toda a Inglaterra têm fotografias minhas afixadas nas garagens e nos telheiros?

- Só porque tens um ar sexy não quer dizer que sejas - disse ele, rindo. - Acho que é altura de te submeter a um pequeno teste.

- Que tipo de teste? - Josie perguntou.

- Espera e verás - disse ele.

O teste aconteceu quando Josie já se tinha esquecido há muito de que Mark dissera que a ia pôr à prova. Em Maio do ano seguinte foram ao Sul de França para uma sessão fotográfica com outras seis modelos. Há meses que a relação entre ela e Mark era péssima. Ela sentia-se insegura porque ele estava sempre a dizer que ia largá-la e, quanto mais tentava agradar-lhe, mais desagradável ele era.

De exigir sexo quase todos os dias, tinha passado a semanas sem sequer a beijar. E, se bem que devesse sentir-se satisfeita com isso, receava que significasse que ele tinha outra. Estava também constantemente a criticá-la, a dizer que ela era estúpida, preguiçosa, que o sotaque cónico dela o irritava e que tomava drogas a mais.

Era verdade que estas dominavam a vida dela. Comprimidos para dormir à noite, anfetaminas para acordar de manhã e enfrentar as pressões do trabalho. Fumava erva ou bebia para descomprimir

e depois à noite tomava outro tranquilizante para se acalmar. Mas Josie não percebia como podia ele censurá-la pois tinha sido ele a iniciá-la nas drogas e passava o dia a fumar charros e também snifava cocaína.

Quando Mark pareceu começar a ficar seriamente preocupado por ela estar a emagrecer de mais e disse que tinha conseguido este trabalho porque seria como umas curtas férias, ela pensou que ele começara a compreender como andava a tratá-la mal. Ficariam alojados num hotel de luxo, jantariam com milionários e estrelas de cinema nos seus iates e ela também teria tempo para apanhar banhos de sol e recuperar. Num raro momento de genuína ternura, disse-lhe que ela era preciosa para ele e concordou mesmo que andava a sobrecarregá-la de trabalho. Prometeu que o ritmo diabólico ia abrandar em breve, que ia marcar-lhe aulas de condução e arranjar-lhe um carro quando voltassem de França.

Josie ficou exultante. Ellen já tinha tirado a carta e comprado um carro e, pelo que contava das visitas aos pais, eles estavam mais impressionados com o carro do que com qualquer outra coisa.

Josie perguntava-se muitas vezes como sobreviveria se não tivesse Ellen. Ela era absolutamente leal, a única pessoa que conhecia em quem podia cegamente confiar, acontecesse o que acontecesse. Escrevia todas as semanas, metia-se no comboio para Londres sempre que lhe pedia e Josie sabia que podia aparecer-lhe em casa em qualquer altura que seria bem-vinda. Não que a visitasse com frequência, não era suficientemente organizada para apanhar comboios. Mas ligava-lhe pelo menos uma vez de quinze em quinze dias, onde quer que estivesse a trabalhar.

Podia contar com Ellen para ouvir os seus dissabores, para ficar impressionada quando Josie conhecia alguém famoso, para colecionar os recortes de imprensa sobre ela e colá-los num álbum. Estava inclusivamente a preparar o terreno para os pais aceitarem as desculpas dela e lhe perdoarem. Ellen era mesmo assim, gostava de uma vida calma e sem problemas e, enquanto a irmã não fosse recebida em casa, não teria descanso.

Quando partiu para França com Mark, Josie sentia-se confiante e otimista. Mark parecia estar novamente a dar-lhe valor e, assim que tirasse a carta, podia ir à Cornualha e endireitar as coisas. Os pais podiam não apreciar as suas fotografias nos jornais mas uma prova palpável de sucesso, como um carro, e talvez a compra de alguns luxos para eles, levá-los-iam certamente a mudar de opinião a seu respeito.

No entanto, assim que a sessão de fotografias começou em St. Tropez, Josie sentiu-se uma incompetente. As outras modelos eram mais velhas e muito mais sofisticadas do que ela, raparigas espantosamente belas que tinham feito nome nas passarelas de Paris e Milão. Eram frias com ela, talvez ressentidas por ela não ter passado por salões de exposição de vestidos de noite e casas de alta-costura.

O hotel onde estavam alojadas e eram fotografadas com vestidos de noite e vestidos de baile era o mais grandioso que Josie já tinha visto, com terraços de mármore branco, jardins fantásticos, salões enormes e sumptuosos candelabros. Talvez não se tivesse sentido tão intimidada se a comunicação social francesa não a assediasse tanto ou se os hóspedes do hotel tivessem sido proibidos de assistir às sessões. Sentia-se constrangida e, pela primeira vez na vida, feia, ao ver as outras modelos deslizar majestosamente pelo espaço como se tivessem nascido em ambientes daqueles.

Normalmente, não tinha oportunidade de beber enquanto trabalhava mas aqui, num hotel de luxo, bastava-lhe acenar com a mão e um empregado aparecia com um cocktail. Isso e o calor causavam-lhe sonolência e tornavam-na menos recetiva a instruções. Sabia que Mark estava cada vez mais irritado com ela só que, por qualquer razão, não parecia acertar com nada.

Na tarde do terceiro dia, quando a sessão chegou ao fim, Josie correu para a praia e saltou alegremente para a água para nadar. Só tinha entrado há minutos quando Mark apareceu e a mandou sair e voltar para o hotel.

- Porquê? - perguntou ela várias vezes. Ele tinha dito que a viagem seria também umas férias.

- Não podes correr o risco de apanhar um escaldão enquanto as sessões não terminarem - disse ele secamente. - Vá, agora vai para o teu quarto e veste uma coisa bonita, vou levar lá alguém que te quer conhecer.

Mark nunca partilhava o quarto com ela quando trabalhavam fora, dizia que era porque tinha de tratar as modelos todas de maneira igual. Desta vez, Josie não se tinha importado nada porque o quarto era fantástico, com uma cama de um metro e oitenta, um pavimento de mármore branco e uma varanda independente com vista sobre o mar. Era agradável tê-lo só para ela e não ter de aturar Mark a insistir em jogos sexuais.

Tinha acabado de tomar um duche e de vestir um minivestido branco quando um empregado apareceu com uma garrafa de champanhe para ela. Abriu-a e serviu-lhe uma taça antes de sair. Presumindo que era Mark a compensá-la por não a ter deixado nadar, Josie bebeu-a de um trago e serviu-se de outra.

Tinha dado conta da garrafa inteira quando Mark chegou, acompanhado de um homem que apresentou como o Duque. Este era um francês corpulento, com um enorme nariz aquilino e doces olhos castanhos, e estava com um fato de linho branco.

Josie estava demasiado inebriada, a rir-se tolamente, para querer saber se ele era um verdadeiro duque ou não. Era encantador, beijando-lhe as mãos e as faces e dizendo-lhe que ela era adorável num inglês perfeito, e nem por um momento estranhou que Mark quisesse que se conhecessem no quarto dela.

Chegou outra garrafa de champanhe e beberam-na quase toda, a fatia de leão para Josie, e de repente o Duque estava a empurrá-la para a cama e a beijá-la.

De início pareceu uma brincadeira porque Mark estava sentado na cama a observá-los e a rir. Mas, quando o Duque lhe começou a desapertar o vestido, Josie entrou em pânico e começou a resistir.

- Não sejas parva, Jojo - disse Mark, em tom de censura. Disse-te que ia pôr à prova a tua sensualidade. O Duque tem a reputação de ser o melhor amante de França, por isso deita-te e saboreia.

No seu estado nebuloso, Josie não percebeu se o teste era para determinar se ela gostava de sexo com outro homem mais do que com Mark ou se para determinar a que ponto lhe era fiel. Mas

como Mark pareceu ficar zangado quando ela ofereceu resistência, desistiu e deixou o Duque fazer amor com ela.

Inicialmente, foi agradável, ele era muito mais meigo e sensual do que Mark e beijava bem, e ela fechou os olhos para não ver Mark a observar e entregou-se simplesmente ao prazer dos seus dedos exploratórios.

Mas, de repente, sentiu uma coisa fria e dura a ser forçada dentro dela e abriu imediatamente os olhos. O Duque estava agora nu e ela reparou que ele tinha um peito peludo e uma barriga que quase lhe escondia o pénis. Ele ajoelhou-se diante das suas pernas abertas e estava a enfiar-lhe na vagina o que lhe pareceu ser o frasco plástico do seu champô.

Alarmada, olhou para Mark, mas ele tinha as calças abertas e estava a masturbar-se enquanto assistia. Era evidente, pela sua expressão extasiada, que não ia reagir bem se ela interrompesse o processo.

Nesse momento, Josie percebeu que significava muito pouco para ele mas, ao mesmo tempo, compreendeu também que, se acabasse com a cena, ele a abandonaria de vez. Achou melhor alinhar no jogo. Talvez Mark ficasse até com ciúmes e lhe desse mais valor. Esforçou-se por soltar um profundo gemido de prazer simulado quando o Duque lhe enfiou o frasco. Arqueou as costas e bateu com os braços na cama como que tomada de paixão.

Doeu mas, ao olhar para Mark, viu que ele estava corado de excitação, os olhos semicerrados e a boca aberta. A recompensa que recebeu foi o frasco enfiado ainda mais fundo e por pouco não desatou a gritar de dor.

- Gostas, pequerrucha? - disse o Duque, olhando-a lascivamente enquanto empurrava ainda mais o frasco. Estava agora também com uma ereção mas o seu pénis era muito mais pequeno que o de Mark.

- Agora quero-te a ti - gritou ela, pensando que era a única escapatória.

- Ainda não, minha linda - disse ele, o suor correndo-lhe pela cara. - Primeiro quero ver-te apanhar com isto.

Josie pensou que já não tinha espaço dentro dela para o frasco entrar mais mas ele continuou a forçá-lo, empurrando-o com tanta força que a dor lhe chegou às costas.

- Chega - gritou ela. - Quero-te agora.

Ele penetrou-a imediatamente mas, apesar de o seu pénis ter metade do tamanho do frasco, ela estava tão dorida que continuou a doer terrivelmente.

A sua respiração áspera e ofegante parecia encher o quarto e ela empinou-se debaixo dele, tentando apressá-lo. Mas ele não estava com pressa, sorrindo-lhe e o seu suor pingando-lhe sobre a cara. Mark estava a observá-los, aproximando-se gradualmente até lhe encostar a ponta do pénis à cara. Josie percebeu que ele queria que ela o tomasse na boca, mas recusou-se, não era capaz.

Com um rugido gutural saído das entranhas, o Duque atingiu o orgasmo, ao mesmo tempo que

Mark.

Foi vergonhoso durante toda a cena mas ainda mais ser ali deixada nua na cama enquanto os dois homens se apressavam a levantar-se.

- Obrigado, minha senhora - disse o Duque, fazendo uma leve vénia antes de pegar na roupa.

Josie não aguentou sequer olhar para Mark. Só esperava que ele saísse imediatamente e nunca mais voltasse.

- Ainda há uma taça de champanhe na garrafa - disse ele, abrindo a porta para sair. - Bom proveito!

Mal a porta se tinha fechado quando Josie começou a vomitar. Chegou à sanita na hora H. Vomitou tudo o que tinha no estômago até só sair bÍlis verde e o pavimento de mármore lhe magoar os joelhos tanto como o frasco a magoara.

Ficou horas na banheira, constantemente a submergir na água e a deixar-se lá estar o mais que conseguia aguentar sem respirar. Tinha trancado a porta do quarto por dentro e ninguém podia entrar, nem com uma chave-mestra. Esperava perder os sentidos e afogar-se para pôr fim ao sofrimento.

Quando finalmente saiu da casa de banho, viu que já era noite lá fora e ouviu o som de música, de risos e do tinido de copos que chegava pelas portas abertas da varanda do terraço, três andares mais abaixo. As gambiarras de luz montadas nas árvores e ao longo da praia tinham um ar tão bonito contra o negro do céu e do mar que se foi abaixo e rompeu em soluços como uma criança.

Os jornais tinham dito repetidamente que ela tinha o mundo aos seus pés. Contudo, parecia-lhe que a sua vida era como estar num desses comboios fantasma, numa feira de diversões, saltando de uma cena assustadora e agonizante para outra, incapaz de sair da carruagem.

Que tinha feito para merecer tal humilhação? Como é que Mark podia dizer que a amava e depois obrigá-la a fazer aquilo com outro homem?

Sentiu-se tentada a pegar no telefone e a ligar a Ellen a contar o que tinha acontecido. Mas não podia. Ellen ia dizer-lhe que fizesse a mala e insistisse para que lhe fosse dado imediatamente o bilhete para casa.

Embora a ideia de abandonar Mark, as câmaras e as pedantes das outras modelos fosse extremamente aliciante, sabia que pagaria caro por isso. Ainda faltavam dois dias para a sessão terminar e Mark vingar-se-ia, negando-lhe mais trabalho. Deixaria de lhe pagar a renda e ela estaria arrumada.

Mark apareceu a bater-lhe à porta à meia-noite. Por essa altura, Josie já tinha chorado tudo e vestiu uma T-shirt comprida e abriu prontamente a porta, esperando uma desculpa.

Mark estava com um ar muito distinto, com um smoking preto e uma camisa branca de folhas, com o laço preto solto no colarinho. O cabelo preto estava repuxado e preso num rabo-de-cavalo. - Porque é que passaste aqui a noite amuada? - perguntou ele friamente.

- Sabes muito bem porquê - disse ela, afastando-se dele. - Como é que foste capaz de me fazer aquilo?

- Eu não te fiz nada - disse ele, encolhendo os ombros e entrando no quarto. - Tu deixaste.

- Não deixei nada, não quis nada daquilo. - Começou novamente a chorar. - Como é que és capaz de me partilhar com Outro quando dizes que me amas?

Ele fechou a porta e virou-se para encará-la. Tinha os olhos crispados de desprezo. - Que te amo? - Soltou uma gargalhada forçada. - Nem sequer gosto de ti durante a maior parte do tempo. Ouve, vê se percebes, Jojo. Dei-te o que tu querias. Tornei-te famosa. Temos uma relação profissional, nada mais.

- Então porque é que dormes comigo? - gemeu ela com os lábios trémulos.

- És tão infantil - disse ele com desdém. - Tenho de te tirar da cama de manhã, dizer-te o que deves vestir, comer, fazer. E de vez em quando também fodo contigo. Não tem significado nenhum para mim, mas é o que tu esperas.

Josie sentiu-se como se tivesse sido varada, corno se tudo aquilo em que acreditava estivesse agora a ser destruído. Não tinha palavras para lhe exprimir o que ele lhe tinha feito. Sentia-se absolutamente impotente.

- Deixa-me ir para casa - foi tudo o que lhe ocorreu dizer. - Se não me amas, deixa-me ir embora.

Ele agarrou-a pelo braço e torceu-lho atrás das costas. - Ouve cá, meu estupor - disse ele, quase lhe cuspiendo na cara. - Investi uma data de tempo e energia em ti. Vais ficar comigo enquanto eu te quiser. Não há aqui nenhuma cláusula de rescisão.

- Não fico nada contigo - gritou ela. - Não me podes obrigar.

Ele largou-lhe o braço e agarrou-a pelo pescoço, enterrando-lhe os dedos na pele. - Ficas, sim senhor - disse ele, os seus olhos negros chispando. - Tenho informação suficiente sobre ti, as tuas bebedeiras e o teu vício em drogas, para fazer o escândalo maior que já viste. Abandona-me e nunca mais trabalhas como modelo. Só hás-de servir para filmes pornográficos e revistas eróticas. E também não há-de durar muito, daqui a uns anos estás arrumada e ninguém quer olhar para ti. Por isso, acorda. Vê se percebes a vida regalada que tens. Senão, já sabes o que te acontece!

Josie estava com medo agora, sabia que ele falava a sério. Mas tinha de dizer mais uma coisa enquanto sentia coragem.

- Então tens de me pagar o que eu ganho! - disse ela, libertando-se dele. - Quero dinheiro que se veja e não dinheiro para o dia-a-dia. Passo a pagar eu a minha renda, compro o meu próprio carro e o resto. E quero poder sair sem te ter à perna.

Ele ficou ali um momento, um leve sorriso desdenhoso a dançar-lhe no canto da boca. - Está bem - disse por fim -, se é isso que queres. Não tens ponta de inteligência, Jojo, e já sei que vais

acabar a gastá-lo todo em bebida e em droga. Mas, desde que tenha mais um ano contigo, tudo bem.

Deu então meia-volta e saiu, batendo com a porta do quarto. Josie pegou na carteira e tirou um comprimido para dormir.

CAPÍTULO 15

1970

Ellen sentou-se à mesa, à janela do seu apartamento, com um monte de fotografias e recortes de jornais de Josie à sua frente. Era o final de Setembro e estava a chover demasiado torrencialmente para ir andar a pé, como normalmente fazia aos domingos de manhã, mas não se importava nada de ficar em casa a colar os materiais no álbum. Há semanas que andava para o fazer.

Adorava o seu pequeno apartamento, por cima de uma loja, ao lado da estação aos correios. Ficava na movimentada Wells Road à saída de Bristol e era um pouco ruidoso por causa do trânsito, mas o campo ficava só a um quilómetro e meio mais à frente e a escola onde trabalhava a dez minutos a pé. A renda era muito baixa porque, quando arrendou o apartamento, estava em muito más condições e o senhorio era demasiado idoso para se lançar na tarefa de o reparar. Bastou um relance para Ellen decidir que não arranjava nada de melhor pelo preço que podia pagar. Agradou-lhe a ideia de o esfregar de uma ponta à outra e de o arranjar sozinha.

Não era nenhuma tarefa do outro mundo decorar dois quartos, mais uma cozinha e uma casa de banho. A enfiada de lojas e os apartamentos por cima só tinham sido construídos nos anos trinta e, estruturalmente, estava em bom estado. Depois de começar a trabalhar na escola, não tardou a conhecer pessoas que se ofereceram para a ajudar. O vigilante entendia de eletricidade e também arranjou um canalizador que instalou uma nova lareira a gás.

Adorava vasculhar nas lojas de ferro-velho e divertia-se a comprar velharias e a recuperá-las. Adorava a sensação de total independência e de criar a sua própria casa.

Não havia dúvida que a sorte lhe sorrisse. Tinha gostado da escola desde o primeiro dia. As crianças com deficiências físicas eram um desafio e demorou tempo a habituar-se a elas, mas achava o emprego muito mais gratificante do que olhar pelos filhos dos Sanderson.

Não tardou muito também a ter uma vida social. Os assistentes e professores da escola eram cordiais e calorosos e ela integrou-se desde cedo. Os casados convidavam-na com frequência para jantar ou para festas e os solteiros iam muitas vezes ao Happy Landings, o pub ao lado do apartamento dela, para tomar uma bebida depois do trabalho.

Seis anos depois, era capaz de rememorar o nascimento de Catherine e o processo de adoção sem chorar. Tinha deixado de se censurar por isso pois sabia que apartamentos destes e um bom emprego não calhavam a mães solteiras.

Entretinha-se antes a imaginar Catherine a ir para a escola com um pequeno uniforme e uma sacola às costas. Interrogava-se se ela teria aulas de dança ou se iria aprender a tocar 'um instrumento musical. Sozinha, nunca teria podido proporcionar-lhe nada disso.

Quando uma onda de tristeza a submergia, pensava nas crianças da escola e como precisavam de muito mais ajuda do que as crianças normais. Podia canalizar todos os seus instintos maternos para a melhoria das suas vidas. Isso por agora bastava-lhe.

Pegou na tesoura para cortar uma página de revista. Continha uma fotografia de Josie a apresentar um modelo de camisola, com o ar de uma autêntica rapariga do campo, a segurar na trela de um grande cão afegão.

A beleza e fama da irmã não cessavam de espantar Ellen. Parecia estranho que tivessem seguido caminhos tão diferentes e se tivessem tornado no oposto uma da outra, quando no passado eram tão extraordinariamente parecidas.

Ellen sorriu consigo mesma. Sempre que se encontravam, Josie invariavelmente instigava-a a ser mais sensível à moda, a maquilhar-se ou a fazer alguma coisa ao cabelo. Mas isso não tinha nada a ver com Ellen; não ambicionava sofisticação nem atenções. Era de jeans que se sentia melhor; no fundo, não estava para se dar ao trabalho de pensar que sapatos diziam bem com que roupa. Quando fazia o esforço de se vestir com mais esmero para alguma ocasião especial, arranjar as unhas e maquilhar-se, parecia-lhe agradável, mas não era uma coisa que quisesse fazer todos os dias.

De qualquer modo, os homens pareciam gostar dela exatamente como era. Jack, um homem com quem tivera recentemente uma paixoneta, chamava-lhe «Terra Mãe». A imagem agradava-lhe. Entretanto, podia sempre olhar para as fotografias de Josie para ver o que era a genuína sofisticação.

Folheou o álbum de recortes de Josie e descobriu as fotografias tiradas no Sul de França, em 1967. Josie parecia uma princesa com um vestido de baile de seda creme, o corpete decotado pejado de pérolas pequeninas, e com uma tiara de pérolas no cabelo. Era uma das imagens prediletas de Ellen, um vislumbre de um mundo diferente daquele que conhecia.

As pessoas no trabalho tinham-lhe perguntado muitas vezes se sentia ciúmes da irmã. Ela ria-se e dizia: «Só do dinheiro que ela ganha», mas não era verdade. Os seus verdadeiros sentimentos, que nunca revelava a ninguém, eram apenas de tristeza por Josie não ter encontrado a felicidade juntamente com a fama.

A fotografia do Sul de França era um exemplo perfeito. Josie estava com um ar espetacular, tinha ficado num hotel fabuloso, convivido com os super-ricos. Mas, durante essa estadia, acontecera-lhe algo desagradável. Ellen nunca tinha tirado isso a limpo, Josie tinha-o negado veementemente, mas pouco depois o seu consumo de drogas agravara-se rapidamente.

Ellen fez um esgar. Era tão difícil compreender Josie. Podia ser muito divertida, generosa e afetiva, mas também possuía um lado sinistro: podia ser manhosa, desagradável, completamente egoísta e destrutiva. Por mais que se esforçasse, Ellen não conseguia definir exatamente porquê. Tinham sido educadas da mesma maneira, em muitos aspetos eram extremamente próximas, mas porque é que mentalmente estavam em polos opostos?

Ellen achava um terrível desperdício que Josie tivesse realizado o seu sonho de criança mas que ainda não fosse o bastante para a fazer feliz. Que faltava na sua vida que a levava a recorrer ao álcool e às drogas como recorria?

Embora a experiência pessoal de Ellen, no capítulo das drogas, se limitasse a fumar uns charros em festas com amigos, estava bastante informada sobre o assunto. Muitos dos seus amigos consumiam anfetaminas e ácido. Fazia parte da cultura hippie e era tão comum ali em Bristol como em Londres. Na sua opinião, tomar qualquer coisa para apanhar uma «moca» de vez em quando não

fazia muito mal desde que não começasse a controlar a vida de uma pessoa.

Só que estava a controlar a de Josie.

Ellen sabia que Mark tinha sido responsável pela sua iniciação nesse caminho. Desconfiava que era assim que ele prendia Josie para poder extrair-lhe todo o dinheiro que ela ganhava. Mas a relação entre eles tinha mudado pouco depois de terem chegado de França. Ele Continuava a tirar todas as fotografias de Josie mas deixara de ser seu amante e era a agência dela que lhe pagava diretamente. Não parecia que essa clivagem fosse a causa dos problemas de Josie, ela invocava que se sentia satisfeita com isso porque agora podia fazer o que queria e estar com quem queria. E parecia sincera. Assim, não havia mais ninguém para culpar da infelicidade de

Josie senão Josie.

Ellen pegou numa fotografia sua e de Josie tirada em Falmouth. Josie tinha comprado a máquina fotográfica nesse dia e pedido a umas pessoas que tirassem uma foto das duas juntas. Esta tinha sido tirada junto do The Chain Locker, no porto. Riam-se ambas como doidas porque o homem que estava a tirar a fotografia dizia constantemente que Josie lhe fazia lembrar alguém mas que não sabia quem era. Elas pensaram se, mais tarde, ele se recordaria subitamente de quem Josie era e se teria martirizado por não ter percebido logo.

Ellen suspirou profundamente. Podiam ter passado esse dia todo a rir mas o resto da visita a casa tinha sido horrível. Talvez, no fundo, Josie não estivesse pronta para o reencontro com os pais.

Desde a altura em que Ellen tinha descoberto o paradeiro de Josie em Londres, começara a convencer os pais a perdoar à irmã. Albert era incapaz de esquecer a humilhação que ele e Violet haviam sofrido quando foram expulsos dos escritórios do Mirror e as mentiras que Josie tinha contado sobre a família. Tinha dito então que nunca mais voltaria a falar com ela. No entanto, cedeu e deixou

Violet ir a Londres olhar por ela quando ela estava doente. Ellen tinha pensado que era um verdadeiro progresso mas Josie deitara tudo a perder ao expulsar Violet do apartamento.

Por fim, moendo constantemente a cabeça aos pais, Ellen tinha conseguido persuadi-los que o responsável por tudo era Mark Kinsale. Como, por essa altura, ele já estava fora de cena, eles concordaram finalmente em tentar uma reconciliação.

Se Ellen tivesse levado a sua avante, esse primeiro encontro teria sido em terreno neutro, talvez no apartamento dela. Mas Josie tinha comprado um vistoso carro desportivo azul e, de repente, apeteceu-lhe conduzi-lo até à Cornualha. Não parecia ter registado o facto de que tinha de reconquistar os pais pois eles ainda se sentiam magoados. Assim, Ellen só a acompanhou no papel de mediadora.

Se Josie se tivesse controlado, se tivesse vestido qualquer coisa de normal como um par de jeans e se se tivesse prontificado a ajudar em algumas tarefas domésticas, tudo se poderia ter resolvido. Mas ela insistiu em apearaltar-se toda, passou o tempo a queixar-se que a casa era ventosa e pindérica e não se calou a falar dos hotéis elegantes em que ficava como se a sua própria casa já não lhe servisse.

Depois, houve o incidente do frigorífico. Ela saiu pura e simplesmente de casa e comprou um novo, mandando-o lá entregar. Ellen não podia deixar de sorrir ao recordar a expressão chocada de Violet quando o homem das entregas carregou com ele e o espetou na cozinha.

Josie tinha razão, precisavam de um frigorífico, no Verão os alimentos e o leite estragavam-se num instante. Mas devia saber que os pais eram pessoas do campo antiquadas. Viviam perfeitamente contentes com a despensa e a salgadeira e não gostavam de se ver forçados a aceitar caridade, que foi a impressão que Josie deu.

Josie, claro, ficou furiosa quando eles não se lançaram por terra a beijar-lhe os pés de gratidão. Por puro despeito, disparou insultos ao estado da roupa de Violet, às pernas manchadas dela e ao cabelo comprido de Albert.

Ellen desejava poder esquecer essa visita. Tinha sentido vontade de esbofetear Josie por ela ser tão injuriosa e destruir os esforços aturados que tinha feito em prol dela.

Por vezes, Ellen pensava que a irmã era um pouco desaparafusada. Nunca sabia quando calar-se ou recuar ou controlar a língua. Armava-se continuamente e não tinha qualquer respeito pelos outros. Seriam as drogas que tomava que a punham assim? Ou teria nascido com esta deficiência?

Há meses que Ellen não tinha qualquer contacto com ela. Desde a sua última visita a Bristol, depois de romper uma ligação Com um guitarrista rock, Josie não tinha voltado a telefonar nem a escrever. Contudo, Ellen sabia que ela tinha estado na Cornualha, a exhibir-se em Falrnouth, porque Mrs. Peters lhe dissera.

Era outra faceta estranha da irmã. Invocava odiar a quinta e acabava sempre a brigar com os pais mas persistia em lá ir. Consta va que tinha sido obrigada a abandonar um restaurante porque levara lá um grupo de pessoas que estavam bêbadas e foram insultuosas. Dizia-se também que não era bem-vinda em alguns dos pubs porque se portava mal e por causa das companhias com que andava.

Ellen só podia imaginar que a atração se devesse ao facto de ser uma celebridade entre as antigas companheiras de escola. Talvez precisasse dessa admiração incondicional para aplacar os seus receios secretos de que, quando começasse a perder frescura voltasse a não ser ninguém.

O ruído familiar de um motor levou Ellen a olhar pela janela e, para sua grande surpresa, lá estava Josie no seu carro desportivo azul, a entrar na zona de estacionamento das lojas por baixo do seu apartamento.

Como sempre, Ellen esqueceu-se das suas preocupações com o deleite de rever a irmã. Levantou-se de um salto e desceu a correr as escadas para a porta de entrada.

- Mas que surpresa fantástica! - exclamou, ao abrir a porta. - Foi uma sorte estar a chover senão a estas horas estava a andar a pé.

Josie estava de óculos de sol mas Ellen atribuiu o facto à afetação. No fundo, só reparou que Josie não começou a papaguear como normalmente fazia.

- Como é que foi a viagem? Quanto tempo podes ficar? - perguntou Ellen enquanto subiam as escadas.

- Quanto tempo me aturas? - perguntou Josie num tom cansado.

A perspetiva parecia um tanto assustadora e Ellen contornou-a, dizendo que ia fazer chá. Quando voltou à sala de estar com as canecas, Josie tinha despido o casaco comprido, sob o qual trazia um fato de hot pants e casaco de veludo vermelho amassado e botas pretas pelo joelho. Tinha também tirado os óculos de sol, revelando um olho vermelho e inchado, o princípio de um olho negro.

- Não comeces a dar-me sermões - Josie avisou Ellen. Pronto, tive uma briga com o Mark. Preciso de um sítio onde passar alguns dias para lhe pregar um susto.

- Já sabes que podes cá ficar embora eu vá trabalhar amanhã - disse Ellen. - Mas porque é que brigaram?

- Ele tem outra mulher - disse Josie. - Foi outra modelo que me disse ontem. Apareceu-me em casa hoje de manhã para me informar de um trabalho amanhã e, quando o interroguei, disse que não era da minha conta.

- E não é, Josie, há mais de dois anos que vocês estão separados - disse Ellen brandamente.

- É da minha conta, sim - respondeu Josie bruscamente. - Ele devia ter-me dito antes de eu saber por outra pessoa. Vai casar-se com ela! Há anos que andam juntos, ainda ela era casada com outro. Quando penso no que fiz por aquele filho da mãe! Como é que ele pode tratar-me assim?

- Continua a arranjar-te trabalho e a pagar-te?

Josie sacudiu afirmativamente a cabeça.

- Bem, não vejo que ele te ande a tratar mal - disse Ellen acerbamente. - Seja como for, sempre foi demasiado velho e manipulativo para ti. Tinhas sido muito mais feliz com alguém que se preocupasse verdadeiramente contigo.

- Imagino que queres que eu arranje um desses tipos hippies de quem tanto gostas.

- Há pior - disse Ellen com um sorriso. - Os hippies são, na maioria, fantásticos na cama porque têm consciência daquilo que as mulheres querem.

- Eu não quero sexo - roncou Josie. - Quero alguém que olhe por mim. Nunca ninguém fez isso.

Ellen era a favor de olhar por si própria, na sua opinião os homens eram simplesmente para curtir. Mas não ia cair no erro de exprimir agora esse ponto de vista. Além disso, Josie parecia ser sempre perseguida pelo azar em matéria de homens. Quase sempre alinhava com os que só a queriam como um acessório atraente. Nos últimos dois anos, tinha andado com várias estrelas rock, dois atores e um cirurgião de Harley Street. Aparentemente, eram todos estafermos insensíveis e egoístas.

- Bebe o chá, Josie, e depois talvez seja boa ideia dormires um pouco enquanto eu preparo o almoço.

- Tens álcool? - perguntou Josie.

Ellen tinha o pressentimento de que esta visita ia ser complicada. Se Josie já tinha tomado anfetaminas nessa manhã, passaria o dia e metade da noite a falar. Ficaria na cama quase todo o dia seguinte enquanto Ellen ia trabalhar e essa rotina repetir-se-ia diariamente até ela se ir embora, deixando Ellen tensa e exausta.

- Só o vinho caseiro de que zombaste da última vez que cá estiveste - disse ela.

- Porque é que fazes essa bodega? - disse Josie desagradavelmente. - Ninguém quer beber isso.

- Pois, mas os meus amigos gostam. - Ellen tentou não se irritar. - Faço-o porque gosto de o fazer. Além disso, é muito mais barato do que comprar vinho.

- És tão ... - Josie agitou a mão, procurando o termo -, atinada - acabou por dizer. - É um tédio. Olha para esta casa, almofadas de retalhos, cerâmica feita à mão, tudo artesanal e rústico. Aposto que também ouves música tradicional.

Ellen explodiu: - Por amor de Deus, se não deixas de ser desagradável, podes desandar já.

Na quinta-feira à noite, já Ellen estava pelos cabelos. Os seus piores receios tinham-se concretizado. Josie ainda estava na cama quando ela saía diariamente para trabalhar. Quando chegava a casa ao fim da tarde, o apartamento parecia uma pocilga, com roupa e cosméticos espalhados por todo o lado. Todas as toalhas na casa de banho estavam molhadas, deixadas numa pilha no chão, e os discos estavam fora das capas. Josie nunca se lembrava de preparar uma refeição e muito menos de fazer compras e era como um disco riscado, repetindo constantemente as mesmas coisas a respeito de Mark.

Desta vez, estava refastelada no sofá, a fumar um charro. Ellen distinguiu buracos queimados onde a marijuana tinha caído.

- Acho que deves ir para casa amanhã de manhã - disse ela, tentando não soar dura. - É de mais ter-te cá quando estou a trabalhar. Não suporto chegar a casa e encontrar as coisas neste estado.

- Anda dar uma passa nisto e já não te importas - disse Josie, oferecendo-lhe o charro.

- Preferia que mexesses esse rabo e começasses a arrumar - disse Ellen, controlando a irritação.

- Não és tão fria quanto queres dar a entender - disse Josie, sem se mexer. - Estás mesmo tensa. Vai ao médico pedir tranquilizantes.

Ellen ignorou isto e perguntou à irmã o que acontecia se ela faltasse a algumas sessões fotográficas.

- O Mark fica possesso - disse Josie, a rir. - Já te disse, foi por isso que vim para aqui.

Se ela tivesse dito que precisava de Ellen, tudo podia ter sido diferente. - Bem, se queres continuar a pô-lo possesso, vai para outro lado - retorquiu Ellen, zangada. - Vai para a quinta, podes aproveitar para pôr a tua mãe possessa também.

Josie sentou-se muito direita. Nesse dia, estava com hot pants num tom azul real e uma camisola canelada reduzida, o cabelo preso num rabo-de-cavalo. Parecia ter quinze e não vinte e um anos.

- Ouve cá, minha grande estúpida - sibilou -, não digas larachas sobre a mamã Se não fosses tu, não tinha havido problemas nenhuns entre nós.

- Se não fosse eu, ainda eras uma proscrita - recordou-lhe Ellen. - Tive um trabalho dos diabos para convencê-los a perdoar-te.

- Eu sei que te fargas de os convencer. Mas não é por mim. Josie franziu os olhos de rancor. - É para ficares com a quinta quando eles baterem a bota. Não me enganas nem um bocadinho, sabes bem quanto vale o terreno e estás morta por lhe deitar a unha.

Ellen teve vontade de lhe bater mas resistiu à tentação e virou-se para a porta. - Agora vou sair. Quando voltar, não te quero encontrar aqui, senão eu mesma te ponho na rua - disse ela. - Desta vez levaste a tua maldade longe de mais. E não voltes enquanto não mudares de atitude.

Ellen dirigiu-se de carro à aldeia de Pensford, logo à saída de Bristol, e parou numa área de descanso. Estava furiosa com a irmã e, nesse momento, não queria voltar a vê-la. O que é que a levava a dizer coisas tão malévolas? Qual era o problema dela?

Observou o sol a descer atrás de uma colina e, quando desapareceu, já a sua fúria se tinha desvanecido. Tinha estudado livros sobre psicologia infantil o suficiente para perceber que muitos dos problemas de Josie lhe vinham da mãe. Violet era uma mulher extremamente azeda e, desde que Josie nascera, tinha-lhe enchido os ouvidos de veneno em todas as oportunidades. Também tinha sido ela a meter na cabeça de Josie a ideia de que a irmã mais velha a desfalcara da sua parte da herança. Mesmo a convicção de Josie de que o papel de um homem era olhar por uma mulher vinha diretamente de Violet.

Ellen concordava que era essa a norma na maioria dos casamentos, mas não da maneira como Violet pensava. O amor não entrava no seu raciocínio, Ellen duvidava que ela compreendesse o conceito. Para ela era a troca do sexo pela segurança de um teto e de comida. Tinha posto isso em prática com Albert.

Agora Josie era igual. Ellen não se recordava de Josie alguma vez falar com entusiasmo de algum homem que tivesse amado. As únicas coisas de que se vangloriava eram o tipo de carro que ele conduzia, se era rico e o sucesso que tinha. Duvidava ainda que ela alguma vez tivesse ido para a cama com um homem por se sentir atraída por ele e não apenas pelas vantagens que esperava obter dele.

- Pobre Josie - murmurou consigo mesma. - Quando irás aprender?

Quando entrou na zona de estacionamento e viu que o carro desportivo de Josie já lá não estava, Ellen não soube dizer se se sentia feliz ou triste. Subiu fatigada as escadas, pensando no que

podia cozinhar para o jantar que fosse rápido e se iria conseguir deitar-se cedo.

Não ficou surpreendida ao ver que Josie não arrumara nada antes de partir mas, pelo menos, a roupa e os cosméticos dela tinham desaparecido. Quando Ellen finalmente acabou de arrumar a casa, estava demasiado cansada para preparar mais do que uma sanduíche de bacon.

Na manhã seguinte, acordou revigorada e desfez a cama com a intenção de deixar a roupa na lavandaria a lavar enquanto estava no emprego. Estava uma bonita manhã e ela pensou em dar um salto à Cornualha nessa noite e passar lá o fim-de-semana pois podiam ser os últimos dias de bom tempo antes de o Outono se instalar.

Estava pronta para sair para o trabalho às oito e meia quando se lembrou que era o fim do mês e precisava de pagar a renda. Pensou em deixá-la com Bert, nos correios ao lado, para o caso de não estar em casa no dia seguinte.

Mas, quando se dirigiu à gaveta no toucador para pegar no dinheiro, não o encontrou. O livro de recibos da renda estava lá, era portanto evidente que não o tinha mudado de sítio e esquecido. As quatro notas de dez libras enfiadas lá dentro tinham desaparecido.

- Não acredito que o tenhas levado, Josie - disse ela em voz alta, incapaz de acreditar que descesse tão baixo. Mas era claramente o que tinha acontecido. Josie devia ter dado com ele quando estava a juntar as suas coisas.

- Grande filha da mãe! - gritou ela de raiva. À parte o facto de a irmã a ter mesmo roubado, havia o problema de como ia agora pagar a renda. Só receberia o salário dali a uma semana e, se usasse esse dinheiro, também não teria dinheiro suficiente no próximo mês. - Nunca te hei-de perdoar por isto - murmurou. - Torna-te uma agarrada, se quiseres. Quero lá saber. Entre nós, acabou.

CAPÍTULO 16

1991

Porque é que sou tão inconstante, Fred? - Daisy afagou com o nariz o pelo branco do terrier, deitada na cama, com o álbum de Whitney Houston a tocar em segundo plano. Não é só a questão de um emprego nem do futuro da minha relação com o Joel. Também tenho de fazer alguma coisa a respeito da minha mãe verdadeira.

Fred bocejou ruidosamente e aninhou-se ainda mais nela. O gesto dizia que não se importava que ela fosse inconstante, aliás até gostava.

Era o mês de Março, nove meses após a morte da mãe, mas Daisy sentia que não tinha feito avanço nenhum. Não podia invocar que era puramente a dor porque, embora esta viesse em ondas, muitas vezes deixando-a inesperadamente de rastos, podia passar algum tempo sem pensar muito em Lorna.

Mas, sem poder auscultar a mãe como estava habituada, Daisy tinha dificuldade em adotar uma atitude positiva, em fazer planos e cumpri-los. Experimentava com frequência um sentimento de solidão e desolação que nem os amigos e Joel eram capazes de erradicar.

O único passo positivo que tinha dado fora o de se matricular num curso intensivo de chefe de cozinha. Tinha utilizado algum do dinheiro que a mãe lhe deixara para o pagar e tinha-o começado em Setembro passado, tendo passado o Verão a fazer trabalho de escritório, através de uma agência de emprego. Embora achasse que tinha descoberto a única coisa para que verdadeiramente tinha talento e os elogios dos professores tivessem reforçado a sua auto estima, o curso estava agora a chegar ao fim e ela sentia-se nervosa. Preparar pratos fabulosos num ambiente calmo e amigável era uma coisa, fazê-lo profissionalmente num restaurante concorrido era outra muito diferente.

Daisy suspirou. Não se podia dar ao luxo de mais fracassos e, por isso, qualquer que fosse o emprego em que se lançasse tinha de ser o emprego certo ou, pelo menos, o primeiro passo na direção certa. Mas como é que havia de saber qual era a direção certa?

O orientador dela tinha sugerido dois planos alternativos. Um era conseguir um lugar de assistente de chefe de cozinha num hotel ou restaurante de primeira em Londres, o outro era sair de Londres e ir para um restaurante ou hotel mais pequeno, onde o diploma de Daisy lhe valeria uma posição de chefe de cozinha principal ou única.

O primeiro plano parecia ser o melhor. Ganharia experiência e confiança a trabalhar com pessoas às suas ordens e podia continuar a viver em casa e a estar com Joel. Mas sabia como as cozinhas no centro de Londres se podiam tornar infernais, o que não era muito sedutor.

Sair de Londres implicaria um emprego interno ou arranjar um apartamento e seria mais difícil estar com Joel. Mas uma das vantagens era que seria uma posição mais prestigiante, provavelmente mais bem paga também, e o orientador tinha dito que, na sua opinião, ela se daria muito melhor à frente de uma cozinha.

Daisy sabia que não gostava muito de receber ordens. Agradava-lhe também a ideia de ir para um sítio novo e reinventar-se, mas não estava muito certa de ser capaz de aguentar semanas a fio sem estar com Joel. O que a tinha prejudicado no passado tinha sido o facto de se prender aos homens e estava a procurar não o incluir na equação. Mas, como estava a descobrir, os velhos hábitos custavam a largar. Não conseguia imaginar a vida sem estar com Joel duas ou três vezes por semana.

No entanto, partir podia resolver o problema com Lucy. Continuavam a pegar-se com frequência, sobretudo porque a irmã não mexia um dedo em casa. Mas esse problema podia, de qualquer modo, acabar porque os gémeos estavam a planear fazer uma viagem à volta do mundo depois dos exames finais.

Daisy estendeu a mão e pôs a música mais alto, fazendo coro com «Miracle». Sorriu consigo mesma, sabendo que era exatamente disso que estava à espera, um relâmpago ofuscante em que todos os seus problemas fossem resolvidos e a estrada à sua frente claramente assinalada.

«Miracle» chegou ao fim e Whitney Houston começou a cantar «All the Man that I Need». Daisy voltou a estender a mão e desligou-a. Não queria ouvi-la porque já não tinha a certeza que Joel fosse «tudo o que precisava». Era uma relação calorosa e confortável mas também as camisolas interiores térmicas o eram e ela ainda não estava preparada para as usar. Ansiava por alguma chama, alguma prova real de que era a relação ideal. Ir viver para longe podia reacender a chama mas também podia facilmente apagá-la de vez.

Desejava ardentemente ser como algumas das amigas, daquelas que tinham de tal maneira a certeza do que queriam, daquilo de que eram capazes, que deslizavam pela vida sem a mais pequena ansiedade. Sabia que era patética, não era sequer capaz de decidir se queria ou não conhecer a mãe biológica!

Até agora não lhe tinham faltado desculpas para adiar essa decisão. Com o curso de chefe de cozinha, olhar pela casa e estar com Joel, não tivera tempo. Mas recentemente tinha começado a preocupar-se, não tanto por ter prometido à mãe que o faria mas por curiosidade natural.

O desejo de conhecer toda a história de Ellen estava a consumi-la mas, ao mesmo tempo, não se mostrava completamente segura de querer encontrar-se frente a frente com ela. Seria o medo de abrir a Caixa de Pandora? Ou seria porque já tinha pessoas suficientes a pressioná-la, neste momento, e dispensava bem ter mais outra?

Tinha recentemente falado disto a Joel e a resposta sarcástica dele magoara-a. - Queres a sanduíche mas não queres a côdea. Mas afinal tu és assim com tudo, incluindo comigo!

Ele tinha razão, claro. Ela queria um emprego que adorasse sem trabalhar arduamente, a família menos os problemas, uma ligação amorosa em que só houvesse paixão, sem nenhum dos momentos aborrecidos, e até uma nova mãe sem tensões.

- És a única pessoa de quem gosto absoluta e completamente disse ela a Fred, fazendo-lhe cócegas nas orelhas. - Não te mudava nada.

Ele lambeu-lhe a cara como que a dizer que sentia o mesmo por ela, o que a fez rir.

- Daisy! - Sobressaltou-se ao ouvir a voz do pai porque não o tinha ouvido entrar.

- Entra, papá - gritou.

- Pensei que tinhas aqui alguém contigo, ouvi-te rir - disse John à porta.

- Sou só eu e o velho Fred - disse Daisy com uma risadinha. - Estava a dizer-lhe que é a minha pessoa preferida.

- Este animal está cada vez mais atrevido - disse John, sentando-se na cama e afagando Fred.

Um aspeto positivo era que o pai estava a refazer-se. Saía com amigos para jantar e ir ao teatro, estava novamente a rir-se e ansioso até por ir velejar no Verão. Daisy esperava que, com o tempo, viesse a conhecer outra mulher, era demasiado simpático e jovem, em termos de mentalidade, para continuar sozinho.

- Porque é que estás aqui em cima sem fazer nada? - perguntou-lhe ele. - Não contava contigo em casa.

- Hoje saí mais cedo - disse ela com um bocejo. - Tenho estado aqui deitada a refletir sobre o que fazer da minha vida.

Em poucas palavras, descreveu o seu dilema. - Porque é que sou tão inconstante? - perguntou. - Não vejo mais ninguém a hesitar tanto como eu.

- Se eu soubesse a resposta a isso, era capaz de já te ter curado há anos - disse ele, sorrindo-lhe afetuosamente. - Mas também tive hesitações no meu tempo e encontrei uma saída.

- Diz-me como.

- Deixas de pensar nessas coisas sérias e fazes uma coisa diferente. Podias tirar umas férias, por exemplo, assim que acabares o curso. Quando uma pessoa se distancia um pouco dos problemas, a solução muitas vezes torna-se clara.

- Mas nessa altura o Joel não pode tirar férias comigo - disse ela. - Tem de esperar até Junho ou Julho.

- Quem é que falou em ires de férias com ele?

- Não era capaz de ir sozinha - retorquiu ela.

- Eras com a maior das facilidades. Umas férias no estrangeiro talvez não, mas há sítios em Inglaterra que nunca visitaste. A zona oeste, por exemplo. Podias começar por ir a Bristol falar com a médica que organizou a adoção. Aposto que ela tem informações que satisfaziam a tua curiosidade.

- Hum - murmurou Daisy. - Talvez. Suponho que depois podia passear um pouco pelo Somerset e por Devon e ir até à Cornualha.

- Podias até investigar alguns restaurantes e hotéis pelo caminho - disse John com um sorriso. -

Quem sabe, podes arranjar um emprego de Verão que te agrada e assim ganhas alguma experiência sem te comprometeres com um lugar permanente.

- Mas não me comprometer é um dos meus piores defeitos, não é? - disse ela, não inteiramente a brincar.

- É muito mais inteligente testar a água com o dedo do pé do que mergulhar às cegas. - Ele pousou-lhe a mão no ombro e apertou-o afetuosamente. - Além disso, se arranjasses um emprego num bom hotel, eu tinha a desculpa perfeita para ir lá passar uns dias para estar contigo. Adoro Devon e a Cornualha.

- Adoras? - Ela ficou surpreendida porque ele nunca tinha falado nisso.

- Eu e a tua mãe costumávamos ir acampar em Looe antes de tu chegares e adorávamos - disse ele, com uma expressão um pouco melancólica. - Mas depois, com os três, a viagem era demasiado longa para levar crianças e nunca mais lá voltámos. Tenho pensado muitas vezes que, se vender esta casa, sou capaz de comprar qualquer coisa por essas bandas. Podia trabalhar tão facilmente em Barnstaple ou Exeter, digamos, como em Londres. A maioria das propriedades em que trabalhamos fica no Oeste.

O entusiasmo dele contagiou Daisy que, de súbito, sentiu vontade de ir. - Podia levar o Fred comigo, dava-me uma desculpa para dar longos passeios.

À palavra «passeios», Fred arrebitou as orelhas.

- Agora não - disse Daisy, rindo. - Primeiro tenho de obter o meu diploma.

Às nove da manhã de 9 de Abril, Daisy partiu para Bristol no «carocha», com Fred sentado atrás. Tinha passado no exame de chefe de cozinha com distinção e obtido o seu diploma, e experimentava uma estranha sensação de satisfação por ter tido, desta vez pelo menos, paciência suficiente para atingir um objetivo.

Os seus pensamentos viraram-se para Joel, com quem tinha estado no dia anterior. Ele tinha-se mostrado muito frio mas se era por ela ter falado em arranjar um emprego de verão longe de Londres ou simplesmente porque queria passar algum tempo sem ele, não sabia. Tinha-lhe verificado a pressão dos pneus, o óleo e a água, mas sempre uma expressão taciturna, insistindo que o «carocha» era velho de mais para viagens longas.

Mas depois tinha sido também um desmancha-prazeres em relação ao encontro dela com a Dra. Julia Fordham em Bristol. Daisy tinha escrito à médica, duas semanas antes, e mesmo então Joel tinha escarnecido, dizendo que ela devia ter mais de setenta anos e, mesmo que ainda estivesse viva, estaria provavelmente senil. Talvez tivesse ficado picado porque se tinha enganado e a Dra. Fordham ainda residia na mesma casa e não parecia senil quando acedeu a receber Daisy a 9 de Abril à uma hora. O pai tinha desculpado Joel, dizendo que ele estava apenas a querer protegê-la porque o preocupava que ela fizesse a viagem sozinha. Mas para Daisy não passava de um amuo de adolescente.

Não ia pensar mais nele. Nessa noite, tinha feito reserva numa casa de hóspedes em Bristol que aceitava cães mas a partir daí e até ao fim da semana, quando ia ficar numa casa de campo emprestada

em St, Mawes, na Cornualha, não tinha feito quaisquer planos de avanço. Talvez isso também preocupasse Joel.

No entanto, armada de mapas, guias de viagem e de uma brochura sobre casas de hóspedes em Devon e na Cornualha, Daisy sentia-se no controlo e muito entusiasmada. Para ela, era uma excursão mágica e misteriosa que podia muito bem resultar num rumo inteiramente novo.

Bristol era uma cidade extremamente confusa para se conduzir, aparentemente sem sinais rodoviários, exceto para o aeroporto. Estacionou à porta da estação rodoviária e perguntou a cinco pessoas diferentes o caminho para Clifton e ficou confusa quando lhe disseram que havia algures uma aldeia, chamada Tnangle, e outra zona chamada Whiteladies Road. Não ajudou o facto de também falarem de uma maneira estranha; fez-lhe lembrar os anúncios a natas da televisão com um dos Wurzel a dizer: «Dá-lhes uma boa dose de cavalo.» Tomou assim a estrada que lhe tinha sido indicada e manteve-se nela. Quando voltou a perguntar o caminho, estava quase em pembroke Road.

O número 7 ficava exatamente no extremo de uma rua comprida e bonita de grandes casas antigas. Havia cerejeiras e magnólias em flor em quase todos os jardins e, embora muitas das casas tivessem sido claramente convertidas em apartamentos para estudantes, a julgar pela copiosa quantidade de contentores do lixo, não tinham o aspeto miserável e decrépito das casas de estudantes de Londres. Havia muitas ruas para a direita e para a esquerda que lhe apetecia explorar, pequenas comunidades com algumas lojas, restaurantes e pubs, e ela sentiu-se como uma criança numa excursão escolar de domingo.

Como chegou muito cedo ao encontro, estacionou o carro e levou Fred a passear no parque de Downs, que ficava ao fundo de Pembroke Road. Ficou pasmada ao ver uma zona verde tão extensa no meio de uma cidade. Não havia dúvida de que Bristol era uma cidade de surpresas. .

- Depois voltamos aqui - disse ela a Fred, ao prendê-lo novamente à trela. Ele tinha ficado temporariamente desvairado, depois de ter estado fechado no carro durante horas, correndo de um lado para o outro e rebolando-se de costas na relva com evidente deleite.

Pôs Fred de novo no carro e, pegando no bloco de notas e nos documentos de adoção que a mãe lhe tinha dado, subiu o caminho do número 7. Era estranho imaginar que Ellen devia ter percorrido este caminho, antes e depois de Daisy nascer, e que os pais também a tinham ido ali buscar.

Levantou os olhos para a velha casa e pensou se Ellen se teria sentido intimidada com ela na sua primeira visita. Era muito imponente, com os seus degraus de pedra até à porta de entrada e as suas enormes janelas de ressalto. Mas, à semelhança das outras casas da rua, parecia estar dividida em apartamentos porque havia seis campainhas. Tocou à da Dra. Fordham e, pela primeira vez, sentiu-se um pouco nervosa.

- Dra. Fordham? - perguntou Daisy quando a porta foi aberta por uma senhora de cabelo branco, com um conjunto de malha cor de alface. Não se coadunava com a imagem da profissional calejada que a carta da mãe tinha evocado. Tinha simplesmente o ar de uma avozinha meiga.

- Deves ser a Daisy - disse ela, com um sorriso afetuosos. - Eu sou a Dra. Fordham; entra.

Conseguiste cá chegar sem muitas dificuldades?

- Consegui, não tive problema nenhum. Bristol é uma cidade encantadora. Acabei de levar o meu cão a dar um passeio pelo parque, custa a acreditar que uma cidade tenha tantos espaços verdes.

- Clifton já não é o que era, minha querida - disse a médica, conduzindo Daisy através de uma porta para o seu apartamento que ficava no rés-do-chão. - Antigamente era muito elegante, as lojas comparavam-se com as de Bond Street, mas agora é só restaurantes e take-aways.

- Mas as casas são muito bonitas - respondeu Daisy.

Dentro do apartamento, interrogou-se como a Dra. Fordham conseguiria aquecer divisões tão amplas com o dinheiro da reforma. Era evidente que tinha sido muito elegante noutro tempo mas as cortinas de veludo estavam empoeiradas e, no geral, estava tudo muito gasto. Interrogou-se por que razão ela não se mudava para uma casa mais pequena e mais fácil de cuidar.

- Senta-te, Daisy - disse a médica. Parecia deliciada por ter uma visita. - Fiquei encantada quando recebi a tua carta porque me lembro bem de ti em bebé e dos teus pais, claro. Fiquei muito triste ao saber da morte da tua mãe, recordo-a como uma mulher cheia de vida.

Daisy tinha explicado na carta que, nesta fase, só queria saber um pouco mais sobre Ellen e que não estava segura de estar preparada para a conhecer, mesmo que isso fosse possível. Esperou que a velha senhora tivesse registado o facto e que não fizesse de repente aparecer Ellen de trás de uma porta.

- Antes de mais, quero saber porque é que foi uma adoção privada - disse Daisy. - Pensei que não era permitido.

O pai revelara-lhe que ele e Lorna tinham ficado tão cansados da burocracia e das intermináveis visitas e perguntas da Agência Nacional de Adoção que, quando um amigo se ofereceu para pô-los em contacto com alguém que tratava de adoções privadas, agarraram a oportunidade sem hesitar. Daisy estava apenas a pôr a Dra. Fordham à prova para determinar se ela respondia à pergunta com honestidade.

- As agências principais viam-nas com maus olhos - disse cautelosamente a velha senhora. - Era porque andava por aí muita gente sem escrúpulos, claro. Mas os médicos acabam por conhecer muitas raparigas em apertos e, por outro lado, sabem de casais perfeitos que querem adotar. Não deves ficar com a ideia que eu dirigia aqui algum viveiro de bebés, credo, nada disso.

- Longe de mim pensar tal coisa - apressou-se Daisy a dizer. - Só queria compreender com que critério fui entregue ao John e à Lorna.

- As pessoas para quem a Ellen trabalhava em Bristol trouxeram-na para um exame. Ela tencionava ir mais tarde para um lar de acolhimento de jovens mães. Por coincidência, eu tinha amigos em Londres que conheciam bem o John e a Lorna, Já me tinham dito que eles se sentiam desapontados com a Agência Nacional de Adoção, que os mantinha à espera, alimentando-lhes as esperanças e destruindo-as repetidamente. Sabia que eram boas pessoas que tinham tudo para dar a uma criança e, como acontece com os pais biológicos, o sexo dela não os preocupava minimamente,

queriam simplesmente um bebé.

«Quando me apercebi de que a Ellen era uma rapariga decente, foi logo neles que pensei. Tinha o pressentimento que seria uma combinação perfeita.»

Tinha sido quase exatamente isto que o pai contara a Daisy e o facto de a médica se recordar tão claramente levou-a a pensar que devia ser uma pessoa de confiança.

- Naturalmente, houve também outras circunstâncias que ditaram a adoção privada. - A Dra. Fordham franziu a testa enquanto falava, como se fosse o único aspeto com que não estava

inteiramente satisfeita. - A família para quem a Ellen trabalhava não queria perdê-la porque ela era muito competente com os filhos deles e tinham medo, se ela seguisse os trâmites normais de um lar de acolhimento, que se sentisse tentada a ficar contigo. Por conseguinte, também tinham interesse em encorajar uma adoção privada em que a criança é levada à nascença em lugar de a mãe olhar por ela durante seis semanas.

- Então a Ellen foi pressionada a dar o bebé? - perguntou Daisy frontalmente.

A Dra. Fordham suspirou. - Sim, pode dizer-se que sim. Não por mim, claro, eu limitei-me ao papel de mediadora, e nesse tempo todos nós acreditámos que estávamos realmente a fazer um favor à mãe e à filha. Mas agora sou mais velha e sensata e, em retrospectiva, teria dado à Ellen mais tempo e mais aconselhamento.

- Acha então que ela podia ter ficado comigo?

A Dra. Fordham olhou para ela bruscamente.

- Quem sabe, minha querida? As coisas eram muito diferentes naquele tempo, muito difíceis para uma mãe solteira. Ela queria o melhor para a filha e o John e a Lorna eram o casal perfeito.

Nunca tive a mais pequena dúvida a respeito deles, deu-me muito prazer ajudá-los a concretizar o seu sonho. Mas, olhando para trás, do ponto de vista desta época mais esclarecida em que vivemos, não tenho a certeza de que tenhamos sido justos com a Ellen.

- Sabe onde ela está agora? - perguntou Daisy.

A velha senhora sacudiu negativamente a cabeça. - O último contacto que tive com ela foi quando lhe reencaminhei a carta e a fotografia que recebi da tua mãe, cerca de seis anos depois da adoção. Não enviei a carta original, naturalmente, mas copieei-a, omitindo o endereço. Nessa altura, ela ainda estava a trabalhar na escola para crianças deficientes, no Sul de Bristol, para onde tinha ido depois de deixar a família para quem trabalhava. Depois de receber a tua carta, contactei o Departamento da Educação e perguntei se ela ainda lá estava mas parece que deixou de trabalhar lá em 1978. Nessa altura, ainda era solteira.

Daisy fez um rápido cálculo mental e concluiu que Ellen devia ter trinta e um anos nessa época.

- Terá saído para se casar? - perguntou ela, sentindo-se um pouco desiludida pois seria assim mais complicado descobrir o paradeiro de Ellen.

A médica acenou com a cabeça. - Bem, sempre presumi que ela se tinha casado muito antes e que tinha sido por isso que deixou de repente de me enviar postais. Mas suponho que, depois de receber essa carta da tua mãe, se sentiu mais apaziguada e não precisou de permanecer em contacto comigo. Estava também muito envolvida com as crianças com quem trabalhava e julgo que isso a ajudou.

- E a família para quem ela trabalhava quando estava à minha espera ... terá mantido o contacto com eles? - perguntou Daisy.

- Duvido muito, minha querida. - A Dra. Fordham fez um gesto algo agitado com as mãos. - É que ficaram zangados quando ela os deixou. Era a ama perfeita para os filhos, uma Mary Poppins da vida real. Não compreenderam por que razão ela queria partir para trabalhar com crianças deficientes quando podia ficar a cuidar dos dois filhos pequenos do casal. Creio que a mulher foi muito desagradável com ela por causa disso.

- Quanto tempo é que ela trabalhou para eles? - quis Daisy saber.

- Não me recordo exatamente mas, pelo menos, um ano depois de teres nascido; adorava os rapazes. Mas fez bem em seguir em frente. Tinha uma bela cabeça e merecia muito mais do que ser apenas baby-sitter. Pediu-me uma carta de recomendação para a escola do Sul de Bristol e eu aprovei os planos dela.

Nesse momento, Daisy reparou que a médica estava com uma expressão ligeiramente distante. - E agora também acha que ela deu um mau passo?

- Não, não, foi um passo muito acertado. Mas foi por essa altura que comecei a lamentar o meu papel em apressar o processo de adoção. Percebi que ela não se tinha refeito disso. Tive a sensação de que nunca se iria refazer.

Daisy sentiu os olhos a arder com lágrimas inesperadas e percebeu imediatamente que não se ia contentar apenas com a informação que a Dra. Fordham lhe podia dar. - Faz alguma ideia onde posso procurar agora? - perguntou.

A médica refletiu por alguns momentos. - Pode não levar a nada mas a Ellen era muito chegada a uma senhora chamada Mrs. Peters. Ela era a mulher de um professor primário e vivia na mesma aldeia da Cornualha de onde a Ellen era oriunda. Foi através dela que a Ellen veio para Bristol para te ter e lembro-me de ela me dizer na altura em que aceitou o lugar na escola aqui que continuava a visitar Mrs. Peters regularmente quando ia a casa na Cornualha. A aldeia tem um nome curioso, Mister Smith ou coisa do género.

- Mawnan Smith. - Daisy sorriu. - Como também estava a planear ir à Cornualha, vou tentar encontrá-la - disse ela. - Se se lembrar de mais alguma coisa, importa-se de me contactar?

- És muito parecida com a Ellen - disse subitamente a velha senhora, com olhos estranhamente húmidos. - Tens o cabelo igual ao dela. Não é só a cor e os caracóis mas a maneira como a luz da janela se reflete nele. É como se estivesse outra vez aqui a falar com ela.

Fez uma breve pausa, olhando reflexivamente para Daisy. Tens uma atitude muito mais frontal

que a dela, a Ellen baixava normalmente a cabeça e raramente fazia perguntas, mas és tão encantadora como ela. Claro que te digo se me ocorrer mais alguma coisa.

Daisy sentiu que a conversa tinha chegado ao fim e levantou-se, estendendo a mão. - Muito obrigada pela sua ajuda - disse ela. - Mas tenho de ir andando porque deixei o meu cão no carro.

A Dra. Fordham levantou-se também e apertou firmemente a mão de Daisy. - Gostei muito de te conhecer - disse ela, sorrindo-lhe com os olhos. - Diz-me se a encontrares, sim?

De repente, sem qualquer razão em particular, Daisy teve uma sensação de déjà vu. - Fui entregue à minha mãe nesta sala? perguntou.

A velha senhora esboçou um meio sorriso. - Realmente foste, minha querida. Nesse tempo, esta ainda era a minha sala de estar, o meu consultório era na cave. A mãe de acolhimento que olhou por ti durante as seis primeiras semanas trouxe-te aqui ao meio-dia para se encontrar com os teus pais. Eles ficaram extremamente excitados e felizes. Mas a adoção é mesmo assim, a felicidade de uma mulher resulta da angústia de outra.

Quando Daisy abandonou a casa, as últimas palavras da médica ressoaram-lhe nos ouvidos. Até agora, por qualquer razão, nunca tinha exatamente atingido até que ponto devia ser terrível uma mãe renunciar a um filho.

Nessa noite, Daisy, sentada na cama na casa de hóspedes com Fred ao seu lado, refletiu sobre tudo o que a Dra. Fordham lhe tinha dito.

Tinha andado quilómetros a pé com Fred, depois de deixar a velha senhora, indo até ao parque de Downs e até à aldeia de Clifton. Tinha visto a ponte suspensa e o desfiladeiro de Avon, explorado as pequenas lojas na aldeia e sentido que estava a apaixonar-se por Bristol. Embora se tivesse sempre considerado londrina, a verdade era que tinha nascido em Bristol, talvez fosse por isso que a cidade a encantava. Sentia-se aqui como em casa, em contacto com qualquer coisa que não sabia bem explicar.

Mais tarde, depois de se registar na casa de hóspedes, tinha voltado a sair, encontrado um pub que admitia cães e comprado uma dose de peixe e batatas fritas para comer no regresso. Mas agora, na cama, sentiu-se subitamente triste ao pensar em tudo o que a Dra. Fordham lhe tinha contado. Lendo nas entrelinhas, Ellen não passava provavelmente de uma inocente rapariguinha do campo, incapaz de fazer frente à megera para quem trabalhava que queria que o bebé fosse imediatamente levado para a sua vida não sofrer sobressaltos. Se se preocupasse seriamente com Ellen, não seria normal que a deixasse ficar com a menina e o emprego?

- Mas as pessoas não são assim, pois não, Fred? - disse ela, afagando-o. - Vamos ficar aqui mais uma noite e explorar um pouco mais amanhã ou continuamos para Devon?

Ele semicerrou os olhos, como que a dizer que lhe era indiferente o que acontecesse no dia seguinte, agora só queria dormir.

Daisy passou mais uma noite em Bristol, continuando no dia seguinte a explorar a cidade. Na quarta-feira de manhã cedo, partiu para a Cornualha, planeando dirigir-se imediatamente a Mawnan Smith e arranjar um sítio onde pernoitar antes de seguir para a casa de St. Mawes na quinta-feira.

Quando chegou a Bodmin começou a chover, mas nem o céu cinzento diminuiu para ela a beleza áspera da paisagem cônica. Ao aproximar-se de Truro, Daisy começou a sentir-se entusiasmada com a ideia de ver todos esses lugares Imortalizados por Daphne du Maurier. Tinha lido quase todos os livros da autora na adolescência e sentia que conhecia a Cornualha a partir dessas leituras, nunca se tendo apercebido na altura em que leu e adorou A Enseada do

Francês de que a mãe tinha nascido nas proximidades.

Pouco passava das duas horas quando finalmente entrou na aldeia de Mawnan Smith. Estacionou o carro junto a uma pequena enfiada de lojas, no centro da aldeia, ficando sentada por momentos a olhar para elas. Deviam ter sido construídas depois de ter nascido porque, apesar de feitas principalmente em pedra cómica, possuíam um estilo inconfundivelmente do fim dos anos sessenta e dos anos setenta. Onde ficaria a quinta do avô? Mrs. Peters ainda viveria aqui?

A estação dos correios parecia ser o melhor lugar onde pedir informações. Essa, pelo menos, tinha ar de ali estar há uns bons cinquenta anos.

- Mrs. Peters? - A mulher gorducha de meia-idade, com uma bata florida, sorriu radiosamente a Daisy. - Sim, ainda cá mora, embora o marido tenha falecido há alguns anos. A casa dela fica mesmo aqui à frente na rua, depois do pub, chama-se «Swallow's».

Fred estava desesperado para sair do carro e Daisy prendeu-o à trela e levou-o na direção da casa. Tinha parado de chover cerca de meia hora antes e o sol surgira de novo. Pensou em fazer apenas um reconhecimento e levá-lo depois a dar um curto passeio antes de voltar a metê-lo no carro.

Pressentiu qual era a casa chamada «Swallow's» ainda antes de se aproximar o suficiente para ver a placa no portão. Era o tipo de casa com que os londrinos sonhavam, pintada de branco, com pequenas janelas reticuladas, roseiras em redor da porta e um muro antigo a cercar o jardim submerso em aubrietia púrpura. Estava um rapaz a trabalhar no jardim. .

Quando chegou à casa, hesitou por momentos, sem saber se havia de continuar ou falar. Mas o homem encarregou-se do assunto; levantou-se, sorriu-lhe e disse olá.

Daisy retribuiu o sorriso. Ele tinha um ar simpático, provavelmente com trinta e poucos anos, cabelo louro escorrido e olhos muito azuis.

- Lindo cão - disse ele, debruçando-se sobre o muro para examinar melhor Fred. - Gosto muito dos terriers escoceses, são cães grandes num corpo pequeno, não são?

Fred pousou as patas no muro e bufou uma saudação.

- Acho que ele gostou da descrição - disse Daisy com um sorriso.

- Está cá de férias? - perguntou ele, parecendo muito interessado. - Nunca a vi por estes lados.

- Não, por sinal estou cá numa missão - disse ela. - Ando à procura de Mrs. Peters. Disseram-me nos correios que ela morava aqui

Ele sacudiu afirmativamente a cabeça. - É a minha avó. Entre, ela gosta sempre de receber

visitas.

- Não posso entrar com o Fred - disse Daisy, um pouco alarmada porque agora não tinha hipótese de se preparar. - Ia só levá-lo a passear antes de voltar a metê-lo no carro.

- Não, não faça isso. - O rapaz dirigiu-se ao portão e abriu-lho. - Somos os dois amigos de cães. O Fred não há-de querer ficar fechado num carro.

- Bem, se acha que sim - disse ela. - Sou Daisy Buchan.

- Tim Peters - disse ele, apertando-lhe a mão. - Porque é que quer falar com a minha avó?

Daisy engraçou com este homem simpático e bastante curioso. - É difícil responder. Julgo que a sua avó conhecia a minha mãe.

Ele levantou as sobrancelhas loiras e assomou-lhe aos olhos um brilharzinho. - Bem, essa é novidade. Normalmente as pessoas que querem falar com a minha avó sobre a história da aldeia têm para aí cento e dez anos. Vovó! - gritou ele, conduzindo Daisy para dentro de casa. - Está aqui uma pessoa para falar contigo.

Enquanto ele sacudia os sapatos dos pés no pequeno vestíbulo, Daisy esperou à porta da sala de estar. Como o exterior da casa, era muito bonita, com um teto baixo de vigas, uma lareira de pedra e mobiliário rústico. Através da porta de sacada, do outro lado da sala, ela viu uma senhora de idade com um ramo de flores na mão.

- Uma visita, Tim? - perguntou Mrs. Peters, estacando quando viu Daisy. - Oh, meu Deus - disse ela, sustendo a respiração. - Por um momento, pensei que fosse a Ellen.

Daisy sentiu-se percorrida por um arrepio de emoção. Ouvira vezes sem conta as pessoas comentarem a aparência de Lucy e Tom Com a mãe e sentira-se muitas vezes magoada por ser excluída. Sabia bem ver alguém reconhecer uma aparência familiar, apesar de saber muito pouco sobre essa família.

Daisy avançou a medo alguns passos em direção à mulher. - Sou filha dela, a Daisy - disse ela.

Mrs. Peters arregalou os olhos com o choque. - Minha querida! Mas que coisa absolutamente maravilhosa! - murmurou, incrédula. - Ai, tenho de me sentar, causaste-me cá um abalo. Tim não fiques aí especado, de boca aberta, vai fazer um chá.

Ellen tentou imaginar que idade teria Mrs. Peters. Devia ter, pelo menos, oitenta anos, talvez até mais, mas não aparentava um ar frágil, a pele era excelente e parecia de boa saúde.

- Posso saber quem era a Ellen? - perguntou Tim, dirigindo-se à avó e tirando-lhe das mãos o ramo de flores que ela tinha colhido. - Já sabes como eu sou, vovó, um curioso incorrigível.

- Ellen Pengelly - respondeu ela. - Da quinta de Beacon.

Daisy apercebeu-se da expressão de choque e perplexidade no rosto de Tim e do olhar incisivo que a senhora idosa lhe deitou, como que a avisá-lo para não dizer mais nada. Receosa de ser urna

visita inconveniente, por mais diplomática que Mrs. Peters se estivesse a mostrar, apressou-se a desculpar-se por aparecer inesperadamente com Fred e perguntou se seria melhor voltar noutra altura.

- Claro que não, querida - disse Mrs. Peters. - Estou encantada que tenhas vindo, estou apenas um pouco surpreendida, mais nada. Adoro cães, toda a vida os tive, e por favor trata-me por Mavis. Senta-te e conta-me como me descobriste.

Daisy explicou a morte da mãe e a viagem a Bristol para falar com a Dra. Fordham. - Bem - rematou -, a médica não fazia ideia do que era feito da Ellen mas conhecia-a a si e disse que achava que talvez me pudesse dar mais informações sobre ela.

- Posso contar-te muitas coisas sobre o passado - disse ela. - Mas não tenho notícias dela desde - Hesitou. - Enfim, desde o incêndio.

- Incêndio? - perguntou Daisy. - Que incêndio?

Mavis olhou para o neto corno que a pedir ajuda.

Tim aproximou-se de Daisy, inclinando-se para ela. - Sinto muito, Daisy. Não vai ser a melhor introdução à história da sua família. É que morreram todos no incêndio da quinta.

CAPÍTULO 17

Daisy olhou, horrorizada, de Tim para Mavis. - Não! - murmurou, ofegante.

- Não a Ellen - apressou-se Mavis a dizer, lançando outro olhar incisivo ao neto. - Mas o teu avô, a mulher dele e a tua tia Josie. A Ellen estava em Bristol quando aconteceu.

- Mas como? Quando? - Daisy gaguejou.

- Foi uma vez à noite, em Outubro de 78 - disse Tim. - Ninguém sabe ao certo como começou. Na altura, eu estava cá com a minha avó, pouco antes de ir para a universidade em Newcastle.

Ninguém se apercebeu de nada até à manhã seguinte e, por essa altura, já a quinta era um monte de pedras fumegantes. A casa ficava numa estrada muito sossegada, a que sobe da praia de Maenporth, imagino que foi por aí que veio hoje. A quinta de Beacon ficava numa depressão, escondida da estrada pelo arvoredor.

- Que horror - murmurou Daisy. - Mas como é que morreram todos? Não conseguiram escapar? - Podia não ter conhecido os seus parentes mas era horrível imaginar quem quer que fosse a morrer queimado.

Tim encolheu os ombros. - É bem possível que tivessem ficado asfixiados com o fumo do enchimento de espuma de um sofá. Por outro lado, estava uma noite ventosa, o que teria tornado as chamas ainda mais violentas. Quando os bombeiros chegaram, já não restava muito para salvar.

- É melhor tomarmos agora esse chá, Tim - disse Mavis severamente. Olhou de novo para Daisy. - Lamento muito, minha querida. Não nos devíamos ter precipitado a contar-te uma coisa tão horrível logo que chegaste.

Depois de Tim trazer o tabuleiro do chá e de servir uma chávena a cada uma, Daisy perguntou por Ellen.

- Deve ter sido terrível para ela.

- E foi. Transformou-a - disse Mavis, a sua voz tremendo ligeiramente. - Tínhamo-nos mantido em contacto desde que ela partiu da aldeia; ela escrevia ou telefonava pelo menos uma vez por mês e visitava-me sempre que vinha ver os pais. Mas ficou tão abalada quando a polícia a contactou em Bristol a dar a notícia que nem sequer foi capaz de vir ao funeral.

- Santo Deus - exclamou Daisy.

Tim debruçou-se na cadeira. - Quer ver onde ficava a quinta? - perguntou. - Não a quero arrancar à minha avó mas daqui a pouco anoitece e acho que devia visitá-la. Podíamos ir até lá a pé pelos campos com o Fred.

Mavis olhou para ele com gratidão. - É uma ótima ideia, Tim - disse ela. - Mas traz a Daisy

contigo para jantar. Por essa altura, já devo ter ordenado as ideias sobre tudo o que tenho para lhe contar sobre a Ellen e a família dela.

Nesse momento, Daisy apercebeu-se de que Mavis estava muito perturbada e claramente Tim queria dar-lhe tempo para se recompor. Não tinha a certeza se queria ver onde ficava a quinta mas, dadas as circunstâncias, achou melhor acompanhá-lo.

- Agradeço muito - disse ela. - Também preciso de arranjar um sítio onde passar a noite. Conhece alguma casa de hóspedes por aqui que não ponha objeções ao Fred?

- Podes ficar cá em casa - disse Mavis imediatamente. - Vá, não admito discussão - disse ela ao ver a boca de Daisy abrir-se para protestar. - Tenho um quarto de hóspedes e dar-nos-ias muito prazer se ficasses, não é assim, Tim?

- Claro que sim, Daisy - disse ele com um sorriso. - Além disso, têm as duas muito que conversar.

- A sua avó é um encanto de senhora - disse Daisy, metendo com Tim por um trilho que contornava a parte de trás da aldeia.

- Pois é, e muito sentimental - disse ele. - Peço desculpa se, no fundo, não queria ir à quinta neste momento mas percebi que a minha avó estava a ficar um tanto combalida. Foi sobretudo do choque com a sua chegada mas também por causa da Ellen. Percebi que precisava de a advertir a respeito de certas coisas que a podem perturbar ainda mais, mas sem ela saber.

Daisy levantou os olhos para ele, intrigada.

- É que a minha avó adorava a Ellen - continuou ele. - Em miúdo, não fazia ideia da ligação que havia entre elas, suponho que pensei que eram aparentadas. Mas, durante algum tempo, depois do incêndio, a minha avó andou muito em baixo e o meu avô disse que era o desgosto por causa da Ellen e explicou-me como eram chegadas. Fiquei um pouco confuso com o termo «desgosto» afinal a Ellen não tinha morrido no incêndio mas o meu avô disse que era porque a Ellen a tinha posto de parte e ela não conseguia compreender porquê.

- Posto de parte? Nunca mais lhe escreveu nem a visitou? - perguntou Daisy,

Tim indicou que não. - Foi mais ou menos o que se passou. Imediata e completamente. As cartas da minha avó à Ellen eram devolvidas com o carimbo «Mudou de casa». Só dois anos mais tarde é que a minha tia Isobel me falou do seu nascimento e do papel da minha avó nele. Nem a minha própria mãe sabia nada sobre o assunto.

- Tudo isso é estranhíssimo - disse Daisy pensativamente. - Mas deve ter havido uma boa razão para a Ellen cortar relações com ela.

- Oh, a minha avó há-de dar-lhe logo uma dezena delas. - Esboçou um sorriso irónico. - Dantes arranjava uma nova desculpa para a Ellen sempre que eu a visitava. Que ela precisava de refazer a vida sem nada que lhe lembrasse o passado. A sua infância desolada e até o empenho no trabalho. Mas nenhuma delas era realmente convincente, Daisy. Aqui entre nós, e sinto muito se isto a magoa, acho

que a Ellen era uma safada egoísta.

Daisy ficou chocada com a virulência das palavras. - Bem, falou com muita clareza.

Ele corou intensamente. - 6 diabo, já falei de mais - disse ele, baixando a cabeça. - Mas a minha avó é uma das mulheres mais bondosas e generosas do mundo. Não faz pressão sobre ninguém, apenas se preocupa. A Ellen devia saber isso, sinto muito se não sou capaz de a desculpar.

Daisy achou que era uma explicação perfeitamente razoável para a sua brusquidão. - Passa muito tempo com a sua avó? - perguntou ela.

- Sempre que posso - respondeu ele. - Dou aulas num colégio interno perto de Exeter e, por isso, passo normalmente as férias com ela. Mas, em miúdo, estava sempre aqui. A minha mãe era uma mulher de carreira e deixava-me quase sempre com a minha avó nas férias.

- Chegou a conhecer pessoalmente a Ellen? - perguntou ela.

- Sim, nas várias ocasiões em que visitou a minha avó quando eu lá estava. Lembro-me que era muito simpática, fazia-me perguntas sobre a escola e essas coisas, mas não posso dizer que me tenha impressionado muito. Sabe como são os miúdos, não ligam muito aos adultos a não ser que eles lhes deem dinheiro ou tenham comportamentos estranhos. Mas reparei na sua tia Josie, apesar de só ter estado com ela uma vez.

- Ela deu-lhe dinheiro ou teve algum comportamento estranho? - disse Daisy, sorrindo. Havia algo de cativante na franqueza de Tim.

- Não - disse ele, rindo -, mas dirigia-me galanteios que me deixavam abanado; afinal de contas, eu era um adolescente de dezoito anos borbulento e ela era lindíssima e famosa.

- Famosa! - exclamou Daisy, estacando subitamente. - Famosa por quê?

Tim olhou para ela, consternado. - Não sabe quem ela era?

Daisy sacudiu negativamente a cabeça. - Até hoje a única coisa que sabia era que havia uma irmã mais nova chamada Josie. Agora, ao que parece, ela morreu no incêndio. Por que razão é que ela era famosa?

- Era a Jojo, a modelo!

Daisy franziu a testa. O nome era vagamente familiar, como se pudesse tê-lo ouvido na rádio ou lido numa revista, mas nada mais.

- Mesmo que tivesse ouvido falar dela, como é que podia saber que era minha tia? Se morreu em 78, eu só tinha catorze anos.

Ele pôs um ar embaraçado. - Claro que não podia. Estupidez a minha. Suponho que pensei que a médica em Bristol lhe tivesse falado dela.

- Não, não me disse nada - disse ela.

- Era tão conhecida como a Twiggy e a Jean Shrimpton nos finais dos anos sessenta e no princípio dos anos setenta - disse ele. - Está a ver, um desses rostos dos anos sessenta.

- Ai sim? - exclamou Daisy. A história estava a cobrir-se de laivos bizarros.

- Eu era demasiado novo para me interessar quando ela estava no apogeu da fama - disse ele, com um sorriso. - Só comecei a apurar os ouvidos quando tinha uns catorze anos e por essa altura já ela estava em declínio, andava com estrelas rock, consumia drogas e tinha, no geral, um comportamento muito desregrado. Claro que isso era fascinante para um rapaz isolado num internato, sobretudo quando ela era da mesma aldeia da minha avó.

«Costumava absorver todas as informações que apareciam nos jornais sobre ela. Havia fotografias dela em todo o lado quando estava no auge da fama. Está a ver o género? Minissaia reduzidíssima, toda olhos e decotes fundos. Eu próprio quase me tornei uma celebridade por ter uma vaga ligação com ela. Mas só na véspera do incêndio é que a conheci pessoalmente. Estava nos correios e falou comigo.»

Daisy esboçou um leve sorriso, imaginando um bando de adolescentes a babar-se com esse tipo de imagens. - Sinto-me completamente à deriva - admitiu ela. - Primeiro o choque do incêndio e agora isto. Não admira que a sua avó tenha dito que tínhamos muito que conversar.

Tim não respondeu imediatamente, pegando num pau e arremessando-o para Fred o ir buscar. - Falar com ela sobre a Ellen é como caminhar em terreno minado, uma palavra crítica e fica toda abespinhada. Mas também é capaz de brincar a respeito da Josie. Sob muitos aspetos, é uma velha tão moderna mas algumas das coisas que constava que a Josie tinha feito eram demasiado chocantes para ela.

- É pena. - Daisy sorriu. - Parece-me uma pessoa fascinante.

- Concorde. - Solto uma gargalhada. - A minha vaga ligação e um encontro com ela valeram-me muitos jantares. Desconfio que a minha avó sabe muito mais do que se passava com toda a família Pengelly do que alguma vez me contou. Às vezes é muito renitente sobretudo quando as coisas lhe foram contadas confidencialmente. Mas uma coisa sei, a madrasta da Ellen, a Violet, era muito má com a Ellen quando ela era pequena, ao passo que adorava a Josie. Sei também que o Albert e a Violet passavam a maior parte do tempo a discutir. Por conseguinte, tirei algumas conclusões pessoais.

- Que são? - perguntou Daisy.

- Que a minha avó pode ter sido cega aos defeitos da Ellen porque gostava muito dela. Talvez ela só se tivesse prendido à minha avó porque precisava de uma figura maternal e depois de receber o dinheiro achou que já não precisava dela.

Daisy franziu a testa. - Agora fiquei baralhada - disse ela. - Que dinheiro?

- A herança depois do incêndio. Herdou os terrenos onde estava a quinta. Vendeu-os a um grupo hoteleiro e ganhou uma fortuna.

«Esta história está a ficar cada vez mais bizarra», pensou Daisy. «Na viagem de Bristol, vim a imaginar a Ellen como uma rapariga doce e meiga, talvez até uma mártir resignada. Agora parece estar a transformar-se numa caça-fortunas egoísta e insensível!»

- Sinto muito, estou a pôr o carro à frente dos bois, esquecendo que não conhece a história da família - admitiu Tim. - Como o meu interesse começou depois do incêndio, tive de recuar no tempo para descobrir o resto. O que eu e a minha avó devíamos fazer era explicar-lhe toda a história da família, desde o princípio até ao fim, e depois pode tirar as suas próprias conclusões. É que não me parece que possa formar uma verdadeira imagem da Ellen sem primeiro considerar a família na sua globalidade ou sem conhecer a hostilidade entre o Albert e a Violet e as disputas entre eles por causa do valor da quinta. Na minha opinião, foi isso que forjou o carácter da Ellen, juntamente com o que lhe aconteceu, e também a celebridade da Josie.

- Compreendo - disse Daisy, apesar de não compreender.

Talvez Tim se tivesse apercebido da sua confusão porque se riu. A minha avó disse uma vez que não sabia como lhe havia de explicar tudo se alguma vez aparecesse. Claro, nunca imaginou que aparecesse mesmo. Depois, eis que a Daisy aparece pela rua fora com o seu cão e de repente é real e possivelmente muito penoso.

Em seguida, Daisy ficou ainda mais espantada com a história de Clare, uma rapariga da sociedade, que se tinha casado com Albert e ido viver para a quinta, e da morte dela ao lançar-se dos penhascos com um bebé nos braços.

- A minha avó fez uma coisa dessas? - exclamou Daisy. - Ora, está a inventar.

- Não estou nada - disse ele firmemente. - É exatamente por isso que digo que a história da família é muito importante.

Continuou, explicando que nunca ninguém soube ao certo se tinha sido acidente ou suicídio e contou-lhe como Violet tinha entrado em cena, casado com Albert e dado Josie à luz. - As raparigas faziam uma diferença de dois anos e meio e eram quase como gémeas, com o mesmo cabelo que a Daisy. A Ellen só descobriu que não eram irmãs verdadeiras e que a Violet não era a mãe biológica dela quando alguém na aldeia se descaiu.

- Compreendo o que quer dizer - disse Daisy, recordando o momento em que Lucy lhe disse que ela era uma parasita. Era adulta e sabia perfeitamente que era filha adotiva mas, mesmo assim, tinha-a magoado. - Como era a Violet? Era o tipo de pessoa capaz de explicar com meiguice?

Tim soltou uma gargalhada forçada. - Nem pensar. Costumava vê-la quando ia à enseada. Sempre pensei que era uma bruxa. A Ellen disse à minha avó que a Violet lhe passou uma descompostura por ficar perturbada com o assunto. Não me parece que encontre uma única pessoa que fale bem dela. A minha avó esforçou-se por descobrir alguma faceta positiva nela, mas até ela falhou.

Quando chegaram a uns degraus que davam novamente para a estrada por onde Daisy tinha conduzido nesse dia, Tim frisou que, embora houvesse agora casas ao longo do caminho, a maioria só tinha sido construída nos últimos vinte anos.

- A Ellen e a Josie devem ter-se sentido muito isoladas - disse ele, pensativo. - Sem televisão e sem telefone, acho mesmo que só tiveram eletricidade quando já eram adolescentes. Perdidas num ermo, com pais que nunca paravam de discutir.

Uma pequena caminhada na estrada, a partir dos degraus, levou-os a um caminho ladeado de árvores com um letreiro muito elegante em letras douradas que indicava o Rosemullion Hotel.

Um muro baixo separava os jardins do talude ervado na berma da estrada e, através dos arbustos densos, Daisy teve um vislumbre de relvados impecáveis. - Não é ali, pois não? - perguntou ela, estacando.

- É, mas não tem nada a ver com a quinta de Beacon. - Tim riu. - Se bem me lembro, havia uma vedação partida por ali, debaixo dos arbustos, e o caminho para a quinta não passava de um trilho lamacento e cheio de buracos.

Daisy estava a olhar para a casa, assombrada.

- Tente não ver o letreiro, os relvados e o caminho alcatroado. Sorriu. - Vou tentar dar-lhe uma ideia de como era a velha quinta para a Ellen e para a Josie, levando-a através da mata.

Assobiando a Fred, deu o braço a Daisy e conduziu-a até a um trilho um pouco mais atrás onde uma tabuleta indicava o caminho para a praia. Estava praticamente escondido por densos arbustos de cada lado. - Era por aqui que eu costumava vir nadar na enseada com o meu avô - disse ele. - Não está assim muito diferente agora, tirando o facto de terem posto cascalho nas partes mais enlameadas.

Daisy ficou encantada com a forma como as árvores formavam uma abóbada por cima deles. De cada lado ao trilho íngreme, havia um tapete de celidónias amarelas, anémonas e campainhas quase em flor. Parecia não ter fim mas o arvoredado acabou por diminuir e ela avistou o mar através dos campos.

- Toda a terra dos dois lados e até ao mar pertencia ao Albert e ao pai e ao avô antes dele - explicou Tim. - Mas, pelo que dizem as pessoas, era muito dura de cultivar e ele recusou-se a transformar uma parte num parque de campismo ou de caravanas que lhe teria valido rendimentos suplementares. - Deteve-se de repente quando a fachada do hotel surgiu à vista do lado esquerdo.

Se Daisy não soubesse que só tinha sido construído nos últimos doze anos, era capaz de ter acreditado que estivera sempre ali porque o estilo era o de uma casa rural antiga, com janelas de guilhotina, degraus largos até às enormes portas de entrada e um alpendre de pedra coberto de glicínias.

- Tente esquecer essa imagem - disse Tim com um largo gesto. - Substitua-a por uma casa de pedra baixa e decrépita, com partes acrescentadas ao acaso ao longo dos anos. Nem sequer estava virada para o mesmo lado. As traseiras davam para a mata e a porta da frente para o mar. Aliás, o hotel nem sequer está no mesmo sítio da casa antiga, essa ficava por baixo do que é agora o caminho de acesso. Quando os hóspedes se sentam nas salas de jantar e de estar, a admirar a vista da enseada, estão no local onde ficava antigamente o jardim da frente. Este tinha um relvado pelado, algumas árvores de fruto e uma vedação de madeira dilapidada. Depois havia, claro, vários anexos de madeira e um celeiro à direita.

Daisy assentiu com a cabeça. Como a fotografia que tinha de Ellen e Josie em meninas mostrava parte da casa e uma das árvores de fruto atrás, podia elaborar uma imagem mental. Mas esta elegante construção, com os seus relvados bem tratados e canteiros cuidadosamente plantados, estava a sobrepor-se a esse quadro de miséria rural.

- Bem, suponho que quanto mais não seja consigo impressionar quando espalhar que isto já foi a casa do meu avô - disse ela com um sorriso.

- Vamos até à enseada - sugeriu ele, assobiando novamente a Fred, que estava a esgaravatar na mata. - Aí, pelo menos, não há mudanças, a não ser um caminho decente que o National Trust construiu ao longo dos penhascos.

Quando deixaram para trás os jardins bem arrançados do hotel, Daisy não teve dificuldade em imaginar por que razão o avô não tinha querido vender a propriedade. Era simplesmente de uma beleza de cortar a respiração. O riacho em cascata, a mistura de urze e flores silvestres, as ervas exuberantes e os pedregulhos escarpados excediam em muito as capacidades de qualquer arquiteto paisagista.

Nos campos inclinados de cada lado, andavam alguns póneis robustos e algumas cabras, presumivelmente onde Albert guardava as vacas e as ovelhas, mas Daisy duvidava que muito mais tivesse mudado. Em baixo, na pequena enseada, quase conseguia visualizar duas pequenas cabeças ruivas e desalinhas, com fatos-de-banho de malha, a apanhar caranguejos nas poças, e tudo lhe pareceu tão familiar como se tivesse recebido a memória deste lugar no útero da mãe.

- Quando era pequeno, desejava que o meu avô fosse dono da quinta - admitiu Tim, arremessando seixos para o mar. - Era a minha ideia do lugar mais perfeito do mundo para viver.

Daisy ficou a olhar à sua volta, assombrada. Era ainda demasiado cedo no ano para os turistas aparecerem e a paz e tranquilidade absolutas, sem nada senão o som das ondas e os gritos das gaivotas, causaram-lhe um nó na garganta.

- E, mesmo assim, a Ellen engravidou e fugiu para Bristol e a Josie tornou-se modelo e também partiu - disse ela com um suspiro. - No meu caso, acho que nunca teria saído daqui.

- A Josie também fugiu quando só tinha quinze anos - disse Tim. - Mas nós olhamos para este lugar de sonho de uma perspetiva diferente da delas. Sabemos como são as grandes cidades, não somos crianças privadas de companhia e luxos. Era a Ellen que amava este sítio e, no entanto, quando o herdou, a primeira coisa que fez foi vendê-lo.

Novamente em «Swallow's», muito mais tarde, com um fogo a arder porque arrefecera depois de o sol se pôr, Mavis contou a Daisy como travou conhecimento com Ellen e como era a vida doméstica da rapariga. Daisy ouviu, extasiada, o relato das condições básicas na quinta e ficou a conhecer o' difícil e pouco comunicativo Albert e Violet, a madrastra severa e desmazelada.

Depois de descrever o quadro de fundo, relatou em seguida a Daisy o seu papel na partida de Ellen para Bristol para ter a criança.

- Nunca fui capaz de perceber se lhe dei o conselho certo ou não - disse ela, com um suspiro. -

Talvez devesse tê-la encorajado a falar de ti ao pai.

- Não me parece que tivesse sido a melhor solução - disse Daisy, pensativa. - E uma coisa é certa, tive uma infância melhor do que a Ellen me podia ter proporcionado.

- Mas ela nunca se refez de te ter dado para adoção - disse Mavis, verdadeiramente emocionada. - Construiu uma vida boa, trabalhava duramente, tinha bons amigos, afirmava que tinha esquecido o passado, mas eu sentia a tristeza em que vivia. Tinha esperança que ela conhecesse um rapaz simpático, que se casasse e tivesse mais filhos, mas ela respondia que o seu destino era ajudar outras crianças que precisavam verdadeiramente dela. E era sincera, era absolutamente dedicada ao trabalho, não se preocupava sequer com a sua aparência.

Mavis abanou a cabeça como se ainda não compreendesse. - por vezes, quando vinha visitar-me, eu implorava-lhe que soltasse aquele lindo cabelo, que se maquilhasse um pouco e comprasse roupa bonita. Mas ela ria-se e dizia que deixava essas coisas com a Josie, que dava nas vistas pelas duas.

- Essa tristeza era só resultado de me ter dado para adoção ou também se sentia muito magoada com o meu pai? - perguntou Daisy. - Sabe alguma coisa sobre ele?

- Sei, minha querida. - Mavis calou-se, olhando nervosamente para Tim. Daisy deduziu que era uma informação que nem a ele tinha confidenciado e que não sabia bem se devia partilhar agora.

- Diga-me - pediu-lhe Daisy. - São águas passadas agora e tenho a certeza que ela não se importa que eu ou o Tim saibamos. Era um homem casado? Foi por isso que ela não pôde contar a ninguém?

- Não, não era casado, pelo menos que a Ellen soubesse. Era só a profissão que tinha e o facto de ter desaparecido sem lhe dar uma satisfação. Trabalhava num circo.

Daisy arregalou os olhos, chocada, e depois desatou a rir. - A sério? Não me diga que era palhaço, se era nunca mais na vida vou ter sossego.

Tim riu-se e a avó repreendeu-o. - Não, não era palhaço. Era trapezista.

- Mas isso é fabuloso - disse Daisy, deliciada. - Não está a brincar comigo, pois não?

- Claro que não. Mas, embora a ti te possa parecer fabuloso, para o Albert teria sido tão mau como dar-se com o próprio Satanás. Tudo isso agora é irrelevante porque o circo partiu sem ele se despedir, ainda antes de a Ellen saber que estava grávida.

- Oh, sim, claro, compreendo onde quer chegar - disse Daisy reflexivamente, consciente de súbito de como teria sido terrível para uma rapariga nova.

- Por sinal, era um dos artistas de cartaz desse circo - disse Mavis. - Hoje em dia, seria provavelmente uma espécie de celebridade mas nesse tempo as pessoas não tinham essa opinião dos artistas de circo.

- Mas explica algo sobre mim - disse Daisy. - Sou uma ginasta excelente, em tempos cheguei

mesmo a ser uma menina-prodígio, ganhei prêmios e tudo isso. É bom saber de onde veio.

- Parece ter muito orgulho nisso - disse Tim, a rir.

- E tenho - admitiu ela, sorrindo radiosamente. - Era o meu único talento e sempre achei extraordinário que isso acontecesse numa família onde mais ninguém era sequer capaz de fazer o pino.

- Vês, vovó, já não precisas de te preocupar - disse Tim, com humor, olhando contudentemente para a avó. - O teu segredo mais bem guardado fez a Daisy feliz.

- Não digas parvoíces, Tim - disse Mavis, exaltada. - Só fiz segredo disto porque a Ellen me pediu. Nunca vi nada de vergonhoso no facto.

- Podia ter sido muito pior, ele podia ser um caçador de ratos - disse Daisy, sorrindo. - Mas gostava que ele tivesse voltado para a Ellen, teria sido muito romântico.

- Nunca achei que ela sentisse vergonha por tê-lo amado. Só mágoa por ele a ter enganado quando disse que também a amava disse Mavis.

- Eu própria já me apaixonei por homens completamente imbecis - admitiu Daisy -, compreendo isso muito bem.

Durante uma refeição de empadão de carne e rim, seguida de uma deliciosa mousse de chocolate, Mavis contou a Daisy tudo o que sabia sobre os Pengelly, muito mais circunstanciadamente do que Tim. Tinha talento para contar histórias, recheando-as de pormenores, e depois de ter visto onde a quinta de Beacon se situara, Daisy podia agora visualizar todos os personagens e cenários.

- Que acha que aconteceu à Clare? - perguntou. Calculou que, se esta sua avó fosse viva, ainda seria mais velha do que Mavis. - Na sua opinião, foi suicídio ou acidente?

- Só podia ter sido suicídio - disse Mavis. - Se tivesse ido para lá, com o bebé ao colo, teria tido ainda mais cuidado para não se aproximar da beira do penhasco. Acho que deve ter sido depressão pós-parto. Claro que, nesse tempo, ninguém sabia nada sobre essas coisas, dizia-se que eram «problemas de nervos». Pelo que toda a gente diz, a Clare era uma jovem com um temperamento artístico e extremamente nervosa.

Mavis calou-se, parecendo refletir.

- Suponho que se casou com o Albert no calor da paixão, uma rapariga tão bem-nascida deve tê-lo achado incrivelmente romântico. Ele também era um homem atraente quando era novo, segundo consta. Mas dois bebés em tão pouco tempo, em condições básicas a que não estava habituada, devem ter sido de mais para ela.

Daisy refletiu sobre estas palavras por alguns momentos. Não admira que eu nunca tenha sido exatamente normal - disse ela, com um meio sorriso. - Homens soturnos e difíceis, mulheres loucas, trapezistas, mas que história familiar!

- A tua mãe era uma das melhores pessoas que alguma vez conheci - disse Mavis bruscamente. - Era extremamente inteligente, bondosa e trabalhadora. O seu único defeito era tentar sempre satisfazer os outros. Nunca ela própria.

- Mas mudou quando recebeu todo esse dinheiro, não mudou? - retorquiu Daisy, esquecendo-se de que não devia dizer nada de desagradável. - Não quis nada com a quinta nem com os velhos amigos.

Mavis olhou acusadoramente para Tim. - Não devias ter posto as coisas assim - disse ela, indignada. - Já sabes que eu não acredito que tenha sido por causa do dinheiro que ela tenha deixado de me contactar. Penso sinceramente que deve ter tido um esgotamento nervoso ou coisa do género, qualquer pessoa sensível teria depois de passar por uma tragédia daquelas.

- Tem certamente razão, afinal conhecia-a melhor do que qualquer outra pessoa - apressou-se Daisy a dizer, envergonhada por ter magoado uma mulher tão bondosa e leal. - Talvez ela volte a contactá-la um dia. Espero que sim. Mas fale-me agora da Josie.

Tirou da carteira a fotografia das duas raparigas e mostrou-a a Mavis. - A Ellen mandou isto à minha mãe quando eu tinha seis ou sete anos - disse ela. - Só quero compreender a importância dela. Porque é que não mandou uma fotografia recente? Devia ter um significado especial para ela, é algo que eu sinto. É por isso que também quero saber como era a Josie.

- A Ellen adorava a Josie, eram grandes amigas, além de irmãs disse Mavis por fim. - Essa fotografia foi tirada pouco antes de a Ellen saber que a Violet não era a verdadeira mãe dela.

Daisy escutou atentamente Mavis enquanto ela contava a história de Ellen sobre as revelações no recreio da escola, como Violet tinha sido cruel com ela a esse respeito e os seus sentimentos subsequentes de que nada voltaria a ser como antes.

- Na minha opinião, essa foto representava a verdadeira felicidade para Ellen, tudo o que aconteceu depois foi contaminado pela mágoa. Todos nós temos dezenas de fotografias de momentos felizes mas essa era a única que ela tinha. E por isso quis que ficasses com ela.

- Compreendo - disse Daisy, sentindo os olhos vidrarem-se de lágrimas. - Mas fale-me da Josie, por favor. Tenho a certeza que deve ter sido muito importante para a Ellen e, se alguma vez a conhecer, há-de ajudar-me se já souber alguma coisa sobre ela.

- Suponho que a primeira coisa importante a saber sobre a Josie foi que fugiu de casa e causou um profundo desgosto à família - disse Mavis. - Partiu pouco depois de fazer quinze anos, em Julho, dois meses depois de nasceres, quando a Ellen estava com uma profunda depressão. Todos nós na aldeia soubemos imediatamente porque o Albert ligou para a polícia do pub, quando a Josie não apareceu em casa depois de um fim-de-semana em Falmouth, Ligou também para a Ellen em Bristol, a saber se ela teria ido para lá.

- Quanto tempo passou até saberem onde ela estava?

- Aparentemente, ela mandou um postal alguns dias mais tarde a dizer que estava em Londres. Mandou outros, depois, a dizer que tinha um quarto e um emprego, mas não indicou nenhuma

morada. Imaginas com certeza como isso deixou a família.

- Os meus pais teriam ficado abalados. - Daisy abanou tristemente a cabeça.

- O Albert e a Violet também ficaram. Aqui na aldeia, quase todos esperámos que se seguisse mais tragédia ... afinal a Josie era tudo para a Violet. Mas a Ellen, quando cá veio, disse-me que isso parecia estar a aproximar a Violet e o Albert, o que lhe transmitia algum consolo.

- Então a Ellen veio cá nessa altura? - perguntou Daisy.

- Só por uma semana, o que foi uma das coisas mais corajosas que fez. Depois de tudo por que tinha passado, a última coisa que queria era que a Violet a culpasse da fuga da Josie mas achou que tinha de confortar os pais. A Ellen era assim, Daisy, pensava sempre nos outros primeiro.

Mavis fez uma pausa, limpando os olhos húmidos.

- Não sei como ela conseguiu sobreviver a essa visita sem que eles se apercebessem de que também lhe tinha acontecido uma coisa terrível. Vinha visitar-me e desfazia-se em lágrimas comigo. Falava-me de ti e da Josie. Dizia que compreendia muito bem porque é que a Josie não queria que os pais soubessem onde estava mas sentia-se profundamente magoada com ela por não lhe ter telefonado para Bristol antes de ter partido, a contar-lhe o que tencionava fazer e a perguntar se ela tinha tido a criança e se era menino ou menina.

Daisy pensou na sua própria relação com Lucy. - As irmãs podem ser cruéis e insensíveis - disse ela.

- Eu sei, mas durante a infância aquelas duas raparigas eram tudo uma para a outra - disse Mavis. - A Ellen tinha-se aberto com a Josie quando descobriu que estava grávida; além de mim, a Josie era a única pessoa que conhecia a verdadeira razão da partida de Ellen para Bristol. Por isso, podes imaginar como ela se sentiu ferida por a Josie não lhe confiar o seu segredo e não parecer recordar-se de que a Ellen também precisava de apoio.

- Quando é que descobriram então o paradeiro da Josie? - perguntou Daisy.

- Durante muito tempo não descobriram, se bem me lembro, passou mais de um ano. Mas, por volta do Natal do ano em que nasceste, foi publicada uma notícia num dos tabloides sobre uma rapariga fugida de casa, fotografada na estação de Paddington. Era a Josie.

Mavis levantou-se e dirigiu-se a uma escrivaninha, tirando uma pasta de cartolina de uma gaveta. - É melhor seres tu a ler - disse ela. - Depois compreenderás com certeza como nos sentimos.

Daisy abriu a pasta e susteve a respiração ao ver o cabeçalho «Fugitiva» e a comovente fotografia em baixo de uma rapariga que parecia ter pouco mais de doze anos, com o cabelo atado em totós, a cara lavada em lágrimas e agarrada à mala, cheia de medo.

- Não passou de uma vigarice - disse Tim enquanto ela lia sobre Mark Kinsale, o fotógrafo que captou a imagem. - Pelo que a Ellen disse à minha avó muito mais tarde, esse indivíduo, o Kinsale, já então fazia planos para publicar um artigo de fundo, tipo Cinderela, sobre ela.

- Mas o Albert e a Violet só viram isto e pensaram que era a sério? - perguntou Daisy, incrédula. - Que horror! Deve ter sido terrível para eles.

Mavis assentiu. - Foi, foi absolutamente devastador. Toda a aldeia viu o jornal e as pessoas ficaram assustadas pela Josie. Vais ver que o artigo é só sobre raparigas novas que desaparecem em redes de vício e coisas assim. A Violet quase perdeu a cabeça. Para agravar a situação, publicaram toda uma série de artigos macabros sobre jovens fugidos de casa e essa fotografia da Josie aparecia todas as semanas. Passaram quatro semanas até anunciarem que a tinham encontrado. Continua a folhear que chegas lá.

Daisy estremeceu quando chegou à página com o cabeçalho «Encontrada».

Nesta fotografia, Josie estava com um ar bastante mais adulto e experiente, com uma camisa de homem sobre roupa interior reduzida. A jornalista dizia que tinha recebido uma informação de que Josie estava a trabalhar num pretenso «clube de fotógrafos», onde os homens pagavam à hora para tirar fotografias de jovens modelos. Dizia que invariavelmente os homens não tinham rolo nas máquinas e as raparigas eram ludibriadas para «fazer poses sofisticadas» que raiavam muitas vezes o pornográfico.

Depois, Mark Kinsale foi alertado e visitou- o «clube», tendo captado esta imagem de Josie. O artigo terminava com um texto emotivo sobre a inocência e a beleza dela e como Kinsale pensava que ela possuía talento para se tornar um verdadeiro manequim se lhe fosse dada a oportunidade.

- Salta aos olhos que é tudo cozinhado - disse Daisy, olhando para Tim e Mavis. - Mas imagino que para o Albert e a Violet não saltasse. Era verdade que ela estava à beira de ser desencaminhada para o vício ou era só publicidade?

- Acho que o jornal soube sempre que ela estava a trabalhar nesse sítio, mesmo antes de publicarem a primeira foto. Queriam lá saber que ela corresse perigo - disse Mavis, zangada. - O Albert e a Violet foram a Londres falar com eles, imploraram ao editor do jornal que lhes dissesse onde a Josie estava a viver, mas mandaram-nos embora e aconselharam-nos a não se meterem no assunto. Foi criminoso. Se tivessem feito isso a uma filha minha, acho que os tinha matado.

- Se uma pessoa conseguir distanciar-se da infelicidade que esse jornal causou aos Pengelly - disse Tim -, foi uma vigarice bastante inteligente para lançar a Josie. Durante as quatro semanas em que publicaram a história, captaram a atenção de todos os pais em Inglaterra, denunciando os perigos em que os jovens que fogem de casa podem cair e fazendo-os querer desesperadamente que ela fosse encontrada sã e salva.

«Depois, quando revelaram onde ela estava, espremeram ainda mais o coração das pessoas. Deturparam citações do Albert para o caracterizar como um bruto cruel, a mãe como um monstro e a quinta como um vespeiro. Foi tudo para preparar o terreno para quando a Josie fosse lançada como Jojo, a modelo, a rapariguinha perdida com uma infância trágica.»

Daisy começou a folhear os recortes. Percebeu exatamente o que Tim queria dizer. A casa de lavoura fotografada no pico do Inverno tinha um aspeto francamente desolador e básico. Violet tinha sido apanhada, gorda e desmazelada, com galochas e um avental sujo, a dar de comer às galinhas. Quanto a Albert, parecia um cigano velho, com cabelo comprido e desgrenhado, a brandir um pau ao

fotógrafo. Pensou que, se uma história destas fosse publicada hoje, também teria chorado como uma Madalena.

- Custa a crer que uma rapariga tão bonita tivesse pais com um aspeto tão horrível - disse ela, olhando para Mavis e Tim. - Para ser franca, não mostrava esta do meu avô a ninguém.

Mavis emitiu um pequeno ruído de reprovação mas Tim sorriu. - É pena não termos uma do seu pai no trapézio.

Contudo, continuando a ver fotografias de Josie, Daisy não pôde deixar de sentir uma certa admiração relutante por Kinsale. Pondo de lado os motivos algo sinistros dele, era claro que se tinha dedicado arduamente a Josie, transformando-a, aos poucos, de criança abandonada na estação numa verdadeira boneca sofisticada. Podia não ser ético mas a indústria cinematográfica e o mundo da música pop estavam cheios de pessoas sem talento que tinham sido guindadas ao estrelato através de golpes publicitários. Não se importava nada que alguém fizesse o mesmo com ela.

Um artigo, em particular, divertiu-a. Josie tinha sido levada a Carnaby Street para comprar roupa nova e foi fotografada com indumentárias diferentes, incluindo um minicasaco de pele de raposa e botas altas justas.

Era tudo muito anos sessenta, com citações de Josie Como. «Uau, isto é bestial», «Sinto-me porreira» e «Até Custa a crer que ainda há poucos meses estava a ordenhar vacas.»

- Nessa altura, deixei de colecionar recortes - disse Mavis quando Daisy terminou. - Não suportava olhar para ela, sabendo o que tinha feito aos pais. Claro que a vida dela em casa não era idílica mas também não era um inferno. Todos vimos como o Albert ficou afectado e se tornou ainda mais um recluso, bebendo em casa, coisa que nunca tinha feito até aí. Quanto à Violet, vinha muitas vezes para aqui, para esta mesma sala, e soluçava convulsivamente. Não simpatizava nada com a mulher mas sei que era louca pela filha.

- A Josie sabia? - perguntou Daisy. - Quero dizer, tendo apenas quinze anos, era suficientemente madura para saber o que o jornal estava a fazer aos pais?

- A Ellen sempre disse que não mas era capaz de ser muito ingénua no que dizia respeito à Josie. Se sabia ou não, não é desculpa para se ter escondido em Londres e não dizer aos pais onde estava. Nem para a maneira como os tratou mais tarde.

- Acabou por cá voltar? - perguntou Daisy.

- Só muito mais tarde. Víamos a cara dela em todas as revistas e jornais. Anúncios a champôs, a vestidos de noiva, a fatos-de-banho, tudo. Era muito bonita. Mas, no fundo, ninguém aqui sentia orgulho por ela ser uma rapariga da terra, sentíamos muita pena do Albert e da Violet.

- Mas é óbvio que deve ter feito as pazes com eles senão não teria morrido no incêndio. Quando é que isso foi? - quis saber Daisy.

- Não sei se se pode dizer que fizeram verdadeiramente as pazes - disse Mavis pensativa. - De tempos a tempos, ela aparecia por cá a pavonear-se. Mas normalmente conseguia sempre irritá-los

porque escarnecia terrivelmente da quinta e da vida rural.

- E também se meteu na droga? - disse Daisy. - Quando é que começou?

- Praticamente quando começou a trabalhar como modelo - disse Tim. - Enfim, era uma época em que toda a gente experimentava drogas, não era? A julgar pela quantidade de fotografias dela, esse tipo, o Kinsale, também devia submetê-la a um ritmo de trabalho diabólico. Mas ela só descambou mesmo quando se separou do Kinsale. Foi então que pareceu desintegrar-se.

- Ele era amante dela? - Daisy vira uma fotografia dele, num dos recortes, e achou que tinha mau aspeto, lembrando uma dessas estrelas rock senis dos anos sessenta, de rabo-de-cavalo e camisa de folhos.

- Acho que foi desde o princípio - disse Mavis. - E, para cúmulo, tinha idade para ser pai dela! Mas não me compete a mim julgar. A Violet encontrou-se com ele uma vez, foi visitar a Josie quando ela apanhou uma gripe. Passou alguns dias no apartamento dela em Chelsea e depois ele apareceu e pô-la na rua.

Daisy levantou as sobrancelhas.

- Enfim, a Violet disse que foi ele que a pôs na rua, mas sempre desconfiei que foi a Josie - disse Mavis gravemente. - Foi numa altura em que ela já era terrivelmente famosa. Hoje estava em Nova Iorque, amanhã no Sul de França. Sempre pelo braço do Kinsale. Depois de se separarem, ele continuou a ser o fotógrafo dela, o que significava, imagino eu, que continuava a ganhar rios de dinheiro com ela mas já não eram, como se diz hoje em dia, um «par». Pouco depois, ela começou a andar com músicos rock e atores, era falada nas colunas sociais quase todos os dias.

- Como era a relação da Ellen com ela durante esse tempo? perguntou Daisy. Custava-lhe imaginar uma modelo famosa a querer passar muito tempo com uma rapariga sossegada como a Ellen, que trabalhava com crianças deficientes, mesmo sendo sua irmã.

- O apartamento da Ellen em Bristol era o refúgio dela disse Mavis. - Aparecia lá sempre que precisava dela. Mas foi só quando a Josie começou realmente a degradar-se que se tornou um hábito. Acho que a Ellen lhe dava dinheiro e se esforçava seriamente por endireitá-la. Mas nada resultou. A Ellen disse-me que a Josie chorava e prometia emendar-se e que partia resoluta para Londres mas, poucas semanas depois, estava outra vez a tomar drogas, com mais intensidade que antes.

- Então que lhe aconteceu nos anos depois de a carreira dela ter acabado e antes de morrer? - perguntou Daisy.

De súbito, Mavis levantou-se e dirigiu-se à cozinha. Daisy percebeu claramente que era um assunto que ela não queria discutir.

- Pornografia - sussurrou Tim. - É de mais para a minha avó. Não lhe faça perguntas sobre isso. Depois de a Josie morrer, foi quando eu comecei a pesquisar tudo sobre ela. Descobri um vídeo em que ela entrava, era absolutamente degradante. Mas não fale disso à minha avó!

Daisy sorriu. - Então como é que ela acabou outra vez aqui? - perguntou.

- O fim da estrada, suponho. - Tim encolheu os ombros. - Segundo o que a minha avó me disse, aparecia de seis em seis meses, mais ou menos, sempre com uma cantiga para a mãe de que ia entrar em filmes ou num programa de televisão ou qualquer coisa do género.

- A pobre Violet abria-se comigo - disse Mavis, voltando para a sala com três chávenas de chocolate quente num tabuleiro. - Deus sabe que eu não queria ouvir mas tinha de ouvir na mesma. A Josie inventava essas histórias e depois desaparecia outra vez, normalmente depois de pedir emprestado dinheiro que nunca devolvia. Mas foi diferente da última vez que veio. Até eu vi que ela parecia de facto ter acalmado. Passou mais de um mês aqui e a Violet disse que ela tinha deixado o apartamento em Londres e que ia comprar uma casa na região. Parecia definitivo, tinha feito uma oferta formal para uma pequena casa de campo em Truro e arranjou um emprego. Pensámos as duas que ela tinha mesmo virado uma página na vida dela.

- Mas depois morreu no incêndio - Daisy cogitou. - É estranho como a vida dá voltas para certas pessoas, não é? Ela ainda tinha dinheiro para pagar essa casa que tencionava comprar?

Tim olhou bruscamente para Mavis. - Tinha, vovó? - perguntou ele.

- Não, acho que não tinha - admitiu Mavis. - O meu marido falou com alguém por dentro do assunto que disse que ela não tinha feito testamento mas que não fazia diferença nenhuma porque a conta bancária estava a descoberto.

- Hum - murmurou Daisy e os outros dois olharam para ela. - Dá que pensar se terá ateadado o fogo com a intenção de escapar a tempo.

Instalou-se um silêncio constrangido em que Tim e Mavis a fixaram, estupefactos.

- Tem-me ocorrido essa hipótese muitas vezes - admitiu Tim por fim, passando nervosamente os dedos pelo colarinho, como se tivesse medo que Mavis o repreendesse.

- A mim também - disse Mavis num fio de voz. - Tenho pensado muitas vezes se não será essa a verdadeira razão para a Ellen não querer cá voltar. Talvez tenha pensado o mesmo.

CAPÍTULO 18

- Voltas um dia a visitar-me? - perguntou Mavis quando Daisy pôs a trela a Fred, pronta para partir na manhã seguinte.

O registo de tristeza na voz da velha senhora surpreendeu Daisy que compreendeu, de súbito, que Mavis imaginava que ela ia desaparecer como Ellen.

- Não posso prometer voltar tão cedo. Tenho de arranjar um emprego - disse Daisy. - Mas vou manter-me em contacto e dou notícias. Claro que se o advogado em Falmouth tiver alguma informação positiva, telefono-lhe imediatamente.

Tim tinha-se despedido e saído uma hora antes, por uma questão de diplomacia, suspeitou Daisy: devia ter pensado que as duas mulheres tinham assuntos privados sobre que falar. Havia realmente muitas coisas que Daisy queria dizer a Mavis e desejava expressar-lhe a sua enorme gratidão. Mas ainda não encontrara as palavras certas.

Na noite anterior, deitada no bonito quarto de hóspedes do andar de cima, tinha refletido sobre a forma como a velha senhora a recebera em casa. Não lhe parecia que houvesse muitas pessoas que tivessem sido tão generosas e francas.

Como era possível que Ellen tivesse eliminado da sua vida uma amiga e figura maternal tão estupenda? Daisy conhecia Mavis há menos de vinte e quatro horas mas já se sentia ligada a ela. Estranhamente, isso dava-lhe ainda mais vontade de encontrar Ellen agora, quanto mais não fosse para tranquilizar a velha senhora. Devia ter sido um tormento para ela pensar se Ellen teria perdido o juízo depois da tragédia. Agora que Daisy sabia tanto sobre Os Pengelly, parecia realmente ser essa a única explicação.

Daisy depositava todas as suas esperanças na possibilidade de o advogado de Albert a ajudar na etapa seguinte da busca. Mavis tinha-lhe dado o nome dele e a morada do seu consultório em Falmouth e ela planeava visitá-lo no dia seguinte.

- Foi quase como se tivesse tido a Ellen outra vez aqui - disse Mavis, com a voz entre cortada, denotando a sua emoção. - Senti-me muito à-vontade contigo, exatamente como me sentia Com ela. Não se tem essa sensação com toda a gente. - Fez uma breve pausa, olhando pensativamente para Daisy. - Fisicamente não são assim tão parecidas como isso, embora, a princípio, o choque de ver outra vez esse cabelo me tenha levado a pensar que sim. Os teus olhos são azuis e os dela eram castanhos e tu és muito mais frontal e extrovertida. Mas o facto é que tiveste outro tipo de educação e vantagens que a Ellen nunca teve. E és uma rapariga muito moderna ... a Ellen era de um tipo antiquado, mesmo quando tinha a tua idade.

De súbito, ocorreu a Daisy que não tinha no espírito uma imagem mental de Ellen. Tinha de Josie, tão firmemente gravada como se a tivesse conhecido pessoalmente, mas Ellen continuava muito nebulosa.

- Não me lembrei de perguntar antes - disse ela -, mas tem alguma fotografia dela?

- Só uma - disse Mavis, relanceando para o aparador. Costumava tê-la ali mas guardei-a há alguns anos, só me entristecia. Não sei como não me lembrei de ta mostrar ontem.

Mavis remexeu no aparador. - Cá está - disse ela, pegando numa fotografia a cores, num porta-retratos de prata. - O Tom, o meu marido, tirou-a no jardim. Mandámo-la ampliar porque era muito bonita.

Daisy estudou-a atentamente. Ellen estava sentada num banco com um arco de rosas brancas atrás. Estava com um recatado vestido florido, bastante decotado, com uma bainha de folhos. Lembrava um dos vestidos da Laura Ashley que Daisy se recordava de a mãe usar nos anos setenta.

A parecença de Ellen com Josie era extraordinária. Se não fosse o estilo pudico de Ellen no vestir e o cabelo repuxado para trás que não a favorecia, podia facilmente ser a modelo, alguns anos mais tarde, porque a delicada estrutura óssea e os grandes olhos expressivos eram os mesmos. A diferença residia apenas no sorriso; em todos os recortes de imprensa de Josie, o seu sorriso exuberante era irresistível, revelando um carácter extrovertido. O sorriso de Ellen era tímido como se sorrir não fosse um ato natural nela. Tinha, de algum modo, o ar de quem conhecera o mundo e ficara desiludida com a experiência.

Contudo, Daisy era capaz de se rever naquele rosto. Não quando estava feliz e excitada mas nos vislumbres que tinha de si própria nos momentos em que a vida parecia estar contra ela. Seria assim que Ellen se sentia?

- Quando é que foi tirada? - perguntou.

- Foi no Verão antes do incêndio - respondeu Mavis. - A Ellen tinha trinta e um anos e deve ter sido em Junho porque as rosas estão em flor. Lembro-me de ela ter dito nesse dia que tinhas acabado de fazer catorze anos. Tinha esperança que praticasses ballet ou equitação porque os catorze anos podem ser uma idade difícil e as raparigas que se dedicavam a uma atividade pareciam meter-se menos em sarilhos do que as outras.

- Nessa idade, praticava ginástica o tempo todo - disse Daisy pensativamente. - Gostava de saber o que ela teria pensado disso!

- Acho que teria ficado satisfeita - disse Mavis, avançando para abraçar Daisy. - Qualquer mulher sentiria orgulho em ter-te como filha. Espero que encontres a Ellen, a vida dela vai transformar-se completamente.

Daisy retribuiu o abraço de Mavis e sentiu as lágrimas assomarem-lhe aos olhos e um nó na garganta porque o abraço e as palavras de Mavis a fizeram pensar subitamente na sua mãe adotiva. Lorna teria gostado de Mavis; possuíam modos muito semelhantes.

- Foi absolutamente maravilhosa comigo - disse ela, a voz soando estranhamente embargada ao apoiar-se no ombro da mulher mais velha -, tão boa e compreensiva. Mesmo que não consiga encontrar a Ellen, nunca esquecerei a percepção que me transmitiu sobre ela e a família.

Mavis tomou o rosto de Daisy nas duas mãos e sorriu-lhe. - Também me fizeste sentir melhor com a tua visita. Pelo menos, sei que foste adotada por uma boa família. Só honras a tua mãe adotiva.

Vá, fica com essa fotografia da Ellen. Eu continuo a ter na cabeça todas as imagens de que preciso.

Depois de se despedir de Mavis e prometer manter o contacto, Daisy dirigiu-se imediatamente para St. Mawes. Tim tinha-lhe dado indicações precisas e a casa ficava mesmo ao lado do pub The Rising Sun, no porto. Pertencia a um sócio do pai e tinham concordado que Daisy podia passar lá uma semana gratuitamente, a troco de uma boa limpeza e arejamento antes de os donos chegarem para passar as férias da Páscoa.

A casa tinha-lhe sido descrita como «básica» e, como tal, não estava à espera de muito, mas a verdade é que era deliciosa, uma casa de pescadores do início do século, com duas divisões em cima e duas em baixo. Os proprietários tinham lixado e envernizado o soalho, pintado as paredes de branco e a velha mobília de madeira de azul forte.

Não era sequer fria e húmida como Daisy esperava, mas isso devia-se provavelmente ao facto de o tempo ter estado ameno e ensolarado nos últimos dias. No quarto, contemplando a vista serena do porto de pesca, sentiu-se feliz como não se sentia há muito tempo. Era como se a partida de Londres tivesse representado um verdadeiro passo em frente e agora fosse de novo capaz de encarar o futuro.

À tarde, levou Fred a passear ao longo do forte, na foz do estuário, virado para Falmourh do outro lado. Parecia-lhe agora ser mais do que coincidência que lhe tivesse sido oferecida a casa porque Mavis lhe revelara nessa manhã que Ellen só tinha saído uma vez com Pierre, o trapezista, e fora aqui que ele a trouxera.

Passando pelo forte e descendo por um caminho que acompanhava o rio, pensou se teria sido concebida ali, talvez no meio das ervas altas de um prado. A ideia fê-la sorrir; se Joel tivesse vindo com ela, não se teria importado nada de se rebolar também com ele nas ervas.

Mas pensar nele entristeceu-a subitamente. Sentia que a relação entre ambos estava praticamente acabada. Talvez nunca o tivesse realmente conhecido como tinha pensado que conhecia. Ele mostrara-se desdenhoso em relação a esta viagem como se não compreendesse a importância que tinha para ela. «Alimentar esperanças vãs», era como a tinha descrito.

Daisy suspirou. Ia ser ainda mais difícil quando regressasse a casa. Nem nas suas mais loucas fantasias tinha esperado descobrir tanta informação fascinante e agora sabia que ia, possivelmente, tornar-se como um cão atrás de um osso, mordendo-o, enterrando-o durante algum tempo, voltando a desenterrá-lo. Joel não ia gostar nada. Supunha que devia ligar-lhe mas não suportava a ideia de ele matar o seu entusiasmo com um balde de água fria.

Fred andava a esgaravatar ao pé dos arbustos e Daisy sentou-se num banco a admirar a vista. Ocorreu-lhe que era a primeira vez na vida que estava sozinha. Sempre tinha tido a necessidade de companhia em tudo o que fazia e, muitas vezes, entrava em pânico face à ideia de estar só por mais de algumas horas. Parecia uma atitude bastante patética depois de saber que Ellen e Josie tinham saído de casa tão novas e de ouvir as provações por que passaram.

Mas agora não se sentia minimamente só nem em pânico; sabia bem ser independente e ter este tempo todo para definir os seus sentimentos. Talvez estivesse finalmente a tornar-se adulta pois não sentia qualquer desejo de correr para um telefone e partilhar as notícias com ninguém. Sabia que

precisava de espaço para poder ordenar toda a informação que tinha recebido e planear o passo seguinte.

A vista diante dos seus olhos constituía inspiração acrescida. Andava um veleiro em pleno estuário, navegando na direção de Falmouth. Parecia minúsculo na imensidão da água, a vela enfunada, o dono completamente inclinado na borda para manter o rumo. Sabia pela experiência de velejador do pai que era preciso muito mais do que vento para chegar ao destino pretendido. Era preciso saber como controlar o barco, muitas vezes bordejando pacientemente para trás e para a frente para avançar.

Era provável que sofresse contrariedades na sua busca de Ellen. Mas ia continuar obstinadamente, custasse o que custasse. Talvez Joel também unisse esforços com ela, ou talvez não. Mas agora não ia desistir.

Às nove horas da manhã seguinte, Daisy foi de carro para Falrnouth. Tinha novamente arrefecido e estava prevista chuva para mais tarde mas, mesmo que os advogados não a recebessem sem marcação, queria explorar a cidade.

- É possível falar com o Dr. Briggs? - perguntou à rececionista no consultório de Briggs, Mayhew & Pointer. - Infelizmente, não pude marcar hora porque só vou estar na Cornualha alguns dias. É um assunto bastante urgente.

Estava agora a duvidar da sensatez de ter levado Fred e de ter vestido um blusão acolchoado e jeans como se fosse andar a pé. Não transmitia uma boa imagem. Mas sorriu radiosamente à mulher de ares superiores e óculos de lentes rosadas e preparou-se para fazer finca-pé.

- Posso saber qual é o assunto que deseja discutir com o Dr. Briggs? - perguntou formalmente a mulher. - Por norma, ele não recebe ninguém sem marcação.

- É um assunto delicado, respeitante à herança de Albert Pengelly de Mawnan Smith - respondeu Daisy.

- Compreendo. - A mulher acenou com a cabeça e Daisy teve a distinta impressão que ela estava a registar o seu cabelo ruivo e a estabelecer a ligação com os Pengelly. - Vou ver se o Dr. Briggs a atende - disse ela, levantando-se da cadeira. Quando ela desapareceu ao fundo do corredor, atrás de uma porta de vidro fosco, Daisy sorriu consigo mesma. Claramente a mulher queria avisá-lo do aspeto dela senão teria falado com ele pelo intercomunicador.

Ela voltou num instante. - a Dr. Briggs pode recebê-la por alguns minutos antes do próximo cliente - declarou. - É a terceira porta à direita.

Sentindo-se agora mais confiante por saber que o nome de Pengelly tinha alguma influência, Daisy encurtou a trela de Fred e avançou pelo corredor.

O Dr. Briggs abriu-lhe a porta quando ela lá chegou. - Daisy Buchan - disse ela, estendendo a mão ao homem baixo e idoso. - Sou filha da Ellen Pengelly.

Ele ficou visivelmente surpreendido com o anúncio mas apertou-lhe a mão e puxou por uma

cadeira para ela se sentar diante da sua secretária.

- Imagino que não tem conhecimento da minha existência - disse Daisy, obrigando Fred a sentar-se ao lado da cadeira. - É o lado delicado da questão.

O mais rápida e concisamente de que foi capaz, explicou quando e onde nascera e os antecedentes dos motivos que a tinham trazido à Cornualha. - Só ontem soube do trágico incêndio - disse ela. - E, ao que sei, a Ellen partiu e nunca mais contactou ninguém aqui. - Apresentou o certificado de adoção e a nota deixada pela mãe relativamente à carta de Ellen para comprovar que ela tinha manifestado o desejo de vir um dia a conhecê-la. - Tenho esperança que me possa ajudar a encontrá-la.

_ Bem, Miss Buchan - disse o Dr. Briggs, os olhos pálidos tremendo nervosamente' atrás dos óculos grossos -, a Ellen não é nossa cliente, apenas representámos o pai. Nunca mais tive qualquer contacto com ela desde que a propriedade foi vendida e isso foi há mais de dez anos.

- Onde é que ela vivia nessa altura? - perguntou Daisy.

- No apartamento dela em Bristol - disse ele. - Mas sei que fazia tenções de deixá-lo pouco depois.

- Mas deve ter algum endereço de contacto - disse Daisy com o seu sorriso mais brilhante e afável. - Mesmo que seja só o do advogado dela. Afinal, a família toda morreu nesse incêndio, custame a crer que a polícia ou o juiz de instrução deixasse a única pessoa viva da família desaparecer sem mais nem menos.

O Dr. Briggs olhou-a penetrantemente por alguns momentos. - Foi um período muito difícil para a Ellen - disse ele por fim. Ficou traumatizada com o que aconteceu, tanto assim que não foi sequer capaz de se deslocar aqui ao consultório para assinar os documentos. Fiz tudo o que pude para apressar o processo de sucessão porque ela estava demasiado doente para trabalhar e precisava de resolver o assunto.

- Doente? - repetiu Daisy. - Doente, como?

- Sinceramente, não sei - respondeu o Dr. Briggs num tom que sugeria que ela não lhe devia fazer esse tipo de perguntas.

- Se estivesse doente, teria continuado a receber o salário e vivia em Bristol há muito tempo. Porque é que estava então com tanta pressa?

- Muitas vezes as pessoas têm pressa em finalizar um processo de sucessão, em alguns casos porque isso lhes permite começar a refazer-se da dor.

Consciente de que estava a aborrecê-lo com tantas perguntas, Daisy experimentou outra tática.

- Peço desculpa se pareço insistente, não é minha intenção. - Daisy lançou-lhe um sorriso rasgado. - Estou simplesmente preocupada com a Ellen. É que Mrs. Peters em Mawnan Smith, que era muito amiga da Ellen, disse-me que ela cortou com todos os velhos amigos e a maioria das pessoas na aldeia pensa que foi por ter recebido tanto dinheiro. Mas eu e Mrs. Peters não acreditamos nisso.

Achamos que é muito mais provável que tenha sofrido um esgotamento depois da tragédia.

O Dr. Briggs assentiu. - Concordo consigo - disse ele. - A Ellen nunca me pareceu uma pessoa materialista.

- Se assim é - continuou Daisy, encorajada pela concordância dele -, a minha aparição pode ajudá-la a lidar com o passado. Que acha?

As feições do homem suavizaram-se. - Penso que tem razão. Agora que sei da sua existência, Miss Buchan, começo a compreender o que levou a Ellen a abandonar a Cornualha tão nova e a ter aceitado trabalho que deve ter sido terrivelmente extenuante. Sempre tive a impressão, pelo que o pai dizia, que teve mais a ver com a relação difícil que ela tinha com a madrasta. Presumo então que ele nunca soube da sua existência?

- Não, as únicas pessoas aqui que sabiam eram Mr. e Mrs. Peters.

- A Ellen falava muitas vezes deles antes da tragédia. - O Dr. Briggs acenou com a cabeça. - É que por vezes ela vinha cá com mensagens do pai quando o visitava. Eu perguntava-lhe sempre quando é que ela ia voltar de vez.

- E que é que ela dizia?

- Que era impossível ela e a Violet viverem debaixo do mesmo teto, por mais que lhe agradasse a ideia de explorar a quinta com o Albert. - O Dr. Briggs sorriu. - Ela era assim, um coração de ouro, realista e honesta. Sabendo a que ponto ela amava a quinta, foi um choque que tivesse querido livrar-se dela quase logo a seguir ao desastre.

- Bem, ninguém seria capaz de olhar o futuro com objectividade numa altura dessas - disse Daisy.

- Certo, foi por isso que tentei convencê-la a esperar mais algum tempo - respondeu o Dr. Briggs. - Talvez, se tivesse conseguido falar com ela cara a cara, pudesse ter-lhe proposto uma solução diferente. Mas ela não quis ou não pôde cá vir, recusou-se a esperar e, claro, no fim tive de me conformar ao meu simples papel de advogado e executor testamentário do pai e obedecer aos desejos dela.

- Que solução diferente lhe teria proposto? - perguntou Daisy, aliviada ao ver o Dr. Briggs mais entusiasmado.

- Vender a maior parte das terras de lavoura, ficar com uma pequena parte e solicitar licença para construir lá uma casinha para ela. Não teria havido nenhum problema com isso. Teria ficado com capital suficiente para viver e há dezenas de escolas nos arredores que a teriam contratado de bom grado. Além de ser bom para ela, teria também dado imensa felicidade ao Albert. Ele teria odiado ver a quinta sair completamente das mãos dos Pengelly.

- Agora que vi onde ficava a quinta e ouvi tantas coisas sobre ela, acho sinceramente que ela deve ter sofrido um esgotamento disse Daisy. - Só espero que não tenha sido outra vítima desse incêndio terrível.

- Eu também - disse ele, acenando com a cabeça. - Deixe-me consultar o ficheiro. Não me recordo de haver qualquer número ou morada de contacto mas, claro, não me posso lembrar de tudo o que lá está.

A rececionista interrompeu-os nesse momento, anunciando a chegada do cliente seguinte. Briggs franziu a testa. - Acha que pode voltar dentro de duas horas, Miss Buchan? Assim dá-me tempo para procurar. Ao meio-dia, pode ser?

- Tudo bem - disse Daisy, levantando-se para sair. - Agradeço imenso a sua ajuda, Dr. Briggs. Vou aproveitar para explorar a cidade.

Daisy ficou um pouco desapontada com Falmouth. Apesar da antiguidade e de ter sido um dos grandes portos de Inglaterra, achou-a surpreendentemente desoladora. Havia lojas de recordações pindéricas a mais para o seu gosto e o facto de estar um dia feio não ajudou. Mesmo no porto, O mar e o céu estavam de um cinzento carregado e os muitos petroleiros e navios porta-contentares, fundeados ao largo, em águas mais profundas, à espera de serem descarregados, possuíam uma aparência tristonha. Mas ficou Contenta com a oportunidade de passar algum tempo ali.

Ao meio-dia apresentou-se novamente no consultório dos advogados e, desta vez, a rececionista recebeu-a com um sorriso amigável e mandou-a de imediato ao gabinete do Dr. Briggs.

- Descobri uma pista - disse ele -, uma firma de advogados londrina que pediu uma referência sobre a Ellen por causa de um aluguer de alojamento. É muito possível que tenha usado a mesma firma mais tarde, caso tenha comprado uma propriedade.

Daisy ficou desiludida, tinha grandes esperanças que ele lhe desse um endereço. Talvez ele se tivesse apercebido disso na sua expressão porque se mostrou compadecido. - Fotocopiei a carta e escrevi a antiga morada dela em Bristol no verso. Pode tentar lá ir e perguntar se ela deixou alguma morada. Mantenha-me ao corrente do seu progresso - disse ele com sincera afabilidade. - Gostava muito da Ellen e ficaria muito contente se soubesse que se reencontraram.

Daisy estava de saída quando se virou junto da porta. - O Albert deixou alguma coisa à Josie ou à Violet em testamento? Eu sei que não faz diferença porque morreram com ele mas tenho curiosidade em saber.

- Não, não deixou nada a nenhuma delas, deixou tudo à Ellen.

- Foi um pouco cruel com a Violet - disse Daisy.

- Acho que ele confiava que a Ellen faria tudo para que não lhe faltasse nada - disse o Dr. Briggs. - Alterou o testamento na altura em que os jornais publicaram alegações de que tinha sido cruel com a Josie. Jurou então que ela nunca mais havia de pôr os pés na propriedade dele. Acho que a razão por que não deixou nada à Violet tinha a ver com isso, disse que a Josie era capaz de fazer da mãe gato-sapato e que a Violet não tinha discernimento para se aperceber.

- A Josie e a Violet tinham conhecimento disso? - perguntou ela.

- Duvido. O Albert não era pessoa para revelar as suas coisas a ninguém.

- E a polícia não achou suspeito que a Ellen fosse a única beneficiária?

- Porque é que havia de achar? Em primeiro lugar, o testamento foi redigido muitos anos antes do incêndio. E toda a gente sabia o que o Albert sentia em relação à quinta; era do conhecimento geral que a Violet e a Josie não tinham o mais pequeno interesse nela para além do dinheiro que podia render. Ele sempre tinha esperado que, se morresse, a Ellen quisesse continuar a explorá-la.

- Mas ela desapontou-o! - disse Daisy.

- Sim, suponho que sim. Mas não a julgue por isso, Daisy. Pense como seria penoso para quem quer que fosse instalar-se num lugar tão trágico.

O tempo melhorou de novo no fim-de-semana e Daisy passou-o a dar longos passeios com Fred e a refletir sobre tudo o que tinha ficado a saber sobre a mãe.

Telefonou a Joel no domingo à tarde, sabendo que ele estaria em casa. Ele começou por parecer deliciado por ter notícias dela mas, assim que ela começou a tentar contar-lhe o que tinha descoberto até então sobre a mãe, pareceu remeter-se ao silêncio. Daisy não estava à espera que ele comungasse do seu entusiasmo mas sentiu-se consternada quando ele começou a colocar objeções a que ela prosseguisse a busca.

- Se ela sofreu um esgotamento nervoso, pode estar extremamente carente. Não me parece que sejas capaz de aguentar a dependência de ninguém.

- Porque é que tens de ser sempre tão negativo? - perguntou ela, profundamente irritada por ele não querer saber todos os pormenores.

- Não estou a ser negativo; estou só a tentar fazer-te refletir sobre as coisas antes de te lançares precipitadamente no que quer que seja; mesmo que ela não esteja carente, pode ter-se casado; até pode ter agora mais filhos. pode não achar graça nenhuma a que apareças do nada e reveles um passado de que ela nunca falou a ninguém.

- Ainda nem sequer a encontrei - disse Daisy, exasperada. - Não és capaz de oferecer ajuda? Não podias contactar a polícia aí e saber se seguiu os movimentos dela?

- Não, não posso - disse ele secamente. - Só porque sou polícia não quer dizer que tenha acesso aos ficheiros para uso pessoal.

- Vai dar uma curva - lançou Daisy, desligando o telefone.

Estava demasiado furiosa com Joel para voltar a ligar-lhe mais tarde, apesar de aceitar que ele tinha uma certa razão quando dizia que talvez Ellen não quisesse remexer no passado. Quanto mais pensava na conversa, mais conclusões tirava. Ele não queria que ela tivesse mais ninguém na vida dela, aliás não queria que ela tivesse uma vida própria, queria ser o centro do seu mundo.

Deitada na cama nessa noite, a escutar o som das ondas contra o paredão do porto, esforçou-se por rememorar Outros momentos em que ele tinha posto objeções a coisas que ela queria fazer. Para começar, havia as festas, raves em velhas casas devolutas. Era Uma coisa que ela adorava, era divertido ir a uma festa num sítio onde, no fundo, não se devia estar. Mas ele dizia que não achava

muito divertido pagar preços inflacionados por latas de cerveja e bebê-las em velhas casas sujas com uma chusma de roqueiros da pesada.

Objetava também a ir a Newquay no «carocha» dela ao festival anual Run to the Sun. Dizia que os donos fanáticos de «carochas», com pranchas de surf amarradas nos tejadilhos dos carros, não eram o seu estilo de pessoas.

Ela tinha-se conformado com a maneira de pensar dele porque ele era bom a surpreendê-la com passeios inesperados, como um cruzeiro no rio em que não faltava a bebida ou uma noite fora numa bonita aldeia rural. Mas a questão não era essa: por melhores que fossem as suas ideias, levou-a a deixar de tomar decisões. Era sempre ele quem decidia como iam passar uma noite: cinema e concertos eram invariavelmente a sua preferência e ela tinha alinhado porque se acomodava.

Ele tinha inclusivamente mudado a maneira de vestir dela. Quando se conheceram, Daisy usava roupas chocantes, saias muito justas com rachas até à coxa, tops muito decotados, mas embora ele nunca tivesse dito que não aprovava, ela sentia que não. E, só para lhe agradar, tinha mudado.

Pois, agora jurou que não se ia vergar mais aos desejos dele. Não ia telefonar-lhe nem ia a casa dele quando regressasse a Londres. Que fosse dar uma curva e não voltasse!

CAPÍTULO 19

Daisy partiu da Cornualha na quinta-feira, uma semana depois de ter estado em Mawnan Smith, e chegou a casa em Chiswick à noite, para o fim-de-semana de Páscoa.

- Daisy! - gritou alegremente John Buchan quando ela entrou em casa e, sem sequer se deter a afagar Fred, envolveu-a num forte abraço. - Parece que passaste meses fora. Sentimos tantas saudades tuas.

Por cima do ombro dele, Daisy via a sala de estar que estava extremamente desarrumada. Sentiu um arrepio ao pensar como estaria o resto da casa.

- É bom estar em casa - disse ela, retribuindo o abraço e, apesar das suas ansiedades, era realmente bom.

Lucy e Tom apareceram a correr pelas escadas abaixo e deram-lhe as boas-vindas com igual entusiasmo. Todos começaram a disparar-lhe perguntas ao mesmo tempo. Como era a casa? O tempo? A paisagem? Mas foi Lucy quem perguntou se ela tinha encontrado Ellen.

- Tenho uma fotografia e o endereço de um advogado aqui em Londres - respondeu Daisy, a voz tremendo de emoção porque não contava com tanto afeto de todos eles. - Mas não vão acreditar em certas coisas que fiquei a saber sobre ela e a família dela. É absolutamente incrível.

A cozinha estava uma pocilga, com um cheiro fétido a sair do ralo do lava-loiça. A mesa da sala de jantar estava semeada de círculos brancos e alguém tinha puxado as cortinas com demasiada força na sala de estar, arrancando uma parte do varão. Mas nada disso era Importante para Daisy porque, enquanto Lucy e Tom preparava à pressa uma salada de frango para todos, o pai obrigou-a a senta-se, fez-lhe uma chávena de chá e insistiu para que ela comesse pelo princípio da história sem omitir nada.

Daisy estava habituada a ser o centro das atenções mas não Se recordava de nenhum momento passado em que toda a família bebesse as suas palavras. As suas expressões extasiadas incitavam-na e ela insuflou mais drama tis mo em certas partes da história, embelezando a narrativa da avó demente a lançar-se do penhasco, o facto de o avô ser um espantalho mal-encarado, Violet a madrasta cruel e o verdadeiro pai um malandro te de fato de lantejoulas. Percebeu a excitação deles a aumentar ainda mais ao contar-lhes que Josie se tornou uma modelo famosa e mais tarde se perdeu na droga.

Mas, quando finalmente chegou à parte do incêndio, explicando que tinham morrido todos exceto Ellen, ficaram completamente siderados.

- Não acredito, inventaste tudo - disse Tom, olhando para ela com ceticismo. - Anda lá, Daisy! Estás a enrolar-nos, não estás?

Daisy sacudiu negativamente a cabeça. - Juro que é tudo verdade. Foi por isso que não telefonei de lá. A história teria saído confusa e incompleta. Achei melhor esperar até voltar e ter tempo de ordená-la em condições.

- Credo, Daisy - suspirou o pai. - Quando não ligaste, pensei que não tinhas descoberto nada e que tinhas feito novos amigos e esquecido o que lá foras fazer. Teria sido o mais ajustado ao teu carácter. Até nos rimos sobre isso!

- Eu disse que ias voltar pelada por cidra de má qualidade ou às tantas com uma obsessão pela vela - admitiu Tom com uma casquinada. - Pensámos mesmo que te tinhas metido noutra coisa.

- Eu até pensei que tinhas arranjado um namorado novo - disse Lucy, tendo a elegância de pôr um ar embaraçado. - Desculpa lá, mas estávamos todos felizes com a ideia de que estavas a divertir-te à grande.

- E estava - disse Daisy com um sorriso -, mas não como imaginaram. Tenho andado numa vertigem com todas estas informações. Continuo a andar e ainda tenho de encontrar a Ellen.

Calaram-se por alguns momentos, Lucy estudando a fotografia de Ellen e Tom contemplando o espaço.

John levantou-se da mesa e saiu para o vestíbulo. Voltou com a lista telefónica. - Quantos Pengelly haverá em Londres? - disse ele. - Alguém quer adivinhar?

- Mais de cinquenta, imagino - disse Tom. - Demasiados para tentar ligar a todos. Além disso, ela pode ter mudado de nome.

Lucy levantou os olhos da fotografia. - Es parecida com ela - observou. - Mas ela tem um ar bastante solene e sem humor.

- Tem, não tem? - concordou Daisy. - Aprendi imenso sobre ela mas ainda não lhe tirei completamente a pinta. Consegui ter uma imagem dos outros todos, incluindo a Violet, a madrastra pérfida, extremamente vibrante e real. Mas da Ellen não. Era como se entrasse e saísse das histórias como um sopro. Uma pessoa agradável e caridosa mas, não sei porquê, um pouco obscura.

- Às tantas é porque foi a única sobrevivente - disse Tom, dando uma palmadinha na mão de Daisy. - As pessoas não se importam nada de dizer o que pensam realmente dos outros depois de morrerem, as coisas boas e más. Mas quando a pessoa ainda está viva é diferente.

- Pelo que disseste, acho que é uma excelente mulher - disse John. - E também acho perfeitamente compreensível que tenha cortado todos os laços com a Cornualha depois do incêndio. Vejo por mim, hoje em dia tenho dificuldade em falar com os velhos amigos e os parentes da Lorna. Claro que não cortaria relações com eles mas é diferente quando se tem filhos.

- Não achas então que ela tenha enlouquecido? - perguntou Daisy. - Digo eu, se ela desconfiou que a irmã ateou o fogo, seria uma coisa que nunca mais a teria largado, não achas?

John sacudiu negativamente a cabeça. - Pode ter andado à deriva durante algum tempo, depois de uma tragédia dessas qualquer pessoa andaria. Mas devia ser uma pessoa forte e controlada, caso contrário não teria mudado tão radicalmente de vida, como ir viver para outro lado. Talvez de repente se tenha sentido incapaz de continuar a enfrentar a escola ou não quisesse que os amigos tentassem convencê-la a ficar. Disseste que ela vinha com frequência aqui visitar a Josie. Quem sabe

se não teve sempre desejos de viver em Londres?

- Gostava de saber se ela sentia ciúmes da Josie - disse Lucy.

- Também eu - respondeu Daisy. Tinha ficado sensibilizada com o entusiasmo e interesse de Lucy; ela tinha baixado as defesas, o que era raro, não havia o mais leve registo de troça na sua voz e Os seus olhos exibiam uma expressão reflexiva, de onde estavam ausentes quaisquer traços de dureza. - Eu teria sentido, acho eu. Mas também não sou o tipo de pessoa que seguisse uma carreira com crianças deficientes.

- E eu sou demasiado gorducha e feia para ser modelo - acrescentou Lucy com uma risadinha.

- És inteligente de mais para isso - disse Daisy rapidamente. - Na opinião geral, a Josie era bastante estúpida. Mas também me fez pensar na relação entre nós as duas, Lucy. Podemos não ser irmãs de sangue mas, como não temos mais nenhuma irmã, devemos tentar ser amigas uma da outra, hein?

- Tive saudades tuas enquanto estiveste ausente - admitiu Lucy, corando um pouco. - Até me senti arrependida das coisas horríveis que já te disse.

Daisy sorriu. - Eu também, por isso o melhor é esquecê-las e começar de novo, não achas? Não te guardo ressentimento, se também não guardares.

Passaram a conversar de coisas que tinham acontecido na ausência dela, incluindo a nova empregada de limpeza que apareceu uma vez e nunca mais voltou.

- Tentei as agências todas - disse o pai, abatido. - Ao que parece, as boas empregadas de limpeza são uma raridade. Pensei em pôr um anúncio no jornal local. Haverá alguém por aqui que não se considere demasiado importante para o trabalho doméstico?

- Eu - disse Daisy com uma gargalhada. - Amanhã atiro-me a isso.

Daisy estava deliciada por a noite ter corrido tão bem e aliviada por ninguém ter falado em Joel, Mas, depois de os gémeos se terem ido deitar, o pai sugeriu que fossem para a sala de estar tomar uma bebida juntos. Enquanto lhe servia um gin tónico perguntou o que Joel pensava da situação.

- No fundo, não lhe contei muita coisa - disse ela -, só falámos ao telefone uma vez. - Fez uma pausa.

- Houve algum problema? - perguntou o pai. - Deve ter havido, noutros tempos não dizias uma frase em que não falasses do nome dele e hoje ainda não O mencionaste.

Daisy não teve outra alternativa senão contar-lhe a verdade. pôs-se com ares de superioridade - rematou ela. - Não quis saber e recusou-se a ajudar. Adiante, acho que a relação chegou ao fim. Acho que não temos qualquer futuro a dois.

- Só tu sabes se isso é verdade ou não - disse o pai -, mas não tires a conclusão que ele não quis saber só porque pôs algumas objeções. Na minha opinião, só se mostrou preocupado que te metesses

numa coisa com a qual não fosses capaz de lidar.

- Porque é que ele havia de pensar isso?

- Bem, toda a gente conhece a tua propensão para agir precipitadamente - disse ele com um sorriso. - Imagino que o Joel teve medo que a busca pela Ellen se tornasse uma obsessão para ti, excluindo-o a ele e a todos nós. Ele tem um raciocínio muito lógico. Deve pensar que, se encontrares a Ellen e ela não for exatamente o que queres que ela seja, podes ficar profundamente magoada.

- Eu não quero que ela seja nada - disse Daisy, indignada. - Sou perfeitamente capaz de a aceitar como ela é.

- Acho que o Joel pode estar a pensar que queres outra Lorna - disse John com ternura. - Sei por mim que, quando penso noutra mulher, a quero à imagem dela. É natural, quando se perdeu uma pessoa, desejar substituí-la.

- Não é isso que eu quero - retorquiu Daisy, começando a chorar.

John abraçou-a e puxou-a para si. - Posso não ser o teu pai biológico, Dizzie, mas amei-te assim que peguei em ti ao colo pela primeira vez. Conheço-te muito bem. Tens grandes ideias mas não és muito boa a pô-las em prática. Tens medo de assumir compromissos. Acho que é por isso que queres varrê-lo da tua vida.

- Isso é estúpido - disse ela, inflamadamente. - Seria uma parvoíce completa continuar com o Joel a pretexto de um compromisso. Ele não é a pessoa certa para mim, é demasiado autoritário, demasiado opinativo.

- É? - John lançou-lhe um olhar irónico. - Tem graça que só levantaste essas objeções quando ele tentou dissuadir-te de uma coisa que querias fazer!

- Há algum tempo que sinto que as coisas não andam bem.

A viagem deu-me tempo para refletir - disse ela. - O Joel tem a mania do controlo.

- Nunca o vi a essa luz. - John levantou-se e aproximou-se da porta. Deteve-se por um momento, olhando para ela. - As objeções dele parecem-me revelar mais uma preocupação genuína contigo. Pensa bem antes de dares um passo irreversível, é só isso que quero dizer. Encontrar a Ellen será como ganhar um prémio numa tómbola. Podes ter sorte e ganhar o primeiro prémio. Por outro lado, podes acabar com o prémio de consolação.

CAPÍTULO 20

Imediatamente a seguir ao fim-de-semana de Páscoa, Daisy foi à firma de advogados Shawcross & Hendle, em Marylebone Road, da qual o Dr. Briggs tinha recebido um pedido de referências sobre Ellen.

Na viagem de metro para lá, Daisy pensou sobre o conselho que o pai lhe dera e concluiu que ele estava certo. Se dissesse que andava à procura da mãe, era provável que eles se mostrassem renitentes em dar-lhe informações. Planeou assim fazer-se passar pela secretária do Dr. Briggs e dizer que ele precisava de contactar Ellen por causa da herança da família. Felizmente tinha um dos cartões de visita do Dr. Briggs e esperava que isso e a carta bastassem para os convencer.

O consultório situava-se no primeiro andar de um dos edifícios antigos mais imponentes de Marylebone Road, próximo de Baker Street. Antes de subir as escadas, estudou-se ao espelho do átrio e decidiu que passava perfeitamente por uma secretária, com o seu saia-casaco preto, o cabelo atado atrás e a pasta de couro de Lucy.

A área de receção dos advogados era muito luxuosa, com sofás fundos azuis e quadros a óleo nas paredes creme. Estava a cargo de uma senhora anafada, de cabelo grisalho, com um saia-casaco azul-marinho, que sorriu radiosamente quando Daisy entrou. Em que posso ajudá-la? - perguntou ela.

Daisy sempre se tinha prezado dos seus talentos teatrais. Já se servira deles no passado com sucesso para conseguir trabalho e seduzir homens. Ao lançar-se na história ensaiada, achou que soava absolutamente plausível e, tirando da pasta a carta dirigida ao Dr. Briggs, mostrou-a à mulher.

- Depois da conclusão do processo de sucessão, Miss Pengelly veio viver para Londres e não tivemos mais contactos Com ela. Mas agora surgiu outra questão e precisamos de a contactar. Será possível verificar nos ficheiros se tem a morada atual dela? É um assunto urgente.

Felizmente, a mulher não pareceu minimamente desconfiada e convidou Daisy a sentar-se enquanto procurava. Entrou numa sala contígua que parecia ser a secção de dactilografia e Daisy ouviu-a falar com alguém.

Passaram alguns minutos até ela voltar com uma fina pasta castanha na mão.

- Sinto muito, mas não temos a morada pessoal de Miss Pengelly - disse ela. - Só a representámos uma vez na preparação de um contrato de locação comercial e só tenho esse endereço.

Daisy olhou para a mulher, sem compreender o que ela queria dizer. - Comercial? - repetiu.

- Sim, uma loja - esclareceu a mulher. - Miss Pengelly alugou-a em regime de locação por quinze anos.

- Onde fica? - Daisy esforçou-se por soar casual mas, depois de se ter preparado para sair dali de mãos abanar, sentia vontade de sorrir de orelha a orelha.

- Heath Street, 14, Hampstead - disse a mulher. - Lamento mas não tenho o telefone.

- Não faz mal - disse Daisy, esforçando-se por manter a calma e tomando nota da morada. - O Dr. Briggs escreve-lhe para lá. Agradeço muito a sua ajuda.

Novamente em Marylebone Road, Daisy teve de acender um cigarro para se acalmar. Custava-lhe a crer que tivesse sido tão simples. Sempre tinha tido a impressão de que os advogados nunca prestavam informações verbais sobre os seus clientes.

O pai tinha-lhe pedido que lhe ligasse se tivesse novidades mas, sabendo que, se lhe dissesse isto, ele recomendaria que fosse para casa e escrevesse uma carta a Ellen, decidiu não telefonar. Iria já a Hampstead só para ver se Ellen ainda lá estava e como era a loja. Depois falaria com ele.

Daisy conhecia Hampstead razoavelmente bem. No final da adolescência, tinha frequentado pubs na zona com os amigos. Tinha mesmo havido um período em que sonhara em ter ali um apartamento pois adorava a atmosfera pitoresca e boémia da área, mas infelizmente era demasiado cara para ela.

Ao sair da estação do metro, virou à direita e começou a andar por Heath Street, o coração a martelar descompassadamente enquanto verificava os números das portas. Passou por uma galeria de arte, uma loja de roupa de bebé e dois antiquários. Depois viu um letreiro verde a baloiçar à sua frente, com o número 14 e o nome "Chic Boutique".

Por qualquer razão, estava à espera que fosse uma loja de brinquedos ou de artesanato e não uma boutique. Talvez tivesse mudado de mãos e já não fosse dela.

Estacou imediatamente antes das montras de ressaltito com medo de espreitar. Mas já conseguia ver parte dos artigos em exposição graças à curva dos vidros e a simples feminilidade das peças instigou-a a aproximar-se.

Um saia-casaco amarelo-claro estava artisticamente exposto e, por baixo dele, o chão da montra surgia semeado de margaridas artificiais amarelas e brancas. Havia uma carteira de couro creme, de um estilo muito caro, com um lenço de seda verde e branco estendido por cima.

Permaneceu ali algum tempo, incapaz de se mexer. Se se aproximasse da montra e espreitasse para dentro, daria de caras com a mãe?

Por fim, fez o esforço de passar lentamente. A parte da montra que não conseguiu ver antes exibia um vestido verde; embora o estilo fosse demasiado ultrapassado para ela, era a sua cor favorita.

Havia um degrau para o interior da loja mas pouco se via depois do primeiro cabide de roupa. No entanto, só a porta fechada e a decoração em branco-marfim e rosa-claro eram suficientes para dar a perceber que era uma loja de design extremamente cara. Não parecia estar lá dentro ninguém, nem empregada nem clientes.

Deu meia-volta e tornou a passar. Mavis dissera que Ellen não tinha qualquer interesse em roupa; como podia ser dela? Mas tinha a certeza que era. Apesar de só ter dinheiro para roupa de

grandes armazéns ou lojas de roupa usada e de nunca entrar em boutiques de design, Daisy sabia que se teria sentido atraída por esta, fossem quais fossem as circunstâncias. Tinha de querer dizer alguma coisa.

Voltou a passar em frente ao metro e descobriu um café. O senso comum disse-lhe que fosse para casa e escrevesse uma carta a Ellen. Mas quando terminou o café, dirigiu-se novamente à loja.

Desta vez, estava uma pessoa lá dentro. Uma mulher esbelta com um vestido preto, arrumava roupas num cabide, de costas para a montra. Tinha cabelo ruivo encaracolado pelos ombros.

Daisy ficou grudada ao chão, os olhos colados à mulher, desejando que ela virasse a cara, mas aterrada que ela a apanhasse a espreitar. Registou tudo nela, o cinto dourado de elos de metal em redor da cintura fina, as ancas estreitas, as pernas magras mas bem torneadas e os sapatos pretos e bicudos de salto alto com uma tira dourada sobre os tacões de sete centímetros e meio.

Não tinha, nem por um momento, contado com tal sofisticação e elegância. Imaginara Ellen em roupas vaporosas, tipo étnicas, mas com aquela cor de cabelo só podia ser ela. Daisy sabia que, se se vestisse da mesma maneira e se se pusesse ao lado desta mulher, a única diferença seria o seu cabelo mais comprido, mais revoltado e a precisar desesperadamente de um corte.

Sentiu-se de súbito sem forças. O coração parecia estar a bater-lhe demasiado depressa e as palmas das mãos estavam pegajosas do suor. Sabia que devia afastar-se e preparar-se devidamente antes de estabelecer contacto mas a necessidade de olhar para o rosto de Ellen, de ouvir a sua voz, era demasiado forte para usar de cautela.

Uma campainha tiniu quando abriu a porta e a mulher olhou para trás e sorriu, não um sorriso de reconhecimento mas um sorriso normal de boas-vindas a uma potencial cliente.

- Posso dar uma vista de olhos? - disse Daisy a custo porque ficou impressionada com o encanto da mulher, com os seus doces olhos castanhos, marcados por poucas rugas, a pele cor de pêssego e os lábios ainda carnudos e ameninados. Embora não restassem dúvidas de que esta era a mulher fotografada no jardim de Mavis treze anos antes, a timidez do sorriso tinha desaparecido e ela possuía a atitude de uma mulher consciente do seu valor.

- Esteja à vontade - disse ela, com um vestígio de riso na voz. - Não faça caso de mim, estou só a arrumar depois do fim-de-semana. Tive aqui tanta gente no sábado que está tudo uma confusão.

Havia leves traços de um sotaque cornoico mas, se Daisy não tivesse estado na Cornualha há tão pouco tempo, não se teria apercebido. Pousou a pasta no chão e aproximou-se de um conjunto de camisolas expostas, sentindo-se ainda mais fraca agora que estava no espaço fechado.

A loja era uma das mais bonitas que já vira, creme e rosa muito claro com toques de dourado no balcão e nos caixilhos dos inúmeros espelhos. Cheirava a mobília cara e a alcatifa creme era espessa e luxuosa. Até as cortinas em redor dos gabinetes de prova na parte de trás eram perfeitas, de brocado rosa claro, presas com um pesado cordão de borlas dourado.

Pegou num top de renda verde-claro. Era uma peça italiana, soberba e delicada, que daria tudo para ter.

- Ficava fabulosa com isso - disse a mulher atrás dela.

Nesse momento, Daisy percebeu que não conseguia conter-se mais porque a mulher estava a olhar para o seu cabelo como que a considerar que era de uma cor semelhante ao seu.

- É a Ellen? - perguntou.

- Sou - respondeu a mulher, sorrindo e revelando dentes perfeitos e regulares. - Veio aqui por recomendação de alguém?

Daisy respirou fundo. - Não. Não exatamente. Sou a sua filha.

Seguiu-se um silêncio sepulcral que durou alguns momentos. Ellen fixou-a, os grandes olhos castanhos arregalados de choque e a boca ligeiramente entreaberta.

- Pôs-me o nome de Catherine mas os meus pais adotivos chamaram-me Daisy - conseguiu balbuciar. - A minha mãe morreu no ano passado mas disse que eu devia procurá-la.

- Oh, meu Deus! - exclamou Ellen, agarrando-se ao peito quase como se estivesse a ter um ataque.

Daisy ficou imediatamente horrorizada consigo mesma. Na sua ansiedade, não tinha considerado o choque que causaria ao anunciar-se. Sentiu-se mortificada por ter agido tão irrefletidamente sem pensar nas possíveis consequências.

- Lamento muito - disse ela, em pânico. - Não devia ter aparecido assim mas quando a vi através da montra não fui capaz de me conter. Devia ter sido mais sensata, é indesculpável.

Ellen recuou até um banco acolchoado, junto do balcão, e deixou-se cair nele, o seu rosto cuidadosamente maquilhado de súbito sem pinga de sangue. - Não sei que diga. Nunca esperei uma coisa destas - disse ela, sem fôlego.

- Quer que lhe vá buscar um copo de água? - perguntou Daisy, aproximando-se de Ellen e pousando-lhe à mão no braço. - Ou talvez seja melhor ir-me embora e voltar noutra altura?

- Sim. Não. Oh, não sei que dizer - murmurou Ellen, agitando ansiosamente as mãos muito bem arrançadas.

- Sim, quer um copo de água? Ou sim, quer que eu me vá embora? - disse Daisy. - Meu Deus, é terrível, não era minha intenção chocá-la nem embaracá-la.

Ellen levantou-se e recuperou o equilíbrio, apoiando-se às costas do banco. - Dá-me só um minuto para tomar qualquer coisa e me recompor - disse ela, numa voz trémula. - Vou lá atrás e já venho.

Quando Ellen saiu, deixando-a sozinha na loja, Daisy lembrou-se do pai que a arreliava muitas vezes, dizendo-lhe que ela investia contra as coisas como um touro. Tinha sido sempre uma espécie de brincadeira familiar. Mas isto não tinha graça nenhuma, a pobre mulher podia ter tido um ataque de coração.

O tempo pareceu passar muito devagar. Daisy ouviu água a correr atrás da porta. Esta abriu-se então novamente. - Estou a fazer café - disse Ellen. - Como é que gostas do teu?

Daisy soltou um suspiro de alívio. A crise parecia ter passado e não parecia que Ellen se preparasse para a mandar embora. - Com leite e açúcar - respondeu.

Ellen apareceu alguns minutos mais tarde com duas bonitas chávenas de porcelana fina. - Já estou melhor - disse ela com um sorriso hesitante. - Credo, pregaste-me um susto. És sempre assim tão impetuosa?

- Infelizmente sou - admitiu Daisy. - Esforço-me por não ser mas parece que me atiro sempre de cabeça sem refletir primeiro. Só descobri a sua loja hoje de manhã através de um advogado e só fazia tenções de espreitar e escrever-lhe mais tarde mas, assim que a vi, fui levada por Outro impulso completamente diferente. Foi o seu cabelo, acho eu, é tão parecido com o meu.

- O cabelo dos Pengelly - disse Ellen, levantando uma madeixa e sorrindo vagamente. - Nunca consegui perceber se era urna maldição ou uma bênção. Parece que também herdaste o meu carácter impulsivo. Meu Deus, muito me apetecia um cigarro.

- Também a mim - disse Daisy, sorrindo.

- Bem, deixa-me fechar a loja por uns minutos e damos um salto lá atrás - disse Ellen.

Colocou um letreiro na porta, trancou-a e conduziu Daisy através de uma acanhada cozinha e arrecadação para um pequeno pátio mais atrás. Havia um banco de madeira e um par de floreiras com flores primaveris. Como era abrigado do vento, estava bastante quente ao sol.

- Não lhe vou tomar mais tempo agora - disse Daisy, oferecendo um cigarro a Ellen -, mas talvez pudéssemos voltar a encontrar-nos e conversar como deve ser.

- Sim, gostava muito - respondeu Ellen, tirando uma grande fumaça do cigarro. - Vives em Londres? Como me encontraste?

Daisy explicou que vivia em Chiswick e que Lorna lhe tinha dado toda a informação sobre o seu nascimento e adoção. Naquele momento, não queria falar de Mavis e assim limitou-se a dizer que visitara o Dr. Briggs em Falmouth, que lhe tinha dado o contacto dos advogados londrinos. - Tive de lhes contar uma grande patranha - disse ela com um sorriso. - Fiz-me passar pela secretária do Dr. Briggs e disse que havia alguns assuntos a resolver relativamente à herança do seu pai. Depois vim imediatamente para aqui.

- Estou muito feliz por teres vindo - disse Ellen. - Sempre esperei que aparecesses à minha procura embora já tivesse perdido a esperança há muito tempo. - Fez uma pausa, olhando pensativamente para Daisy. - Parece um sonho. Ainda me custa a crer que tenha acontecido e que sejas tão parecida comigo. É tão estranho.

«Estranho» era também o termo usado por Daisy para definir a situação. Era muito estranho confrontar alguém tão igual a si própria, saber que tinha crescido no ventre desta mulher, sido abraçada por ela e chorada depois de se ter separado dela. Mas também havia uma sensação de

desapontamento porque Ellen não parecia excitada nem desesperada por lhe fazer perguntas. De repente, Daisy rompeu em soluços.

- Peço desculpa - disse ela, entre lágrimas -, estou a comportar-me como uma doida carente e não sou uma coisa nem outra.

Mas é tão parecida comigo, não estava à espera. Como é que vamos conseguir preencher vinte e cinco anos?

Ellen virou-se no banco para encará-la. Pôs um dedo debaixo do queixo de Daisy e levantou-o para olhar para ela. - Encontrámo-nos, é o primeiro passo. Mas estamos as duas em estado de choque. Daqui a dois dias, quando estivermos mais calmas, voltamos a encontrar-nos para falar sobre tudo. Parece-te boa ideia?

- Parece - murmurou Daisy, limpando os olhos. - Mas diga-me só, está satisfeita?

- Satisfeita! - Ellen soltou uma pequena gargalhada. - Claro que estou. Mas dá-me só algum tempo para me acostumar.

Daisy sentiu que devia ir-se embora. Levantou-se, dizendo que tinha de se encontrar com uma amiga para almoçar.

- Vou dar-te o meu cartão com o meu endereço de casa - disse Ellen, levantando-se e compondo o vestido. - Hoje é terça, não é? E se viesses a minha casa na sexta à noite?

- Ótimo - disse Daisy. Achava que precisava de alguns dias para ordenar mentalmente todas as perguntas que queria fazer. - Sinto muito o choque terrível que lhe causei.

Quando entraram novamente na loja, Ellen tirou um cartão da gaveta do balcão e entregou-lho. - O meu apartamento é fácil de encontrar - disse ela. - É um prédio muito feio dos anos sessenta, virado para Primrose Hill. Por volta das oito, se te convier.

Daisy disse que convinha e meteu o cartão no bolso do casaco. Avançou para beijar Ellen na face e ela agarrou-a pelos ombros.

- Não fales a ninguém sobre isto, está bem? - disse ela, com uma nota de insistência na voz. - Pelo menos, para já. É que ninguém sabe que tive uma filha. Tenho de pensar na melhor maneira de o revelar. Como certamente já descobriste, passei por muitas adversidades. Aprendi que a melhor forma de lidar com isso era evitar confidências.

- Está a dizer que não quer que eu conte à minha família? - perguntou Daisy com alguma surpresa, sabendo como lhe seria extremamente difícil.

- Acho que seria melhor se esperasses - disse Ellen suavemente. - Até termos tempo para nos conhecer. Compreendes com certeza o que eu quero dizer.

Daisy voltou para casa de metro, num estado de aturdimento. Embora, por um lado, quisesse muito falar com alguém sobre Ellen, por outro estava contente por lhe ter prometido não dizer nada sobre o seu encontro.

Assim que chegou, ligou para o pai no trabalho e disse-lhe que os advogados não podiam dar-lhe qualquer informação sobre uma cliente mas que, se quisesse escrever uma carta a Miss Pengelly, tinham todo o gosto em fazer-lha chegar às mãos. Felizmente, o pai estava ocupado e não pôde discutir mais o assunto. Disse simplesmente: - É melhor assim. Mas tem cuidado com o que escreves. Como o Joel disse, ela pode ter-se casado e ter mais filhos e não é boa ideia causar-lhe embaraços.

Daisy passou o resto do dia a limpar. Sempre tinha achado que executar tarefas mundanas era um processo excelente de refletir sobre os problemas. Mas, desta vez, não parecia estar a funcionar. Era emocionante ter descoberto que Ellen era tão elegante e equilibrada, dar-lhe-ia imenso prazer esfregar isso na cara de Joel. Mas, refletindo mais profundamente sobre tudo o que Ellen tinha dito e feito, supunha que se sentia um pouco desiludida por a mãe não ter revelado qualquer emoção.

Mas podia ser do choque. Devia ter sido extremamente traumático ver entrar de repente uma pessoa a anunciar que era filha dela. Daisy supôs que teria de esperar por sexta-feira à noite para ver como ela reagia depois de ter tido tempo para se recompor.

Depois, às seis horas, Joel telefonou. Foi simpático, considerando que ela não o tinha contactado desde que o mandara dar uma curva. Perguntou-lhe se se tinha divertido na Cornualha, como era a casa de campo e se o carro lhe tinha dado problemas. Mas ela estava tão nervosa, a arder por contar a alguém que tinha falado com Ellen, embora com medo por ter prometido que não contava, que as perguntas dele só a irritaram.

- Que é isso, um interrogatório? - perguntou.

- Não sejas parva - disse ele. - São perguntas normais que se fazem a uma pessoa que chegou de férias.

- Ah, agora sou parva - lançou ela. - Se é o que pensas de mim, então não tenho mais nada a dizer-te - disse ela, pousando o auscultador com uma pancada pela segunda vez.

O pai apareceu no cimo das escadas. - Valha-me Deus, Daisy - disse ele, abanando a cabeça, perplexo. - Isso é maneira de tratar um homem que te deu tanto apoio e carinho quando a tua mãe estava a morrer?

- É a única maneira de tratar um homem que é um palerma - retorquiu ela, zangada, e correu para o quarto onde passou o resto da noite.

Sentia-se envergonhada. Joel não merecia este tipo de tratamento mas, por qualquer razão, neste momento, Ellen parecia ser mais importante do que tudo o mais. Queria estar sozinha para pensar sobre ela. Não queria que ninguém lhe fizesse perguntas sobre o que quer que fosse.

Os dias de quarta, quinta e sexta pareceram não ter fim. Limpou, poliu e arrumou até não haver mais nada para fazer. Preparou refeições para congelar, cortou a relva, pintou de fresco as cadeiras do jardim e arrancou as ervas daninhas das bordaduras. Na sexta à tarde, foi ao cabeleireiro aparar o cabelo e comprou uma camisola creme nova porque, entretanto, passara-lhe pela cabeça que Ellen a tinha provavelmente achado feia e desinteressante com o saia-casaco preto de executiva.

A noite de sexta chegou finalmente e ela partiu para Primrose Hill pouco depois das sete,

dizendo à família que se ia encontrar com uma amiga. Apesar do alvoroço que lhe agitava o peito, sentia-se agora mais confiante; a nova camisola ficava bem com as suas calças de veludo castanhas favoritas e tinha posto um colar grosso de âmbar que pertencera a Lorna. O corte ao cabelo tinha operado maravilhas e ela deixara-o secar naturalmente, o que realçava a massa de caracóis apertados. Ninguém podia acusá-la de ter um ar feio ou desinteressante.

Não teve dificuldade em encontrar Askwith Court. Quase todas as casas na rua eram grandes construções georgianas ou vitorianas e o prédio de apartamentos de três andares fora claramente construído numa altura em que os urbanistas não eram tão exigentes em termos da preservação de uma coerência histórica na área. Como Ellen tinha dito, era típico da arquitetura insípida dos anos sessenta, com grandes janelas panorâmicas e varandas de ferro, mas implantado em jardins arrançados, pelo que podia dizer-se que os andares eram «apartamentos de luxo».

Daisy estacionou o carro no parque de estacionamento nas traseiras do prédio e dirigiu-se à frente para localizar o Apartamento 9. Como era o primeiro da lista na porta de entrada, presumiu que ficava no último andar. Tocou à campainha e segundos depois ouviu a voz de Ellen no intercomunicador.

- Sou eu, a Daisy - disse ela e um besouro soou com a abertura da porta.

As escadas eram alcatifadas mas não havia elevador e Daisy estava sem fôlego quando chegou ao último lanço de escadas e viu Ellen em cima a sorrir-lhe.

- Esbaforida? - perguntou ela. - Às vezes não percebo porque é que fui escolher um apartamento no último andar. Mas suponho que me ajuda a manter a forma.

Daisy achava-a mais do que em forma. Estava radiante, com um fato de calça e casaco creme, e ninguém diria que tinha quarenta e três anos. Quando Daisy chegou ao último degrau, ela avançou para abraçá-la, envolvendo Daisy num perfume divinal.

- Não consegui pensar em mais nada durante toda a semana senão em ti - disse Ellen enquanto a abraçava. - Estava a ver que esta noite nunca mais chegava.

Era o tipo de receção que Daisy tinha tido esperança de ter mas com que não contava e os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas. - Passou-se o mesmo comigo - admitiu. - Mas estava com medo de te ter assustado.

- Não me assusto assim tão facilmente - disse Ellen, rindo. - Vá, entra, pus uma garrafa de champanhe no gelo para celebrarmos. A propósito, estás muito linda. O teu cabelo é exatamente igual ao meu quando tinha a tua idade.

Daisy não ficou propriamente surpreendida com a decoração do apartamento de Ellen; era idêntico ao da loja, com sofás e alcatifa creme e paredes e cortinas rosa-claro. Mas parecia haver um excesso de dourado: espelhos ornados, porta-retratos, almofadas, mesas de apoio e até candeeiros com a forma de querubins dourados. Era como esperava que a proprietária da Chic Boutique vivesse mas não condizia com uma rapariga que adorava a agricultura e tinha trabalhado com crianças deficientes.

Talvez Ellen tivesse adivinhado os seus pensamentos porque Se riu. - É um tanto vistoso, não é? - disse ela. - Acho que é uma reação contra a minha infância. Queria ter conforto e luxo sumptuosos. Mas comprei o apartamento por causa da vista.

Dirigiu-se à janela e abriu os pesados reposteiros. Estava demasiado escuro para ver claramente os relvados e as árvores da Primrose Hill mas, atrás destes, distinguia-se uma vista panorâmica das luzes cintilantes da cidade. - No Verão, passo horas aqui sentada na varanda - disse ela. - Tenho as plantas à minha volta para me lembrarem a Cornualha e o mundo aos meus pés.

Dito assim, Daisy compreendia perfeitamente os sentimentos de Ellen. Pensava também que Ellen devia ser muito astuta para ter comprado um apartamento numa zona tão boa de Londres. Pela forma como os preços do mercado imobiliário tinham aumentado desde que o comprara, e continuariam a aumentar, teria sem dúvida mantido a sua herança intacta.

Ellen fechou as cortinas e disse a Daisy que estivesse à vontade e depois abriu a garrafa de champanhe, que tinha posto num balde de gelo, e serviu duas taças.

- A nós e ao nosso futuro - disse Ellen, tocando com a sua taça na de Daisy. - Desculpa se fiquei terrivelmente chocada quando apareceste na loja. Depois de partires, rompi em lágrimas porque me apercebi de que não te tinha recebido como deve ser.

- A culpa foi minha porque larguei uma bomba - disse Daisy, rindo. - O meu pai está sempre a ralhar-me por investir contra as coisas como um touro e tem razão, assusta as pessoas.

- Pois, mas como vês estou muito feliz por teres voltado para a minha vida - disse Ellen, dando uma palmadinha no joelho de Daisy. - E também tenho algumas investidas à touro na minha conta pessoal. Vá, conta-me desde o princípio porquê e como vieste à minha procura.

- A minha mãe disse-me desde cedo que eu era adotada mas, no fundo, nunca teve grande significado para mim até ela morrer e eu ver isto. - Daisy abriu a carteira e tirou a fotografia de Ellen e Josie em meninas. - Mandaste-a à minha mãe quando-eu tinha seis anos, acho eu.

Ellen pegou na fotografia e instantaneamente os seus olhos encheram-se de lágrimas. - Tinha-me esquecido que a tinha mandado - confessou ela, numa voz embargada. - Pensámos que éramos umas autênticas estrelas no dia em que essa foto foi tirada. Estávamos muito excitadas porque era raro aparecerem pessoas na quinta e muito menos um fotógrafo.

Continuando a beber champanhe, Daisy contou-lhe que tinha descoberto. a Dra. Fordham em Bristol e que, em seguida, visitara Mavis Peters.

- Foi ela que me falou de ti, da tua família, porque é que me tinhas dado para adoção e do incêndio - disse ela. - Fiquei chocadíssima com isso, Ellen, deve ter sido terrível para ti.

- Foi - concordou ela. - Durante algum tempo eu própria perdi a vontade de viver. Suponho que a Mavis também te disse que nunca mais lá voltei.

Daisy assentiu com a cabeça.

- Não fui capaz - disse Ellen, numa voz trémula. - A ideia de ver a quinta destruída, de imaginar

o pânico deles quando as chamam os engoliram, era insuportável. Não fui sequer capaz de falar com a Mavis ao telefone. Sei que devia ter falado mas não consegui, só o som da voz dela teria sido mais do que eu podia suportar.

- Ela tem andado consumida contigo - disse Daisy suavemente. - Tem-te uma grande afeição.

- Eu sei, mas isso ainda dificultou mais as coisas. - Ellen virou-se no sofá para encarar Daisy. - Quando só há uma pessoa no mundo que realmente sabe como a vida nos tratou, por vezes essa pessoa é a que mais custa enfrentar.

Daisy sabia exatamente o que ela queria dizer. Muitas vezes, quando estava com problemas, não era capaz de enfrentar a mãe, muito embora soubesse que ela estaria sempre do seu lado e a compreenderia.

- Eu sei - disse ela em voz baixa, pegando na mão de Ellen e apertando-a.

- Começar de novo, deixar tudo, o meu emprego e os meus amigos, para trás, pareceu-me ser a única forma de seguir em frente - continuou Ellen. - Não quis saber se estava a magoar as pessoas, nessa altura não, eu própria estava a sofrer demasiado para pensar nelas. Mudei radicalmente, a maneira de vestir, a maneira de pensar. Hoje usa-se essa expressão, «reinventeime», pois foi exatamente o que eu fiz. Depois, muito mais tarde, quando já me tinha resignado à situação, era tão diferente da velha Ellen que achei que não era capaz de me readaptar a essas antigas amizades.

- Compreendo perfeitamente - concordou Daisy. A história começava agora a encaixar, a fazer perfeito sentido. Só podia sentir admiração por esta mulher que tinha claramente sofrido de mais.

- Comecei a beber depois do incêndio - disse Ellen. - Meu Deus, quando penso nisso, sei que foi horrível. Sentia-me tão deprimida que saía e comprava uma garrafa mal me levantava da cama, era a única coisa que parecia ajudar. Claro que não queria que me vissem assim e não abria a porta a ninguém. O apartamento tornou-se uma espécie de prisão, horas a fio deitada na cama, a sofrer. Deixei mesmo de comprar os jornais porque sabia que estavam cheios de notícias sobre a Josie. Não atendia o telefone porque imaginava que eram jornalistas a querer falar sobre ela.

- Mas refizeste-te - disse Daisy. - Só prova como eras forte.

- Quando saí de lá, não era forte - disse Ellen, soltando uma pequena gargalhada forçada. - Embalei as poucas coisas que eram importantes para mim e parti de noite para ninguém me ver. Deixei o resto dentro de casa, enviei uma mensagem ao senhorio e não deixei nenhum contacto.

- Porque é que decidiste vir para Londres? - perguntou Daisy.

Ellen encolheu os ombros. - Porque era uma cidade suficientemente grande para me engolir. Além disso, era o único outro sítio que conhecia. Tinha passado aqui bons momentos com a Josie.

- Não te sentiste terrivelmente só no princípio?

- Nem por isso. Queria o anonimato e foi o que consegui. Pela primeira vez na minha vida, descobri que podia ser eu mesma e não essa outra pessoa que os outros pensavam que eu era.

Daisy deve ter-se mostrado confusa porque Ellen sorriu. Com certeza que a Mavis te disse que eu era uma excelente rapariga. Só porque era de confiança, honesta, trabalhadora e boa com crianças, toda a gente me achava uma santa. Uma pessoa acaba por se cansar disso, exatamente como eu me cansei de vestir roupa hippie e nunca usar maquilhagem. Houve sempre uma parte de mim que queria ser rebelde, suponho que foi por isso que comecei a vestir-me assim. Isso e sentir a necessidade de ser o mais diferente possível da Josie.

- É óbvio que sempre entendeste de roupa para a tua loja ter tanto sucesso - disse Daisy.

Ellen sorriu. - Pode aprender-se tudo se se fizer um esforço e eu devo ter assimilado algumas ideias com a Josie ao longo dos anos. Mas tive sorte.

Daisy pensou que o fato creme que ela trazia nessa noite, eternamente elegante e de um corte imaculado, era prova de bom gosto. Dava-lhe um ar confortável mas, ao mesmo tempo, sofisticado. Daisy esperava ter essa aparência quando chegasse à idade dela.

- Sentias inveja da Josie? - perguntou Daisy, um pouco mais tarde quando a conversa começou gradualmente a afastar-se da família Pengelly e a abordar a loja de Ellen e Londres em geral.

- Só de vez em quando - respondeu Ellen. - Apesar das aparentes vantagens da celebridade dela, passou por muitos tormentos. Imagino que viste recortes de jornal sobre o princípio da carreira dela.

Daisy indicou que sim.

- Bem, o que os jornais diziam era uma grande treta, o lançamento da carreira dela foi cozinhado entre o jornal e o fotógrafo Mark Kinsale. Ele era um estupor do piorio mas a Josie só se apercebeu disso quando ele já a tinha completamente na mão há muito tempo. Roubou-lhe a virgindade e o coração, e o dinheiro também.

Ellen levantou-se e abriu uma gaveta numa escrivaninha. Tirou um volumoso livro encadernado a couro e sentou-se ao lado de Daisy para lho mostrar. Era sobre Josie, com fotografias e recortes de imprensa, muitos dos quais Daisy não tinha visto.

Enquanto folheava as páginas, o que mais a impressionou foi o cuidado e o amor com que tinha sido criado. Uma grande fotografia de Josie, com um vestido de noite, estava rodeada de outras mais pequenas e complementares e depois, noutra página, havia imagens dela de fato-de-banho ou com roupas casuais. Ellen tinha recortado citações dela que enriqueciam o álbum com uma ideia sobre o seu carácter. Uma que fez Daisy sorrir estava por cima de uma fotografia dela com os seios à mostra: «Fui abençoada com uma bela figura, não vejo que faça sentido escondê-la.» .

- Ainda me entristece ver como ela era retratada - disse Ellen com um ligeiro embargo na voz. - Ela era «o Rosto dos Anos Sessenta», muito bela, um símbolo da era. Todas as pessoas que eram alguém nessa época experimentavam drogas, havia também muitas modelos que posavam nuas, mas não eram perseguidas por isso como a Josie. Olha para este recorte, por exemplo.

Virou rapidamente as páginas para o fim do álbum e parou numa fotografia da irmã com um chapéu bicudo de bruxa e um diáfano vestido de tule preto, em que ela parecia estar nua por baixo. O cabeçalho no recorte dizia: «Sou uma bruxa, posso fazer-lhe um feitiço.» Daisy continuou a ler,

descobrimos que o jornalista escrevia que Jojo professava ser uma bruxa e estava a estudar a obra do famoso satanista Aleister Crowley, incluindo ritos e orgias satânicos. - Não passou de uma brincadeira - disse Ellen, fazendo Um esgar. - Por amor de Deus, foi fotografada num baile de máscaras. Nesse tempo, o Aleister Crowley andava na boca do mundo, era uma mudança refrescante em relação às pessoas que não se calavam a dizer que se tinham convertido ao budismo e essas coisas. Qual, quer idiota teria percebido que ela estava simplesmente a brincar mas publicaram isso no jornal como se ela estivesse a falar a sério. Aliás, estava com um body debaixo desse vestido. Mas insinuaram que ela andava seminua.

- Porque é que ela não fez um desmentido? - perguntou Daisy.

Ellen franziu a testa. - Convenceram-na da velha máxima: «Toda a publicidade é boa publicidade» e ela engoliu! Mas queria que a verdadeira história dela fosse conhecida e conseguiu interessar um jornalista muito conhecido a escrever a sua biografia. Tenho aqui os apontamentos dela sobre isso, em que ela conta toda a verdade sobre a nossa família. Como o Kinsale a tinha seduzido, vigarizado e usado e como lhe extorquia o dinheiro que ela ganhava e a obrigava a tomar drogas. O jornalista nunca fez nada com eles, pelo contrário ... traiu-a escrevendo um artigo a dizer que ela estava a ser tratada pela sua toxicodependência numa clínica de Harley Street. Queres melhor distorção da verdade? Ela só lá tinha ido por causa de um problema ginecológico.

- Mas de certeza que a verdadeira história dela teria dado uma leitura muito melhor - disse Daisy um pouco intrigada. Não sabia se a versão de Ellen correspondia à verdade; Mavis tinha dito que ela era muitas vezes cega aos defeitos da irmã.

- Os jornais não queriam denunciar um caso de exploração em que estavam envolvidos jornalistas. - Ellen encolheu os ombros. - Além disso, tinham descoberto uma fórmula de sucesso, quanto mais chocante fizessem a Josie parecer, mais jornais vendiam. Ela não podia lutar contra isso, não fazia ideia como.

Ellen fez uma breve pausa, olhando para uma fotografia espantosamente bonita de Josie com um vestido de baile. - Diziam que ela era a rapariga mais bela de Inglaterra - disse ela com a voz trémula. - Mas a Josie não estava de acordo. Faziam-na sentir-se feia por dentro por causa do que a obrigavam a fazer.

Daisy ficou novamente um pouco confusa. - Estás a dizer que foram eles que a iniciaram na bebida e na droga?

- Quem fez isso foi o Mark Kinsale - disse Ellen num tom revoltado. - Esse estafermo maldito usou os truques todos e mais alguns, droga, álcool, sexo e chantagem, para conseguir o que queria dela. Ela estava convencida que ele a amava, era demasiado nova e ingénua para perceber o que se passava. Uma vez, obrigou-a a ir para a cama com um tipo que disse que era um produtor de cinema, garantiu que, se o tipo gostasse dela, a metia no próximo filme dele. Mas o «produtor» não passava afinal de um ator de filmes pornográficos e o Mark filmou a cena toda. Sempre que a Josie tentava arranjar trabalho com outro fotógrafo, ele ameaçava mandar o filme aos pais e para os jornais. Ela estava de mãos atadas.

Ellen fechou o álbum bruscamente e voltou a guardá-lo na escrivaninha. A forma desalentada como se movia comoveu profundamente Daisy. - Deves ter-te sentido igualmente impotente, sabendo

o que se estava a passar mas incapaz de lhe pôr cobro, não?

Ellen suspirou. - Sim, andava desfeita. Mas estou a trabalhar na biografia dela e, se alguma vez a terminar e publicar, terei dado a verdadeira versão dos factos. Só queria que fosse possível fazer também alguma coisa para punir o Mark Kinsale. Mas ainda no ano passado li no jornal que ele morreu nos Estados Unidos. Excesso de drogas, imagino. Mas basta de conversa sobre ele e a Josie. Fala-me agora de ti.

- Não há muito para contar. - Daisy corou um pouco. Relatou concisamente a sua história recente, explicando como a morte da mãe a fizera ver as coisas com mais clareza e como tinha feito um curso de chefe de cozinha. Falou ainda da sua relação com Joel e da sua tristeza por se ter desfeito. Depois disse que se tinha apaixonado pela Cornualha e lhe agradava a ideia de arranjar lá trabalho, nem que fosse só durante o Verão.

- Não faças isso. - Ellen pôs um ar horrorizado. - Pode ser bonito e pitoresco mas não te podes enterrar lá, com a tua idade, a cozinhar para veraneantes. Deves arranjar trabalho num sítio promissor, aqui em Londres, um sítio com futuro.

- Mas tu amavas a Cornualha. Soube que querias explorar a quinta do teu pai - retorquiu Daisy embora se sentisse incapaz de imaginar que fosse realmente verdade depois de conhecer Ellen.

- Um sonho tolo de rapariga - disse Ellen firmemente. - Três gerações de Pengelly esfalfaram-se nessa terra. Nunca foi boa para nada senão para o que é agora, um hotel para pessoas que querem admirar a vista e romantizar o passado. A Cornualha não tem nada a não ser a paisagem e os turistas que vão para lá contemplá-la. Não há indústria, não há lojas decentes, não há trabalho e não há casas em condições para metade dos pobres diabos que lá nasceram.

Daisy não soube que responder. Se falasse na qualidade de vida que faltava em Londres e noutras cidades ou que tinha conhecido mais pessoas autênticas, numa semana passada na Cornualha, do que em todos os anos vividos em Londres, tinha o pressentimento de que Ellen a fulminaria.

- Talvez, mas eu adorei a região - retorquiu. - Acho que Londres é uma cidade suja, superpovoada e cheia de impostores que só querem ganhar dinheiro depressa. A mentalidade promovida pela Thatcher dá-me cabo dos nervos.

Ellen riu-se. - Isso era o que eu dizia quando o Ted Heath era o primeiro-ministro mas, nesse tempo, também tinha vinte e tal anos e era uma idealista.

Daisy relanceou para o relógio e viu que passava das dez e que ainda não tinha feito a pergunta crucial.

- Foste pressionada para me dar para adoção? - perguntou ela. - Tanto a minha mãe, como a Dra. Fordham, pareciam pensar que sim.

Ellen lançou-lhe um olhar inexpressivo como se não compreendesse a pergunta. - Pressionada? - repetiu.

Daisy assentiu. Seguiu-se um longo silêncio.

- Nesse tempo não havia alternativa - disse Ellen finalmente. - As mães solteiras não eram aceites como são agora. É altura de ir fazer um café.

Daisy ficou um tanto dececionada por Ellen não parecer querer dar-lhe a sua versão dos factos de então mas, enquanto esperava que ela voltasse com o café, percebeu porquê. Ellen era uma mulher forte, era claro pela forma como ela tinha reconstruído a sua vida depois do incêndio. Não fazia parte do seu carácter atribuir a outros a culpa pelas suas próprias ações nem torturar-se com o passado.

- Deves ter achado muito estranho da minha parte ter-te pedido para não dizeres à tua família que me encontraste - disse Ellen quando regressou à sala com um tabuleiro com café e sanduíches. Pela primeira vez, nessa noite, parecia um pouco ansiosa e insegura.

- Nem por isso, fiquei tão transtornada com o encontro que não pensei em mais nada - respondeu Daisy.

- Eu senti o mesmo - disse Ellen, pousando o tabuleiro na mesa de apoio. - A minha primeira reação foi, como diabo posso de repente aparecer com uma filha de quem nunca falei aos meus amigos? Depois pus-me a refletir no assunto e percebi que ainda estava afetada pela intolerância do passado e que isso é absurdo porque agora acabou. Só posso sentir orgulho em dizer que és minha filha. Quero mostrar-te ao mundo.

Daisy sentiu uma felicidade radiosa invadi-la. - Quero muito falar de ti à minha família - disse ela.

- Fala à vontade mas não vais querer que eu os conheça, pois não?

Daisy olhou para ela, surpreendida.

- Oh, não estou a dizer que não os quero conhecer. Talvez uma refeição num restaurante ou qualquer coisa assim, uma ocasião formal em terreno neutro - apressou-se Ellen a dizer. - É que, se fosse a tua casa, não sei se aguentaria todas as coisas que me lembrariam o que perdi ao dar-te para adoção. Preferia que tivéssemos uma relação separada e especial, em que pudéssemos construir um futuro juntas sem os fantasmas do passado.

Nos dois últimos dias, Daisy tinha ponderado como seria se Ellen fosse a Bedford Park. Embora desejasse ardentemente assistir à reação do pai e dos gémeos a uma mulher tão bela, compreendia que podia ser constrangedor e estranho para eles e que possivelmente voltaria a afastá-la deles.

- Acho que é a solução perfeita - disse Daisy com entusiasmo. - Estou muito feliz por te ter encontrado. Superas as minhas fantasias mais loucas.

Ellen sorriu. - Obrigada, minha querida! É a coisa mais bonita que alguma vez me disseram.

CAPÍTULO 21

Joel estava sentado numa poltrona, olhando sem ver a tábua de passar a ferro pejada dos restos do takeaway da noite anterior. Todo o apartamento estava mais ou menos no mesmo estado.

Desde a zanga com Daisy que tinha perdido o interesse em limpar ou no que quer que fosse, aliás.

Tinham passado quatro semanas desde que Daisy lhe tinha desligado o telefone na cara quando estava na Cornualha. Agora estava arrependido de não ter ido a Bedford Park na Páscoa, depois de ela ter voltado, para conversar sobre o assunto.

Compreendia perfeitamente que ela quisesse encontrar a mãe e não punha objeções a isso. Mas tinha defendido desde o princípio que ela devia recorrer aos serviços de uma agência especializada em localizar mães biológicas. Dessa forma, haveria mediação para resolver potenciais problemas.

Foi quando Daisy disse que achava que Ellen podia ter sofrido um esgotamento nervoso na sequência do incêndio na quinta que ele começou a preocupar-se. Na sua opinião, a última coisa de que Daisy precisava, tão cedo depois da morte de Lorna, era envolver-se com uma pessoa instável. Tinha sido forte com Lorna e John mas podia facilmente começar a ceder se outra pessoa comesse a depender dela. Talvez devesse ter sido mais diplomático e supunha também que escusava de ter recusado servir-se dos seus contactos profissionais para ajudá-la na busca. Mas a exuberância desenfreada dela tinha-o apanhado desprevenido.

Quando telefonou a Daisy da vez seguinte, esforçou-se seriamente por usar de tato. Mas ela pareceu extremamente irritável enfurecendo-se ainda mais com todas as suas perguntas. Continuava a não perceber o que havia de mal em dizer: «Não sejas parva.» Não era com intenção de ofender. Mas imaginava que ela teria perdido as estribeiras com o que quer que ele dissesse. Por isso, tinha-a deixado em paz, pensando que com o tempo ela se recomporia.

Outro erro! Ela não lhe telefonou nem o visitou. Ele ficou na incerteza, sem saber se ela o considerava persona non grata ou se estava à espera de um gesto da sua parte.

Amava Daisy. Desde a primeira noite em que a tinha conhecido no bar que sabia que ela era a rapariga dos seus sonhos. Recordava-se da maneira como ela lançou para trás aquele glorioso cabelo, quando a ajudou a apanhar do chão o conteúdo da carteira, por baixo dos quais estavam aqueles olhos azuis de miosótis. Se ela não tivesse aceitado sair com ele nessa noite, achava que teria passado o resto da vida a rondar a zona, à procura dela.

Nunca tinha experimentado este sentimento por nenhuma mulher antes dela.

Ela era inconstante, mas no melhor dos sentidos. Efervescia como gasosa, transformava todos os momentos em momentos especiais. Queria que ela se tornasse sua mulher, mãe dos seus filhos. A única razão por que não a tinha pedido em casamento poucos meses depois de a conhecer fora a grave doença da mãe. Agora desejava ter-lhe dito que ela era uma pessoa fantástica quando estava a olhar por Lorna porque foi nessa altura que ele viu os seus verdadeiros pontos fortes, capaz, calma,

mantendo toda a família unida com o seu humor e vivacidade.

Finalmente tinha ligado a John para o escritório duas semanas antes. Sempre se tinham dado bem e ele queria o conselho de John sobre a possibilidade de Daisy aceitar uma reconciliação. Ainda antes de abordar o assunto, John revelou-lhe que Daisy já tinha localizado Ellen e se tinha encontrado com ela e que estava, nas palavras dele, «no sétimo céu».

Mas John não parecia estar inteiramente satisfeito. Daisy não tinha feito qualquer tentativa para arranjar emprego, parecia viver apenas para os encontros com Ellen, sem considerar o seu próprio futuro. John apressou-se a dizer que não duvidava que Ellen fosse uma mulher admirável porque Daisy falava extasiadamente da loja, da casa, da elegância e da beleza dela. Contudo, ao mesmo tempo, parecia preocupado que Ellen pudesse estar a dar a volta à cabeça de Daisy, oferecendo-lhe roupas caras e afastando-a da família.

- Já sabes como ela pode ser - disse John a dado trecho. Com ela ou é oito ou oitenta. Neste momento, é só a Ellen isto, a Ellen aquilo. Não há o mais pequeno espaço para nós.

- Então também não há qualquer espaço para mim? - disse Joel, mantendo o tom ligeiro.

John suspirou. - No meu caso, tenho simplesmente de esperar que passe. Mas não há razão nenhuma para tu esperares, Joel. Não te posso aconselhar, a verdade é que já não sei o que lhe vai na cabeça.

Joel enviou flores a Daisy no dia seguinte, com uma curta mensagem a dizer que sentia saudades dela. Mas não teve resposta, nem sequer um telefonema a agradecer, e assim só pôde concluir que ela tinha perdido por completo o interesse por ele.

Era como se a luz tivesse desaparecido totalmente da sua vida. Acordava de manhã, sentindo-se como se tivesse um peso a oprimir-lhe o peito. Sem ela, nada parecia fazer sentido.

Amava Daisy, queria passar o resto da vida com ela. E tinha acreditado que ela sentia o mesmo por ele. Interrogava-se sobre o que lhe iria no pensamento para deixar escapar uma coisa tão boa.

O que ia no pensamento de Daisy era Ellen. Em pouco mais tinha pensado desde o primeiro encontro. Mas de momento não estava apenas a exultar de felicidade por ter uma mãe tão bela e interessante mas a considerar o que podia fazer para as aproximar mais.

Já se tinham encontrado em oito ocasiões, várias delas no apartamento de Ellen. Tinham feito duas refeições fora e tomado bebidas num bar perto da loja dela. Contudo, apesar de Ellen lhe ter oferecido vários presentes, incluindo o bonito top verde da sua loja, Daisy sentia que ela continuava reticente.

Não importava que ela dissesse que ainda não estava preparada para conhecer a família de Daisy, pois esta não achava que isso fosse realmente importante. Mas aborrecia-a um pouco que Ellen continuasse a não querer falar do seu passado. Invocava que a conceção, o nascimento e a subsequente adoção de Daisy eram assuntos demasiado tristes para falar deles. Daisy ardia por saber mais e achava que eram questões cruciais que precisavam de ser ventila, das. Mas Ellen também não falava da sua vida em Bristol, de como eram os amigos ou o trabalho. Quando falava sobre o

passado era sobretudo sobre a sua infância.

Parecia a Daisy, enquanto ouvia histórias divertidas sobre a roupa horrorosa que ela e Josie tinham de usar, como o pai era intransigente e como Violet podia ser desmazelada e cruel, que Ellen tentava banalizar a sua perda. Lembrava-se de ter sido assim, Com o resto da família, quando Toby, o cão que tinham tido antes de Fred, morreu. Se tivessem falado sobre as melhores recordações que guardavam dele, ter-se-iam sentido terrivelmente incomodados. Assim, só falavam das coisas que ele tinha destruído, das covas que abrira no relvado e dos seus latidos constantes por tudo e por nada.

Parecia-lhe que Ellen ainda carregava um fardo de culpa a respeito de Josie embora não soubesse porquê. Talvez Ellen sentisse que não se tinha esforçado o suficiente para impedir o declínio da irmã ou que devia ter tentado tirá-la de Londres para começar uma nova carreira.

Quanto mais Daisy cogitava sobre estes aspetos, mais achava que, se Ellen voltasse à Cornualha ou se tivesse algum contacto com o seu passado lá, poderia definitivamente esquecer tudo. Não se atrevia a fazer esta sugestão, sabendo que Ellen não a veria com bons olhos. Mas não podia deixar de pensar nela.

Também não se tinha atrevido a dizer a Ellen que ligara a Mavis, quase imediatamente depois do seu segundo encontro, e que lhe tinha contado tudo o que havia para contar. Mavis tinha querido viajar de imediato para Londres para ver Ellen mas Daisy explicara a situação e dito que podia estragar a relação se contrariasse os desejos de Ellen.

Mas agora, algumas semanas depois, Daisy tinha a certeza de que seria melhor a longo prazo pôr tudo a nu. Ellen parecia ter alguns amigos em Londres pois tinha falado em jantaradas e festas. Mas não havia nenhum homem na sua vida e dava ideia de que passava a maior parte do tempo livre sozinha. Podia dizer que gostava da vida que tinha mas Daisy desconfiava que era apenas bravata e que, no fundo, se sentia só.

Mavis queria tão desesperadamente estar com Ellen que se mostrava disposta a correr o risco de uma possível rejeição. Daisy não acreditava por um momento que Ellen a rejeitasse; a que propósito havia de a rejeitar? A clivagem entre elas tinha sido simplesmente causada pela dor. Quando ultrapassasse esse primeiro obstáculo, talvez Ellen se abrisse completamente. Talvez comesse a contactar os velhos amigos de Bristol e a viver novamente, em lugar de investir todas as suas energias na loja.

Daisy também sabia que devia pôr ordem na sua própria vida, quer implicasse mudar de casa para trabalhar, quer arranjar um emprego em Londres. Tom e Lucy estavam a preparar-se para os exames finais e a planear uma viagem à volta do mundo a seguir. Num momento de excepcional generosidade, Lucy tinha sugerido a Daisy que os acompanhasse. Mas, desde que tinha encontrado Ellen, vivia centrada nela com exclusão de tudo o resto.

E depois havia Joel. Sentia-se envergonhada por não lhe ter agradecido as flores ou tido a elegância de lhe dizer se a relação estava efetivamente terminada apesar de ele invadir os pensamentos dela com monótona regularidade.

Sentia falta de muitas coisas nele, por vezes tanto que doía. O sexo era uma delas. Encontrar uma mãe era maravilhoso mas não pertencia à mesma categoria do sexo escaldante! Por vezes

pegava na chave de casa dele e imaginava-se a ir ao apartamento quando ele estivesse de serviço à noite e a esperar por ele na cama. Só a ideia punha-a a tremer.

Depois havia o seu sentido de humor. Sentia saudades dele, parecia que tinha passado uma eternidade desde que se tinha divertido a sério. Também sentia saudades da sensação de ser apapricada. Sempre tinha sido Joel a chamar táxis, a reservar mesas em restaurantes, a imaginar novos programas nos fins-de-semana livres. Agora sentia-se envergonhada de ter dito ao pai que Joel era obcecado pelo controlo. Não era, era apenas muito melhor a organizar coisas do que ela.

Mas, se lhe telefonasse e se a relação recomeçasse, não era provável que ele torcesse o nariz ao facto de ela estar com Ellen com tanta frequência? E como podia conciliar um emprego de chefe de cozinha com ele e com Ellen? Assim, estava a fazer o que sempre fazia quando não via uma saída: nada.

Foi essa certeza que a levou finalmente a ligar a Mavis e a congeminar um plano para ela se encontrar com Ellen. Era uma tomada de ação mesmo que Joel, e possivelmente também o pai, considerassem decerto que era imiscuir-se na vida das outras pessoas. A irmã de Tim, Harriet, neta de Mavis, residia em Finchley. Mavis podia vir passar um fim-de-semana prolongado a casa dela e no sábado à tarde, Daisy levá-la-ia a visitar Ellen na loja.

- Achas que é boa ideia? - perguntou Mavis, com ceticismo quando Daisy lho expôs. - Claro que quero pegar o touro pelos cornos, passe a expressão. Mas não deixa de ser uma ingerência.

- Foi ainda mais quando eu entrei lá dentro a dizer quem era - disse Daisy com absoluta confiança. - E veja que bem que resultou! Temos de ser temerárias.

O tempo estava glorioso na sexta à tarde, em meados de Maio, quando Mavis ligou a dizer que tinha chegado bem a Finchley. Estava muito excitada por passar alguns dias em Londres com Harriet e voltar a ver Daisy mas sobretudo com a ideia de visitar Ellen.

- Vou buscá-la amanhã ao meio-dia - disse Daisy. - Almoçamos e depois vamos a Hampstead da parte da tarde.

- Que é que andas a congeminar? - perguntou John com curiosidade às onze horas de sábado. Tinha ouvido Daisy sair cedo com Fred e voltar depois para tomar um duche e lavar a cabeça.

A agitação dela pela casa, extremamente bem vestida e com um sorriso rasgado na cara, tinha-o levado a desconfiar. - Fizeste as pazes com o Joel? - acrescentou, esperançado.

- Não, mas sou capaz de tentar se as coisas correrem bem hoje. - O sorriso dela abriu-se ainda mais. - Tenho saudades dele.

- Então o que é, uma entrevista para um emprego? - Mirou-a de alto a baixo e pensou que o vestido e casaquinho novos azul-claros que ela trazia eram muito atraentes mas pouco indicados para uma entrevista.

Ela riu-se e levou um dedo ao nariz. - Não te metas - disse ela -, até eu estar preparada para te contar.

John estava a olhar pela janela do quarto mais tarde, a admirar as cerejeiras que estavam completamente em flor, quase formando um arco sobre a rua, quando Daisy saiu de casa. Observou-a a caminhar para o carro; levava um passo saltitante e estava muito bonita com o sol refletido nos caracóis. Era o aspeto que tinha quando conheceu Joel e ele esperava sinceramente que fizessem as pazes.

Por mais satisfeito que se sentisse por ela ter encontrado Ellen, começava a achar a sua obsessão com a mulher um tanto enfadonha. Desde o dia em que tinha visitado os advogados, Daisy nunca mais fora a mesma. Parecia também haver qualquer coisa de furtivo em toda a situação. Daisy não lhe mostrara a carta de resposta que tinha recebido de Ellen, anunciando simplesmente que a recebera duas semanas mais tarde e corrido ao encontro dela.

Estava sempre a dizer que queria combinar uma refeição num restaurante para ele e os gémeos a conhecerem mas isso também ainda não tinha acontecido. Estaria a sentir ciúmes?

- Tivemos sorte - exclamou Daisy quando arranjou um lugar para estacionar em Haverstock Hill, ao dobrar da esquina de Heath Street. Não queria que Mavis tivesse de andar a pé ... ela podia estar em forma para andar por casa mas subir ruas era diferente.

- Adoro Hampstead - disse Mavis, olhando em volta. - Eu e o Frank vínhamos sempre aqui quando estávamos em Londres. Tomávamos o chá da tarde em qualquer lado e depois ele insistia em comprar-me uma prenda. Aposto que já estive na loja da Ellen, havia uma bonita loja de carteiras em Heath Street. Uma vez, o Frank comprou-me lá uma bolsa de cerimónia de contas muito bonita. Quase nunca tive oportunidade de usá-la mas adorava-a.

Daisy sorriu. Desde que tinham saído de Finchley que Mavis não se cansava de rememorar o passado, falando dos almoços com Frank em The Spaniards, de passeios pelo parque e até de terem tomado banho num dos lagos. Era evidente que os dois se tinham amado até à morte dele.

- Esperemos que ela não tenha a loja cheia de clientes - disse Daisy, fechando o carro e dando o braço a Mavis para atravessar a rua. - Se estiver cheia, talvez seja melhor irmos tomar um café ou assim até acalmar.

Daisy estava agora muito nervosa, subitamente consciente de que era uma quebra da confiança de Ellen impingir-lhe Mavis deste maneira. Mas não havia como voltar atrás, Mavis estava determinada em vê-la e, além disso, Daisy tinha a certeza de que Ellen acabaria por ficar contente depois do facto consumado.

- É mesmo a loja onde comprámos a minha carteira - disse Mavis, excitada, quando Daisy indicou o letreiro oscilante à frente. - Nesse tempo, não se chamava «Chie Boutique» mas recorde-me das montras de ressalto.

- Espere aqui que eu vou ver quem está lá dentro - disse Daisy ao aproximarem-se.

O sol tinha atraído multidões de pessoas às ruas mas, felizmente, a maioria andava só a ver montras a caminho do parque. Daisy correu para a loja e espreitou pelo vidro. Viu Ellen debruçada sobre o balcão a escrever qualquer coisa. A loja estava vazia a não ser, claro, que estivesse alguém no gabinete de prova.

- A costa está livre, não está lá ninguém - informou Daisy ao voltar para junto de Mavis que estava pesadamente apoiada na bengala com um ar agora um pouco ansioso.

Quando a campainha da porta retiniu, Ellen levantou os olhos, viu que era Daisy e sorriu. - Olá, querida - disse ela.

Daisy desceu para a loja, logo seguida de Mavis.

Fez-se um silêncio absoluto por alguns momentos. Ellen olhou para Mavis, como se não a conhecesse, e quando Daisy se virou para ver a reação da mulher mais velha, notou que ela tinha ficado terrivelmente pálida e levado as mãos à boca.

- O que foi? - perguntou Daisy, pensando que o encontro de surpresa tinha sido de mais para a velha senhora.

- Não é a Ellen - murmurou Mavis, ofegante. - É a Josie!

CAPÍTULO 22

A declaração de Mavis pareceu pairar no ar perfumado da loja. Daisy olhou entre ela e Ellen, boquiaberta. Ellen estava com um ar igualmente atônito e abalado, os grandes olhos castanhos arregalados e fixos.

O silêncio absoluto pareceu durar minutos. Não ocorria a Daisy nada para dizer. Mas Ellen quebrou-o. - Oh, Mavis - disse ela, num tom de censura -, claro que sou a Ellen; só me visto melhor, mais nada.

Mavis avançou um passo, titubeou e a bengala escorregou-lhe da mão. Imediatamente deu a sensação de que ia desmaiar.

Foi Ellen quem se precipitou e a amparou enquanto Daisy continuava espedaçada, demasiado aturdida para se mexer. - Ajuda-me a levá-la lá para trás - ordenou-lhe Ellen. - A subida até aqui é muito acentuada e está muito calor cá dentro. Vá, depressa.

Pegando num braço cada urna, transportaram Mavis através da loja e da arrecadação para o pequeno pátio e sentaram-na no banco. Ellen correu para dentro e voltou segundos depois com um pano húmido e um copo de água.

- Imagine-se, pensar que eu era a Josie - disse ela ternamente, colocando o pano húmido na testa de Mavis, mas sorrindo como se achasse divertido. - Não acredito que seja assim tão parecida com ela. Mas afinal que é que está aqui a fazer, a flautear por Hampstead? Também me pregou um grande susto.

- Desculpa, Ellen, a ideia foi minha - balbuciou Daisy. - Achei que tinha de arranjar um encontro entre as duas.

- És demasiado impulsiva e só te faz mal - disse Ellen azedamente. - Acontece que andava a pensar que devia voltar a contactar a Mavis. Estou muito feliz por vê-la. Mas estes choques não fazem bem a ninguém e muito menos a uma pessoa da idade dela. Vai fazer-nos um chá e tranca a porta.

Daisy afastou-se, sentindo-se extremamente envergonhada.

Depois de trancar a porta da loja, voltou ao pátio enquanto esperava que a chaleira fervesse. Mavis estava a recuperar a cor e a olhar para Ellen, que continuava a segurar-lhe o pano húmido contra a testa.

- Porque é que me excluístes da tua vida? - perguntou Mavis, numa vozinha trémula.

Daisy sentiu uma onda de alívio. Era claro que Mavis se tinha confundido antes.

- Não foi nada de pessoal - respondeu Ellen, numa voz baixa e doce, afagando a cabeça da mulher mais velha. - Fiquei fora de mim depois do incêndio. Quase não conseguia lavar-me e vestir-me, quanto mais falar com quem quer que fosse, especialmente consigo que me teria trazido muitas

mais recordações.

- Mas bastava uma pequena mensagem. - Os lábios de Mavis estavam a tremer. - Qualquer coisa para eu saber que não tinhas perdido o juízo.

Ellen pôs um ar envergonhado. - Não foi minha intenção magoá-la - disse ela. - Estava tão obcecada com a minha própria dor que não pensei em mais ninguém. - Pousou a mão no ombro de Mavis. - Depois chegou um momento em que percebi que tinha de tomar um caminho novo e isso significou pôr de lado o passado, incluindo a Mavis.

- O Frank morreu há cinco anos - disse Mavis, num tom de reprovação, a voz ainda um pouco trémula.

- Oh, Mavis, sinto muito. - Ellen apertou as mãos de Mavis entre as suas. - Era tão boa pessoa e, se tivesse sabido, teria pelo menos mandado flores, mas não mantive o contacto com ninguém da Cornualha.

- Não faz mal - respondeu Mavis, levantando os olhos para Ellen, os seus olhos azuis aguados. - Ele tinha oitenta e oito anos, uma boa idade como se costuma dizer, e eu tenho sorte porque ainda tenho os meus filhos e os meus netos à minha volta.

Tomaram chá juntas mas Daisy via que Mavis ainda não estava recomposta. Não estava a tentar conversar com Ellen, aliás a sua expressão era vazia e, quando Daisy sugeriu levá-la a casa em Finchley, ela assentiu aliviada com a cabeça.

Ellen foi muito solícita, tomou nota do número de telefone de Mavis em Finchley e disse que lhe ligaria mais tarde e talvez no dia seguinte pudessem encontrar-se para almoçar. Nesse momento, Mavis pareceu animar-se um pouco, disse que a viagem a Londres tinha sido mais cansativa do que esperava e que talvez fosse tempo de se comportar de acordo com a idade.

Ellen chamou Daisy à parte antes de ela sair para ir buscar o carro. - O que fizeste foi estúpido e perigoso - disse ela secamente, os seus olhos castanhos carregados de fúria. - Agora trata de a deixar em casa em segurança e obriga-a a deitar-se. E não te atrevas a meter-te na minha vida outra vez. Não te admito.

Mavis ia muito calada no caminho para casa; parecia absorta num mundo à parte, que, aliado às palavras iradas de Ellen, ia intensificando a ansiedade de Daisy de minuto para minuto. À porta de casa da neta, a velha senhora remexeu na carteira à procura da chave que Harriet lhe tinha dado e, como não a encontrou, Daisy teve de procurar por ela.

Como Harriet tinha dito que ia sair e não chegaria a casa antes das cinco, Daisy conduziu Mavis para dentro de casa com a intenção de fazer chá para as duas. Quando entraram no vestíbulo, Mavis tropeçou, quase caindo de frente, e Daisy reparou que ela estava muito pálida e que as suas mãos estavam a tremer.

- Acho melhor dormir um soninho - disse ela ternamente, ajudando-a a entrar na sala de estar e a sentar-se no sofá. - Lamento muito, Mavis, não a devia ter convencido a vir. Durma um pouco que eu fico aqui até a Harriet chegar.

- Senta-te, Daisy - disse Mavis e, apesar de a sua voz continuar trémula, continha um registo autoritário. - Aquela mulher não é a Ellen. É a Josie. Eu sei que é.

Daisy protestou intimamente, tinha pensado que esta tolice terminara. Mas, visto que Mavis estava extremamente abalada, achou melhor não a contrariar e sentou-se ao lado dela no sofá.

- A Mavis sempre disse que elas eram muito parecidas - lembrou ela, mantendo um tom ligeiro. - Treze anos é muito tempo quando não se vê uma pessoa. Deve estar confusa porque ela já não tem um aspeto desmazelado.

- Treze anos não é nada quando se tem oitenta e seis anos - disse Mavis, fixando os olhos em Daisy, como que a desafiá-la a contrariá-la. - A voz dessa mulher não é a da Ellen, é demasiado londrina. Ela também nunca teve uma cintura tão fina e nunca seria capaz de andar com aqueles sapatos tão altos mesmo que passasse cinquenta anos a praticar. E de certeza que não teria uma loja de roupa como aquela. Era a Josie.

- Oh, Mavis - disse Daisy, exasperada. - Como é que pode ser a Josie? Ela morreu no incêndio. .

- Alguém morreu no incêndio. Uma jovem mulher de cabelo ruivo e bons dentes. Toda a gente pensou que era a Josie porque ela estava lá na altura e porque a polícia encontrou alguém que afirmou chamar-se Ellen no apartamento dela em Bristol no dia seguinte.

Daisy disse que ia fazer chá. Esperava que, depois de descansar, a velha senhora caísse em si.

- Não quero mais chá - disse Mavis, com irritação. - Ainda não estou senil. Se fosse a Ellen, não terias tido necessidade de me tirar daquela loja tão depressa. Mas eu precisava de sair de lá, para refletir melhor.

- E que conclusões tirou? - perguntou Daisy com sarcasmo.

Mavis tinha uma expressão distante nos olhos. - O dia do incêndio foi o aniversário do Albert. A Ellen tentava sempre visitá-lo nesse dia, só me lembro de ela ter faltado uma ou duas vezes. Aposto que também lá estava mas chegou tão tarde à noite que ninguém a viu.

- Ela não lhe teria dito se fosse de visita? - perguntou Daisy.

- Não necessariamente, gostava de fazer surpresas às pessoas, nesse aspeto saís a ela! A Josie sabia disso tão bem como qualquer outra pessoa, às tantas até preparou tudo, convencendo a Ellen a deixar o carro na estrada para o Albert não o ouvir! Imagino-a perfeitamente a irromper pela casa dentro com um bolo e uma garrafa de whisky para ele! Era o estilo dela.

- Oh, Mavis. - Daisy teve vontade de rir. Era uma ideia incrivelmente rebuscada.

- Aposto tudo em como foi o que aconteceu - insistiu Mavis. - Beberam todos imenso e foram deitar-se. Exceto a Josie. A Josie ateou o fogo e depois conduziu o carro da Ellen até Bristol, entrou no apartamento dela e, a partir desse momento, assumiu a identidade da Ellen.

- Mavis! Ninguém conseguia escapar impune com uma coisa dessas - disse Daisy com impaciência.

- Não? - Mavis levantou uma sobrancelha. - Quando eram meninas toda a gente as confundia. Foi só quando eram mais crescidas e adotaram estilos pessoais distintos e começaram a usar roupa e penteados diferentes que se tornou fácil distingui-las. Ninguém conhecia a Ellen melhor do que a Josie ... uma vez no apartamento dela, podia vestir a roupa dela e arranjar o cabelo como ela que ninguém percebia a diferença.

Daisy encolheu os ombros. Não ia engolir esta história.

_ Exceto uma pessoa como eu - disse Mavis acerbamente. Uma pessoa que conhecia perfeitamente a Ellen. Foi por isso que a Josie não apareceu no inquérito judicial nem no enterro. Essa história de ela estar fora dela com a dor não passou de uma patranha. Sabia que nunca me enganaria. Mesmo agora com aqueles modos delicados, eu percebi. Não quis dizer mais nada porque, se ela é capaz de matar os pais e a irmã para conseguir o que quer, no teu caso e no meu não pensaria duas vezes.

Daisy engoliu em seco. A ideia de Mavis continha um estranho cunho de verdade. Mas, por outro lado, as coisas mais chocantes que ela lhe tinha contado sobre Josie também continham e Ellen dera uma perspetiva muito diferente sobre muitas delas.

- Mas as assinaturas dela em documentos legais, cheques e essas coisas? - frisou Daisy. - Como é que ela dava a volta a isso?

- As pessoas podem aprender a imitar a caligrafia dos outros - disse Mavis, encolhendo os ombros. - Olha para as fraudes com cartões de crédito que existem! Se a Josie foi suficientemente esperta para encenar a própria morte, não lhe falta cabeça para falsificar papéis.

Daisy permaneceu ali sentada por momentos a refletir sobre tudo o que ouvira. Não conseguia acreditar na ideia de Mavis, era demasiado melodramática. Além disso, um plano tão audaz e ardiloso só podia ter sido executado por alguém absolutamente implacável ou semilouco. Se Ellen fosse de facto Josie, tinha de ter nervos de aço, talento para representar e uma determinação incrível para alimentar a farsa durante tanto tempo. Pelo que tinha ouvido sobre Josie, ela era fraca e até um pouco estúpida.

Harriet chegou a casa às cinco horas. Era muito parecida Com o irmão Tim, alta e magra. Usava óculos com aros de metal e o cabelo louro estava atado atrás num rabo-de-cavalo. Quando viu a avó com um ar tão nervoso e pálido e soube o que tinha acontecido, foi extremamente brusca com Daisy.

- Ela é uma senhora idosa, Daisy, e na idade dela tem direito a paz e sossego - disse ela. - Não achei que fosse boa ideia tornar a ver a Ellen, depois do que ela a fez passar, e agora olha o resultado, está atarantada.

- Não estou nada atarantada - insistiu Mavis, indignada. - Deves contactar a polícia e mandar prender essa mulher. É uma assassina.

Daisy não sabia o que dizer ou fazer. Não pensava de maneira nenhuma que Mavis estivesse atarantada, como Harriet dizia, mas por outro lado também não acreditava que Ellen fosse realmente Josie.

Daisy dirigiu-se à cozinha com Harriet, pediu desculpa por ter transtornado Mavis e depois recapitulou a teoria dela. - Acha que ela pode ter razão? - perguntou. - Eu não acho, não acredito que alguém fosse capaz de uma coisa dessas e muito menos uma pessoa como a Josie, que não passava de uma modelo frívola que se drogava. Mas conhece a sua avó muito melhor do que eu e deve ter conhecido os Pengelly.

- Sim, conheço muito bem a minha avó - disse Harriet. - Tem um espírito muito vivo mas lê demasiados romances policiais. Não conheço nenhum dos Pengelly, não ia à Cornualha com tanta frequência como o Tim, mas lembro-me bem como ela ficou magoada com a Ellen depois do incêndio. Foi o choque que a levou a este lapso de bom senso, mais nada. Passou anos a pensar e a preocupar-se com essa mulher e, durante esse período, também perdeu o marido. Depois entras tu em cena, ressuscitas toda essa dor e traze-la aqui para ver a Ellen. É de mais para ela. É como se um fusível se tivesse queimado.

- Então, que devemos fazer? - Daisy estava agora à beira das lágrimas, profundamente envergonhada por ter causado esta situação. - Devemos contactar a polícia?

- Não sejas ridícula - lançou Harriet. - Vai para casa, Daisy. Já fizeste demasiados estragos para um dia só. Vou meter a minha avó na cama e chamar o meu médico para a examinar.

Daisy partiu, sentindo-se como um cão maltratado. Ao aproximar-se da North Circular Road, que seria o trajeto mais rápido para voltar para Chiswick, mudou subitamente de ideias e pensou que tinha de ir falar com Ellen. Não queria, estava com medo que ela ainda estivesse zangada com ela, mas sentia que tinha de ir.

Enquanto percorria Finchley Road em direção a Swiss Cottage, ia a sofrer de ansiedade. Subitamente ocorreu-lhe que tinha sido um erro pensar que encontrar Ellen era a resposta para tudo. Pelo caminho, tinha perdido Joel, continuava desempregada e, nas últimas semanas, tinha sentido que o pai e os gémeos estavam a tornar-se mais frios com ela por causa da sua obsessão com Ellen.

Talvez tivesse sido essa a razão por que Lucy tinha sugerido que partisse de viagem com ela e Tom. Queriam recordar-lhe que continuava a ser importante para eles. Corou ao lembrar-se que tinha dito que viajar de mochila às costas não era o seu género e que achava que talvez fosse passar férias com Ellen a Itália.

O carro de Ellen estava estacionado nas traseiras de Askwith Court. Como a porta de trás, que só era usada pelos residentes, que a trancavam, estava destravada, Daisy entrou por aí e subiu as escadas.

A porta de Ellen também estava aberta e Daisy entrou para o pequeno vestíbulo e chamou-a.

Ellen saiu do quarto e franziu o sobrolho quando viu que era Daisy. - O que foi agora? - perguntou com maus modos. - Já te vi que chegue para um dia.

- Tinha de cá vir. A Mavis ainda não estava nela quando a levei a casa - balbuciou Daisy. - Achei melhor avisar-te, antes que lhe ligasses, que a neta está extremamente zangada comigo e é capaz de também ser desagradável contigo.

- Não a censuro por estar zangada contigo - disse Ellen secamente. - Vá, desaparece daqui. Vou passar o fim-de-semana fora e não estou com disposição para estas coisas.

Daisy virou-se para sair, estava demasiado desmoralizada para mais discussões. Mas, ao virar-se, a porta calçada despertou algo no seu espírito. As pessoas só faziam isso quando andavam a carregar muitas coisas fora e dentro. A porta de baixo também tinha sido deixada aberta, o que queria dizer que Ellen já devia ter enchido o carro com uma carga e subira para buscar outra.

Ninguém levava tantas coisas só para um fim-de-semana. Ia para qualquer lado por muito mais tempo.

- Vai lá então - disse Ellen, agora num tom impaciente.

Daisy sabia que Ellen não tinha planeado ir a nenhum lado este fim-de-semana, caso contrário não teria dito que telefonaria a Mavis a combinar um almoço no dia seguinte. Tinha de ser portanto uma decisão de última hora. Mas porquê? Porque ficou irritada por Mavis a confundir com Josie?

- Deixa-me ajudar-te a levar as coisas para baixo - disse Daisy e, sem mais, passou por Ellen e entrou no quarto.

- Sai imediatamente daqui! - gritou-lhe Ellen.

O medo naquele grito, juntamente com a desordem no quarto, revelou tudo a Daisy. Ellen preparava-se para fugir, havia roupas e sapatos espalhados por todo o lado. Havia duas malas parcialmente embaladas em cima da cama e as gavetas estavam completamente abertas.

- És a Josie! - exclamou ela. - Vais fugir porque foste desmascarada;

- És tão estúpida como essa velha - retorquiu Ellen. - Vou passar o fim-de-semana fora, mais nada.

Daisy afastou Ellen para passar e dirigiu-se à sala. Chamar «essa velha» a Mavis era mais uma prova: a verdadeira Ellen, pelo que sabia dela, nunca lhe teria chamado isso.

Ellen agarrou-lhe no braço quando ela chegou à sala e tentou puxá-la para trás. Mas era tarde de mais, Daisy já tinha visto o que lá estava. Na mesa, estava um grande cofre aberto, com vários maços de notas de banco ao lado, e o passaporte dela.

- Vou chamar a polícia - disse Daisy, tentando libertar-se da mulher.

- Isso é que não vais - gritou Ellen. Fechou a porta atrás dela com um pontapé e, quase no mesmo movimento, lançou-se sobre um objeto no aparador.

Daisy tentou escapar quando viu o que era, uma espécie de obelisco dourado de madeira com figuras esculpidas. Tinha-o admirado numa visita anterior ao apartamento e ficara surpreendida com o seu peso quando pegou nele. Ellen tinha dito que o comprara numa feira da ladra; o peso resultava de um enchimento de chumbo e ela própria o cobriu com um spray dourado.

Agora Ellen segurava nele pela ponta fina e avançava para ela. Daisy recuou mas embateu numa

mesa baixa e depois no sofá. Não tinha dúvidas de que a mulher fazia tentações de lhe acertar com ele, os seus olhos tinham agora uma expressão alucinada, quase lhe saltando das órbitas, e os seus lábios estavam deformados num esgar selvagem.

Daisy preparava-se para saltar para cima do sofá e por sobre as costas deste mas tinha-se esquecido que estava com uma saia travada e caiu para a frente. Ouviu o golpe a chegar enquanto tentava proteger a cabeça. Houve um sopro de ar e um som surdo de madeira contra osso, seguido de uma dor lancinante sobre a orelha, antes de perder os sentidos.

CAPÍTULO 23

- Temos de esperar mais tempo pela Daisy? - perguntou Lucy, num tom queixoso. - São quase oito horas e eu estou esfomeada.

- Não faço ideia onde ela se meteu - disse John, com um ar preocupado. Levantou os olhos para o relógio da cozinha e depois para a panela elétrica que cozia lentamente. - Disse que jantava em casa. Não é nada típico dela não ligar quando muda de ideias.

Tom entrou na cozinha e levantou o testro da panela, inalando o aroma a carne de vaca, alho e ervas. - Vamos começar sem ela sugeriu. - A Daisy não se importa se não esperarmos por ela.

- É pena que não seja tão boa a cumprir horários e a ter juízo como é a cozinhar e a tratar da casa - disse Lucy com um sorriso. - Aposto que também nos preparou uma sobremesa.

- Mexe então essas batatas - disse John, franzindo a testa. Daisy podia não cumprir horários quando se tratava do trabalho mas informava-o sempre quando se atrasava. Além disso, as refeições em família eram importantes para ela. Só o cuidado com que tinha preparado esta refeição e descascado as batatas provava que fazia tenções de passar essa noite em casa com ele e os gémeos. Mas, nessa manhã, estava um pouco misteriosa sobre o que ia fazer. Podia ter-lhe acontecido alguma coisa?

Deixando os gémeos a pôr a mesa e a olhar pelas batatas, John subiu ao quarto de Daisy para ver se encontrava a agenda dela. Ela normalmente anotava lá números de telefone e, com sorte, talvez lá encontrasse um relativo ao dia de hoje.

Estava com sorte - a agenda estava na sua mesinha-de-cabeceira e, no sábado, 19 de Maio, havia um número referente a Harriet. Levando a agenda para o quarto dele, ligou de lá para esse número.

Cinco minutos mais tarde, depois de ouvir uma descompostura de uma mulher que tinha acusado Daisy de irrefletida, estúpida e totalmente irresponsável, ficara com uma ideia sobre o que Daisy andou a fazer nesse dia. Explicava igualmente a sua excitação da manhã.

John permaneceu sentado alguns momentos a refletir sobre a estranha história de Mavis Peters que tinha confundido Ellen com a irmã Josie, que já morrera. Mas onde estava Daisy agora? Se tinha saído de casa de Harriet pouco depois das cinco, após ouvir um raspanete, teria vindo decerto diretamente para casa.

Parecia-lhe muito estranho que Mavis Peters continuasse a insistir que Ellen era realmente Josie. Tudo o que Daisy lhe contara sobre a mulher o levava a pensar que ela tinha absoluto controlo sobre as suas faculdades. E se Daisy tivesse ido a casa de Ellen depois de deixar Mavis?

Passou-lhe um calafrio pela espinha. Embora o bom senso lhe dissesse que era idiota considerar, por um momento que fosse, que Mavis podia ter razão, o seu instinto dizia-lhe que nem tudo estava bem com Daisy. Achou que tinha de ligar a alguém a pedir uma opinião e quem melhor do que Joel, que era o homem mais racional que conhecia?

Felizmente, Joel estava em casa, disse que tinha acabado de entrar quando o telefone tocou. John contou-lhe a história e ficou à espera que Joel fizesse algum comentário depreciativo sobre Daisy e o mandasse estar quieto e esperar que ela aparecesse.

Mas não. - Ir a casa da Ellen seria a coisa mais lógica que ela faria - disse ele. - Mas em princípio, se se atrasasse, teria ligado de lá.

John explicou que ela tinha preparado o jantar para toda a família.

- Vou meter-me no carro e dar lá um salto - disse Joel sem a mais leve hesitação. - Tem a morada?

O cartão de Ellen estava enfiado na parte da frente da agenda e John leu a direção. - Achas então que a velha ta pode ter razão? - perguntou.

- Bem, digamos apenas que gosto demasiado, da Daisy para não a levar a sério - respondeu Joel.

No momento em que Joel partiu para Acton, já Josie ia a meio caminho de Bristol, ao volante do seu Gol] prateado, de pé no acelerador e a murmurar a mesma coisa vezes sem conta: - A culpa é dela- Não devia ter-se metido onde não era chamada.

Não sabia para onde ia, esta estrada era simplesmente a que tomava quando a vida lhe corria mal e se metia no carro para ir ter com Ellen, que resolvia todos os seus problemas. Franziu a testa ao lembrar-se que já não havia uma Ellen nem ninguém para lhe abrir os braços e olhar por ela. Mas, durante treze anos a fazer-se passar por Ellen, a pensar como ela, a agir como ela, na maior parte do tempo acreditava que era ela. Josie estava morta e enterrada, com todas as más recordações que a acompanhavam.

No entanto, sempre que os faróis de um carro incidiam sobre o seu retrovisor, sentia medo. Estaria a ser perseguida? Daisy vinha atrás dela? Era tudo demasiado confuso.

Quando Daisy apareceu na loja com Mavis, pensou que tinha reagido exatamente como Ellen reagiria. Houve um breve momento de absoluto pânico mas controlou-o e percebeu que tinha convencido Daisy de que Mavis estava enganada.

Mas, a caminho de casa, depois de fechar a loja, teve de súbito um ataque de pânico. E se Mavis insistisse na história e a família de Daisy chamasse a polícia para investigar? Começou instantaneamente a tremer de medo e apreensão, e pôr-se a mexer dali, enquanto era tempo, pareceu-lhe a única solução.

Encheu uma mala e já a tinha metido no carro quando, de repente, Daisy lhe apareceu à porta. Até aí Josie estava assustada mas elaborara um plano e sentia que tinha tudo sob controlo. Ia para o aeroporto e apanharia o primeiro avião para Espanha ou Itália. Tinha dinheiro suficiente para viver vários meses, mudaria de nome e começaria vida nova.

Depois, de súbito, Daisy estava a tratá-la por Josie, a dizer que ia chamar a polícia. Viu-se forçada a impedi-la, e agredi-la com o obelisco era a única maneira.

A partir daí foi tudo nebuloso. Recordava fragmentos, o Sangue da rapariga no sofá, ter ido buscar a corda do reboque para lhes atar as mãos e os pés. Mas na a parecia real, era mais como as memórias de um pesadelo. Mas lembrava-se muito claramente de ter guardado o dinheiro, o passaporte e as joias no estojo de toilett e de ir à casa de banho e olhar para ela pela última vez.

Tinha adorado aquela casa de banho. Sempre que se metia num banho de espuma perfumado, pensava como era a sua vida em criança, obrigada a usar a tina de metal na cozinha. As partes ásperas magoavam-lhe a pele e entrava urna corrente de ar por baixo da porta da cozinha que quase a cortava a meio. Essa imagem nunca a tinha abandonado.

Mais tarde, tomou inúmeros banhos sumptuosos em hotéis de luxo mas eram quase todos arruinados por homens que mais não queriam do que ir para a cama com ela. Quando tinha ido viver para Askwith Court, com a sua bonita banheira cor-de-rosa, jurou que nenhum homem alguma vez a usaria. Os enormes espelhos só a refletiam a ela e o sabonete e as toalhas fofas só tocavam a sua pele. Começou finalmente a sentir-se limpa.

Tinha soluçado ao olhar para ela, odiando Daisy por obrigá-la a abandoná-la. Todo o apartamento tinha sido um santuário, todas as peças de mobília, todos os ornamentos, quadros, utensílios e almofadas escolhidos exclusivamente por ela. Tinha sido feliz aí, pela primeira vez na vida, sem recordações do passado, sem vozes a dizer-lhe que era uma pessoa sem préstimo. Tinha renascido como a pessoa que sempre desejara ser. Depois Daisy apareceu, como um fantasma vivo de Ellen, e estragou tudo.

Lembrava-se de ter trancado a porta de casa ao sair e de transportar as duas últimas malas pelas escadas. Já tinha caído o crepúsculo e ela esperava que nenhum dos vizinhos a visse partir.

Se conseguia lembrar-se tão distintamente de certas coisas, porque é que não tinha saído da M4 em direção ao aeroporto? Para onde é que ia agora?

Os sinais azuis na autoestrada eram muito familiares com nomes de terras como Reading e Swindon que, noutro tempo, significavam que estava mais perto de Ellen a cada quilómetro percorrido. Mas também Ellen a tinha deixado ficar mal no fim.

De súbito, uma antiga recordação da última vez em que fez aquela mesma viagem começou a assaltá-la. Tentou reprimi-la, assim como os acontecimentos imediatamente anteriores, mas não foi capaz.

Era uma noite quente e mormacenta, no Verão de 78, e ela estava numa festa qualquer no Oeste de Londres, perto do rio. Tinha terminado seis semanas de rodagem de um filme de pornografia soft para o mercado alemão. Estava num estado de espírito naturalmente entusiástico nessa noite porque tinha ganho dinheiro suficiente para arranjar uma casa melhor, tirar férias e divertir-se. Já tinha bebido muito quando um homem lhe ofereceu um traço de coca. Era bom e ela dançou, cavaqueou e riu, passando momentos fabulosos.

Muito mais tarde, o homem foi ter outra vez com ela e disse que ia com o amigo comprar droga e que, se ela também quisesse alguma, os podia acompanhar. Josie queria de facto mais cocaína mas não tinha dinheiro com ela. O homem disse que não fazia mal, podiam parar em casa dela para ela ir buscar dinheiro e, depois de comprarem a droga, ela podia apanhar um táxi para

voltar para a festa porque eles iam para outro lado.

Deram-lhe mais dois traços durante a viagem para casa em Shepherd's Bush. Lembrava-se de eles se meterem com ela quando saíram do carro, dizendo que ela devia ter dado um trambolhão na vida para viver num pardieiro daqueles. Ela disse-lhes que era temporário e que tinha acabado de receber um cachet principesco. E era verdade, havia quase mil libras naquele quarto horroroso.

Depois, de repente, começou tudo a descambar. Assim que os homens entraram no quarto, um deles espetou-lhe um murro e perguntou onde estava o dinheiro. Ela tentou explicar que tinha mentido e que não havia ali mais de trinta libras mas não adiantou de nada. Enquanto um deles a prendia no chão, com uma faca encostada à garganta, o outro saqueou o quarto até encontrar o dinheiro.

Embalaram tudo o que ela possuía de valor, as joias, os casacos de couro e de pele e até o aparelho de estereofonia. Depois violaram-na à vez, no meio de grandes gargalhadas. Prenderam-na contra o chão e o mais alto urinou sobre ela, enquanto ela chorava, prostrada no chão, e depois foram-se embora.

Ellen era a única pessoa para junto de quem podia correr.

O sol estava a nascer quando saiu de Londres, a chorar com a dor dos ferimentos e com o cheiro nauseabundo daqueles homens entranhado nela. Tinham levado todo o dinheiro até ao último tostão, incluindo o livro de cheques e o cartão do banco. Atirou tudo o que lhe restava no mundo para dentro do carro mas até o seu último objeto de valor, o relógio de pulso, teve de deixar numa estação de serviço a troco de gasolina.

Josie via Ellen mentalmente quando ela abriu a porta da rua. Estava com um ar inocente e puro com uma das suas camisas de dormir de algodão branco com folhas, os braços e as pernas nus cobertos de uma tonalidade dourada intensa.

Contudo, dessa vez, não recebeu nenhum abraço de boas-vindas nem palavras de preocupação por estar com um olho negro. Ellen limitou-se a lançar um olhar à irmã e a virar costas, com os lábios crispados de repugnância.

- Podes entrar e tomar um banho, deixo-te ficar até o fim-de-semana acabar enquanto me contas a tua última história sórdida. Depois podes pôr-te a andar - lançou ela por cima do ombro.

Ellen não cedeu, nem depois de ouvir tudo o que os homens fizeram a Josie. - Estou farta das tuas histórias de azar, só te podes culpar a ti própria - disse ela, com um olhar tão frio quanto uma manhã de Fevereiro. - Ajudei-te centenas de vezes e tu agradeces tratando-me abaixo de cão. Desta vez estás por tua conta.

Josie não teve alternativa senão ir para a Cornualha. Não tinha mais nenhum sítio para onde ir. Mas foi muito pior do que em qualquer outra ocasião anterior porque, desta vez, sabia com absoluta certeza que não teria mais oportunidades. Tinha vinte e nove anos, o seu corpo já não era firme como antes e começavam-lhe a aparecer finas rugas em redor dos olhos. Estava definitivamente arrumada.

Arranjar um emprego num escritório de Truro aplacou um pouco os pais. Mas não passava um

dia em que Violet não lhe sussurrasse que devia arranjar um homem mais velho com dinheiro, seduzi-lo e convencê-lo a casar com ela, exatamente como ela tinha feito com Albert. Josie tinha vontade de lhe gritar que ela era uma porca imunda, que o sexo a enojava como ela, a mãe, a enojava. Mas tinha de fazer de conta que concordava para conseguir alguma paz.

Pegar fogo à casa era uma ideia que Josie alimentara e com que tinha até brincado no passado com Violet. Parecia uma boa ideia para forçar o pai a vender as terras, mas não passava disso. Os preços dos terrenos tinham escalado no princípio dos anos setenta e os pais podiam reformar-se confortavelmente, instalando-se numa casa em Falmouth com o produto da venda.

Se não tivesse descoberto uma cópia do testamento de Albert, nunca teria considerado seriamente a hipótese. O testamento estava metido numa caixa de arquivo debaixo da bancada de trabalho dele, ao fundo do telheiro onde ele guardava o trator. Josie só lá tinha ido à procura de uma chave de parafusos para tentar consertar o secador do cabelo. Deixou cair acidentalmente a ferramenta e, ao apanhá-la, viu uma caixa de velhas revistas enfiada debaixo da bancada. Imaginando que eram revistas com fotografias suas, tinha retirado a caixa mas, ao levantá-las, viu o arquivo escondido por baixo delas.

Os documentos eram, na maioria, extremamente antigos, relacionados com o pai e até com o avô de Albert. Mas entre eles estava o testamento e, quando descobriu que Ellen ia herdar tudo, que ela e a mãe não ficariam com nada, sentiu subitamente vontade de matar o pai. Tendo isto sucedido pouco depois da recusa dele de lhe emprestar duzentas libras para pagar o depósito de uma casa que tinha encontrado em Truro e de inúmeras outras desfeitas e humilhações, foi a última gota. A casa era uma perfeita pechincha por umas escassas duas mil libras. Sabia, pela subida dos preços das casas, que mesmo sem a arranjar, valeria o dobro dentro de dois anos. Tinha inclusivamente conseguido um empréstimo para adquiri-la.

Albert recusou terminantemente, apesar de ela saber que ele tinha o dinheiro. - Queres uma casa, trabalha para ela - disse ele, olhando-a de cima a baixo desdenhosamente. - Ou vende o corpo, é o que tens andado a fazer, não é?

Ali no telheiro, com o testamento nas mãos, começou subitamente a espumar de raiva e ódio. Sempre tinha sabido que ele preferia Ellen, tinha-se resignado a esse facto e ao sarcasmo e falta de interesse e apreciação do pai. Mas, por qualquer razão, sempre tinha imaginado que a quinta seria deixada às duas.

A partir desse dia, no final de Agosto, cada palavra ríspida, olhar hostil ou resposta torta lançavam mais achas para a fogueira que ardia dentro dela. Quando, no princípio de Setembro, Ellen chegou para passar uns dias de férias, reparou que Albert sorria sempre que ela entrava na sala. Ficava extasiado com as histórias enfadonhas dela sobre as crianças aleijadas que ensinava. Via-o abraçá-la espontaneamente e recordava que ele não a beijava nem abraçava desde os seus catorze anos.

No entanto, Violet era tão ou mais cruel que ele. Ellen podia comprar-lhe um casaco de malha numa loja de roupa usada que ela passava o dia com uma expressão radiante. Josie tinha-lhe comprado um muito bonito, de lã de Shetland, no Inverno anterior, mas ela nunca o usava, invocando que lhe picava.

Ellen recebia expressões de gratidão por ajudar nas lides domésticas mas quando Josie lavava a louça, era chamada à pedra por ter deixado uma mancha num prato ou uma nódoa num copo. Violet dava valor à opinião de Ellen, era sempre «a Ellen disse isto, a Ellen disse aquilo», como se ela fosse algum oráculo que nunca podia enganar-se sobre coisa nenhuma. Mas a verdade é que ela só tinha mudado de tom na tentativa de conseguir mais de Ellen.

Em criança, Josie tinha sido capaz de compensar a indiferença de Albert com a afeição que recebia de Violet. Mas essa afeição já não existia. Ellen recebia tudo. Albert, Violet e Ellen constituíam uma família, unidos pelo interesse partilhado pela quinta. Josie era um embaraço, uma desgraça. Ficariam felizes se ela desaparecesse e nunca mais voltasse.

O planeamento do incêndio dava-lhe uma intensa satisfação. Na pausa para o almoço, no trabalho, Josie elaborava listas de potenciais problemas e ideias e refletia sobre a melhor oportunidade. Durante as viagens entre a casa e o emprego, pensava alegremente na fortuna que receberia depois e dizia a si mesma que, se Albert lhe tivesse simplesmente dado aquele depósito, tal não seria necessário.

Planeou-o para o dia em que Albert fazia sessenta anos porque sabia que Ellen ficaria entusiasmada com a ideia de uma festa surpresa. O tempo estava quase sempre mau em Outubro, com trovoadas e ventos fortes. Mas as folhas nas árvores ainda não teriam começado a cair e, quando o fogo fosse visto, seria demasiado tarde para apagá-lo.

Josie despertou do seu devaneio ao aproximar-se da saída para Bristol, subitamente consciente de que a cidade não tinha agora nada para lhe oferecer senão recordações do tempo, após o incêndio, em que ali regressara.

As recordações eram desagradáveis, de um período em que vivia no medo que a polícia chegasse para detê-la. Inicialmente, fizeram-lhe várias visitas, interrogando-a sobre todos os aspetos da vida dos pais e da irmã. Mas a sua representação de uma mulher dilacerada pela dor deve tê-los convencido de que não tinha desempenhado qualquer papel no incêndio.

Praticava constantemente a caligrafia e a assinatura de Ellen, queimando seguidamente as provas. Experimentou toda a roupa no guarda-fatos, prendeu o cabelo atrás e deixou mesmo as sobancelhas crescer naturalmente até considerar que estava transformada numa réplica da irmã.

Mesmo passado todo este tempo, era capaz de ouvir aquela campainha a tocar, as súplicas gritadas dos amigos de Ellen através da caixa do correio para que abrisse a porta. Por vezes, permanecia simplesmente à janela o suficiente para convencer o visitante de que estava viva e de boa saúde. Tirava o telefone do descanso durante longos períodos e nunca o atendia quando tocava.

As visitas foram gradualmente acabando mas ela continuava a não sair de casa, vendo televisão, dormindo e bebendo. Bateu à máquina uma carta de demissão da escola e depois viveu de um subsídio de doença quando o salário de Ellen deixou de lhe ser creditado na conta bancária.

Não falava com ninguém ao telefone exceto com o advogado, o Dr. Briggs. Ia de carro ao outro extremo da cidade comprar comida pois não se atrevia a ir ao supermercado local com medo de esbarrar com alguém conhecido de Ellen. Odiou todos os momentos dos meses intermináveis que passou naquele apartamento. Era assustador, aborrecido e solitário. Mas cada dia que passava sem a

visita da polícia ou sem a recusa do banco de Ellen de pagar um' cheque, por a sua assinatura não corresponder à que tinham nos ficheiros, era mais um dia que a aproximava do seu objetivo.

A chuva batia no para-brisas quando viu a tabuleta para Bristol e por um momento hesitou, tentada por um lugar que conhecia mas sabendo que não encontraria nada lá. Continuou a conduzir.

O nó da M5 para norte, em direção a Birmingham, e para sul, em direção a Exeter, e da M4 em frente para Gales, surgiu demasiado depressa para ela decidir que direção tomar. Estava na faixa interior que a levaria a Exeter e era demasiado tarde para dar sinal e abandonar a faixa porque de súbito o trânsito se tinha tornado mais intenso.

Não quis saber. Esperava encontrar uma estação de serviço para poder tomar um café e comprar cigarros.

Um sinal para Clifton despertou uma recordação de Ellen há muito esquecida. Josie tinha vindo a Bristol passar o fim-de-semana com ela. Devia ter sido em 69 porque Josie se lembrava de estar no auge da fama, quando as pessoas a paravam nas ruas para lhe pedir um autógrafo.

Ellen tinha insistido em mostrar-lhe as atrações de Bristol. Estava um dia quente e ensolarado e ela estava com um vestido comprido de estamena branca, com uma fita de contas à volta da testa. Estava com um ar muito moderno e bonito: a roupa hippie ficava-lhe bem. Josie, por outro lado, estava cheia de calor com uma saia comprida e um colete de couro preto e tinha passado o dia de mau humor com Ellen.

Foram ver a ponte suspensa e depois sentaram-se no parque de Downs a comer um gelado. Estavam rodeadas de famílias a fazer piqueniques e um rapaz de cabelo comprido e tronco nu, com umas calças à boca-de-sino de um estampado colorido, tocava guitarra.

- Clifton é muito bonito, não é? - disse Ellen, olhando alegremente em volta. - Adorava viver aqui.

- Bem, se arranjasses um emprego decente, já tinhas dinheiro para isso - disse-lhe Josie rispidamente.

- Não deixava as crianças por dinheiro nenhum - respondeu Ellen.

- Deixaste a tua filha - lançou-lhe Josie.

Por um momento, Ellen não disse nada mas os seus olhos encheram-se de lágrimas. - Porque é que dizes coisas tão más? - acabou por perguntar. - Sabes perfeitamente que tive de dar a Catherine para adoção. Fazes alguma ideia do quão doloroso foi?

Josie sentiu o rosto enrubescer, apesar de ter acontecido há tanto tempo. Porque é que tinha de ser tão ofensiva? Os modos meigos de Ellen eram infinitamente mais agradáveis. Ela nunca pegava pelos pontos fracos das pessoas e procurava sempre o melhor nelas. Era uma das coisas que Josie teve mais dificuldade em imitar quando se tornou Ellen. Mas, quando conseguiu dominar esse traço de personalidade, descobriu que a fazia mais feliz e não tardou muito a ser capaz, por vezes, de ver o mundo como Ellen via.

- Mas ela também tinha de morrer - disse Josie em voz alta. - De outra maneira, não teria resultado. Não tiveste alternativa.

A chuva estava a cair cada vez mais torrencialmente e ela foi obrigada a abrandar. Estava a chover assim na noite em que conduziu da Cornualha para Bristol no carro de Ellen. Só começou quando estava quase a chegar a Exeter mas recordava-se de ter entrado em pânico, pensando que, se estivesse a chover tão torrencialmente em casa, o fogo poderia ter-se apagado.

Mas, nessa noite, não choveu na Cornualha. Não podia ter escolhido melhor tempo para o seu plano porque não só estava seco como muito ventoso. Josie tinha oferecido ao pai uma garrafa de whisky pelos anos mas, embora ele já tivesse bebido vários copos às oito da noite, estava calado e cismático como sempre.

Estavam os três na cozinha, Josie a lavar a louça do jantar no lava-loiça, os pais de cada lado da lareira com os copos cheios na mão. Era uma cena igual a todas as outras, Violet com o mesmo vestido de lã que usava todos os anos a partir do início de Outubro, uma peça informe tipo tweed, quase totalmente escondida pelo avental sujo. Mas os chinelos eram novos. Ellen tinha-os comprado nas férias de Verão e Josie recordava que eram aos quadrados vermelhos com um forro de lã polar.

Albert tinha o ar de um velho cigano mirrado, com as suas calças de fustão encardidas, a camisa de flanela e o velho casaco de lã castanho. O colarinho da camisa estava puído e o cabelo grisalho caía-lhe pelos ombros, lembrando um pouco um penteado rasta.

Josie lembrava-se de ter pensado o quanto a cozinha era horrível e imunda. Não se recordava da última vez em que tinha levado uma camada de tinta branca, dava ideia de que aquele mesmo tom amarelado existia desde a sua infância. A mesa tinha sido levantada mas a pilha de jornais velhos, contas e revistas de agricultura fora apenas transferida para o aparador onde partilhava o espaço com várias ferramentas, louça e frascos de comprimidos.

Josie ouviu Ellen aproximar-se da porta de entrada mas apenas porque estava de ouvidos apurados à espera da chegada dela. A porta abriu-se de rompante e lá estava ela.

- Feliz aniversário, papá - gritou.

Estava com o seu velho casaco castanho comprido e um cachecol verde-esmeralda ao pescoço e vinha carregada de sacos. Cheirava ao ar livre, fresca e lavada.

Albert pôs-se imediatamente em pé, o seu sorriso rasgado quase o fazendo rejuvenescer.

- Lembraste-te? - disse ele, abraçando-a com tanta força que Josie quase sentiu náuseas ao vê-los.

- Então ia esquecer-me? - Ellen riu-se. - Mas foi ideia da Josie. Achou que os teus sessenta anos mereciam uma verdadeira surpresa.

Josie supunha que devia sentir-se sensibilizada por Ellen reconhecer o seu papel. Mas, enquanto a observava a tirar a caixa com o bolo de aniversário de um saco, outra garrafa de whisky e duas garrafas do seu vinho caseiro de outro, não foi capaz de sentir senão ressentimento por nunca, nem

uma vez, ter sido assim recebida em casa.

- Achei que não ias gostar de sessenta velas - disse Ellen, excitada, abrindo a caixa para mostrar a Albert um bolo decorado com um trator de brincar e alguns animais de plástico, juntamente com as palavras: «Feliz Aniversário». - Mas pus uma para poderes formular um desejo.

Nesse momento, virou-se para Violet, deu-lhe um abraço e um beijo e enfiou-lhe também um presente nas mãos.

- Não é completamente novo - disse ela, fazendo um pequeno esgar. - Mas vi-o na loja de roupa usada ao pé de casa e achei que era perfeito para trabalhar lá fora com o tempo frio.

Quando Violet o abriu, Josie viu que era como todos os presentes que Ellen comprava, perfeito para a pessoa presenteada. Era um casaco impermeável castanho, com um espesso forro acolchoado e um capuz, suficientemente robusto para a vida do campo, do tamanho certo, e não tão elegante que Violet achasse que tinha de reservá-lo para sair.

Violet ronronou de puro deleite. - Exatamente o que me fazia falta - disse ela, sorrindo e revelando os seus horríveis dentes castanhos. - És uma rapariga boa e atenciosa, Ellen.

- Não ouvi o teu carro - disse Albert. - Onde está?

- Mais ao fundo do caminho - disse Ellen. - Não quis que me ouvisses chegar. Vá, vamos lá festejar.

- Vai acender o fogo na saleta - ordenou Violet a Josie. Liga o radiador elétrico também para começar a aquecer.

Josie passou algum tempo na saleta a acender um bom fogo. Não se sentia ansiosa por voltar à cozinha enquanto Albert não se cansasse de dizer a Ellen como se sentia satisfeito e como ela estava bonita.

Quando finalmente voltou, Ellen estava a ajudar Albert a levantar-se da cadeira e a massajar-lhe as costas. - Oh, pobre papá, estás tão burro - disse ela com os seus modos doces e afetuosos.

Josie colou um sorriso à cara e manteve-o ali toda a noite embora por dentro a roesse o ódio por eles por não a amarem, por a obrigarem a viver naquela casa velha, suja e ventosa, por serem tão estranhos.

Sempre que olhava para os pés da mãe e via a carne roxa e manchada a transbordar dos chinelos novos, sentia o odor do seu corpo ou notava o seu olho vesgo, sabia que mais tarde não deixaria de executar o seu plano.

Ellen estava com uma aparência incongruente, com o cabelo solto, vestida para uma festa, com um vestido franzido da Laura Ashley de bombazina verde-escura, com gola e punhos de renda.

Dava-lhe pelo meio da perna, num estilo da época eduardina, e trazia botas de atacadores.

Abriu o vinho de sabugueiro feito por ela, quando se instalaram na saleta, e pouco depois

estavam todos a conversar, a rir e a beber o vinho como se fosse limonada. Josie não passou do primeiro copo, era demasiado forte, limitando-se a observar os outros e a fingir que estava tão divertida como eles. Lembrava-se de pensar que não era capaz de fazer os pais rir como riam com Ellen, nem que tivesse vestido a melhor roupa de domingo de Violet a um dos porcos!

Acenderam a vela do bolo, cantaram os «Parabéns a Você» e Albert disse que o seu melhor presente tinha sido a visita de Ellen.

Josie entrou na estação de serviço de Taunton Deane, não tanto para tomar café mas porque estava agora a chorar. Desligou o motor e encostou a cabeça ao volante, tentando controlar-se, mas não conseguiu.

Ver os pais com Ellen naquela noite tinha sido uma tortura. Bebiam todas as palavras que ela dizia, rindo-se como doidos com as suas histórias sobre os miúdos da escola. Josie recordava-se dos seus esforços para fazê-los rir com algumas das velhas histórias da sua vida de modelo mas eles nunca queriam ouvir, invocando que não queriam saber «dessas coisas».

Mais tarde, a conversa mudou para a agricultura, Albert falando da colheita de milho de fulano e sicrano, de quantas toneladas de batatas que não sei quem tinha cavado. Disse que plantara recentemente bolbos de narciso no campo de cima, porque o tinham informado que as flores para os mercados de Londres estavam a tornar-se uma atividade lucrativa. Ellen ouvia, extasiada como sempre.

Por fim, Josie levantou-se e preparou uma última bebida, um grogue com whisky, sumo fresco de limão e uma colher de mel. Era praticamente a única coisa que sabia fazer ao gosto de Albert. Ele apreciava sempre a maneira como ela o fazia.

Mas, desta vez, Josie deitou-lhe algumas gotas de um anti-histamínico. Anos antes, um farmacêutico em Londres deu-lhe esta mistura, quando ela sofreu uma alergia, e desde então tinha sempre o medicamento à mão para o caso de uma nova erupção. Um dos efeitos secundários era induzir o sono. Olhou para a família quando levou os copos e apercebeu-se de que estavam agora tão embriagados que podia ter-lhes dado arsénico que não dariam conta.

Tomaram o grogue mas continuaram a conversar e Josie começou a ficar nervosa, com medo que adormecessem ali na saleta e não fosse capaz de os mudar de sítio.

Pouco depois das onze, Albert anunciou finalmente que se ia deitar e subiram todos as escadas num passo trôpego para o andar de cima. A última coisa que Josie ouviu Albert gritar foi: «Não te esqueças do guarda-fogo, Tonta.»

Aquela alcunha favorita e insultuosa do pai acabou com os seus últimos escrúpulos. Ele achava-lhe graça mas, sempre que a usava, Josie sentia que ele a tinha esbofeteado. Era assim que a via. Uma tonta.

Esperou até ouvir as molas da cama ranger e continuou a esperar até ouvir Albert e Violet a ressonar. Depois foi lá cima certificar-se.

Os pais estavam ambos profundamente adormecidos, o quarto tresandando a whisky. Ficou ali

algum tempo só a olhar para eles. Estavam de costas um para o outro, Violet muito gorda, Albert muito magro e descarnado, e achou-os profundamente repulsivos com as bocas abertas, a ressonar vigorosamente. Tinham-na trazido ao mundo sem amor, a sua maldade e frieza para com ela tinham-lhe arruinado a vida. Mereciam morrer.

Ellen também dormia a sono solto, os seus caracóis lembrando espuma dourada sobre a almofada. Estava com um pijama de Josie. Josie tirou os jeans e a camisola e enfiou o vestido e as meias de Ellen que estavam na cadeira ao lado da cama. Finalmente substituiu os chinelos pelas botas de atacadores da irmã.

Foi só nesse momento que se sentiu mal pelo que se preparava para fazer. Ela e Ellen tinham passado bons tempos naquele quarto frio e miserável. Olhou para ele uma última vez, para os velhos cartazes rasgados de Elvis Presley e dos Beatles, para as imagens de animais que tinham afixado nas paredes quando eram crianças. Mas endureceu o coração e recordou a si mesma que também Ellen a tinha desiludido num momento em que precisara desesperadamente dela. Baixou-se para a beijar na face e depois desceu e deitou mãos à obra.

Em primeiro lugar, acendeu um bico de gás no fogão e deixou o abafador do bule de chá em cima, com outro pano de cozinha ao lado, a ponta pendurada em cima de uma lata de parafina no chão.

A seguir foi à saleta. Espalhou alguns jornais pelo espaço e abriu uma das latas de parafina que lá tinha deixado antes, puxando em seguida uma acha a arder para a fornalha e esperando que pegasse fogo ao tapete da lareira antes de aproximar o sofá.

Vestindo o casaco e o cachecol de Ellen e pegando na carteira dela, estava pronta para sair, tirou a tampa da lata de parafina junto do fogão e apagou as luzes. O abafador do bule no bico de gás já estava a fumegar.

Uma vez lá fora, esperou alguns minutos, tiritando no vento frio. Olhou para o seu carro, recordando com uma certa nostalgia o orgulho que tinha sentido nele quando era novo. Mas agora estava ferrugento e era pouco seguro e seria com muito prazer que conduziria o muito bem tratado Ford de Ellen.

Viu um halo brilhante nas janelas da saleta. Por esta altura, as chamas já tinham chegado ao sofá. Eram horas de partir.

A meio do caminho que levava à estrada, na escuridão cerrada, ouviu como que uma rajada de ar atrás de si. Imaginou que seria a primeira lata de parafina a deflagrar. Mas, de súbito, a luz era tão intensa que pensou que ia ser vista a quilómetros de distância e percorreu a correr o resto da distância até ao carro de Ellen.

Josie sentiu alguém a espreitá-la na escuridão e, levantando os olhos, viu um homem a olhar para ela no parque de estacionamento da estação de serviço.

- Está tudo bem consigo? - gritou ele. Continuava a chover a cântaros e o homem estava com um impermeável e um capuz na cabeça.

Ela abriu a janela o suficiente para ele a ouvir. - Estou só a descansar - respondeu.

- Pensei que estivesse a chorar - disse ele, aproximando-se mais. - Quer tomar um chá e desabafar?

Ela sacudiu negativamente a cabeça e fechou de novo a janela. Ellen teria dito que ele não passava de um camionista simpático. Josie sabia que era um porco filho da mãe que queria saltar-lhe para a espinha.

Teve uma sensação estranha ao dirigir-se ao edifício da estação de serviço. As luzes tornaram-se de súbito demasiado intensas, o ruído das máquinas de jogos e a música ambiente demasiado fortes. Parecia que toda a gente estava a olhar para ela.

Correu para a casa de banho em pânico mas, quando inspecionou a cara ao espelho, não viu nada de anormal na sua aparência, exceto o facto de estar pálida e ter os olhos vermelhos. Mas a sensação de opressão teimava em não a abandonar e, como tal, pediu um copo de café para levar e comprou cigarros, correndo depois para a segurança do carro.

De novo na estrada, tomou consciência de que teria de traçar um plano qualquer. Para onde se dirigia, onde é que ia ficar? Mas não parecia capaz de tomar uma decisão. E, depois de se ter sentido tão estranha na estação de serviço, sabia que não era capaz de enfrentar a ida para um hotel ou uma pensão.

Coisas estranhas e desgarradas teimavam em assaltar-lhe o espírito, enquanto conduzia sem parar sob a chuva. Viu Daisy estendida no sofá, o cabelo ruivo caindo em cascata contra o tecido azul-claro do vestido. Sabia que era Daisy, num momento, mas, no seguinte, estava a pensar que era Ellen. Viu também o rosto da mãe, os lábios revirados como os de um animal a arreganhar os dentes. Em seguida, rememorou rostos de homens do seu passado: Mark, Beetle e toda uma procissão de outros cujos nomes tinha esquecido há muito.

A dada altura, muito depois de Exeter, estava tão agitada que encostou à berma e pensou em fazer inversão de marcha e voltar para casa, incapaz de se lembrar por que razão conduzira até ali. Mas havia uma barreira a meio da estrada, o que parecia indicar que só podia circular num sentido.

Uma luz vermelha acendeu-se ao lado do conta-quilómetros. Olhou várias vezes para ela até perceber que era um aviso de que estava a ficar sem gasolina.

Já não se viam mais carros agora, apenas as luzes dos seus faróis a varrer a estrada através da chuva à sua frente. Começou a ocorrer-lhe a ideia de que ultrapassaria as luzes se conduzisse demasiado depressa e abrandou drasticamente. Mas quanto mais devagar conduzia, mais consciente se tornava da escuridão fora das janelas do carro e atrás. Não se via uma única luz em nenhum lado, apenas uma negrura cerrada que parecia oprimi-la.

Quando avistou uma estação de serviço à frente, a luz dourada a projetar-se na estrada, começou novamente a chorar. Não sabia se era de alívio ou de medo por ter de sair do carro e encher o depósito.

Foi assoberbada pelo terror quando se apeou do carro. Um homem estava a observá-la atrás de

um vidro na loja e as suas mãos tremiam de tal maneira que mal conseguia desapertar a tampa do depósito. O zunido da bomba assustou-a ainda mais e a total escuridão para lá do oásis de luz na Zona de estacionamento causou-lhe arrepios. Olhou receosamente em volta, enquanto o depósito enchia, e pareceu-lhe ver olhos a reluzir no escuro. Repondo o bocal da mangueira no lugar, apressou-se a entrar para o carro e arrancou sem pagar, carregando a fundo no acelerador.

Continuou indefinidamente, o pânico dificultando-lhe a respiração. Um sinal para Bodmin pareceu-lhe ter um significado qualquer mas não foi capaz de o definir e, quando um carro surgiu no sentido contrário, guinou, pensando que ia bater contra ela.

Depois, subitamente, deixou para trás as estradas rurais e desembocou numa vila iluminada. Com um brusco sobressalto, reconheceu Truro. A catedral à direita e as casas à esquerda eram inconfundíveis, reconfortando-a com a sua familiaridade.

- Vou para casa - murmurou. - Vou para casa. Tudo se há-de compor quando lá chegar. Só mais alguns quilómetros.

Mas, quando virou para a estrada de Falmouth e a iluminação urbana acabou, o medo voltou a assaltá-la mais ferozmente que nunca. A estrada era sinuosa e as árvores projetavam-se em cima como um arco. Os faróis captavam rostos hediondos nos troncos das árvores e a chuva caía tão depressa que os limpa-pára-brisas não conseguiam acompanhá-la.

Agora nada parecia familiar. Chegou a uma enorme rotunda que nunca tinha visto e depois a outra e, pensando que virara no sítio errado, contornou-a novamente e enfiou no que pensou ser a estrada para Maenporth.

Durante algum tempo, as casas eram idênticas mas de súbito acabaram e deu por si a descer um sinuoso declive com sebes altas de cada lado. Mas não parecia bater certo, pensou que por esta altura devia estar a chegar à praia. Treze anos de ausência era um grande período mas era impossível que se tivesse esquecido, mesmo ao fim de tanto tempo.

A estrada virava abruptamente para a direita, confirmando que tinha tomado a estrada errada, mas mesmo assim continuou, esperando encontrar luzes ou uma tabuleta.

De repente, um largo de aldeia, rodeado de casas caiadas de branco, surgiu diante dela. Uma cabina telefónica estava instalada na relva, a sua luz emitindo um halo dourado na escuridão. À sua frente, por sobre o telhado de uma casa térrea, divisava-se o mar, e embora não estivesse claramente visível, não havia nada que cintilasse como a água.

Não era um lugar que reconhecesse e abrandou, olhando ansiosamente para a cabina telefónica. Mas a quem podia ligar a pedir ajuda?

Num relâmpago de lucidez, veio-lhe tudo subitamente à lembrança. Tinha o estojo de toilette no banco ao lado, cheio de notas e joalheria. Malas com roupa e sapatos no banco de trás e na bagageira. Tinha quase de certeza matado Daisy e, quando descobrissem o corpo, o que não tardaria a acontecer, porque o carro dela continuava no parque de estacionamento de Askwith Court, começariam a procurá-la.

Josie estava completamente a tremer e gelada apesar de ter o aquecimento ligado. Parou o carro e apoiou-se ao volante, tentando pensar.

Mais uma vez, contra a sua vontade, tinha sido atraída pela Cornualha. Era provavelmente tarde de mais para tentar sair do país e, além disso, sabia que não estava em condições para tentar um aeroporto ou um dos ferryboats. A polícia podia já andar atrás dela, pela manhã andaria com certeza. Os hotéis e as pensões estavam fora de questão. Dava demasiado nas vistas com o cabelo ruivo para permanecer escondida.

Conduziu muito lentamente em redor do largo e até ao mar, olhando para as casas pelo caminho. Velhas construções robustas e sólidas, com portas rodeadas de roseiras. Do género em que as pessoas sonhavam passar férias ou a reforma.

A estrada virava abruptamente para a direita e novamente para a esquerda e, de repente, deu por si num velho cais, coberto agora de ervas devido à passagem do tempo e à falta de uso.

Desligou o motor do carro e ficou a olhar. A maré estava alta e, quando abriu a janela, ouviu a forte rebentação das ondas e sentiu o maravilhoso cheiro transportado pelo vento de que tantas saudades tinha, no início, quando foi viver para Londres.

Havia demasiadas nuvens para se poder ver a lua e as estrelas mas os faróis incidiam sobre a água negra e encrespada que, de um modo estranho, parecia estar a chamá-la. Por um momento, pensou nas centenas de barquinhos que, ao longo dos últimos dois séculos, se tinham feito ao mar a partir dali.

Voltou a pensar em Daisy e na sua sugestão de que fizessem uma viagem juntas à Cornualha. Ela tinha recusado categoricamente, invocando que odiava tudo na região, mas não era verdade. Corria-lhe nas veias e sempre a tinha amado por mais que se esforçasse por lutar contra esse sentimento.

Pensar em Daisy fê-la romper novamente em lágrimas. Tinha gostado sinceramente dela. Era como Ellen mas sem a retidão da mãe, como Josie mas sem as suas fraquezas. Uma rapariga de disposição risonha que enriquecia a vida das pessoas que tocava. Josie não tinha querido fazer-lhe mal.

O jogo tinha agora chegado ao fim, não havia nenhum lugar nem ninguém para onde correr, já estava a ficar molhada da chuva que entrava pela janela. Olhou para a vedação em redor do cais, de rede, pouco resistente, completamente desfeita em algumas secções e, já que o destino a tinha levado até ali, parecia ser um bom lugar para pôr fim a tudo.

Engatando o Carro em segunda, acelerou e largou o travão. O carro precipitou-se em frente sobre a vedação partida e saltou ao passar sobre alguns sulcos. Carregou a fundo no acelerador e sentiu o carro voar por momentos ao separar-se do paredão do cais. Um chape ruidoso e uma cortina de água engoliu-o, afogando o motor e as luzes.

A água que entrava em jorros pela janela era gelada mas ela sentiu o Carro ainda a flutuar e a baloiçar-se nas ondas. Nesse momento, constatou que não seria uma morte rápida e indolor. Mas, depois do que tinha feito, não podia esperar mais do que isso.

CAPÍTULO 24

Joel viu o «carocha» de Daisy no parque de estacionamento de Askwith Court e estacionou ao lado, correndo imediatamente para a entrada do prédio e tocando à campainha. Não obtendo resposta do Apartamento 9, tocou à campainha do Apartamento 8.

- É a polícia - disse ele quando uma mulher falou pelo intercomunicador. - Posso subir para falar consigo?

A porta abriu com um silvo e Joel subiu as escadas a correr. Quando chegou ao topo, um homem e uma mulher de meia-idade estavam à porta de casa com um ar intrigado.

Ele explicou que procurava a proprietária do Volkswagen azul estacionado na rua que devia ter vindo visitar a vizinha deles, Miss Pengelly.

O casal trocou olhares. - Realmente a Miss Pengelly recebeu uma visita por volta das seis menos um quarto - revelou o homem. - Ouvimos vozes. Mas ela saiu mais tarde. Ouvi um barulho e fui espreitar para ver o que era. A Miss Pengelly estava a descer as escadas com uma mala.

Joel apurou que não tinham realmente visto Daisy e que não conheciam bem Miss Pengelly. Disseram que era uma pessoa reservada.

Joel sabia que era possível que Daisy tivesse ido com Ellen, embora achasse isso improvável. Sabia também que, se entrasse à força no apartamento de Ellen e Daisy não estivesse lá, iria arranjar graves problemas. Mas estava preparado para correr esse risco.

- Tenho de investigar no apartamento de Miss Pengelly e vou arrombar a porta - explicou ele ao homem espantado. - Agradecia que viesse comigo para o caso de eu precisar de uma testemunha.

A porta era robusta e não cedeu à força do seu ombro. Mas com um valente pontapé, abriu. Joel entrou, com o vizinho logo atrás.

Deu para perceber imediatamente que Ellen tinha partido à pressa. A porta do quarto estava aberta e havia roupa, sapatos e outros objetos espalhados por todo o lado, as portas do guarda-fatos e as gavetas tendo sido deixadas abertas. A porta da sala estava fechada mas, quando Joel a abriu e acendeu a luz, viu Daisy deitada e amarrada no sofá, com sangue esparrinhado por toda a parte.

- Oh, meu Deus - exclamou o vizinho, horrorizado. - Está morta? Foi a Miss Pengelly que fez isto?

Joel ficou igualmente horrorizado mas não estava agora com disposição para responder a perguntas. - Chame o 112 - ordenou, já debruçado sobre Daisy a tomar-lhe o pulso. - Está viva mas muito fraca, diga-lhes que se despachem. Diga-lhes que ela foi violentamente atacada e tem um ferimento grave na cabeça. Despache-se!

Enquanto o homem desaparecia, Joel ajoelhou-se ao lado de Daisy e removeu suavemente o

cachecol que foi usado como mordaça. Ela estava deitada de lado, a ferida no lado da cabeça já a coagular. Tinha as mãos e os pés atados desajeitadamente com uma única corda de reboque.

- Estás-me a ouvir, Daisy? - perguntou, apesar de ela estar inconsciente. Estava transido de medo por ela porque o ferimento tinha um aspeto muito grave. - É o Joel. Amo-te, meu amor, e vou levar-te para o hospital.

A enfermeira Franklin aproximou-se da cama de Daisy. A cabeça dela estava envolvida em ligaduras, o rosto quase tão branco como os lençóis, e tinha uma infusão intravenosa num dos braços.

- Tem uma visita, Daisy - disse ela suavemente porque a doente não estava consciente há muito tempo. - É a sua irmã, disse-lhe que podia estar um minuto consigo.

Era segunda-feira de manhã. Daisy tinha sido transportada de urgência para o University College Hospital, no sábado à noite, e fora de imediato operada para remover pequenos fragmentos de osso alojados no ferimento na cabeça. Joel, John e os gémeos tinham feito vigília na sala de espera toda a noite e quase todo o dia de domingo. Só regressaram a casa à noite depois de o pessoal de enfermagem os convencer de que ela estava fora de perigo.

- A Lucy? - disse Daisy debilmente. Ainda estava muito confusa sobre o que lhe tinha acontecido.

- Sim, a Lucy - disse a enfermeira. - A pobre rapariga está nervosa. E a sua família e esse seu rapaz encantador passaram aqui o fim-de-semana todo. Tivemos de os pôr a andar daqui para fora ontem à noite para descansarem um pouco.

Segundos depois de a enfermeira sair, Daisy viu Lucy aos pés da cama. Apesar de a sua visão estar ligeiramente desfocada e de estar mentalmente confusa, percebeu que a irmã estava transtornada.

- Está tudo bem - conseguiu sussurrar. - Estou inteira.

Lucy aproximou-se do lado da cama e debruçou-se sobre ela, tentando abraçá-la cautelosamente. - Foi o pior fim-de-semana da minha vida - murmurou. - Nem queria acreditar no que aquela mulher te fez.

Daisy só sabia o que Ellen lhe tinha feito porque a enfermeira lhe explicara quando recuperou os sentidos. Mas ainda não se sentia, de maneira nenhuma, preparada para discutir o assunto.

Levantou a mão que não tinha a infusão intravenosa e tocou hesitantemente nas ligaduras na cabeça. - Cortaram-me o cabelo? - perguntou num sussurro.

- Uma parte, à volta do ferimento - disse Lucy. - Mas não te preocupes com isso, daqui a nada volta a crescer. Vais ficar boa num instante.

Mesmo no meio de um nevoeiro mental, Daisy teve consciência de que Lucy estava cheia de medo de que não ficasse boa. - Ainda bem que vieste - conseguiu articular. - Desculpa se ainda estou meia zozna.

- Já me chega ver-te acordada e ouvir-te falar - balbuciou Lucy, baixando-se sobre a irmã. - Foi por isso que vim sozinha. A ideia de que te podia perder fez-me perceber a que ponto te amo.

Tinha de te dizer.

Confusa e grogue como Daisy estava, as palavras de Lucy tocaram uma corda sensível no seu coração. Ficou profundamente comovida por a irmã mais nova, sempre controlada e fria, poder emocionar-se ao ponto de exprimir os seus sentimentos.

- Obrigada, Lucy - Sussurrou Daisy, os olhos enchendo-se-lhe de lágrimas.

A enfermeira voltou e disse que já tinham falado o suficiente. Daisy sentiu Lucy beijá-la na face e apertar-lhe a mão antes de partir.

Quando Tom e John chegaram, mais ao fim do dia, Daisy estava um pouco mais desperta. Alguns dos acontecimentos de sábado à tarde e ao princípio da noite começavam a voltar-lhe à memória, embora um pouco enevoados, e ela queria que eles completassem o quadro. Depois de lhes garantir que estava a sentir-se melhor, fez-lhes algumas perguntas.

O pai contou-lhe o que tinha descoberto pela neta de Mavis e disse-lhe que ligara a Joel a pedir conselho.

- Foi o Joel quem foi a casa da Ellen e deitou a porta abaixo a pontapé - explicou John. - Graças a Deus que lhe telefonei, Daisy. Se tivesse ligado só à polícia, tinham-me mandado esperar vinte e quatro horas pelo menos.

Não precisou de acrescentar que, nesse caso, teria sido tarde de mais. Daisy percebeu pela sua expressão preocupada.

- E ele encontrou-me? - perguntou ela. - Uma das enfermeiras falou do meu namorado mas eu estava demasiado drogada para digerir. Depois da maneira como o tratei, não merecia ser salva.

- Ele continua a amar-te - interveio Tom. - Havia de ter ouvido a voz dele quando nos ligou a dizer que estavas no hospital! Parecia que estava a chorar.

Daisy refletiu por alguns momentos no assunto. - Sabem o que aconteceu à Ellen?

- O Joel quer dizer-te quando vier logo à noite - disse Tom. - É melhor começares a chamar-lhe Josie. Era quem ela era realmente e não a tua mãe.

John tomou a mão de Daisy nas suas e acariciou-a. - Não vai ser fácil superares tudo isto - disse ele, num tom tranquilizador. - Eu sei que te prendeste muito a ela mas lembra-te que a tua verdadeira família somos nós e estamos aqui para te dar apoio até ao fim.

Depois de se irem embora, Daisy tentou reconstituir os factos. Recordava-se de ter ido a Askwith Court e dos acontecimentos anteriores com Mavis. Recordava-se também de se ter apercebido de súbito de que Mavis tinha razão, de que a mulher que pensava ser a mãe tinha de ser Josie senão não estaria a fazer as malas para fugir. Mas não se lembrava de ter sido atacada.

O médico tinha dito que os ferimentos na cabeça, como o dela, resultavam muitas vezes numa amnésia total e o facto de ela se lembrar de quase tudo o que tinha acontecido era um excelente indicador. Mas Daisy quase desejava ter perdido a memória, era embaraçoso pensar que se tinha desfeito em elogios com a família sobre a mulher e, no fim de contas, ela revelara-se uma assassina. A sua capacidade para avaliar pessoas era para esquecer!

No entanto, depois de algum tempo tolhida de vergonha, Daisy acabou por compreender que não era mais do que embaraço. No fundo, não era doloroso porque, agora que podia olhar objetivamente para trás, para o tempo passado com Ellen/Josie, via com um certo alívio que não tinha exatamente criado laços com ela. Tinha gostado dela, admirado o seu sentido para os negócios, o seu bom gosto e a sua aura de sofisticação, mas não havia nada nela que levasse Daisy a sentir: «Agora sim, sei de onde me veio isto» nem a experimentar a sensação de plenitude de que estava à espera. Aliás, a mulher tinha sido um enigma desde o princípio.

Quando Joel chegou à enfermaria, às sete e meia dessa tarde, Daisy sentia-se muito melhor. Doía-lhe a cabeça, não gostava de estar deitada sem fazer nada, mas a sua visão regressara ao normal e sentia-se muito menos confusa.

Contudo, quando o viu entrar hesitante, quase eclipsado por um enorme ramo de flores, sentiu-se subitamente emocionada. Ele estava mais atraente e fisicamente mais forte do que se lembrava, com uma T-shirt preta justa e um par de jeans que realçavam o seu corpo musculado. Um drástico corte de cabelo fazia sobressair as suas feições ásperas. Tinha corrido em seu socorro sem hesitar. Também em relação a ele tinha cometido alguns erros de avaliação.

- Olá, Action Man - disse ela quando ele se aproximou da cama. - Devia ser eu a mandar-te flores por me teres salvo e não tu a trazeres-mas.

- As flores não são o meu género. - Ele sorriu um pouco timidamente e ela notou que os seus olhos castanhos continuavam a ser tão encantadores como quando se conheceram. - Estou simplesmente deliciado porque pareces satisfeita ao ver-me. Ou é só delicadeza?

- Não, não é - disse ela, corando furiosamente. - Desculpa se fui tão ... - Calou-se, incapaz de pensar na palavra certa.

- Quezilenta? - sugeriu ele, sorrindo. Daisy achou que ele estava muito atraente.

- Serve - respondeu ela, sorrindo também. - Põe essas bonitas flores aí e senta-te. O meu pai disse-me que me ias contar o que aconteceu à Josie.

Ele pousou o ramo na mesinha-de-cabeceira e aproximou uma cadeira. - Antes de mais, como é que te sentes? - perguntou.

- Tenho a cabeça dorida e já estou farta de aqui estar - respondeu ela com petulância. - Conta lá.

O rosto dele ensombrou-se. - Pensei que sabia como te ia contar quando cheguei - suspirou. - Mas, agora que aqui estou, é mais difícil.

- Foi apanhada e está na prisão?

- Não - disse ele. - Está morta, Daisy.

Contou-lhe tudo em duas penadas. Ao princípio da manhã de domingo, o carro de Josie, com ela ainda presa pelo cinto de segurança, foi encontrado atolado na lama, num sítio chamado Point, a cerca de seis quilómetros e meio de Truro. Morrerá afogada.

- Point fica na enseada de Restronquet. Ao que parece, há lá um velho cais do tempo das minas de estanho. Ela deve ter conduzido o carro pela borda fora na maré-alta.

Daisy sabia mais ou menos onde era, tinha ido a um pub, chamado Pandora Inn, nessa enseada, quando estava em St. Mawes.

- Estás a dizer que foi acidental? - perguntou.

Joel encolheu os ombros. - Falei com um dos elementos da equipa de Truro que tirou de lá o carro e eles acham que não. No sábado à noite estava a chover torrencialmente e não há iluminação de rua em Point, mas o mar é sempre visível e o cais, pelo menos em parte, está vedado. Disseram que, mesmo que ela tivesse metido por ali por engano ou fizesse inversão de marcha nesse ponto, é demasiado largo para se dar um acidente. Além disso, se tivesse sido um acidente, ela teria de certeza feito um esforço para sair do carro.

- Mas para quê matar-se assim? Deve ter estado séculos à espera que o carro se afundasse - disse Daisy.

- Acho que deve ter perdido o juízo - respondeu Joel, pensativo. - Tenho estado a pensar nisso desde que recebi a notícia. Quando partiu de Londres, a intenção dela deve ter sido fugir, senão não teria levado tantas coisas. Mas foi uma loucura ter ido para a Cornualha, o único sítio onde era provável que as pessoas a reconhecessem. É por isso que acho que ela desatinou pelo caminho. Ela provavelmente terá apagado da memória que ateou aquele fogo mas o facto de te ter atacado despertou-a de novo para a realidade. Deve ter percebido que estava tudo perdido e às tantas nesse momento flipou de vez.

As lágrimas corriam pelas faces de Daisy.

- Não sei porque é que estou a chorar por ela - disse ela, tentando parar. - Matou a minha mãe e fez tudo para me matar a mim.

Joel pegou no lenço e limpou-lhe ternamente os olhos. - Tinhas-me desiludido se não derramasses algumas lágrimas depois do esforço brutal que fizeste para a encontrar e da importância que isso teve para ti.

Daisy olhou para o rosto dele. Não viu qualquer animosidade, nada a não ser preocupação com ela, e sentiu-se mais calma.

- Se não a tivesse procurado, ninguém viria a saber que ela foi a autora do incêndio. Porque é que ela não me mandou então dar uma curva quando eu apareci? - perguntou. - Teria sido a reação mais inteligente.

- Talvez ela fosse como eu e não tenha percebido logo que tu eras um perigo em potência -

disse Joel, com um sorriso. - Talvez por se ter feito passar pela Ellen durante treze anos, tenha acabado por acreditar que era ela. Ou talvez se sentisse só e a ideia de uma filha lhe agradasse. Pode também ter tido medo que fizesses ondas, se te mandasse passear. Mas, quaisquer que tenham sido as razões, acho que ela devia ser louca. Que pessoa no seu perfeito juízo quei maria três pessoas vivas?

Daisy recordou a primeira vez que tinha visitado Mavis e que ela falou em familiares loucos. Isso trouxe-lhe à memória o choque que a velha senhora tinha sentido quando reconheceu Josie.

- Sabes como está a Mavis? - perguntou ela.

Ele sacudiu afirmativamente a cabeça. - Fui falar com ela hoje de manhã com outro agente. Estava, naturalmente, muito transtornada com o ataque que sofreste mas, por outro lado, acho que ficou satisfeita por lhe ter sido dada razão a respeito da Josie. Disse que tanto ela como o marido sempre tinham achado que havia qualquer coisa de errado com o incêndio. Disse que, na opinião dela, a polícia devia ter sido mais meticulosa na investigação. Mas é uma velha tão resistente e forte e há-de recompor-se. Disse que voltava para casa amanhã e manda-te um abraço.

- Ninguém me disse quando posso ir para casa - queixou-se Daisy.

- Não há-de ser para já - anunciou Joel. - Sofreste um ferimento muito grave na cabeça. Têm de se certificar de que não houve lesões cerebrais.

- Cerebrais? - disse ela, rompendo novamente em lágrimas. - Não vejo prova nenhuma de que tenha cérebro, perder-te, pôr-me atrás de assassinas, afastar a minha família.

- Não afastaste a tua família coisa nenhuma - disse ele, resolutamente. - E também não me perdeste. Estou aqui, não estou?

- Mas estraguei tudo.

- Veremos quando ficares melhor. - Debruçou-se e beijou-a nos lábios. - Talvez tenhamos de começar outra vez pelo princípio.

Daisy não se restabeleceu tão depressa quanto esperava. Pouco depois da visita de Joel, veio o choque, trazendo consigo pesadelos, febre alta e uma séria inflamação na garganta. Ao fim de duas semanas no hospital, foi transferida para uma unidade de convalescença no Sussex por mais três semanas. Cansava-se facilmente, tinha de se haver com terríveis dores de cabeça e mais uma vez começou a sucumbir a crises de profunda depressão durante as quais não queria falar com ninguém e passava horas simplesmente a fixar o espaço.

- É a natureza a dar-lhe tempo para se refazer do que lhe aconteceu - explicou um médico. - Não tente resistir, Daisy. Deixe-se simplesmente levar na onda.

Gradualmente, começou a compreender o significado destas palavras enquanto sondava a memória, detendo-se e analisando incidentes, experiências e até conversas passadas. Pensou que era um pouco como arrumar o quarto, livrando-se do lixo, polindo as coisas a que dava valor, reorganizando tudo com mais ordem. Descobriu que já não estava arrependida de ter ido à procura de Ellen, agora conhecia a verdade e, por mais terrível que esta fosse, as teias de aranha tinham sido

removidas.

Conhecia igualmente o valor da sua família adotiva. Amava-a e era amada por ela. Nada mais importava.

Quando a morte de Josie foi anunciada, a imprensa entrou num frenesim para descobrir a relação entre ela e Daisy, tornando-se numa autêntica praga e intercetando Lucy, Tom e John em casa e no hospital para obter informações. Mas John, com a ajuda de Joel, acabou por convencer os jornalistas que não tinha passado de uma amizade que azedara e insistiu para que deixassem Daisy em paz. Felizmente, a ressurreição da modelo outrora famosa, depois de se

pensar que estava morta há tanto tempo, e o facto de ter assassinado a família, mais do que bastou para os contentar e não tardaram a perder o interesse em Daisy.

John guardou-lhe todos os recortes de imprensa para ela ler quando se sentisse capaz. Juntamente com as histórias antigas sobre o passado de Josie, havia também muita informação sobre Ellen. Tinham sido entrevistados velhos amigos de Bristol e havia fotografias de Ellen e das crianças com quem ela trabalhou na escola. Era animador ler como ficaram consternadas ao saber o que lhe tinha realmente acontecido. Muitas delas contaram histórias comoventes sobre a importância que ela tinha tido para elas.

Com isto, Daisy pôde encaixar mais algumas peças no quebra-cabeças para completar a imagem da mãe.

A polícia, por sua vez, tinha vasculhado os registos e os relatórios sobre o incêndio na quinta de Beacon e parecia que a teoria de Mavis sobre a maneira como Josie o tinha arquitetado era provavelmente bastante plausível. O relatório dos Serviços de Combate a Incêndios fazia referência a uma quantidade anormalmente grande de parafina guardada em casa mas, na altura, o facto tinha sido atribuído à excentricidade de Albert, que era conhecido por ter dentro de portas combustível para as candeias.

A razão por que o juiz de instrução não tinha visto qualquer motivo para achar que o corpo da mulher mais jovem encontrado na quinta não pertencia a Josie era a falta de fichas dentárias. Ao que parecia, nenhuma das raparigas tinha alguma vez consultado um dentista.

Mas, durante todo este processo, foi o amor e carinho que Daisy recebeu da família que a ajudaram na, senda da recuperação total. E, acima de tudo, era para com Joel que se sentia mais endividada. Ele não só a salvara na hora H e apoiara e protegera a família contra o ataque cerrado dos jornalistas como a visitara constantemente, devolvendo-lhe a alegria e encorajando-a a falar dos seus sentimentos a respeito de Ellen e Josie.

Daisy falou-lhe do livro que Josie tinha alegado estar a escrever e exprimiu o seu receio de que, se existisse, pudesse ir parar às mãos erradas quando fosse dado destino aos haveres dela. Joel serviu-se dos seus contactos para descobrir o advogado nomeado para tratar do processo de sucessão e recebeu a garantia de que, se fosse encontrado, seria oportunamente entregue a Daisy.

Mercê dos seus compromissos profissionais, Joel não podia visitar Daisy no Sussex com a mesma frequência mas telefonava-lhe todos os dias. Quando ela voltou para casa, não passava um dia

sem que ele aparecesse.

Em finais de Julho, quando Lucy e Tom viram que a irmã estava definitivamente a caminho da cura, decidiram partir na sua planeada viagem pelo mundo. Tendo ido despedir-se deles ao aeroporto com o pai, Daisy compreendeu que tinha chegado o momento de também ela traçar alguns planos pessoais.

A sua primeira prioridade era seduzir Joel.

Tornara-se cada vez mais evidente para ela que o amava sinceramente. As dúvidas que alimentara no passado pareciam-lhe agora absurdas porque, desde que recuperara a consciência no hospital, todas as excelentes qualidades, a sua força, bondade e sentido de humor, que a tinham atraído inicialmente pareciam ter-se fortalecido.

Sabia, sem sombra de dúvida, que ele era o homem certo para ela mas, embora estivesse segura de que podia contar sempre com a sua amizade, não estava convencida de que ele sentisse a mesma atração por ela. Imaginava que seria difícil sentir desejo por alguém com a cabeça ligada mas receava tê-lo ferido demasiado profundamente para que voltasse a correr riscos com ela.

Competia-lhe, assim, dar o primeiro passo e, como o pai estava de partida para uma semana a velejar e Joel tinha alguns dias de folga mais ou menos na mesma altura, convidou-o para jantar no sábado à noite.

Sábado chegou anunciando mais outro longo dia de calor e Daisy passou a maior parte do tempo estendida no jardim a apanhar sol e a meditar na noite que aí vinha. Ia preparar uma refeição simples, massa com um molho cremoso de camarão, salada e pão de alho, seguidos de morangos com chantilly. Mas não era a comida que lhe interessava, essa era secundária na sua reconquista de Joel.

Queria que ele visse a rapariga por quem se tinha apaixonado dois anos antes. Nessa altura, Daisy era sensacional: vestidos sexy, saltos de dez centímetros, uma femme fatale, fosse qual fosse o ponto de vista. Mas, com o tempo, transformara a sua aparência. Sempre tinha dito que era por ele não aprovar mas, no fundo, sabia que a verdade era porque começara a desleixar-se.

Não ia ser assim tão fácil. Depois da operação, o cabelo tinha ficado um horror, com uma grande área rapada do lado esquerdo da cabeça. Na unidade de convalescença recebeu a visita de uma cabeleireira que lhe cortou o outro lado rente para criar algum equilíbrio e aparou os caracóis em cima, disfarçando parcialmente a secção calva. Durante algum tempo, sempre que se olhava ao espelho, ficava doente e perdia a esperança de alguma vez voltar a ser bonita. Mas o cabelo tinha começado finalmente a crescer e as cicatrizes estavam agora escondidas.

Nessa manhã, tinha lavado o cabelo e deixado secar naturalmente ao sol e, pela primeira vez desde que saiu da unidade de convalescença, viu que a velha Daisy estava a reaparecer. Ficou no jardim até às quatro horas e depois foi preparar o jantar, arrumar e pôr a mesa. Abriu completamente a porta de sacada, aproximou a mesa da porta e cortou um ramo de fragrantes rosas cor-de-rosa para fazer um arranjo central.

Mais tarde, imersa num banho perfumado, sentiu-se feliz e segura de si mesma, como se sentia

quando a mãe era viva.

Daisy sorriu consigo mesma, recordando como, no final da adolescência, tinha rejeitado todos os princípios da mãe e achado os pais terrivelmente formais e antiquados. Lembrava-se de assistir aos preparativos da mãe para um jantar com convidados, interrogando-se por que razão, quando eram apenas vizinhos e velhos amigos que iam estar presentes, ela achava necessário polir as pratas, fazer arranjos de flores e pôr velas na mesa; para não falar de limpar a casa de banho a fundo, polir a mobília e pôr pot-pourri fresco em pratos por toda a parte. Daisy tinha uma vez afirmado que nunca ninguém a apanharia a fazer coisas tão desnecessárias. Mas agora, alguns anos mais tarde, parecia ter assimilado os mesmos valores, desejando que toda a casa estivesse bonita e o jantar tivesse um aspeto e um sabor perfeitos.

Supunha que tinha finalmente amadurecido. O último ano podia ter estado repleto de tristeza e dor mas provavelmente tinha aprendido mais sobre si mesma, a família e o mundo em geral do que nos vinte e cinco anos anteriores.

- Uau! Estás espetacular! – exclamou Joel quando Daisy lhe abriu a porta às sete e meia.

Daisy corou. O seu vestido de renda verde-esmeralda era antigo e ela tinha ficado um pouco chocada quando viu como era justo e sugestivo mas, pelo brilho nos olhos de Joel, ia produzir o efeito desejado.

- Tu também estás espetacular - retorquiu ela. Ele estava com um polo branco e calças de sarja, o rosto e os braços bronzeados do sol. Ela beijou-o na face e sentiu o cheiro dele, tão delicioso como a aparência.

Sentaram-se lá fora no jardim, antes do jantar, com duas bebidas e Daisy interrogou-o sobre o trabalho. Ele tinha acabado de ser transferido para a Brigada dos Costumes e estava a adorar o novo cargo.

Daisy voltou à cozinha e pôs a massa a cozer, aquecendo o molho no micro-ondas. O resto estava pronto. Quinze minutos depois, estavam sentados a comer.

- Hum, isto sim - disse Joel, provando o molho de camarão. - Ando a viver há tanto tempo de refeições pré-preparadas que me esqueci do aspeto da verdadeira comida, para não falar do sabor. - Espetou um pedaço de abacate na salada. - Ah, que é isto? Um corpo estranho.

Daisy riu-se. No princípio da sua relação, quando ela começou a cozinhar para ele, ele declarava que tudo eram corpos estranhos. Tinha sido criado numa família onde até a massa era considerada exótica e bizarra. Na marinha, como na polícia, a comida era tipo rancho e, quando os navios atracavam em portos estrangeiros, a sua desconfiança não o deixava experimentar nada que não reconhecesse. Depois de conhecer Daisy, tinha rapidamente superado este preconceito porque ela o obrigava a provar de tudo.

Era maravilhoso estar de novo sozinha com ele. A noite estava extremamente amena, com uma brisa muito leve que fazia as velas tremeluzir. À medida que a luz do dia foi dando gradualmente lugar à noite, a fragrância das rosas na mesa, a boa comida e o vinho facilitaram a conversa.

Ele disse que quando Daisy o excluiu da vida dela, o seu mundo se tinha desintegrado. - Parecia que não fazia sentido, levantar-me de manhã, limpar o apartamento, lavar a roupa. Até esse momento, não tinha noção de como me ligara à tua família nem de como davas cor a todos os aspetos da minha vida. Os meus amigos cansaram-se rapidamente da minha depressão, no trabalho diziam que eu era um rezingão. E eu que me prezava de ser uma pessoa reservada. Devo ter imaginado que era demasiado duro para me deixar ir abaixo por causa de uma mulher.

Daisy estendeu a mão e afagou-lhe ternamente a face. - Desculpa se te obriguei a passar por isso - murmurou. - Mas é bom descobrir que podes ser tão emotivo. Era uma das minhas dúvidas a teu respeito. Às vezes ficava com a ideia que não tinhas sentimentos. Parecias de facto muito reservado.

- Suponho que me convenci que tinha de ser autoritário e mandão contigo porque tu parecias inconstante e inconsequente admitiu ele.

- Inconsequente! - disse ela, rindo.

Ele sorriu e pegou-lhe na mão, beijando-lhe as pontas dos dedos. - Sim, inconsequente. E às vezes ainda és, como no dia em que cheguei à unidade de convalescença e te encontrei lavada em lágrimas. Pensei que tinhas recebido alguma notícia terrível, que precisavas de ser outra vez operada ou coisa parecida. E só estavas perturbada porque não te conseguias dobrar para pintar as unhas dos pés sem sentires a cabeça a latejar.

- As unhas dos pés de uma rapariga são importantes - retorquiu ela, com uma gargalhada.

- Eu sou importante para ti? - perguntou ele, os seus olhos escuros fixando intensamente os dela.

- Nem imaginas a que ponto - sussurrou ela.

- Então vamos para a cama - disse ele, levantando-se e puxando por ela. - Já, antes da sobremesa e do café.

- Tinha planeado pôr a tocar música soul para dançarmos - disse ela.

- Podemos fazer isso mais tarde. Temos a noite toda.

Ela olhou para a cara dele e os seus olhos castanhos eram dois focos de lascívia, tão sensuais que até sentiu um arrepio. Os seus lábios eram doces e cheios e estavam rosados e húmidos do vinho tinto. Depois olhou para a mão dele na sua, grande e capaz, e recordou como aqueles dedos podiam ser sensíveis.

- Beija-me - murmurou ela. - Já me esqueci de como sabe um beijo a sério.

Ele envolveu-a nos braços e colou os lábios aos dela. O beijo começou suavemente, a língua dele excitando a dela, mas os seus braços apertaram-na mais e logo se tornou mais ávido e apaixonado, mais fogo do que ela se recordava. Pegando nela, Joel transportou-a para o andar de cima e pousou-a na cama. Deteve-se alguns momentos a contemplá-la.

- Que foi? - perguntou ela.

- Estou só a pensar que te desejo desesperadamente. - A sua voz estava rouca de emoção.

Foi ainda melhor do que quando se conheceram, com a excitação animal mas também com a segurança da familiaridade. Joel despiu-a, beijando-lhe os ombros e os braços, sem pressa, desejoso de prolongar o momento.

Enquanto fazia ternamente amor com ele, Daisy sentiu os últimos vestígios de tensão interior abandonarem-na. Não havia lugar no seu espírito para mais nada além dele; o tempo, o lugar e o amanhã deixaram de existir, à medida que ele a guiava a um clímax feroz.

- Amo-te - ouviu-o murmurar no auge do momento e os corpos de ambos pareceram fundir-se um no outro de um modo que ela nunca experimentara antes e, de súbito, rompeu em lágrimas, emocionada com a pura beleza de tudo.

- Nada de lágrimas - sussurrou ele, lambendo-as. - O Fred ainda pensa que te estou a magoar e desfaz-me o rabo.

Daisy relanceou para o lado da cama e viu Fred ali sentado, com a cabeça pousada de lado, as orelhas arrebitadas, como que a questionar o que estavam a fazer. Desatou a rir.

- O novo modelo Daisy passa das lágrimas ao riso num segundo - disse Joel, imitando a voz de um homem que fazia anúncios a carros numa estação de rádio local. - Andamento suave, cheio de emoções, é o que se pode esperar da nova Daisy.

Mais tarde, ainda estavam a rir quando voltaram a descer para comer os morangos com chantilly e beber mais vinho. Levando uma garrafa para o jardim, agora às escuras, sentaram-se no baloiço, Joel de boxers e Daisy só de cuecas e com o polo dele.

- Podíamos fazer amor outra vez aqui - disse ele, baloiçando-se depressa. - Com a emoção acrescida de não sabermos se os vizinhos estão a ver.

Daisy reclinou-se a olhar para as estrelas. - Temos este baloiço desde que me lembro - disse ela. - A minha mãe nunca quis desfazer-se dele apesar de estar um pouco enferrujado e a capa estar em mau estado. Muito gostava de saber se era porque ela e o meu pai faziam aqui malandrices quando éramos pequenos.

- Devia ser - disse Joel, sorrindo e reclinando-se ao lado dela. - Uma das primeiras coisas que senti nesta casa foi amor. Tem-se a sensação que envolve a família toda. É pena não podermos comprá-la ao teu pai se ele a puser à venda e for viver para outro lado.

Daisy olhou para ele, curiosa.

Joel voltou a sorrir. - Suponho que te devo pedir em casamento antes de discutirmos a compra de uma casa. Queres casar com um pobre polícia que não te pode proporcionar o conforto a que estás habituada?

- Isso é um pedido formal ou só uma missão de averiguação? - perguntou ela.

- É um pedido formal.

Daisy soltou uma risadinha. - Sim, quero casar-me com um polícia pobre. Estou até disposta a ir viver para o ex-andar camarário dele, apesar de tacanho e sujo. Isto é, se ele pedir como deve ser.

- Não estás a dizer de joelhos, pois não? - perguntou ele, fingindo-se horrorizado.

- Estou, pois, ou é como manda a tradição ou nada feito.

Joel deslizou do baloiço para a relva e recuou de gatas. Escolheu uma rosa de um arbusto e avançou com ela nos dentes.

- Aceitas casar comigo, Daisy? - perguntou.

- Aceito - respondeu ela, debruçando-se para o beijar. Mas o baloiço andou para trás e ela caiu em cima dele na relva.

Voltaram a fazer amor ali, prolongando o momento mesmo quando começaram a arrefecer e a sentir o solo húmido debaixo do corpo. - Temos de guardar sempre esta recordação - murmurou ela. - E quando chegarem as nossas bodas de prata, voltamos a fazer isto só para nos recordarmos de como foi.

- Mas nessa altura tenho mais de sessenta anos - murmurou ele em resposta.

- Eu mantenho-te em forma, não te aflijas - disse ela rindo. - Quero que o teu rabo seja tão firme como é agora senão troco-te por outro.

CAPÍTULO 25

Uma semana depois da noite passada com Joel, o carteiro chegou com uma encomenda para Daisy no sábado de manhã. Como tinha quarenta e cinco centímetros de comprimento e vinte e dois de espessura, nem por um momento pensou que fosse o livro de Josie. Tinha imaginado que este caberia num envelope grande.

Mas, ao rasgar o papel de embrulho castanho e ao descobrir duas caixas de arquivo lá dentro, o seu coração começou a agitar-se de excitação. Estava à espera de alguns cadernos escritos mas via-se perante um manuscrito cuidadosamente dactilografado.

Havia uma carta de rosto fechada, do advogado de Chancery Lane. Dizia que lhe tinha sido pedido que lhe enviasse o manuscrito, que era agora dela para lhe dar o destino que entendesse, mas esperava que, se ela decidisse publicá-lo, o contactasse primeiro para discutir o assunto. Acrescentava ainda que, na ausência de um testamento, quando a sentença fosse homologada e o apartamento e a loja de Josie fossem vendidos, Daisy seria provavelmente a principal beneficiária.

Era frustrante não poder sentar-se imediatamente a ler o manuscrito mas estava previsto que o pai chegasse para almoçar no dia seguinte e, como Joel tinha passado quase toda a semana com ela, havia muito pouca comida em casa.

Quando voltou com as compras, apressou-se a arrumá-las e depois sentou-se à mesa da sala de jantar a ler o manuscrito.

Josie tinha dito que um jornalista a ajudara a escrevê-lo mas quase imediatamente, Daisy percebeu que isso era pouco provável. Talvez um ou uma jornalista tivesse lançado a ideia de o escrever e tivesse querido encarregar-se pessoalmente da escrita pois, desse modo, ganharia dinheiro com ele. Contudo, o livro era inteiramente de Josie; Daisy ouvia a voz dela em todas as páginas.

Josie também afirmara que estava mal escrito mas, nesse aspeto, enganara-se. Talvez o nível não fosse suficientemente bom para ser publicado mas ela revelava talento para a narrativa e para a caracterização.

Tinha começado a escrevê-lo em 1980, porque a data surgia no cimo da página, e no geral estava escrito como se ela fosse Ellen. Mas Daisy teve a impressão que não era apenas porque Josie estava supostamente morta mas porque tinha concluído que, usando Ellen como narradora, podia distanciar-se de si própria para relatar honestamente a sua história.

No entanto, por vezes, tinha lapsos. Em certas passagens da história de que Ellen nunca poderia ter tido conhecimento ou quando qualquer coisa nitidamente a perturbava, retomava o papel de Josie.

A história começava quando Ellen tinha oito anos e descobriu que a sua mãe verdadeira se atirou do penhasco com o filho bebé. Pela voz de Ellen, conseguia mostrar que Josie também se sentiu magoada ao descobrir que eram apenas meias-irmãs, que a sua própria concepção e o subsequente casamento dos pais tinha sido ditado pela conveniência e não pelo amor.

Esta parte inicial estava escrita num estilo extremamente empolado e era repetitiva, com intermináveis descrições da proximidade entre as irmãs, das suas brincadeiras juntas, das idas para a escola e da vida que tinham na quinta. A impressão que dava era que Ellen tinha passado pior, sobrecarregada com um excesso de tarefas e maltratada e humilhada por Violet, embora já nessa época Josie tivesse uma série de problemas pessoais.

Não era tão inteligente como Ellen, o pai ignorava-a e Violet estava constantemente a tentar que ela fizesse sombra à irmã. A imagem que pintava de si mesma era a de uma criança confusa, cujas lealdades se dividiam entre a mãe e a irmã, e incapaz de satisfazer uma e outra.

No entanto, apesar das tentativas contínuas e muitas vezes implacáveis de Violet para criar animosidade entre as duas raparigas, Daisy sentia o amor que existia entre elas. Nas descrições das suas brincadeiras, dos banhos na enseada e dos jogos teatrais no celeiro, Daisy quase ouvia as suas gargalhadas e não lhe parecia que fosse apenas porque eram obrigadas a estar juntas e a viver isoladas de outras companheiras de brincadeira.

Mavis tinha contado a Daisy que Violet levara Josie para Helston no Verão, quando ela tinha catorze anos, mas só pela leitura da narração de Josie desse episódio é que compreendeu que fora então que a sua rebelião começara.

Descrevia em pormenor a casa luxuosa do tio, a descoberta do prazer de ver televisão, de jogar ténis, de participar num grupo de teatro amador, de receber roupas bonitas e de ser tratada como se fosse importante. Foi também aí que conheceu o primeiro namorado e guardava um amargo ressentimento contra Violet por tê-la levado novamente para casa. O seu relato da paixão de Ellen por Pierre era muito comovente e provava que, embora Josie já não tivesse vontade de viver na quinta, continuava a sentir uma profunda afeição pela irmã. Daisy quase conseguia ver as duas raparigas juntas na enseada, a confidenciar os seus mais íntimos segredos e a prometer que estariam sempre do lado uma da outra, independentemente do que os pais fizessem.

Na secção seguinte, imediatamente antes de Ellen arranjar o emprego em Bristol, Josie revelava dificuldade em narrar a história enquanto Ellen. Passava de «ela» para «eu» constantemente, tentando mostrar como Ellen estava assustada com a gravidez mas revelando, ao mesmo tempo, a sua própria angústia porque a irmã deixou, de repente, de se abrir com ela e parecia distante e indiferente.

Daisy suspirou profundamente quando chegou à passagem sobre os mal-entendidos criados pelas cartas das raparigas uma à outra depois de Ellen sair de casa. Compreendia por que razão Ellen não se atrevia a escrever abertamente sobre a sua situação e via com igual clareza por que razão Josie chegou à conclusão de que tinha sido enganada e de que Ellen fingiu a gravidez só para escapar de casa e divertir-se.

Recordando os seus quinze anos, Daisy também compreendia perfeitamente por que razão Josie fugiu para Londres com os dois rapazes. Nessa idade, ela própria era tão tonta e voluntariosa Como ela. Apertou-se-lhe o coração ao ler que Josie tinha sido forçada a viver naquele quarto horrível em Westbourne Grove mas sentiu igualmente admiração pela sua coragem em não ter voltado a Correr para casa.

A descrição sobre o início da sua carreira de modelo, o encontro com Mark Kinsale e a subsequente sedução protagonizada por ele estava extremamente bem escrita. Daisy sabia que, se

estivesse na pele de Josie, teria sido tão ingênua e teria sentido tanto medo e, contudo, tanta esperança como ela.

Josie pensava, quando Mark queria fazer amor com ela, que ele devia amá-la. Estava convencida de que tudo mudaria, se ele se tornasse seu amante, que ele seria mais terno, mais carinhoso. Tinha igualmente medo de rejeitá-lo, não fosse ele abandoná-la.

Ele nunca foi bom para ela, mesmo no princípio era bruto e dizia coisas obscenas, humilhava-a e dizia-lhe que ela não era sexy. Por isso, ela tentava ser o que ele queria, deixando-o fazer tudo o que lhe apetecia, por mais pervertido que fosse, fingindo que estava a adorar. Que outra coisa

podia fazer? Parecia ser a única porta para a fama e a fortuna.

Estas palavras recordaram a Daisy a sua primeira relação sexual e a lembrança fê-la chorar de vergonha. Não se podia dizer que tivesse sido fazer amor porque aquele rapaz tinha-a tomado à força no sofá quando os pais dele estavam ausentes. Ela tinha-se sujeitado porque era uma espécie de ídolo na escola e estupidamente imaginou que ele estivesse apaixonado por ela. Era como dar-lhe um presente só por se dignar reparar nela. Recordava-se da desilusão quando ele nem sequer a acompanhou a casa mais tarde, apressando-se a pô-la fora de casa e dizendo: «Até à vista.»

Daisy interrompeu a leitura às cinco da tarde para preparar uma sanduíche e voltou, em seguida, à secção sobre a meteórica ascensão de Josie à fama. Passou à frente uma grande parte porque eram coisas que já conhecia mas recomeçou no ponto em que Mark Kinsale iniciou Josie nas anfetaminas.

Ela precisava de qualquer coisa que a estimulasse porque trabalhava muitas horas. Aqueles pequenos comprimidos pareciam perfeitamente inofensivos; faziam-na rir e tagarelar, acabavam com a fadiga. Mas já era demasiado tarde quando se apercebeu do efeito que estavam a ter nela.

Ou que, ao dar-lhe drogas, ele estava a ganhar um controlo absoluto e total sobre ela e sobre o dinheiro que ela ganhava.

Josie descrevia esses primeiros dois anos de celebridade como viver num sonho em technicolor, a que não faltava uma banda sonora dos Beatles e dos Rolling Stones. Era claro para Daisy que, apesar de Josie sentir uma certa nostalgia por vestir roupas fabulosas, conhecer pessoas famosas e receber a adulação da imprensa, continuava a causar-lhe amargura nunca ter sido para Mark mais do que um esquema para ganhar dinheiro.

Ela escrevia sobre a sua solidão porque a vida agitada de festas loucas e clubes noturnos também era um logro. Mark levava-a a esses lugares, certificava-se de que a imprensa reparava nela e depois fazia-a desaparecer. A verdade era que ela passava a maior parte das noites sozinha no seu apartamento. Como as anfetaminas a mantinham acordada, Mark dava-lhe comprimidos para dormir. Depois, na manhã seguinte, precisava de mais anfetaminas para acordar.

Neste ponto, Daisy ficou particularmente chocada com um parágrafo:

Josie sentia que era como uma boneca. Tirada da caixa, vestida e exibida. Depois, Mark despiu-lhe as belas roupas e abusava dela antes de a meter novamente nua na caixa, à noite.

Tinha sido abruptamente lançada num mundo adulto sem qualquer preparação e não havia ninguém lá que a ajudasse, amasse e aconselhasse.

Daisy percebia perfeitamente que Mark terá planeado a sua estratégia desde o primeiro encontro com Josie. O facto de lhe pagar a renda, de a aliciar para uma relação sexual, de lhe dar droga e negar dinheiro impedia-a de pensar sequer em escapar.

Josie descrevia como tinha suplicado uma vez a Mark que lhe desse dinheiro para comprar uma poltrona ou um sofá, alguns quadros para a parede e um televisor porque só tinha uma cama no apartamento. Ele riu-se dela e respondeu que era tudo quanto precisava. Este tema de desejar criar uma verdadeira casa para viver regressava com muita frequência, mais tarde no livro, e ajudava a compreender o luxo e o conforto da casa dela em Askwith court.

Ellen fez uma visita de surpresa a Chelsea e ficou chocada quando encontrou a irmã a viver numa casa vazia.

Tive medo por ela. A cara da Josie aparece quase diariamente nos jornais, estava convencida que ela estava a ganhar fortunas e contava encontrá-la a viver como uma rainha. Mas os lençóis na cama estavam imundos, havia montes de roupa e lingerie sujas por todo o lado. Ela nem sequer tinha dinheiro suficiente para as levar à lavandaria e ficou terrivelmente envergonhada por eu ver as condições em que vivia.

Ao que parecia, Ellen tinha questionado Josie sobre quanto ganhava e disse que Mark estava a roubá-la. Chegou a oferecer-se para ir confrontá-lo. Mas Josie, por qualquer razão que não explicava, não deixou Ellen ir.

Foi durante a mesma visita que Ellen tentou falar à irmã do que sentira ao dar a filha para adoção. Josie tinha claramente compreendido mais tarde que magoara profundamente a irmã quando não mostrou interesse genuíno, pois havia um registo de verdadeiro remorso na sua declaração.

Josie estava demasiado absorvida por ela mesma para se preocupar com o que eu tinha passado e a que ponto isso me tinha transformado. Nessa altura, fui indulgente porque ela era muito nova, ainda não sabia então que ela estava a tomar drogas; aliás, não sabia nada sobre drogas, isso só aconteceu mais tarde. Mas fiquei muito magoada por ela não me deixar desabafar, por se rir de mim por ter aceitado um emprego com crianças deficientes e querer reconstruir a minha vida fazendo algo de meritório.

Foi aqui, nuns quantos parágrafos breves, que Daisy começou realmente a ver a sua mãe biológica. Josie era franca: nessa época, detestava que a irmã tentasse fazer o que considerava «estragar-lhe a festa». Mas, talvez porque tinha escrito este livro muito tempo mais tarde e acabado por reconhecer que as advertências da irmã eram ditadas pelo seu amor por ela, teve a generosidade de descrever o carácter e a personalidade de Ellen.

Ellen também gostava de se divertir mas, para ela, a diversão consistia em apear-se e ir a um clube, fazer compras nas boutiques de Chelsea ou ir comer a uma das novas hamburguerias americanas. Não era avessa a beber mas as drogas assustavam-na. Também apreciava os homens mas sentia-se atraída pelos mais meigos e atenciosos e não pelos exibicionistas chocantes que se pavoneavam em King's Road, com casacos de veludo e botas pelo joelho, como se fossem estrelas de

rock.

Foi Ellen quem adotou o estilo e a filosofia hippies e não Josie. Adorava Bob Dylan, Steppenwolf, jimi Hendrix e os Doors. Sentava-se no chão, com os seus compridos vestidos vaporosos, com flores presas no cabelo, e falava de poesia, livros e religiões alternativas. Tinha uma consciência social, queria endireitar o mundo e; à sua modesta maneira, achava que punha em prática as suas convicções no seu trabalho na escola e no contacto diário com as pessoas.

Mais tarde, na segunda pasta, Daisy mergulhou na vida alucinante que Josie vivia: viagens a Paris e a Roma, estadias nos melhores hotéis, convites para os iates de homens ricos no Sul de França. Possuía roupas magníficas, um cabeleireiro e uma caracterizadora sempre à mão, mas nunca chegou a visitar a Torre Eiffel nem o Coliseu nem se divertia como imaginavam as pessoas que liam sobre ela nos jornais.

Numa comovente passagem, descrevia a ocasião em que Mark a tinha levado à praia em St. Tropez. Ele tirou fotografias dela a apanhar banhos de sol, a posar num biquíni minúsculo e a fazer o pino na areia. Mas, quando ele terminou e ela perguntou se podia ir nadar, ele recusou e levou-a novamente para o quarto do hotel.

Daisy leu também horrorizada que Mark forçou Josie a perversões sexuais com um homem que lhe foi apresentado como o Duque, enquanto ele próprio assistia. Havia muitos mais relatos de sexo a três. Não era claro se tinha sido antes ou depois do episódio com o Duque porque Josie dizia que a sua ligação amorosa Com Mark tinha terminado nesse dia. Mas dava ideia de ter sido depois, como se ele a convencesse, por meio de chantagem, a envolver-se em mais encontros sexuais a troco de trabalho.

Josie já tinha tornado perfeitamente claro que nunca tinha apreciado o sexo mas agora Daisy compreendia que a enojava verdadeiramente. Alinhava nas taras de Mark porque tinha medo de recusar. A dado trecho, dizia que mais valia tornar-se prostituta porque, pelo menos, seria paga por isso.

Era claro que a vida amorosa de Ellen a confundia e lhe causava ciúmes pois tinha escrito um trecho, por esta altura, como se fossem comentários feitos por Josie numa visita à irmã.

Estás sempre nisso, pareces um maldito coelho. Não percebo que prazer te dá. E ainda por cima os teus namorados são todos uns papa-açordas. Nem sei como têm fôlego para isso.

Pela voz de Ellen, tinha descrito a sua opinião sobre o assunto:

Josie fora tão maltratada que não compreendia que, se encontrasse um homem meigo e carinhoso, que a respeitasse, talvez viesse a perceber porque é que eu gostava de sexo. Mas parecia, e talvez fosse influência de Mark ou de Violet, ser incapaz de ver mais do que o saldo bancário e o estatuto de um homem. Por mim, nunca considerei que uma carteira recheada só por si fizesse de um homem um bom amante.

o mistério por detrás do fim abrupto da carreira de modelo de Josie era também explicado.

Ao que parecia, ainda antes de ter conhecido Josie, Mark tinha um romance com Penelope

Cartwright, uma mulher casada que, durante alguns anos, dirigiu a maior agência de manequins de Londres. Quando Penelope se sentiu finalmente preparada para trocar o marido por Mark, Josie teve de ser preterida.

A crueldade de Mark tinha sido evidente ao longo de toda a história mas também era claramente perverso porque, como não ia ganhar mais dinheiro com Josie, não tencionava deixar que alguém o fizesse. Usou a sua considerável influência para assegurar que nenhum outro fotógrafo ou agência a contratasse. Vendeu inclusivamente histórias obscenas sobre ela aos jornais, levando-a a perder totalmente a credibilidade.

O pouco dinheiro que ela tinha não tardou a esgotar-se. Quando já não podia pagar a renda, foi-se mudando para sítios cada vez mais baratos. Só tinha o apoio de Ellen.

Daisy deu por si a chorar ao ler passagens que mostravam claramente que Ellen era a única pessoa que verdadeiramente se preocupava, que nunca a rejeitava por pior que fosse o seu comportamento. Pensou como era possível que, depois de tanto carinho e amor, Josie pudesse sequer ter considerado matar Ellen.

Talvez, ao escrever este livro, Josie estivesse roída de remorso e acreditasse mesmo que estava louca na altura em que o fez pois relatava coisas que a maioria das pessoas se teria recusado a admitir. Roubou dinheiro a Ellen várias vezes, aparecia-lhe muitas vezes em casa a meio da noite e passava lá dias e depois partia sem se despedir. Contraiu uma doença venérea; Ellen acolheu-a para tratar dela. A polícia fez uma rusga num apartamento em Knightsbridge e descobriu que Josie era a única mulher entre um grupo de cinco homens. Josie participou em alguns filmes pornográficos e posou nua para várias revistas e, mesmo assim, Ellen continuou do lado dela.

No entanto, entre as idas para junto de Ellen, Josie também voltava com frequência à Cornualha.

Ela tinha uma necessidade terrível de receber a aceitação e a aprovação dos pais. Talvez, se tivesse ido para casa e sido discreta, os tivesse reconquistado, mas era incapaz de fazer isso. Tinha sempre de vestir roupa sensacional, chegava a empenhar qualquer coisa para a comprar, se estivesse sem dinheiro. Depois de lá estar, comportava-se como uma estrela de cinema de visita, exigindo comida especial a Violet e passando metade do dia na cama. Depois ia para Falmouth para se exhibir junto das velhas companheiras de escola e certificava-se sempre de que a imprensa local sabia do seu paradeiro. Mas isto fazia parte da atração da sua terra natal porque aí, pelo menos, continuava a ser uma celebridade.

Daisy refletiu sobre esta última passagem. Parecia-lhe que Josie estava tão apegada à quinta como Ellen mas por razões muito diferentes. Enquanto Ellen amava a terra, os animais e a natureza, para Josie a quinta representava proteção e talvez o estatuto que não tinha encontrado em mais nenhum lugar.

Nada ali mudava, nem a vista, nem a falta de conforto nem a condenação dos pais. Mas, vivendo num mundo onde tudo mudava mais depressa do que ela trocava de roupa, Josie retirava daí conforto.

Daisy compreendeu que a quinta era quase como um personagem com vida própria e o seu

poder atravessava toda a história. Desde tenra idade que Josie tinha sabido que a mãe se casara com o pai por causa da quinta. Ainda antes disso, o pai e o irmão dele tinham disputado a sua posse. Ao longo da infância e da adolescência, tinha observado que as pessoas ficavam impressionadas com ela. A mãe tinha insistido com ela para que a ajudasse a convencer o pai a vendê-la. Queria até livrar-se de Ellen para facilitar os seus desígnios. Ellen adorava-a e o que teria desejado acima de tudo era ter ficado na quinta e trabalhar nela.

Daisy pensou que Josie devia ter acabado por desejar que a quinta lhe pertencesse porque toda a gente parecia dar-lhe valor. Talvez tivesse começado a fantasiar sobre como seria se lhe caísse nas mãos. Teria descoberto que Albert a tinha deixado a Ellen em testamento quando morresse?

Tristemente, Josie não deixava pistas a este respeito. Mas revelava, sim, que a revolta e o ressentimento estavam a crescer dentro dela e relatava-o pela voz de Ellen.

A minha mãe disse a Josie que ela era estúpida por não arranjar um velhote rico para a manter. Disse que, se tivesse a figura dela, não estaria metida numa quinta miserável, no meio de um ermo. Houve uma ocasião em que tirou as roupas todas de Josie, depois de ela chegar a casa vinda de Falmouth bêbada. Bateu-lhe com uma cana e fechou-a no telheiro durante toda a noite para a castigar.

Mas Josie ficou ainda mais magoada com o pai. Ele não lhe bateu mas agiu como se ela nem sequer existisse. Uma noite, ela suplicou-lhe que falasse com ela e ele respondeu: «Só tenho uma filha agora, reneguei-te quando contaste mentiras a meu respeito.» Ela tentou explicar que tinha sido Mark a dizer todas aquelas coisas e não ela, mas ele não quis ouvir. Limitou-se a virar-lhe as costas e a dizer que, aos seus olhos, ela já estava morta.

Havia uma litania de incidentes semelhantes e Daisy descobriu que não era capaz de os ler todos porque a dureza dos pais de Josie a deixava estupefacta. Mas o mais perverso era que, em todas as visitas, Violet insistia com ela para que arranjasse um homem rico e o convencesse a mantê-la.

Daisy compreendia por que razão Josie tinha perdido completamente a noção do bem e do mal. A imprensa tinha-a celebrado quando ela estava sob a proteção de Mark e, mais tarde, tinha-a vilipendiado quando ele a abandonou. Por um lado, o pai recusava-se a reconhecer sequer que ela existia e, por outro, a mãe atormentava-a para se tornasse amante de um velho.

Drogas, álcool, sexo e homens. Eram as pulsões de Josie. Precisava dos dois primeiros para enfrentar os dois últimos. Ia com qualquer um que se disponibilizasse a dar-lhe drogas e bebida. Eu sabia que ela tinha batido completamente no fundo quando apareceu, um dia de manhã cedo, depois de ter sido roubada e violada por dois homens. Nessa ocasião, recusei continuar a ajudá-la. Deixei-a tomar banho, preparei-lhe uma refeição e depois mandei-a embora. Tinha esperança de que, se fosse inflexível com ela, ela se emendasse. Decidiu voltar para casa na Cornualha e pareceu que tinha resultado. Arranjou um emprego e começou até a falar em comprar uma casa.

Daisy virou ansiosamente a página, apercebendo-se de que estava agora a chegar à parte em que Josie pegou fogo à casa. Mas, para sua extrema desilusão, O livro acabava ali. Seguia-se uma página em branco.

Permaneceu algum tempo sentada a pensar no que tinha lido. Tinha vontade de chorar mas não sabia por quem. Sentia que agora conhecia intimamente toda a família e que cada um deles tinha

carregado a sua própria tragédia.

Para fechar a pasta, teve de reintroduzir as folhas nos anéis porque muitas tinham-se soltado e, quando chegou ao fim, descobriu, para sua surpresa, uma folha ensanduichada entre outras em branco.

Era diferente das outras, dactilografada no que parecia ser uma máquina de escrever antiga. A página tinha a data de 1 de Novembro de 1978.

Daisy começou alegremente a lê-la, sabendo que Josie devia tê-la escrito pouco depois do incêndio. Esperava que lançasse alguma luz sobre o que sentia relativamente ao que tinha feito.

Não era uma confissão. Tinha-a escrito como Ellen e o tom era extremamente melodramático, como se estivesse a ensaiar o papel.

Agora estou completamente sozinha. Toda a minha família morreu e eu estou aqui sentada no meu apartamento, observando o passado com toda a sua tristeza, azedume, ódio e inveja, e tentando encontrar alguma explicação em mim mesma para as terríveis falhas de todos os meus familiares.

Não consigo. Talvez cada um deles tivesse mais do que a sua conta de desapontamento e mágoa mas há muitas pessoas que sofrem mais e carregam o seu fardo com boa cara.

A minha bela e conturbada irmã está morta e eu choro por ela.

No entanto, não posso afirmar que a lamente inteiramente porque agora, pelo menos, o seu sofrimento acabou. Diz-se que a fénix renasce das cinzas e eu esforçar-me-ei por fazer o mesmo. Tenciono mudar-me oportunamente para Londres e viver o tipo de vida que Josie podia ter tido se tivesse sido mais sensata.

Daisy ficou sentada durante muito tempo, a ler e a reler a passagem. Josie já estaria louca então, acreditando que era Ellen? Ou fazia simplesmente parte do fingimento, como vestir a roupa da irmã, conduzir O seu carro e viver no seu apartamento? Pensou também se Josie teria realmente desejado escrever uma confissão mas tinha medo de a passar ao papel?

Pegando na folha para voltar a colocá-la na pasta, reparou que havia um texto escrito à mão no verso.

Tinha data do fim de Abril e Daisy apercebeu-se de que era o dia em que fora 'à loja e falara com ela pela primeira vez.

Não sei que pensar ou fazer. Hoje apareceu uma rapariga na loja e anunciou que era minha filha.

Pela primeira vez desde que me transformei em Ellen, o choque fez-me esquecer como ela reagiria. Mais tarde cheguei lá, depois de ter tido tempo para refletir. Ellen teria chorado, abraçado a rapariga, fechado a loja, contado a toda a gente quem era aquela jovem bonita e vibrante. Teria transbordado de felicidade.

Mas eu senti apenas medo, apesar de ter conseguido escondê-lo.

Tenho sido feliz como Ellen. Adotando o seu carácter e os seus valores, encontrei não só o sucesso no mundo dos negócios como a paz a que aspirava, o tipo de vida harmoniosa que sempre lhe invejei.

Mas esta rapariga ameaça tudo isso. Se lhe abrir as portas da minha vida, terei de estar permanentemente na defensiva. Mas se lhe disser que não a quero, que pode acontecer?

No fundo, sei que não tenho alternativa, tenho de fazer o que Ellen teria feito e tenho de confiar nela para me guiar, como sinto que fez tantas vezes no passado quando tive problemas. Mas poderá ela guiar-me através das emoções normais da maternidade?

Quem me dera tê-la deixado falar-me da menina. Não sei quanto tempo durou o trabalho de parto, se foi suturada, quanto pesava a bebé, se era gorda, magra, careca ou ruiva quando nasceu.

Nunca lhe perguntei. Virei-lhe as costas sempre que ela tentou falar disso. Porquê? Sempre a amei, partilhávamos quase tudo.

Hoje, sinto-me profundamente envergonhada porque compreendo de súbito que ter sido obrigada a dar a filha para adoção fez dela o que ela era.

Era a sua única mágoa, a parte reservada dela que eu nunca fui capaz de compreender, e esse profundo poço de compreensão que ela possuía vinha igualmente daí

Como é irónico ter pensado que sabia tudo sobre ela e, no entanto, ter sido preciso confrontar-me com a filha dela para ver essa parte que até agora me era invisível.

Sempre fui extremamente egocêntrica. Nunca considerei verdadeiramente os sentimentos dos outros nem por que razão reagiam a determinadas situações de determinada maneira. Nunca assumi de facto a responsabilidade por nada.

Ellen era muito diferente. Nasceu com um instinto para cuidar dos outros, perdoava às pessoas, suportava os seus problemas sem culpar mais ninguém. Mas, ao mesmo tempo, era sempre capaz de encontrar boas razões para o mau comportamento dos outros. No fim, até conseguiu que a Violet a amasse.

Talvez tenha sido isso que acabou por me virar contra ela. Foi aquela mulher que me deu à luz e, contudo, sempre me usou apenas como um instrumento para conseguir o que queria. Não sou capaz de chorá-la, nem de chorar o meu pai, eram odiosos e fizeram de mim aquilo em que me tornei. Mas choro a Ellen, sim, e quando fui confrontada com a filha dela compreendi a terrível perda.

Tudo o que a Ellen fazia era correto. Possuía uma espécie de pureza que não deixava ninguém indiferente.

Acho que também vi um pouco disso na Daisy. Espero que sim. E por amor à Ellen não a posso rejeitar.

Este será o supremo teste.

Daisy deixou cair a folha na mesa e chorou. Por Ellen, que era agora capaz de ver, sentir e ouvir, e pela conturbada Josie.

Apesar disso, não havia qualquer hipótese de desculpar o que Josie tinha feito mas agora compreendia melhor a razão. Parecia-lhe que o dinheiro que Josie tinha ganho com um ato criminoso fora menos importante do que ter exercido uma espécie de vingança. Encontrou uma forma de renascer e, apesar de perverso, fazia um certo sentido.

Nessa noite, Daisy não conseguiu dormir, ainda a pensar nas páginas do livro. Estranhamente, desejava que Lucy estivesse ali para poder discutir' o assunto com ela. Era, afinal, uma história sobre irmãs e podiam ambas encontrar nela alguns paralelos com a sua própria relação.

Interrogou-se também sobre o que Lorna teria pensado dela. Havia pontos comuns entre ela e Ellen, Lorna também era uma pessoa que se preocupava com os outros e praticava o bem. Se tivesse tido uma irmã rebelde, teria cuidado dela, acontecesse o que acontecesse.

Imaginava Lorna a apontar os aspetos positivos de ter ido à procura da mãe biológica. Teria dito que Daisy tinha aprendido a olhar mais longe do que ela própria, a compreender as vulnerabilidades das outras pessoas, a dar valor à sua própria família, a perdoar e a reconhecer a verdadeira importância da honestidade. Já não era uma rapariga inconstante.

No domingo de manhã, enquanto Daisy limpava a casa e fazia o almoço, preparando-se para a chegada do pai de férias, Joel ainda estava na sala de estar, a ler o livro. Tinha chegado diretamente do turno da noite às seis da manhã, entrado com a sua chave e começado a lê-lo.

Era um tormento vê-lo absorvido nele. Daisy queria perguntar em que parte ia e o que pensava dele até agora, mas resistia à tentação porque era importante conhecer a sua opinião geral e não parcial sobre a história.

Quando ouviu os seus passos no corredor em direção à cozinha, deu meia-volta. - Já acabaste? - perguntou.

Ele assentiu gravemente com a cabeça.

- Então, que pensas? - perguntou ela, impaciente.

- Enquanto polícia, diria que lhe faltava um bom número de parafusos. Mas, enquanto homem, dá-me vontade de chorar por ela.

- Dá? - sussurrou Daisy, ansiosa. Não estava à espera daquela reação.

- Sim, e de que maneira. - Estendeu os braços para Daisy e abraçou-a com força, pousando a cara no pescoço dela. - Se ela tivesse tido o apoio de uma pessoa forte quando conheceu esse Mark Kinsale ... Que grande estupor que esse tipo era! - disse ele com veemência.

- Mas isso não a desculpa!

- Não, não desculpa - disse Joel, endireitando-se e tentando sorrir. - Mas é uma lição para nós todos sobre o que pode acontecer aos miúdos quando os pais os descuram.

Fora essa a última reflexão de Daisy antes de finalmente adormecer depois de ler o livro e tinha-se recordado de como a mãe e o pai, fizesse ela o que fizesse, nunca tinham desistido dela. Agradava-lhe que Joel tivesse chegado à mesma conclusão e esperava que um dia fossem ambos bons pais.

- Eu sei que é uma pergunta estranha. Mas chegaste a gostar da Josie? - perguntou ela. - Apesar de tudo, digo eu.

- Sim, cheguei - disse ele, sacudindo afirmativamente a cabeça. - Perturbada, louca, vingativa, tudo isso, mas havia qualquer coisa. Foi essa nota que ela escreveu depois de tu a encontrares que me afetou. Nesse momento, admitiu quem era. Podia ter-se protegido, dizer-te que fosses dar uma curva, mas esforçou-se terrivelmente por fazer o que achava correto pela Ellen.

- E não se saiu nada mal - disse Daisy melancolicamente. - Mostrou-se interessada em mim e apreciativa e generosa. Agora, em retrospectiva, claro, compreendo que a relação entre nós soava um pouco a falso. Sempre achei estranho que ela não falasse do meu nascimento, que não derramasse umas quantas lágrimas nem me falasse do trabalho dela na escola. Mas convenci-me que tinha apagado tudo isso da memória depois do incêndio.

- Muitos filhos adotivos não são capazes de criar verdadeiros laços com as mães biológicas, mesmo quando são ambos sinceramente honestos - disse Joel, com um olhar triste. - Foi por isso que nunca me entusiasmei a ideia de ir à procura dela. Estava com medo que estivesse a tentar desesperadamente substituir a Lorna.

- Nunca quis fazer isso - disse Daisy, afagando o seu rosto preocupado. - Para ser absolutamente franca, nunca desejei outra mãe. Era simplesmente o desvendar do mistério que me interessava. E que mistério! - Daisy suspirou. - E agora que faço com o livro?

- Guarda-o durante alguns anos - disse ele, com um sorriso. - É uma história emocionante em muitos aspetos, podes ganhar uma fortuna com ele. Mas acho que tens de pensar no que a Ellen gostaria que fizesses com ele. Achas que agora a conheces suficientemente bem para avaliar?

- Havia de querer que eu o queimasse - disse Daisy firmemente. - Não ia querer de certeza que a história fosse lançada a um público ávido de sensacionalismo.

- E se nos valesse uma bonita casa como esta? - perguntou ele, estendendo a mão e acariciando-lhe o pescoço.

- Afasta-te, Satanás - disse ela a rir. - Além disso, ao que parece, vou receber um dinheirito quando o processo de sucessão ficar resolvido.

Subitamente, compreendeu que não queria falar mais sobre Josie e o livro. A sua alma perturbada tinha encontrado descanso e isso devia significar o fim.

Olhou de relance para Joel e pensou se ele sentiria o mesmo porque estava simplesmente ali, encostado à parede, a observá-la a fazer o molho de carne com uma expressão distante nos olhos.

- Que foi? - perguntou ela.

- O pai continua incógnito - disse ele de súbito. - Estás a pensar em ir à procura dele?

Ela sabia que ele estava provavelmente a brincar. Uma brincadeira de mau gosto, dadas as circunstâncias, mas imaginou que só estava apenas a tentar aligeirar o momento.

- Não - respondeu, batendo ruidosamente com o pé no chão. - Já sei que ainda sou uma pessoa inconstante mas não sou louca. Saber que herdei dele o meu talento para a acrobacia já me chega. Não quero saber mais nada.

- Desiludes-me - disse ele, com seriedade fingida. - Sempre pensei que eras a rapariga mais curiosa que alguma vez conheci.

- Estou curada - disse ela. - Renasci com uma falta de curiosidade completa.

- Já estava à espera que dissesses isso - disse ele com um sorriso. - Não queres então saber o que tenho aqui no bolso? - Deu uma palmadinha tentadora na anca.

- Não - disse ela, mas os seus olhos estavam a brilhar. - Não me consegues convencer a perguntar.

Aproximou-se dele e começou a beijá-lo até ele a abraçar com força. Lentamente, sem ele dar conta, Daisy baixou a mão para o bolso dele e percebeu, pelo volume duro e curvo em cima, que era uma pequena caixa de joalharia. Enfiou a mão, agarrou nela e retirou-a, afastando-se dele e correndo para a sala de estar.

Joel correu atrás dela. - Agarra que é gatuno! - gritou ele a plenos pulmões.

Rindo, Daisy abriu a caixa. Como estava mais ou menos à espera, era um anel de noivado, um único diamante rodeado de minúsculas safiras. - Oh, Joel - disse ela, emocionada. - Que coisa mais maravilhosa, antiquada e romântica. Mas não devias tê-lo comprado! Devíamos poupar o nosso dinheiro para nos casarmos.

Joel tirou-lhe o anel e enfiou-lho no dedo. Servia na perfeição. - Estás a ver como eu dava um excelente detetive - disse ele, cheio de autossatisfação. - Até descobri o tamanho do teu dedo sem saberes! E não posso alardear que te vais casar comigo sem uma prova de intenção no teu dedo.

- Como é que descobriste o tamanho do meu dedo? - perguntou ela.

- Disseste que tinhas renascido sem curiosidade.

Ela ouviu o ruído do carro do pai lá fora na rua.

- Menti - disse ela. - Mas ainda assim não vou querer desencantar o meu pai trapezista. O único pai que quero e de quem preciso está a entrar neste momento para' almoçar.